

17  
06  
92

1

Teresina

Manoel dos Martírios  
de maio de 1922 - na Teresina - nascido a 23  
de maio de 1922 - o de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Fez até o 4º ano primário em escolas parti-  
culares no interior de Pios-  
curson o 5º ano primário no Seminário

ALINE CARLA DE SOUSA LEITE CIPRIANO

19  
06  
92

Diocesano de Teresina - onde o seu  
me de educando, cursando o 2º ano e  
foi para Cajari - do Maranhão - onde cursou  
até o 6º ano do Curso de Humanidade do Semi-  
nário e daí foi cursar filosofia

“UMA VIDA DEDICADA À EDUCAÇÃO”:

TRAJETÓRIA DOCENTE

DE MANOEL DOS MARTÍRIOS MOURA FÉ

(1922-2005)



Estado  
os tri-  
leito  
na-  
Pios-  
a m

cabrio  
CURSO 4

para di-  
-em Teresina  
velou em  
e foram  
cento.

Comunicação pelo cargo

Quando cursava - do 3º ao 6º ano do semi-  
nário menor - em Cajari - assumiu a cadeira  
de História do Brasil - da primeira série - de 1944  
a 1948 - ao mesmo tempo, foi beta de professor.

TERESINA

2025

Em 1952 - de sociedade com um sobrinho  
sem a lecionar filiação - preparando exame do  
curso de ensino - na cidade de Teresina - da.

ALINE CARLA DE SOUSA LEITE CIPRIANO

**“UMA VIDA DEDICADA À EDUCAÇÃO”:  
TRAJETÓRIA DOCENTE  
DE MANOEL DOS MARTÍRIOS MOURA FÉ  
(1922-2005)**

Tese apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Linha de Pesquisa História da Educação, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jane Bezerra de Sousa

TERESINA

2025

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação Serviço de  
Representação da Informação

C577v Cipriano, Aline Carla de Sousa Leite  
“Uma Vida dedicada à educação”: trajetória docente de  
Manoel dos Martírios Moura Fé (1922-2005) / Aline Carla de  
Sousa Leite Cipriano. – 2025.  
302 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de  
Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Teresina, 2025.

“Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jane Bezerra de Sousa.”

1. História da Educação. 2. Moura Fé, Manoel dos Martírios,  
1922-2005 - História de vida. 3. Picos (PI) - História da Educação.  
I. Sousa, Jane Bezerra de. II. Título.

CDD 370.9



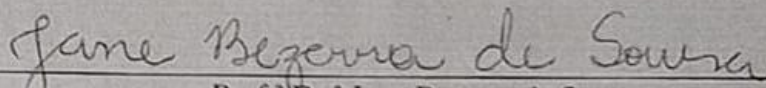
ALINE CARLA DE SOUSA LEITE CIPRIANO

**"UMA VIDA DEDICADA À EDUCAÇÃO":  
TRAJETÓRIA DOCENTE  
DE MANOEL DOS MARTÍRIOS MOURA FÉ  
(1922-2005)**

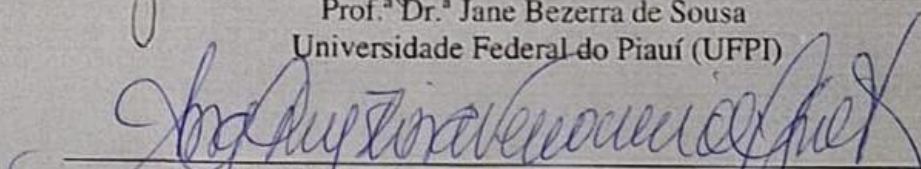
Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), na Linha de Pesquisa História da Educação.

Aprovada em: 23 de maio de 2025.

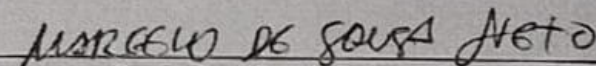
**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jane Bezerra de Sousa

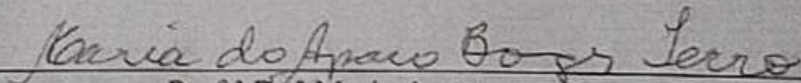
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Chrystina Venancio Mignot

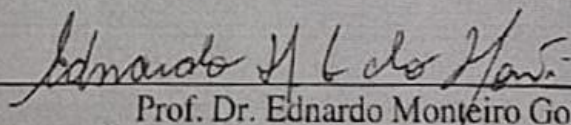
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

  
Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Amparo Borges Ferro

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

  
Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monte

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que possibilitou minha caminhada até aqui, que me levantou quando a dúvida e as dificuldades apareceram.

Ao Dr. Moura Fé (*in memoriam*), que possibilitou a realização dos nossos sonhos, pois, através do arquivamento de si, presenteou-me com fontes valiosas que constituíram o cerne desta pesquisa e da narrativa de sua trajetória docente.

À minha família: irmãos e irmãs, primos e primas, sobrinhos e sobrinhas, tias, sogra, filha, cunhados e cunhadas que cuidam de mim e me incentivam nos estudos, em especial, minha mãe Edna Maria de Sousa, pelo exemplo e zelo.

À minha tia Eliane Maria de Sousa, mulher de força, sinônimo de cuidado, quem lembro ter dedicado horas valiosas do seu tempo para me ensinar as primeiras letras.

Às minhas professoras da Educação Infantil: Beatriz, Claudirene e Cláudia, que marcaram minha memória com seus ensinamentos e contribuíram para a educadora que sou.

Ao meu companheiro Marcílio Cipriano de Moura, pela parceria de sempre, pelo amor e companheirismo que me sustentam e animam nas horas difíceis.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jane Bezerra de Sousa, pela humanidade, dedicação, paciência, compreensão, ensinamentos e apresentação do objeto de pesquisa.

À família Moura Fé, por confiarem a mim o arquivo pessoal de Dr. Moura Fé, possibilitando o desenvolvimento desta pesquisa, em nome de Lídia Araújo dos Martírios Moura Fé e Juliêta Angelina de Araújo Moura Fé.

A todos os docentes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal (PPGEd-UFPI), em especial os docentes do Curso de Doutorado em Educação, que contribuíram com seus conhecimentos e experiências, em nome de Neide Naira Paz Lemos.

À Banca de Qualificação e à Banca de Defesa da tese, pela aceitação para avaliação deste trabalho e pelos ensinamentos compartilhados que resultam em lapidação desta pesquisa.

Aos entrevistados da pesquisa que colaboraram gentilmente com suas memórias para o desenvolvimento deste trabalho, em nome de Afonso de Moura Fé.

Aos meus amigos compreensíveis a minha ausência, em especial, Odaleia A. da Costa e Paula O. do Nascimento, que desde o início, acreditaram no meu sonho do doutorado.

Agradeço à minha filha Maria Flor de Sousa Leite Cipriano, minha companheira da barriga e da vida, que me ensinou a amar sem limites.

A todos que, direta e indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

*Fisicamente,  
habitamos um espaço,  
mas, sentimentalmente,  
somos habitados por memórias.*

*(José Saramago)*

## RESUMO

Este é um estudo de História da Educação sobre a trajetória de vida docente de Manoel dos Martírios Moura Fé que identifica suas contribuições profissionais no contexto social e educacional em que viveu, para responder o seguinte problema de pesquisa: Como a ação docente de Dr. Moura Fé contribuiu com a educação de Picos-Pi, na época em que atuou? O objetivo geral da pesquisa foi investigar a trajetória de vida de Dr. Moura Fé, através de seus aspectos pessoais, de formação e de atuação docente, como forma de compreender os processos sociais e educacionais do Piauí no período de uma vida (1922-2005). O recorte temporal da pesquisa fundamenta-se na concepção do gênero História de Vida, que se refere ao período de uma vida inteira, motivo pelo qual foram utilizados como marcos temporais o nascimento e falecimento do pesquisado. Os objetivos específicos da pesquisa foram: a) revisitar os espaços em que o pesquisado atuou e viveu para compreender sua formação educacional e profissional; b) analisar a cultura escolar, as instituições escolares e práticas educativas de uma época, por meio da trajetória de vida do educador; c) identificar a trajetória pessoal e profissional de Dr. Moura Fé, por meio dos vestígios de memórias do seu arquivo particular; e d) historiar as práticas educativas de professor como forma de conhecer a realidade dos níveis e modalidades de ensino em que atuou em Picos-PI. Para responder o problema proposto, foi adotada a pesquisa do tipo documental, histórica e bibliográfica, sendo seguidas as orientações metodológicas da Nova História Cultural, que ampliou a das histórias de vida e possibilitou os usos historiográficos dos arquivos pessoais, fonte direta da pesquisa, além de documentos oficiais, documentos escolares, matérias jornalísticas, fontes imagéticas e fontes orais (entrevistas com aqueles que conviveram com o pesquisado). A pesquisa está fundamentada teoricamente nos trabalhos dos seguintes autores: Certeau (1982), Burke (1992), Le Goff (2013), Galvão e Lopes (2010), Cunha (2019), Vicentini e Lugli (2009), Nóvoa (2002), Bourdieu (2006), Goodson (2002), Sousa (2009), Mignot (2000; 2002; 2006), Sousa (2005), Sousa (2019) e Vieira (2005), e Artières (1988). A análise histórica realizada levou à tese de que, por meio da trajetória de vida de Dr. Moura Fé, é possível compreender o processo social e educacional de uma época, os sentidos de ser professor, seu arquivo pessoal sendo meio de descortinar comportamentos e práticas educativas e sociais. Com isso, a pesquisa possibilitou conhecimento sobre a cidade de Picos, evidenciando fatos e personagens históricos que marcaram a história educacional da cidade. Através da análise da cultura material escolar, como quadros de formatura, convites e documentos escolares, sujeitos educacionais anônimos da história e fatos esquecidos foram vislumbrados. A tese tem sua relevância para a História da Educação e profissão docente por possibilitar reflexões nesses campos, a partir da trajetória de um educador.

Palavras-Chave: Manoel dos Martírios Moura Fé; Histórias de vida; História da Educação.

## ABSTRACT

This is a study of the History of Education, about the teacher's life story of Manoel dos Martírios de Moura Fé, which identifies his professional contributions within the social and educational context in which he lived, in order to tackle the following issue of the research: How did the teacher's profession of Dr. Moura Fé contribute to the education of Picos PI, at the time within which he acted? The general goal of the research was to examine the life story of Dr. Moura Fé, through his personal, educational and teacher acting aspects, such as the way of understanding the social and educational processes in Piauí in the period of a life (1922-2005). The time period of the research is based on the conception of the History of Life, which refers to a life-long period, motive by which were utilized as temporal marks, of birth and death of the person in research. The specific goals of the research were: a) to revisit the spaces in which the person in research acted in and to apprehend their education and job training ; b) to analyze the school culture, the school institutions and the educational practices of an epoch, through the life story of the educator; c) to identify the personal and professional life story of Dr. Moura Fé, through the remnants of the memories of his personal archive; and d) to document the lecturer practices as a way of knowing the reality of the levels and modes of teaching in which he acted in Picos-PI. In order to answer the issue forwarded, it was adopted a research of the documentary, historical and bibliographical type, following the orientations of the New Cultural History, which had amplified those of the life stories and which made it possible the historiographical uses of personal archives, direct sources of research, besides the official documents, school documents, journalistic stories, photographic sources and oral sources (interviewes with those who lived together with the person researched). The research was theoretically substantiated by the works of the following authors: Certeau (1982), (1992), Le Goff (2013), Galvão and Lopes (2010), Cunha (2019), Vicentini and Lugli (2009), Nóvoa (2002), Bourdier (2006), Goodson (2002), Sousa (2009), Mignot (2000; 2006), Sousa (2005), Sousa (2019) and Vieira (2005), and Artières (1988). The historical analysis conducted lead to the theory that, through the life story of Dr, Moura Fé, it is possible to understand the social and educational process of an epoch, the meanings of being a lecturer, their personal archive being a way to uncover behaviours and educational and social practices. With this, the research made it possible to learn about the city of Picos, demonstrating facts and historical characters who marked the educational history of the city. Through the analysis of school material culture, such as graduation plaques, invitations and school documents, anonymous educational subjects of history and forgotten facts were foreseen. The thesis had its significance for the History of Education and teaching profession for making thinking in these fields possible, from the life story of the educator.

Keywords: Manoel dos Martírios Moura Fé; Life Story; History of Education.



## RESUMEN

Este estudio de Historia de la Educación aborda la trayectoria docente de Manoel dos Martírios Moura Fé, identificando sus contribuciones profesionales al contexto socioeducativo en el que vivió, este estudio busca contestar a la siguiente pregunta de investigación: ¿Cómo contribuyó la docencia del Dr. Moura Fé a la educación en Picos, durante su estancia allí? El objetivo general de esta investigación fue investigar la trayectoria vital del Dr. Moura Fé, a través de sus aspectos personales, su formación y su práctica docente, para comprender los procesos socioeducativos de Piauí durante su vida (1922-2005). El marco temporal de la investigación se basa en el concepto del género Historia de Vida, que se refiere a toda una vida, utilizando así el nacimiento y la muerte del sujeto como marcos temporales. Los objetivos específicos de la investigación fueron: a) visitar los espacios en los que el sujeto trabajó y vivió para comprender su desarrollo educativo y profesional; b) analizar la cultura escolar, las instituciones educativas y las prácticas educativas de una época determinada a través de la historia de vida del educador; c) identificar la trayectoria personal y profesional del Dr. Moura Fé a través de los recuerdos de su archivo privado; y d) registrar las prácticas educativas del docente para comprender la realidad de los niveles y modalidades educativas en los que trabajó en Picos, Piauí. Para contestar al problema propuesto, se adoptó una investigación documental, histórica y bibliográfica, siguiendo las directrices metodológicas de la Nueva Historia Cultural, que amplió el uso de historias de vida y posibilitó los usos historiográficos de los archivos personales, fuente directa de investigación, además de documentos oficiales, documentos escolares, materiales periodísticos, fuentes de imágenes y fuentes orales (entrevistas a quienes convivieron con la persona investigada). La investigación se basa teóricamente en los trabajos de los siguientes autores: Certeau (1982), Burke (1992), Le Goff (2013), Galvão y Lopes (2010), Cunha (2019), Vicentini y Lugli (2009), Nóvoa (2002), Bourdieu (2006), Goodson (2002), Sousa (2009), Mignot (2000; 2002; 2006), Sousa (2005), Sousa (2019) y Vieira (2005), y Artières (1988). El análisis histórico realizado condujo a la tesis de que, a través de la trayectoria de vida del Dr. Moura Fé, es posible comprender el proceso social y educativo de una época, los significados de ser maestro, siendo su archivo personal un medio para descubrir comportamientos y prácticas educativas y sociales. Esta investigación brindó una perspectiva sobre la ciudad de Picos, destacando hechos y figuras históricas que marcaron la historia educativa de la ciudad. Mediante el análisis de la cultura material escolar, como mesas de graduación, invitaciones y documentos escolares, se vislumbraron figuras educativas anónimas de la historia y hechos olvidados. La tesis es relevante para la Historia de la Educación y la profesión docente, ya que permite reflexionar sobre estos campos, a partir de la trayectoria de un educador.

Palabras clave: Manoel dos Martírios Moura Fé; Historias de vida; Historia de la educación.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|           |   |                                                                                    |    |
|-----------|---|------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1  | – | Percurso de vida: a infância de Manoel dos Martírios Moura Fé                      | 40 |
| Figura 2  | – | Batizado de Luíz A.M. Moura Fé, 1978                                               | 44 |
| Figura 3  | – | Deslocamentos de Dr. Moura Fé para obtenção de ensino primário                     | 50 |
| Figura 4  | – | Maria José dos Martírios                                                           | 54 |
| Figura 5  | – | Livro Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus de 1942                      | 56 |
| Figura 6  | – | Programa para o Curso Ginásial de 6 anos e o Curso de Admissão de 1941             | 57 |
| Figura 7  | – | Livro Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus, de 1943 e 1944              | 58 |
| Figura 8  | – | Programa de disciplina para o curso ginásial (1944-1945)                           | 59 |
| Figura 9  | – | Horário das aulas do Seminário Sagrado Coração de Jesus (1947)                     | 60 |
| Figura 10 | – | Dr. Moura Fé no Seminário                                                          | 62 |
| Figura 11 | – | Livro-Caixa do Seminário Sagrado Coração de Jesus – 1942                           | 63 |
| Figura 12 | – | Boletim de Notas do 5º e 6º ano secundário do Seminário de Caxias-MA – 1947 e 1948 | 65 |
| Figura 13 | – | Boletim de Notas do 6º Ano Secundário do Seminário de Caxias-MA – 1948             | 66 |
| Figura 14 | – | Livro de Ata dos Resultados Finais do Científico Manhã de 1951-1961                | 71 |
| Figura 15 | – | Pasta do Aluno do Colégio São Francisco de Sales                                   | 72 |
| Figura 16 | – | Anotações de 1954                                                                  | 73 |
| Figura 17 | – | Anotações de 1956                                                                  | 74 |
| Figura 18 | – | Matrícula na Faculdade de Filosofia do Piauí                                       | 76 |
| Figura 19 | – | Livro de Ponto do GEP de 1955                                                      | 77 |
| Figura 20 | – | Carteiras Estudantis da FADI do estudante Manoel dos Martírios Moura Fé            | 80 |
| Gráfico 1 | – | Progressão dos estudos no Curso de Direito                                         | 81 |
| Figura 21 | – | Anotações do ano de 1956                                                           | 82 |
| Figura 22 | – | Anotações das disciplinas e notas do Curso de Direito (1957-1958)                  | 82 |
| Figura 23 | – | Capa do Convite de Formatura dos Bacharelados em Direito de 1959                   | 85 |
| Figura 24 | – | Quarta capa do convite de formatura dos bacharelados da FADI de 1959               | 86 |

|           |                                                                                                                        |     |
|-----------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 25 | – Foto dos bacharéis em Direito de 1959                                                                                | 89  |
| Figura 26 | – Foto de Formatura de Manoel dos Martírios Moura Fé                                                                   | 90  |
| Figura 27 | – Foto de Formatura                                                                                                    | 91  |
| Figura 28 | – Notícia “Ginásio Estadual de Picoense”                                                                               | 95  |
| Figura 29 | – Ofício à Câmara de Vereadores de Picos (1964)                                                                        | 101 |
| Figura 30 | – Fotografia do casamento de Dr. Moura Fé e Juliêta A. A. Moura Fé                                                     | 102 |
| Figura 31 | – Colação de Grau de Técnica em Contabilidade de Juliêta A. A. Moura Fé                                                | 104 |
| Figura 32 | – Família de Dr. Moura Fé, na primeira formatura da filha Lídia (2003)                                                 | 106 |
| Figura 33 | – Fotos escolares dos filhos de Dr. Moura Fé (1973)                                                                    | 107 |
| Figura 34 | – Desfile cívico de Sete de Setembro (1976)                                                                            | 109 |
| Figura 35 | – Diploma de Técnico em Contabilidade de 1972                                                                          | 112 |
| Figura 36 | – Instituto Monsenhor Hipólito (1944-1994)                                                                             | 113 |
| Figura 37 | – Portaria GSE de n. 024/82, de 1981                                                                                   | 117 |
| Figura 38 | – Portaria GSE n. 2567/1984                                                                                            | 118 |
| Figura 39 | – Portaria GSE n. 2848, de 1987                                                                                        | 119 |
| Figura 40 | – Ato de Apostilamento                                                                                                 | 120 |
| Figura 41 | – Evento de Formação de alunos do Colégio Comercial de Picos                                                           | 121 |
| Figura 42 | – Evento escolar no Anexo do Colégio Marcos Parente                                                                    | 122 |
| Figura 43 | – Dr. Moura Fé discursando em evento escolar                                                                           | 123 |
| Figura 44 | – Festa de despedida do Dr. Moura Fé                                                                                   | 124 |
| Figura 45 | – Certidão de Concessão de Aposentadoria                                                                               | 125 |
| Figura 46 | – Máquina de datilografar                                                                                              | 131 |
| Figura 47 | – Carteira da OAB de 1961                                                                                              | 132 |
| Figura 48 | – Festa de despedida do Prof. Moura Fé                                                                                 | 136 |
| Figura 49 | – Anotações de 1955                                                                                                    | 139 |
| Figura 50 | – Unidade Escolar Marcos Parente (à esquerda) e Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas (à direita) | 141 |
| Figura 51 | – Portaria sobre uniforme escolar                                                                                      | 145 |
| Figura 52 | – Reprodução gráfica do uniforme do Anexo do Colégio Estadual Marcos Parente 2º Grau de 1980                           | 146 |
| Figura 53 | – Portaria n. 1 de 1986                                                                                                | 147 |
| Figura 54 | – Atribuições dos professores                                                                                          | 150 |

|               |   |                                                                                            |     |
|---------------|---|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 55     | – | Materiais didáticos de professores                                                         | 151 |
| Figura 56     | – | Roteiro de questões do 1º ano B                                                            | 153 |
| Figura 57     | – | Roteiro de questões do 2º ano                                                              | 153 |
| Figura 58     | – | Turma Austeclino Duarte Fonseca, da turma de 1965                                          | 160 |
| Figura 59     | – | Turma Helvídio Nunes, de 1966                                                              | 161 |
| Figura 60     | – | Turma Maria das Dores Xavier de Oliveira de 1967                                           | 162 |
| Figura 61     | – | Quadro de Formatura da Turma Des. Vidal de Freitas de 1968                                 | 163 |
| Figura 62     | – | Turma Dom Joaquim Rufino Rêgo de 1971                                                      | 164 |
| Figura 63     | – | Convite de Formatura da Turma Dorinha Xavier (1969)                                        | 165 |
| Figura 64     | – | Turma Santos Dumont, de 1973                                                               | 167 |
| Figura 65     | – | Turma “João Paulo I” de 1978                                                               | 168 |
| Figura 66     | – | Diploma de Honra ao Mérito – Picos 100 anos                                                | 170 |
| Figura 67     | – | Picos - 100 Anos, 1990                                                                     | 170 |
| Figura 68     | – | Diploma de Honra ao Mérito                                                                 | 171 |
| Figura 69     | – | Certificado da OAB pelo Dia do Advogado                                                    | 172 |
| Figura 70     | – | Certificado do Cinquentenário da OAB-PI                                                    | 173 |
| Figura 71     | – | Homenagem a Dr. Moura Fé pelo Dia do Trabalhador                                           | 174 |
| Figura 72     | – | Placa de homenagem personalizada concedida a Dr. Moura Fé                                  | 174 |
| Figura 73     | – | Homenagem ao Dr. Moura Fé – Sala dos Advogados da OAB (2000)                               | 175 |
| Figura 74     | – | Placa da Sala dos Advogados com o nome de Dr. Moura Fé na OAB (2000)                       | 176 |
| Figura 75     | – | Placa das novas instalações da Sala dos Advogados da OAB com o nome de Dr. Moura Fé (2020) | 177 |
| Figura 76     | – | Inauguração da Sala dos Advogados                                                          | 177 |
| Figura 77     | – | Certificado do Concurso Cultural <i>Se essa Rua Fosse Minha</i>                            | 179 |
| Figura 78     | – | Troféu de homenagem <i>Se essa rua fosse minha</i> , na SEPLAM, em Teresina                | 179 |
| Figura 79     | – | Lei n. 2.854, de 27 de novembro de 2017                                                    | 180 |
| Figura 80     | – | Cronologia da vida de Dr. Moura Fé                                                         | 183 |
| Gráfico 2     | – | Linha do tempo da vida de Dr. Moura Fé                                                     | 184 |
| Figura 81     | – | Materiais didáticos de professores                                                         | 190 |
| Figura 82     | – | Entrega do Brasão e livro sobre a Família Moura Fé                                         | 200 |
| Organograma 1 | – | Perfil de Dr. Moura Fé                                                                     | 202 |
| Figura 83     | – | Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Bocaina                                           | 204 |

|            |   |                                                                         |     |
|------------|---|-------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 84  | – | Festejo de Bocaina                                                      | 206 |
| Figura 85  | – | Carta do IBGE                                                           | 209 |
| Figura 86  | – | Escrita sobre a Capela dos Diógenes                                     | 210 |
| Figura 87  | – | Obras sobre genealogia no arquivo de Dr. Moura Fé                       | 220 |
| Figura 88  | – | Obras genealógicas sobre os Moura Fé                                    | 221 |
| Figura 89  | – | Obras sobre Biografias e Autobiografias                                 | 223 |
| Figura 90  | – | Caderno de escrita genealógica de Dr. Moura Fé e a esposa               | 224 |
| Figura 91  | – | Projeto de escrita genealógica de Dr. Moura Fé                          | 224 |
| Figura 92  | – | Elias de Moura Fé e Maria José dos Martírios, pais de Dr. Moura Fé      | 227 |
| Figura 93  | – | União dos Moura Fé com as mulheres da família Martírios                 | 229 |
| Figura 94  | – | Família nuclear de Elias de Moura Fé e Maria José dos Martírios         | 231 |
| Figura 95  | – | A extensa família dos Martírios Moura Fé                                | 232 |
| Figura 96  | – | Objetos pessoais de Dr. Moura Fé                                        | 236 |
| Figura 97  | – | <i>Bureau</i> e canetas: objetos profissionais de Dr. Moura Fé          | 237 |
| Figura 98  | – | Vestes do seminarista                                                   | 238 |
| Figura 99  | – | Lenços de Maria José dos Martírios                                      | 238 |
| Figura 100 | – | Terços de Maria José dos Martírios                                      | 239 |
| Figura 101 | – | Crucifixos, santos e medalhas de Maria José dos Martírios Moura Fé      | 240 |
| Figura 102 | – | Novena de Nossa Senhora da Pompeia de Maria José dos Martírios Moura Fé | 241 |
| Figura 103 | – | Boneca de Maria José dos Martírios Moura Fé                             | 241 |
| Figura 104 | – | Baú de Memória de Dr. Moura Fé                                          | 242 |
| Figura 105 | – | Estante de livros de Dr. Moura Fé                                       | 247 |
| Figura 106 | – | Livros da Biblioteca Pessoal de Dr. Moura Fé                            | 247 |
| Figura 107 | – | Livro de História Eclesiástica do Maranhão                              | 247 |
| Figura 108 | – | Livro com anotações de leitura feitas por Dr. Moura Fé                  | 249 |
| Figura 109 | – | Revista Focos                                                           | 270 |
| Figura 110 | – | Fôlderes da biblioteca pessoal de Dr. Moura Fé                          | 270 |
| Figura 111 | – | Os Lusíadas de Luís de Camões                                           | 271 |

## LISTA DE QUADROS

|           |                                                                                                      |     |
|-----------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1  | – Dissertações e teses sobre a trajetória de vida docente: ano de publicação, autoria, título e tipo | 26  |
| Quadro 2  | – Participantes da Pesquisa: nome, nascimento, relação com o pesquisado e profissão                  | 36  |
| Quadro 3  | – Primeiros professores de Manoel dos Martírios Moura Fé                                             | 49  |
| Quadro 4  | – Lista dos bacharelados da FADI de 1959                                                             | 88  |
| Quadro 5  | – Escolas oficiais onde atuou professor Manoel dos Martírios Moura Fé                                | 96  |
| Quadro 6  | – Candidatos às Eleições Municipais de Picos-PI em 1962                                              | 98  |
| Quadro 7  | – Filhos de Dr. Moura Fé e Juliêta A.A. Moura Fé: nome, nascimento e formação                        | 105 |
| Quadro 8  | – Diplomas e certificados de formação e profissionalização                                           | 128 |
| Quadro 9  | – Diplomas e certificados em homenagem ao Dr. Moura Fé                                               | 169 |
| Quadro 10 | – Eixo 1: História Familiar                                                                          | 250 |
| Quadro 11 | – Eixo II: Religião (Religião, Biografia, Religião e História das cidades e didático)                | 252 |
| Quadro 12 | – Eixo III: Política                                                                                 | 253 |
| Quadro 13 | – Eixo IV: História                                                                                  | 253 |
| Quadro 14 | – Eixo V: Jurídicos e Leis                                                                           | 260 |
| Quadro 15 | – Eixo VI: Literatura, Línguas e Poesia                                                              | 264 |
| Quadro 16 | – Eixo VII: Outros                                                                                   | 268 |



## **LISTA DE TABELAS**

|          |   |                                                         |     |
|----------|---|---------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1 | – | Quantitativo das honrarias, segundo o tipo de documento | 157 |
| Tabela 2 | – | Composição do Arquivo de Dr. Moura Fé                   | 188 |
| Tabela 3 | – | População Urbana de Picos (1950-1975)                   | 216 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|           |                                                                                                    |
|-----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| BEC       | Batalhão de Engenharia e Construção                                                                |
| CAAE      | Certificado de Apresentação de Apreciação Ética                                                    |
| CEP       | Comitê de Ética e Pesquisa COM Humanos                                                             |
| CF        | Constituição Federal                                                                               |
| CF/1988   | Constituição Federal de 1988                                                                       |
| COELVI    | Coordenação de Eleição e voto informatizado                                                        |
| EMC       | Educação Moral e Cívica                                                                            |
| ENOP      | Escola Normal Oficial de Picos                                                                     |
| EPB       | Estudo de Problemas Brasileiros                                                                    |
| FACIME    | Faculdade de Ciências Médicas da UESPI                                                             |
| FADI      | Faculdade de Direito do Piauí                                                                      |
| FAE       | Fundação de Assistência ao Estudante                                                               |
| FAFI      | Faculdade Católica de Filosofia do Piauí                                                           |
| GEP       | Ginásio Estadual Picoense                                                                          |
| GSE       | Gabinete do Secretário de Educação                                                                 |
| IBGE      | Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                                           |
| IMH       | Instituto Monsenhor Hipólito                                                                       |
| INPS      | Instituto Nacional de Previdência Social                                                           |
| IPAM      | Instituto de Planejamento e Administração                                                          |
| Lapege    | Laboratório de Pesquisa e Gestão Econômica                                                         |
| LDBEN     | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional                                                     |
| MDB       | Movimento Democrático Brasileiro                                                                   |
| MEC       | Ministério da Educação e Cultura                                                                   |
| MEC-USAID | Ministério da Educação do Brasil e Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional |
| OAB       | Ordem dos Advogados do Brasil                                                                      |
| OSPB      | Organização Social e Política do Brasil                                                            |
| PIB       | Produto Interno Bruto                                                                              |
| PPGED     | Programa de Pós-graduação em Educação                                                              |
| PSD       | Partido Social Democrático                                                                         |
| PST       | Partido Social Trabalhista                                                                         |

|              |                                            |
|--------------|--------------------------------------------|
| PTB          | Partido Trabalhista Brasileiro             |
| PTN          | Partido Trabalhista Nacional               |
| SEDUC-PI     | Secretária de Educação e Cultura do Piauí  |
| SENAC        | Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial |
| SEPLAM       | Secretária de Planejamento e Coordenação   |
| SERSE        | Serviço Social do Estado                   |
| TCE          | Tribunal de Contas do Estado               |
| TCLE         | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| TRE          | Tribunal Regional Eleitoral                |
| UDN          | União Democrática Nacional                 |
| UESPI-Oeiras | Universidade Estadual <i>Campus</i> Oeiras |
| UFG          | Universidade Federal do Goiás              |
| UFPI         | Universidade Federal do Piauí              |

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                   |            |
|----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                                 | <b>18</b>  |
| <b>2</b> | <b>ESCOLARIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE DR. MOURA FÉ</b>                                                   | <b>39</b>  |
| 2.1      | SEMINÁRIO: “UM DIVISOR DE ÁGUAS NA SUA VIDA”                                                      | 52         |
| 2.2      | TRAJETÓRIA FORMATIVA                                                                              | 67         |
| <b>3</b> | <b>“CAMINHOS DO MAGISTÉRIO”</b>                                                                   | <b>93</b>  |
| 3.1      | PROFESSOR, ADVOGADO, DIRETOR, POLÍTICO, MARIDO E PAI                                              | 94         |
| 3.2      | ENTRE ESCOLAS E GABINETE                                                                          | 110        |
| 3.3      | “A SUA PASSAGEM AQUI FICOU MARCADA PELA DEDICAÇÃO, AMOR E DOAÇÃO”: O ANEXO ESCOLAR MARCOS PARENTE | 135        |
| 3.4      | HOMENAGENS A DR. MOURA FÉ: “POR SUA VALIOSA CONTRIBUIÇÃO PARA O CRESCIMENTO DA EDUCAÇÃO PICOENSE” | 155        |
| <b>4</b> | <b>GUARDADOS DE SI E DOS OUTROS: O ARQUIVO PESSOAL DO PROF. MOURA FÉ</b>                          | <b>182</b> |
| 4.1      | ARQUIVOS PESSOAIS DE PROFESSORES E SEUS SENTIDOS                                                  | 186        |
| 4.2      | “ENCICLOPÉDIA AMBULANTE”: O QUE DIZEM DE MANOEL DOS MARTÍRIOS MOURA FÉ                            | 192        |
| 4.3      | O HOMEM E A CIDADE: UMA LEITURA DE SI                                                             | 203        |
| 4.4      | RASTROS DE ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA: GENEALOGIA E BIOGRAFIA COMO INSPIRAÇÃO                         | 218        |
| 4.4.1    | RELÍQUIAS DE FAMÍLIA                                                                              | 234        |
| 4.5      | PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA: A BIBLIOTECA PESSOAL DE DR. MOURA FÉ                               | 242        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                                       | <b>273</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                                | <b>280</b> |
|          | <b>ANEXOS</b>                                                                                     | <b>292</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A vida é uma história, tudo tem história, essas são afirmativas consensuais entre historiadores modernos que compreendem de forma ampla os objetos e fontes históricas. Nessa lógica, o indivíduo toma novos sentidos na pesquisa, compreendido como sujeito ativo em face de seu contexto, assim representado em sua singularidade e no universo histórico e social ao qual pertence.

Na perspectiva de valorização das subjetividades humanas, a história de vida docente passa a ser o fio condutor para o estudo da História da Educação. Utilizamos, portanto, como meio de investigação da história da educação de Picos, a trajetória<sup>1</sup> de vida docente de Manoel dos Martírios Moura Fé, identificando suas contribuições profissionais no contexto social e educacional do qual foi produto e também produtor. Como evidência plausível da nossa escolha temática de pesquisa e também do título desta tese, ressaltamos a dedicatória presente na imagem de Dr. Moura Fé no momento de sua aposentadoria (presente na capa deste trabalho): “Uma vida dedicada à educação”. Tal dedicatória é expressiva dos fatores que preencheram a vida do nosso pesquisado, qual seja, a educação, aspecto que marca e muda toda a sua trajetória.

De início, surgem as interrogações e curiosidades nos leitores sobre o porquê de estudarmos o docente Manoel dos Martírios Moura Fé. Sem dúvida, meu interesse em filmes biográficos baseados em histórias reais, confirmado no ambiente acadêmico por leituras e pesquisas, levaram-me a essa escolha acadêmica. O objeto de pesquisa foi um presente apresentado a mim por minha orientadora do Curso de Doutorado em Educação, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jane Bezerra de Sousa, pesquisadora de histórias de vidas docentes. Ela sugeriu que conhecêssemos o arquivo do Prof. Manoel dos Martírios Moura Fé, mantido pela família que reconhecia a potencialidade do material arquivado e a possibilidade de transformá-lo em uma produção científica. Assim, as palavras de Guimarães Rosa (2005, p. 96) bem sintetizam nossa aproximação com o objeto da pesquisa: “O passado é que veio até mim, como uma nuvem, vem para ser reconhecido [...]”.

O interesse pelo arquivo foi instantâneo. Aos poucos, fomos percebendo traços e gostos em nossa personalidade que já se afinavam com o tema. Outro aspecto influenciador é nossa relação com a disciplina de História, uma vez que sou formada em Licenciatura Plena em História, Bacharelado em Direito e Mestrado em Educação, que insinua proximidades com

---

<sup>1</sup> O título desta tese é parte de uma dedicatória ao Dr. Moura Fé, na festa oferecida a ele, por ocasião de sua aposentadoria do magistério, em 1992, e está presente na fotografia que figura na capa desta tese.

a trajetória profissional do nosso sujeito de pesquisa, uma vez que ele também foi professor e amante da História, além de advogado. Assim, minha constituição como mulher, profissional, educadora, filha de professora, mãe, pesquisadora e advogada, sem dúvida, me trouxe ao encontro do tema trajetórias de vida de educadores, fomentada pelas experiências escolares e familiares que influenciaram meu destino acadêmico, possibilitando o privilégio de estudar o arquivo pessoal e docente de Dr. Moura Fé (maneira como ficou conhecido), oportunizado pela orientadora e pela generosidade da família de Dr. Moura Fé.

Durante o processo de pesquisa, descobrimos diversas formas de tratamento para Manoel dos Martírios Moura Fé, na maioria das vezes associando a profissão ao sobrenome: Dr. Moura Fé e Professor Moura Fé. De acordo com Lejeune (2008, p. 26), o “pacto autobiográfico” se manifesta “[...] na intenção de honrar sua assinatura [...]. Sabe-se muito bem o quanto cada um de nós preza seu próprio nome”. Desta forma, honrar o pacto autobiográfico é ser fiel a imperativos como a identidade do ser narrado, mantendo a forma como o mesmo gostaria de ser denominado. Apesar de Manoel dos Martírios Moura Fé ser também chamado de Mourinha no seio familiar, adotamos, predominantemente, nesta pesquisa, a denominação Dr. Moura Fé, forma pela qual usualmente ficou conhecido e se deixou conhecer, no ato de nomear a escola que fundou, bem como nos seus cartões de visita profissionais. Assim, segundo Bourdieu (2006, p. 186), o nome próprio “[...] é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade de suas sucessivas manifestações”. Obedecendo a uma postura coesa e harmônica textualmente, também nos referimos ao nosso pesquisado como Educador ou Professor, atentando para a abordagem de pesquisa adotada, qual seja, trajetória de vida docente, bem como por sua marca funcional.

O encontro com o arquivo pessoal de Dr. Moura Fé foi envolvido por um misto de sentimentos de curiosidade, responsabilidade, entusiasmo, preocupação, euforia e encantamento, emoções também experimentadas por Mignot (2002), ao se deparar com o baú de memórias da professora Armanda Álvaro Alberto, sua personagem de pesquisa. Essas eram as fontes indispensáveis para a escrita de “[...] Histórias de Vida ou trajetórias de família [...] por que está disponível a documentação que as confirma” (Barros, 1989, p. 40). De imediato, veio-nos o encantamento: sem dúvida, era a descoberta de um tesouro, aos olhos de uma historiadora. Um arquivo pessoal preservado com cuidado e carinho pela família de Dr. Moura Fé também era conhecer um indivíduo; seus guardados impressionavam pelo volume da documentação, o que saltava aos olhos pelo reconhecimento do valor histórico e cultural de tal acervo. Deste encontro, surgiram algumas perguntas iniciais: Que fatores da

personalidade deste indivíduo lhe deram a consciência de arquivar-se? Quem era este indivíduo que teve paixão pelas Letras e pela História? Quais as intenções de Dr. Moura Fé em guardar-se? Como Dr. Moura Fé constituiu uma vida em papéis? Todas as interrogações que surgiram da emoção de me deparar com este arquivo pessoal fomentaram a responsabilidade de estudá-lo, em face da sua natureza pessoal, de entender a constituição de um sujeito fragmentado em papéis. Logo veio a preocupação com a imensidão da pesquisa, onde o arquivo parecia titânico, um labirinto a ser percorrido e decodificado, onde, em cada caixa aberta, em cada entrevista realizada, mais histórias e informações se entrelaçavam e se avolumavam.

A trajetória de vida do investigado inicia em 1922 com o seu nascimento em Sussuapara, no interior do Piauí, quando sua história de vida é uma possibilidade de operacionalizar a historiografia por meio da interpretação do seu arquivo pessoal, que revela seus interesses e sentidos em se immortalizar por meio do preservar-se para a posteridade. Neste construto da trajetória de vida docente de Dr. Moura Fé, surge à possibilidade de remexer as memórias coletivas daqueles que mantiveram relações com o pesquisado, revelando suas lembranças sobre um passado distante, que pode apresentar fatos sociais e educativos de uma época, contribuindo para a História da Educação, assim indicando a tese: por meio da trajetória de vida de Dr. Moura Fé, é possível compreender o processo social e educacional de uma época, os sentidos de ser professor, seu arquivo pessoal sendo meio de descortinar comportamentos e práticas educativas e sociais. Através da história de vida de Dr. Moura Fé, conhecemos capítulos importantes da história da educação do Piauí, especialmente de Picos, onde fomos compreendendo os sentidos atribuídos à educação, em uma sociedade, segundo Vieira (2005, p. 19), marcada, em sua origem, pelas figuras de “vaqueiros e agricultores”.

Para concretização da pesquisa, percorremos os espaços de vivência de Dr. Moura Fé, conversamos com seus contemporâneos e familiares, frequentamos seus espaços de sociabilidade, objetivando uma aproximação com as vivências de Dr. Moura Fé, desejo este carregado de ilusões, em virtude das diferentes temporalidades, mas que trariam sentido e significado para a pesquisa. Diante disso, brotaram, em nós, emoções e lembranças fragmentadas de um tempo que não vivemos, mas que agora nos pertenciam. Tais espaços e documentos agora nos habitavam, evocavam, em nós, memórias, fatos, pessoas e acontecimentos que reinvidicavam sair do silêncio no qual foram colocados por anos. Assim, a história de Dr. Moura Fé ganharia extensão e se manteria viva através desta pesquisa; essa responsabilidade repercutia em nós com ânimo e entusiasmo. Nesse caminho, percorremos cidades diferentes, como Teresina, Picos, Bocaina, Sussuapara e Caxias; visitamos espaços

variados, como a casa dos pais de Dr. Moura Fé, o Fórum de Picos, a Unidade Escolar Vidal de Freitas, a Unidade Escolar Marcos Parente, o Museu Ozildo Albano, o Instituto Monsenhor Hipólito, o Colégio São Francisco de Sales (Diocesano), o prédio do antigo Seminário Sagrado Coração de Jesus, o Liceu Piauiense, o Cemitério de Bocaina, a Capelinha dos Diógenes (Sussuapara), a Igreja Nossa Senhora da Conceição (Bocaina), a OAB-Subseção de Picos e a casa de Dr. Moura Fé. Em todos esses lugares, buscamos sensações que nos aproximassem do objeto de pesquisa, olhando para eles através das narrativas e anotações de Dr. Moura Fé; o que conseguimos foi instrumento para construção de uma escrita mais humana e fiel às suas vivências.

O recorte temporal da pesquisa se dá na própria concepção do gênero História de Vida, que se faz no período de uma vida, o tempo biológico, já assinalado por Le Goff (2002), ao tratar da biografia de São Luís. Assim, utilizamos como marco inicial o nascimento, em 1922, de Manoel dos Martírios Moura Fé, e o recorte final o ano de 2005, com seu falecimento. Salientamos que o recorte temporal não amarra a narrativa, esta podendo sofrer recuos e avanços em virtude dos próprios processos do tempo de uma vida que se entrecruzam com vários períodos, uma vez que somos filhos de nosso tempo, mas sofremos influências de outros períodos, como o de nossos pais (Le Goff, 2002). Ainda reforçamos que, apesar de tratarmos de trajetória docente, defendemos que sua atuação não se esgotou com a aposentadoria, uma vez que este fato não encerra a vida do professor, mas continua servindo de oportunidade para refletir sobre sua vida docente e discente, pois é momento de realizar um balanço de sua vida, como aduz Huberman (2002). Para Dr. Moura Fé, foi momento de disponibilidade de tempo para começar a pôr em prática seu desejo de escrita, quando incluía revisitar memórias e vivências escolares.

A base teórica deste estudo encontra-se em autores filiados à Nova História Cultural. São produções historiográficas, bem como temáticas associadas ao desenvolvimento da história em pesquisa em educação no Brasil. Além de teóricos que estudam arquivos pessoais e histórias de vidas docentes, tema este que só passou a ganhar espaço na produção histórica a partir do uso de novas perspectivas historiográficas que ampliaram os objetos, fontes e sujeitos de pesquisa, escapando às limitações da história tradicional e recolocando sujeitos postos no esquecimento, como professores, no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação. Assim, destacamos como categorias de análise: histórias ou trajetórias de vida docente, História da Educação, Nova História Cultura, arquivo pessoal e história de Picos.



A Nova História Cultural permitiu embasamento teórico para a investigação de trajetórias de vidas docentes, por ser um enfoque que se adéqua aos objetivos propostos na pesquisa, possibilitando o uso abrangente de fontes e metodologias, que vão desde o uso de documentos ordinários até a História Oral, favorecendo, como disse Nora (1998, p. 22), estudioso da área de memória, a transformação de sujeitos-testemunhos em “[...] lugares de memória que serão lugares de história”. Neste diapasão, entendemos as relações entre História Oral e Memória como espaços onde cresce a história.

No tratamento das fontes — entrevistas, documentos oficiais e arquivo pessoal de Dr. Moura Fé —, adotamos as concepções de Le Goff (2003, p. 471), em seu texto *Documento-Monumento*, uma vez que concebe os documentos de forma ampla, para além do escrito. Para ele, não existe um “documento-verdade”, uma vez que os mesmos são uma construção histórica fruto da sociedade que os efetivou, cabendo ao historiador submetê-los ao crivo crítico. Assim, desmistificar os documentos-monumentos é questioná-los, pôr em evidência o contexto de produção e preservação.

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a trajetória de vida de Manoel dos Martírios Moura Fé, através de aspectos pessoais, formação e atuação docente como forma de compreender os processos sociais e educacionais do Piauí, no período de uma vida (1922-2005). Os objetivos específicos da pesquisa foram:

- a) Analisar a cultura escolar, as instituições escolares e práticas educativas de uma época, por meio da trajetória de vida de Manoel dos Martírios Moura Fé;
- b) Revisitar os espaços em que Manoel dos Martírios Moura Fé atuou e viveu para compreender sua formação educacional e profissional;
- c) Identificar a trajetória pessoal e profissional do Dr. Moura Fé, por meio dos vestígios de memórias do seu arquivo particular;
- d) Historiar as práticas educativas do Dr. Moura Fé como forma de conhecer a realidade dos níveis e modalidades de ensino em que ele atuou em Picos-PI.

Professor Moura Fé nasceu em 23 de maio de 1922, em Sussuapara, então parte do município de Picos, Piauí. Filho de Elias de Moura Fé e Maria José dos Martírios, recebeu suas primeiras instruções oficiais, aos 12 anos, na Escola local Evaristo de Moura Fé, onde frequentou aulas por um mês. Prosseguiu seus estudos primários em várias escolas da região, quadro comum, à época, quando os mestres-escolas tinham um trabalho itinerante de levar educação às localidades mais longínquas, onde não havia ensino formal, possibilitando formação àqueles que dificilmente teriam acesso às escolas, como informou Cristiane Pinheiro (2017), em tese de doutoramento que trata do mestre-escola piauiense Miguel Borges

de Moura, que também foi professor do nosso pesquisado em 1939. Ao falar sobre o processo educacional no Piauí desse período, Ferro (1996, p. 23) afirma que, em virtude da ação dos mestres-escolas decorrente da ausência da ação estatal, “[...] a educação formal no Piauí está muito mesclada com a educação informal realizada fora das escolas, nas residências, nas fazendas e casas paroquiais, numa constante interação do informal com as iniciativas oficiais”.

Foi em 1941 que Prof. Moura Fé frequenta o Seminário Colégio Arquidiocesano São Francisco de Sales, em Teresina, ou Seminário Sagrado Coração de Jesus, onde prosseguiu os estudos, tendo também frequentado o Seminário São José, em Caxias, e o Seminário Arquidiocesano, em São Luís, ambos no estado do Maranhão. Neste último, também frequentou o primeiro semestre do Curso de Filosofia. Ainda em 1951, iniciou o Curso Científico no Colégio Estadual do Piauí (Liceu Piauiense), cursando até o segundo ano e concluindo no Colégio Diocesano São Francisco de Sales, em 1953.

Para manter-se em Teresina, Manoel dos Martírios Moura Fé contava com a ajuda familiar e passou a trabalhar como auxiliar de escritório na Casa Inglesa. Em 1953, concluiu o Curso Científico e, em 1954, concorreu ao vestibular para o Bacharelado em Direito, na Faculdade de Direito do Piauí (FADI), logrando êxito. Nesse período, manteve a vida acadêmica paralelamente às atividades de docência, inclusive tendo fundado, em 14 de setembro de 1954, a Escola Prof. Moura Fé, em Picos, de natureza particular, com o objetivo de preparar candidatos ao Exame de Admissão para ingresso no Ginásio Estadual Picoense (GEP), ano em que recebeu convite para lecionar nesta escola. Em 1959, concluiu o Curso de Direito da FADI, passando a atuar como docente e advogado. Após, aproximadamente 38 anos na educação, em 1992, aposentou-se compulsoriamente, conforme requisitos da lei, e, em 17 de agosto de 2005, faleceu em Picos.

A importância de estudar a trajetória de Dr. Moura Fé justifica-se pelas contribuições à cidade de Picos e ao Piauí, nas funções que desempenhou como educador. Por essas contribuições, é lembrado nas homenagens que recebeu e que merecem visibilidade. Assim, Dr. Moura Fé é um caleidoscópio no qual podemos perceber as atividades humanas na educação e compreender a constituição do ser e tornar-se professor no Piauí da segunda metade do século XX.

Este trabalho é uma possibilidade de investigar, por meio do ato de arquivar-se de Dr. Moura Fé, as suas contribuições no cenário educacional de Picos, durante os 38 anos de atuação docente e como gestor escolar. Assim, através dos vestígios materiais e de testemunhos orais daqueles que conviveram com Dr. Moura Fé, refletimos sobre a educação.

Destarte, defendemos que esse sujeito merece o investimento de uma pesquisa, uma vez que suas ações educacionais possibilitam repensar a educação do Piauí. Ressaltamos que a seleção do nosso sujeito e objeto de pesquisa, longe de uma idealização de seus feitos, o que de fato determinou a escolha do personagem foi sua atuação docente, no que reverbera a vida coletiva dos seus pares, e no esquecimento segundo Galvão e Lopes (2010) com que a historiografia tratou tais sujeitos históricos, além do processo de arquivamento do eu.

Os primeiros relatos da vida de Dr. Moura Fé nos chegaram por meio de falas da orientadora do doutorado e dos familiares do pesquisado, que se mostraram dispostos a autorizar o acesso ao seu arquivo pessoal para fins acadêmicos. Essa consciência dos herdeiros deu relevância aos documentos guardados por Dr. Moura Fé, que se revelava por meio do cuidado e conservação na manutenção do arquivo, mesmo após a ausência do titular. Assim, o uso do arquivo pessoal de Dr. Moura Fé para fins científicos foi confiado a nós, o que gera agradecimentos à família. Outro aspecto que define a escolha do sujeito da pesquisa se faz por sua vivência histórica, uma vez que o mesmo percorreu longos caminhos da história do país, nasceu no turbilhão de ideias da Semana de Arte Moderna, vivenciou a fortificação da República no país, sentiu as amarguras da Segunda Guerra Mundial, experienciou os dramas do Regime Militar e as esperanças da redemocratização. Na figura de homem, professor e advogado, gozou dos espaços socialmente privilegiados, sendo reconhecido por seus feitos.

Na produção escrita da trajetória de vida de Dr. Moura Fé, desejo seu não realizado em vida, seu arquivo pessoal foi confiado a nós. De início, foi apresentanda a nós uma cronologia manuscrita pelo pesquisado, onde narrou, de forma sucinta, sua trajetória de vida, do nascimento até 1992. Esse documento serviu para desenvolvermos as primeiras impressões do pesquisado e seu interesse em inscrever-se e livrar-se do esquecimento, deixando clara “a intenção autobiográfica” através de seu arquivamento (Artières, 1988, p. 11).

A escolha do pesquisado está associada à sua trajetória profissional como professor, diretor escolar e advogado, pela qual recebeu homenagens, como o nome da sala dos advogados no Fórum da Comarca de Picos “Governador Helvídio Nunes Barros”, em 2020, por ser um dos primeiros advogados daquela cidade, além de homenagem póstuma do concurso cultural *Se essa rua fosse minha*, de Teresina, que homenageia seus entes estimados com nomes de logradouros públicos, sendo Manoel dos Martírios Moura Fé agraciado em 2017. Outras honrarias também foram recebidas em virtude de serviços prestados à sociedade.

As primeiras impressões sobre Dr. Moura Fé estão impregnadas nos espaços públicos, que lembram suas ações como advogado e professor e se revelam nas homenagens dos

quadros de formatura presentes no Museu Ozildo Albano com imagens e nomes de professores consagrados. Como exemplo, o quadro da Turma Helvídio Nunes, de 1966, do Colégio Comercial de Picos, além do Quadro da Turma Desembargador Vidal de Freitas, de 1968, do mesmo colégio.

Com esta pesquisa, pretendemos contribuir com a historiografia picoense e piauiense, promovendo discussões sobre a formação docente, assim como o protagonismo de indivíduos que atuaram na educação de sua época, servindo como forma de descortinar o “[...] não-visto, o não-vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até nós [...]” por meio do ofício do historiador (Pesavento, 2003, p. 42) e, neste caso, tem relevância de preencher lacunas na História da Educação do Piauí.

Estudar História da Educação representa um mundo de possibilidades, conhecido apenas em parte, uma vez que todos participamos de alguma forma de processos educativos, seja formais ou não formais. Assim, o espaço escolar é, por excelência, potencialmente rico para pesquisa, uma vez que a visão de quem está dentro ou fora desse espaço pode gerar investigações que contribuam com o processo de aprendizagem e com a complexa dinâmica desse espaço institucionalizado, relacionando passado e presente como parâmetro de reflexão.

A historiografia da educação deve lembrar aos docentes e à sociedade como o trabalho educativo se faz em meio a possibilidades e retrocessos, a dificuldades enfrentadas pelos professores em seu cotidiano; estes, por seu turno, são produto de construções históricas, influenciados que são pelo passado, e também evidenciam a todos nós, com ênfase a pesquisadores-educadores que “[...] também temos a prerrogativa de agir sobre o presente e mudar-lhe os rumos” (Saviani, 2008, p. 153).

Nesse sentido, esta tese busca compreender os processos educacionais de uma época, tendo como base a abordagem da trajetória de vida docente de um educador-diretor-advogado e proprietário de escola, como sujeito do cenário educativo que em muito contribuiu com sua atuação para o contexto educacional de sua época. Assim, a pesquisa biográfica embasada no uso do arquivo pessoal de Prof. Moura Fé, para além de dar voz individualizante ao investigado, é uma proposta globalizante, uma vez que, para Le Goff (2002, p. 21), o “[...] objeto, mais e melhor que um personagem, cristaliza em torno de si o conjunto do meio”. Diante disso, entende-se que o tema da pesquisa da trajetória de vida possibilita conhecer o espaço de vivência e atuação do sujeito pesquisado em meio a suas imbricações no contexto em que está inserido, nos domínios econômico, político, religioso e cultural. Já advertia Dallabrida (2021, p. 5) que “[...] o estudo de um personagem contribui para a compreensão de aspectos específicos relativos a uma sociedade de forma mais ampla”.

Como ação da pesquisa, desenvolvemos uma questão/problema que norteia todas as fases da pesquisa, bem como questões secundárias que percorrem cada novo achado e testemunho. Assim, tivemos como fio condutor a seguinte questão: Como a ação profissional docente de Dr. Moura Fé promoveu contribuições na educação de Picos-Pi na época em que viveu e atuou? Cientes que a narrativa se enriquece no renovar das perguntas que se fazem a cada novo documento, achado e testemunho revelado, tomamos por nota as seguintes questões secundárias:

- a) Como se deu a trajetória docente de Manoel dos Martírios Moura Fé?
- b) Como analisar a escrita de si, a partir do arquivamento de sua história e memória?
- c) O que a trajetória pessoal e profissional deste Educador pode assinalar sobre a atuação docente?
- d) Quais os sentidos profissionais atribuídos aos docentes na época de atuação de Manoel dos Martírios Moura Fé (1954-1992)?
- e) Como se deu a formação escolar do pesquisado, da sua infância até a fase adulta?
- f) Em que instituições escolares atuou profissionalmente este Professor?
- g) Quais as hipóteses dos sentidos do processo de arquivar-se?

Por meio de leituras, reflexões e análises da tese de doutorado da orientadora Sousa (2009), intitulada *Ser e fazer-se professora no Piauí do século XX: a história de vida de Nevinha Santos*, bem como do livro *Baú de memórias: bastidores de histórias*, de Mignot (2002), constatamos referências sólidas que embasaram a pesquisa. A fim de melhor abordar o objeto estudado, realizamos uma pesquisa de mapeamento temático através do Repositório de teses e dissertações da Universidade Federal do Piauí (UFPI) produzidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI (PPGE/UFPI). Dois filtros de busca foram utilizados: “trajetórias de vida docente” e “História Cultural” (como teoria de análise). Foram localizados seis trabalhos que abordaram trajetórias de vidas, publicados entre os anos de 1995 a 2020 (Quadro 1).

Quadro 1 – Dissertações e teses sobre trajetória de vida docente: ano de publicação, autoria, título e tipo

| Nº | ANO  | AUTOR                       | TÍTULO                                                                                                         | TÍTULO      |
|----|------|-----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| 1  | 2014 | VILANOVA, Francisco Gomes   | Memória de professores piauienses: itinerários escolares e experiências docentes (1940-1970)                   | Dissertação |
| 2  | 2017 | PINHEIRO, Cristiane Feitosa | Entre o giz e a viola: práticas educativas do mestre-escola Miguel Guarani, no vale do Guaribas/PI (1938-1971) | Tese        |

|   |      |                                             |                                                                                                                                                                                  |             |
|---|------|---------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| 3 | 2019 | SOUSA NETO, Raimundo Nonato de              | Entre salas, livros e jardins: trajetória e produção intelectual da professora Conceição Carvalho no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí (1974-1995) | Dissertação |
| 4 | 2019 | SILVA, Anneth Cardoso Basílio da            | Histórias de vida, formação profissional e identidade de enfermeiras professoras                                                                                                 | Tese        |
| 5 | 2020 | CARDOSO, Magnaldo de Sá                     | Entre trajetórias de vidas de professores: história do centro de tecnologia da UFPI (1975-2007)                                                                                  | Tese        |
| 6 | 2012 | SILVA, Maria do Rosário de Fátima Vieira da | Mulher afrodescendente na docência superior em Parnaíba: memórias da trajetória de vida e ascensão social                                                                        | Dissertação |

Fonte: Autora

Dados: Repositório de Teses e Dissertações da UFPI (2022)

O mapeamento possibilitou maior proximidade com a temática, bem como com as pesquisas produzidas na Linha de Pesquisa de História da Educação do PPGEd/UFPI. Percebemos que o número de trabalhos ainda é discreto, além de que grande parte faz análise da narrativa de mais de um docente, diferenciando-se do nosso trabalho que trata de um único sujeito que não se encontra mais vivo, o que demonstra especificidades do nosso objeto de pesquisa.

Como fase fundamental deste estudo, submetemos o protocolo de pesquisa ao Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da UFPI, em 2022 (Anexo A). O projeto de pesquisa *A escola em nossas vidas: trajetória docente de Manoel dos Martírios Moura Fé (1922-2005)* foi aprovado, em 25 de novembro de 2022, com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) n. 65571722.6.0000.521. O título sofreu alterações para melhor se adequar aos sentidos da pesquisa.

Como visto no levantamento de teses e dissertações defendidas no PPGEd/UFPI, este estudo também se justifica por ser uma pesquisa que preenche lacunas referentes à produção de trabalhos concernentes à trajetória de vida docente, uma vez que identificamos apenas seis trabalhos sobre o tema. Recuperar as subjetividades do ser professor como possibilidade metodológica demonstra um olhar ampliado sobre educação, uma vez que trabalhar a temática de professores a partir da trajetória da vida passou a ser parâmetro relacional para se entender a formação e prática docentes e trouxe reflexões para a elaboração de novos estudos na área da História da Educação.

Ressaltamos que as seis produções encontradas no Repositório de Teses e Dissertações do PPGEd/UFPI não são as únicas que exploram a temática pesquisada, porém são aquelas que se enquadram nos requisitos de inclusão para seleção da temática, sendo um deles o uso da Nova História Cultural como referencial teórico.

A pesquisa sobre história de vida ou trajetória de vida docente busca refletir sobre os percursos profissionais de professores, como se dá a relação entre o campo pessoal e o campo profissional, como escolheram a docência e construíram a identidade da categoria. Essas produções podem contribuir com reflexões pedagógicas, uma vez que ser professor exige um comprometimento humano e emocional maior, em que há uma intrínseca relação entre as características pessoais e as práticas profissionais (Nóvoa, 2002).

O ensino é formado por vários personagens que assumem uma função, relacionam-se e contribuem para o desenvolvimento da educação no país. Neste sentido, o professor, como repertório fundamental desse processo, é objeto significativo para se entender a história da educação. Diante disso, acrescenta-se a originalidade da pesquisa, uma vez que analisa a trajetória de vida de Manoel dos Martírios Moura Fé, educador ainda não pesquisado, em meio às suas contribuições para a educação de Picos e do Piauí e que oportunizará a compreensão de acontecimentos e fatos históricos importantes que vivenciou. Esse sujeito tem um histórico de contribuições para a educação de Picos, o que justifica o investimento de uma pesquisa científica, constatados nos vários quadros de formandos em que é homenageado, em certificados de homenagens e nas falas dos depoentes que com ele conviveram.

Esta pesquisa se inscreve no campo da História da Educação, utilizando como fontes os documentos do arquivo pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé, como meio privilegiado para conhecer os aspectos que envolvem a trajetória de vida docente, assim oportunizando novas abordagens de se pensar os estudos em História da Educação, trazendo a figura do professor como centro das reflexões sobre educação.

Defendemos ser de suma importância o estudo sobre trajetórias de vida docente, tal como já se referia Nóvoa (2002) em suas produções nesta área, por acreditar que cada professor traz muito de sua vida para a sala de aula, em virtude de um processo impossível de separar o pessoal do profissional, especificadamente na ação docente, onde as opiniões e comportamentos do professor se refletem na sua maneira de ministrar aulas, por conseguinte imprimindo impressões nos discentes.

Para a fundamentação teórica da pesquisa, consideramos a Nova História Cultural em convergência com a História da Educação, pois essa vertente da historiografia possibilitou a ampliação dos objetos e fontes estudados. Reforçando essa ideia, Burke (1992, p. 11) afirma que a “[...] Nova História começou a se interessar por toda atividade humana, tudo tem História”. Assim, a base teórica é constituída por autores filiados a essas correntes historiográficas que abordam histórias de vida e arquivos pessoais, tais como Certeau (1982), Burke (1992), Le Goff (2013), Galvão e Lopes (2010), Nóvoa (2002), Goodson (2002), J.

Sousa (2005), Sousa (2009), Sousa (2019), Vieira (2005), Cunha (2019), Mignot (2000; 2002; 2006), Vicentini e Lugli (2009), Bourdieu (2006) e Artières (1988).

O ofício do historiador é lembrar o esquecido, o que é extraordinário, como já ressaltou Lowenthal (1981), pois tem a possibilidade de trazer à tona o que estava escondido pelas sombras do passado. Neste ofício, o historiador vai evidenciando permanências e rupturas que envolvem o processo educativo, revelando as estruturas de poder que passaram a assumir a instituição escolar a partir das transformações, legislações e decretos que fizeram dela um espaço de poder do Estado.

Certeau (1982, p. 57), ao discorrer sobre historiografia, resalta o ofício do historiador como “operacionalização da história”. Assim, entende-se que toda investigação tem um espaço social de produção que se articula com as subjetividades do historiador, além do contexto econômico, político e científico em que está inserido. É esse espaço que impõe determinações à pesquisa; é associado às representações do sujeito, ao seu espaço de fala que limita suas opções metodológicas e sua escrita, mas também possibilita a passagem do estado de um real conhecido e de um real como operação científica, que depende do ofício do historiador. Na busca desses novos olhares historiográficos, Certeau (1982) compara o historiador a um operário, uma vez que a história também é fabricada. A sua função reside em dar voz ao não dito, conferindo sentido a um artefato ou acontecimento, ou personagem, o qual só é entendido dentro de um contexto.

Certeau (1982), em seu livro *A escrita da História*, destaca a importância das novas correntes historiográficas, a exemplo da Nova História Cultural, pois representam alternativas de produção e oposição à História Tradicional, que superam a visão apenas descritiva e objetiva da história, defendendo novos paradigmas, por sua importância na superação de uma visão do senso comum da história, passando a Nova História Cultural a se configurar como uma abordagem do como fazer a história, entrelaçada por interesses e determinações sociais.

Em seus estudos, Le Goff (2013) resalta o acanhado aproveitamento da produção do tipo gênero biográfico pela Escola dos *Annales*, em muito devido às suas ideias de totalização da história. É apenas com as críticas e o evidente fracasso da totalização da história, promovidas por meio da Nova História Cultural, que a biografia passa a ser readmitida, apropriando-se das discussões da História com as Ciências Sociais e Humanas, que promovem uma revisão crítica das certezas, liberando a História de verdades absolutas, aproveitando as subjetividades como pressuposto de pesquisa. É apenas com esses redirecionamentos que a História deixa de se centrar na política, fragmentando-a e



compreendendo as relações de poder presentes também nas relações familiares, de gênero, nas empresas e nas escolas.

No estudo de histórias de vidas docentes, precisamos definir a profissionalização desta categoria, observando os obstáculos perseguidos por este grupo, a fim de definí-lo como uma categoria profissional, heterogênea, mas que tem uma identidade própria, associada à sua formação, às lutas travadas para a melhoria das suas condições e para a sua prática profissional. Então, delimitar o espaço de atuação destes profissionais, assim como os valores e objetivos que a sociedade esperava dos mesmos, ao longo do tempo, favorece a compreensão de sua trajetória (Vicentini; Lugli, 2009).

A profissionalização docente é fruto de um árduo processo de reconhecimento social da categoria, promovida graças à importância social de seu papel na formação cidadã. Assim, a organização de professores por meio de associações de classe possibilitou a conquista de direitos, além da definição sistemática da sua formação, seguindo critérios científicos, perpassados pelo discurso e vozes dos professores que lutaram para a definição do seu espaço de atuação, configurando, nessa trajetória, sua identidade de classe e fatores essenciais para compreender o ser professor no passado e no presente (Vicentini; Lugli, 2009).

Em suas análises, Le Goff (2002, p. 23) afirma: “Constrói-se a si próprio e constrói a sua época, tanto quanto é construído por ela”. Nesse sentido, não há como escrever uma história com somente com a partícula “se”, a trajetória de vida é produzida por uma trama de histórias de vida, corroboradas por ações, ora por imprevistos e intercorrências que marcam o sentido da construção do sujeito. O indivíduo só existe “[...] numa rede de relações diversificadas [...]”, por isso, para compreendê-lo, devemos estudar a sociedade em que o mesmo se constitui (Le Goff, 2002, p. 26).

As experiências de vida e o ambiente sociocultural são componentes fundantes das pessoas que somos, do nosso sentido do eu; assim, a origem sociocultural é um ingrediente importante para conhecer na prática profissional. A maioria dos trabalhos sobre histórias de vidas docentes é desenvolvida por professores que se tornaram investigadores e passaram a questionar sua prática como viabilidade de produção. Sobre essa importância do contexto social na composição do eu, já advertia Elias (1995), no livro *Mozart, sociologia de um gênio*, forte referência nesta pesquisa.

A classe social é um dos aspectos para se compreender o ser profissional, mas também interferem na sua identidade e na atuação docente aspectos como sexo, etnia e classe econômica. Uma vez que o ambiente sociocultural e as experiências de vida dos professores são, por sua vez, únicas, diante dos seus reflexos, devem ser entendidos de forma articulada.

Considerando o exposto, informa Goodson (2002, p. 72): “[...] o estilo de vida do professor dentro e fora da escola, as suas identidades e culturas ocultas têm impacto sobre os modelos de ensino e sobre a prática educativa”.

O tempo da vida é diferente do tempo de professor, porém estão relacionados, pois os indivíduos deixam rastros de si na forma como se fazem, como um arquivo de sua trajetória, por meio de discursos, de obras, fotografias, diários ou outros elementos. Nesse ato de compor-se, outros sujeitos também criam narrativas de terceiros, que interpretam, narram e opinam sobre a vida de outros indivíduos, recompondo rastros da história de vida dos sujeitos investigados, como afirma Borges (195? *apud* Le Goff, 2002, p. 29): “[...] um homem não está verdadeiramente morto a não ser quando o último homem que ele conheceu por sua vez estiver morto, temos a possibilidade de conhecer senão este homem”. Diante disso, nos definimos pelo que realizamos, mas também com o que os outros fizeram ou podem fazer de nós, nossa história existindo inclusive para além de nossa morte.

As críticas às produções sobre histórias de vida, biográficas e autobiografias também estiveram presentes na escrita sobre trajetórias de vida docente, numa espécie de “paradigma perdido”, dentro da investigação educacional, em virtude da influência dos modelos científicos das Ciências Físicas transportados mecanicamente para as Ciências Sociais e Humanas, que limitavam as subjetividades dos indivíduos, como possibilidade metodológica (Nóvoa, 2002, p. 9). Nesta perspectiva, entendia-se que os “[...] relatos pessoais, as histórias de vida e as biografias não contribuiriam para o conhecimento do passado, pois são subjetivos, muitas vezes distorcem os fatos e dificilmente seriam representativos de uma época ou de um grupo” (Alberti, 2005, p. 163).

A abordagem reducionista que limitou o uso das histórias de vida, inclusive pondo em cheque seu sentido de verdade, em face do uso dos relatos orais, foi aos poucos sucumbindo por novas vertentes historiográficas, que alargaram as concepções de fonte (Le Goff, 2003). Não há mais uma hierarquia do que é mais verdadeiro, não se privilegia uma fonte com base neste quesito, cabe astúcia ao historiador e capacidade de inserção das fontes e seu cruzamento, usando o questionamento das fontes como requisito fundante do seu ofício.

As teorias das Ciências Físicas passaram a ser criticadas, adotando-se outras fontes e metodologias no campo da Educação e da História, com ênfase no paradigma da História de Vida Docente, onde as subjetividades dos sujeitos na sua constituição de vida passaram a ser parâmetro relacional para se entender a formação e prática docente. Portanto, estudar a trajetória de vida docente é entender a afirmação de Nóvoa (2002, p. 10): “É que ser professor

obriga opções constantes, que cruzam à nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser”.

Autores como Vicentini e Lugli (2009) advertem que, na década de 1980, a profissão docente passou por momentos de crise, enfatizada por críticas sociais, que eram consequências de anos de desinvestimento na valorização profissional e na educação; contudo, os professores foram os maiores alvos desta desmoralização profissional. Esse contexto possibilitou um repensar o professor, uma força-tarefa em torno da revalorização da categoria foi tomada, principalmente no que diz respeito à literatura pedagógica, que passou a emergir da vida destes profissionais, ganhando a temática destaque em seminários, congressos e obras.

Desde então a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida de professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou desenvolvimento pessoal dos professores; trata-se de uma produção heterogênea, de qualidade desigual, mas que teve um mérito indiscutível: recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação (Nóvoa, 2002, p. 15).

As transformações dos estudos no movimento das pesquisas em educação também abriram possibilidades de fugir de assuntos meramente didáticos, ampliando as temáticas, incorporando a vida docente. Tais estudos contribuem para a reflexão sobre a profissão docente e as práticas pedagógicas adotadas, apontando para a construção da identidade dos professores, que se faz em sintonia com o ser e o profissional, bem como a relação com seus pares. Aqui se faz necessário ressaltar as interpretações de Chartier (1990) sobre práticas e representações que formam a história social e ultrapassam a oposição do homem, visto como sujeito singular e livre, para entendê-lo como ser em sociedade, onde até mesmo suas intersubjetividades se relacionam à história do seu tempo. Assim, podemos ter a compreensão de algo ou alguém por meio das representações sociais presentes, vistas nas convenções partilhadas.

A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico; inicialmente; sem muito alarde, entre etnólogos, depois, mais recentemente, com estardalhaço, entre os sociólogos. Falar da história de vida é pelo menos pressupor — e isso não é pouco — que a vida é uma história (Bourdieu, 2006, p. 183).

As concepções de história de vida envolvem os sentidos que atribuímos à vida como percurso de acontecimentos que marcam um indivíduo, que dão expressão às suas experiências,

por meio de marcas que servem como pegadas para compreender a história do indivíduo, por meio de sequências biográficas que dão sentido a algo maior, que se faz pela revelação do social. Ao tratar de histórias de vidas docentes em específico, Nóvoa (2002) ressalta a importância da ação e do saber dos professores, como imbrincada sua prática educativa em suas características e comportamentos. Certeau (1982, p. 71) afirma que o “meio tem suas leis”, estas promovem influências nos percursos da vida. Assim, é impossível separar o ser profissional do eu, “[...] a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos, como pessoa, quando exercemos o ensino” (Nóvoa, 2002, p. 17). Logo, a disciplina e seus conteúdos são fundantes para o ensino, mas não se resumem ao processo educacional, sendo ele vislumbrado por uma série de ações de pessoas que possuem desejos, sentidos e desenvolvem ação sobre o meio.

Diante disso, as Ciências da Educação se apropriaram dos métodos biográficos, da autoformação e das biografias educativas em fins de 1970, como temática do campo educacional. Essas abordagens, também classificadas como biográficas, objetivam dar autonomia aos professores, algo positivo e que se reflete nas discussões em torno do processo educacional. Assim defende Goodson (2002, p. 67): “O projeto que recomendo respeita à reconceptualização da investigação educacional, de modo a assegurar que a voz do professor seja ouvida, ouvida em voz alta e ouvida articuladamente”.

A história de vida docente se faz como uma abordagem de pesquisa mais próxima da realidade do professor e do seu cotidiano, configurando uma alternativa de produzir conhecimento sobre professores mais apropriada à sua perspectiva de repensar as práticas educativas; também pode contribuir, como sugere Goodson (2002, p. 65), para a “análise do currículo e da escolaridade”. Anteriormente, as pesquisas em educação com professores se embasavam em determinados períodos, como formação inicial e formação continuada; a história de vida como processo contínuo de desenvolvimento do ser não era apropriada como objeto de pesquisa, porém a reapropriação desse aspecto possibilita uma temporalidade que abarca outros períodos que também interferem no ser profissional. Os estudos sobre histórias de vida não se reduzem à prática docente, mas abordam as imbricações das várias fases da vida nos seus aspectos pessoais com o trabalho, sugerindo os estudos de trajetórias de vida docente que o professor é sua própria prática.

As novas interpretações de fontes abrem margem para o uso de arquivos antes relegados, como os escolares e docentes, estes passam a ser revisitados por sua possibilidade de oferecer visões e informações variadas sobre o processo de ensino. Desta forma, o uso da fonte escrita, principalmente a importância dos arquivos escolares, públicos e particulares,

traz possibilidades para a produção da história, que pode ser cruzada com o uso de outras fontes para seu maior enriquecimento. Diante disso, entendemos que o “[...] trabalho do historiador faz-se sempre a partir de alguma fonte [...]” (Pollak, 1992, p. 207); é nos vestígios do passado que podemos entendê-lo, assim repercute a importância do arquivo de Dr. Moura Fé nesta pesquisa.

Destaca Mignot (2000, p. 124) que “[...] os arquivos pessoais seriam assim extensões do próprio titular, indicando o caminho, o percurso e os desvios de uma trajetória. Sua produção envolve censura, supressão, interdição, triagem. Arquivar é guardar, é também esconder”. Assim, o arquivo pessoal traz grandes contribuições para a História da Educação e para a abordagem da trajetória pessoal docente, pois cria uma compreensão dos sujeitos nos espaços da casa, da escola e da rua, como constituições de sociabilidades. Diante de tais considerações, identificamos o processo de arquivamento de si ou arquivamento do eu de Dr. Moura Fé, que se articula com a intenção autobiográfica, uma vez que, como afirma Artières (1988, p. 11), arquivar a própria vida “[...] é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social, a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. Através desta referência conceitual sobre o arquivamento de si, insinuam-se seus aspectos constitutivos apontados por Artières (1988), quais sejam: sua função social, a prática de arquivar e a intenção autobiográfica.

Para Mogarro (2006, p. 77), o uso de arquivos em educação é imprescindível para a construção da história e memória educativa, uma vez que os arquivos escolares são um conjunto de fonte “[...] homogênea, que ocupa lugar central e de referência no universo das fontes que reconstrói o itinerário da instituição escolar”. Nesse sentido, o poder da escrita impregna a cultura ocidental em quase todas as nossas atividades, das mais complexas às mais corriqueiras, está a presença do registro escrito. Assim explica Artières (1988, p. 5): “[...] para existir, é preciso inscrever-se: nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias [...]”, os nossos direitos estão resguardados pela escrita, o nosso próprio reconhecimento como cidadão presume um documento, a escrita constituiu-se ao longo do tempo como prova de verdade.

Para desenvolvimento da pesquisa, optamos pela pesquisa qualitativa do tipo documental, com aporte da História Oral, levando em conta as novas formas de abordagens atribuídas às fontes, redefinidas pela Nova História Cultural. Essas abordagens oportunizaram uma análise mais interpretativa das subjetividades do objeto de pesquisa, por meio de seu caráter exploratório. Como pressuposto teórico-metodológico, a Nova História Cultural compreendida por Pesavento (2003, p. 43) como “[...] uma representação que resgata

representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado [...]", e por meio destas o historiador tenta decifrar os relatos do passado. Assim, a Nova História Cultural promove quebra de paradigmas e redefinição de pressupostos que identificam a cultura como um conjunto de significados compartilhados e construídos pelos homens capaz de explicar o mundo e ampliam as possibilidades de usos e releituras das fontes no processo historiográfico (Le Goff, 2013).

Diante da escolha da pesquisa histórica educativa, a Memória e a História Oral passam a ser instrumentos indispensáveis na construção histórica da trajetória de vida docente, pois, através desta, compreendemos os processos sociais em que se desenvolveram as tramas da constituição da história de vida do pesquisado, nas suas relações profissionais, o que permitiu conhecer as realidades educacionais da época. Através das lições de Alberti (2005, p. 13), defendemos que a História Oral, longe de ser um suporte documental, "tem uma riqueza inesgotável" que vai além do aspecto informativo, servindo como instrumento de "[...] compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana". Dessa forma, Halbwachs (1990, p. 48) afirma que lembrança "[...] é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada".

Assim, ao tratar das memórias individuais e coletivas, Halbwachs (1990) afirma que os entrevistados servem como testemunhos históricos indispensáveis na reconstrução da educação passada, uma vez que a memória é coletiva, pois carregada de sentidos e fatos do passado vivido em sociedade. Na construção deste trabalho, estudos que entelaçam Memória e História Oral foram indispensáveis para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que visitamos "acontecimentos, personagens e lugares" do passado que foram essenciais no processo de lembrar, sendo suportes de memória (Pollak, 1992, p. 202).

Soma-se à metodologia de pesquisa a História Oral, uma vez que os participantes envolvidos (educacionais, familiares, sociais e políticos) que se relacionaram com Manoel dos Martírios Moura Fé foram interlocutores da pesquisa por meio de suas memórias. Nesse sentido, foram utilizadas as seguintes compreensões de Alberti (1989, p. 6): "O documento de História Oral deve ser considerado como um diálogo entre entrevistado e entrevistador, de uma construção e interpretação do passado atualizada através da linguagem da fala".

Seguimos as lições de Alberti (2005, p. 45), ao promover a relação entre a História Oral e os arquivos, uma vez que esse autor defende que esta associação deve possibilitar uma visão "[...] bidirecional: enquanto se obtém, das fontes já existentes, material para a pesquisa

e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início”. Assim, as entrevistas colhidas para o desenvolvimento desta pesquisa ampliaram as fontes escritas, pois “[...] recupera aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza [...]”, acrescentando vivacidade e dinamicidade aos escritos, possibilitando contradições que refletem a própria atividade da vida (Alberti, 2005, p. 22).

Na investigação, foi realizada, além da pesquisa no arquivo pessoal de Dr. Moura Fé, a pesquisa em locais oficiais, instituições onde ele atuou como discente, docente ou gestor, além de fontes iconográficas e hemerográficas, que formavam o acervo histórico de constituição do objeto de pesquisa.

Quanto à História Oral, foi adotada como técnica a entrevista semiestruturada por tema, tendo como participantes da pesquisa 13 pessoas que conviveram com Dr. Moura Fé, tendo sido coletados depoimentos de familiares, ex-alunos e amigos que foram testemunhas históricas do período estudado (Quadro 2).

Quadro 2 – Participantes da pesquisa: nome, nascimento, relação com o pesquisado e profissão

| Nº | PARTICIPANTE                         | NASCIMENTO | RELAÇÃO COM O PESQUISADO   | PROFISSÃO                    |
|----|--------------------------------------|------------|----------------------------|------------------------------|
| 1  | Maria Vitalina Lacerda Carvalho      | 25/04/1952 | Ex-colega de profissão     | Servidora Pública Aposentada |
| 2  | Adelino AraújoMartírios Moura Fé     | 13/04/1966 | Filho                      | Odontólogo                   |
| 3  | Arlete Araújo dos Martírios Moura Fé | 27/07/1975 | Filha                      | Analista de Sistema          |
| 4  | João Araújo dos Martírios Moura Fé   | 29/05/1963 | Filho                      | Médico                       |
| 5  | Lídia Araújo dos Martírios Moura Fé  | 08/04/1980 | Filha                      | Analista de Sistema          |
| 6  | Juliêta Angelina de Araújo Moura Fé  | 13/11/1945 | Esposa                     | Professora Aposentada        |
| 7  | Maria Eunice Soares Teixeira         | 23/08/1948 | Ex-Aluna                   | Professora Aposentada        |
| 8  | Albano Silva                         | 27/02/1944 | Ex-Aluno                   | Servidor Público             |
| 9  | Maria das Graças Moura               | 07/07/1951 | Ex-Aluna                   | Psicóloga                    |
| 10 | Afonso Moura Fé                      | 14/02/1967 | Primo                      | Pedagogo                     |
| 11 | Maria Moura dos Martírios            | 23/09/1933 | Tia                        | Dona de casa                 |
| 12 | Elias Araújo dos Martírios Moura Fé  | 28/08/1964 | Filho                      | Advogado                     |
| 13 | José Cérvulo da Silva Filho          | 28/04/1959 | Ex-aluno<br>Ex-funcionário | Contador                     |

Fonte: Autora

Dados: Pesquisa

Os participantes da pesquisa colaboraram de forma voluntária, tendo conhecimento do seu teor e objetivos. Embora tenha sido dada a opção de anonimato, todos aceitaram a identificação no relatório da pesquisa. Obedecendo a Resolução do Conselho Nacional de Saúde n. 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, e a Resolução do Conselho Nacional de Saúde n. 510, de 7 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado por eles e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um. De forma colaborativa, os participantes contribuíram com a pesquisa, abrindo suas casas e revirando suas memórias para testemunhar seu convívio com o pesquisado.

Em Thompson (1992, p. 44), onde Memória e História Oral estão interligadas, evidenciamos a presença marcante da vida como aspectos instituidores:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato — e, pois, a compreensão — entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos.

Para Thompson (1992), a História Oral constitui a própria vida, trazendo humanidade para a história, também repercutindo a emancipação dos depoentes ao lhes atribuir *status* de narradores, ressignificando suas memórias. Nesse sentido, refletimos sobre a condição e seleção dos entrevistados, pautando-nos pela escolha de critérios qualitativos, como sua experiência e proximidade com a temática (Alberti, 2005). Entendemos que não são neutros, carregam suas posições e ideologias, que estão intimamente relacionados aos seus discursos; recomendamos a cientificidade e crítica como tratamento dos depoimentos. Outros aspectos que também influem na diversidade de informações revelam-se na variedade de idade dos depoentes, proximidade com o sujeito da pesquisa e nível de escolaridade. Apenas dois entrevistados não dispõem de formação de nível superior; todos possuem mais de 49 anos e, dos 13 entrevistados, temos participantes de todos os segmentos elencados (família, ex-



alunos, colegas de trabalho). Tais informações repercutem nos depoimentos e dizem muito sobre eles.

Com isso, a pesquisa baseou-se em autores e fontes que favorecessem a construção de uma investigação com metodologia sistemática, que busca inventariar o passado em perspectivas históricas contemporâneas. Com isso assumindo os riscos de tal empreitada, desmistificando e descortinando os discursos das fontes. Assim, a história da educação vai entendendo o passado como instrumento fundamental para conhecer a atual condição do ensino. Ativemo-nos aos riscos já anunciados por Pierre Bourdieu (2006) em *Ilusão biográfica*, ressaltando os cuidados que devemos ter com o anseio de totalizar uma história, a ilusão de que a narrativa reconstitui coerentemente uma trajetória.

Esta tese foi estruturada em cinco capítulos, sendo o primeiro esta *Introdução* que apresenta, de forma ampla, o tema e a metodologia da pesquisa, e onde representamos a cronologia de vida de Dr. Moura Fé, estruturando seu percurso formativo. Ainda ressaltamos o percurso metodológico da pesquisa, mencionando as categorias de análise que embasaram a pesquisa.

No segundo capítulo, intitulado *Escolarização e formação de Dr. Moura Fé*, abordamos aspectos associados à trajetória de vida do investigado, que se desdobram da infância à maturidade educacional, revelando os vários espaços de vivência em que foram se moldando sua formação escolar e profissional, inclusive como seminarista. Para tal, utilizamos como referência a pesquisa em arquivos públicos institucionais, privilegiando os espaços em que viveu, estudou e se formou, bem como nos valem do arquivo pessoal do Professor, onde deixou vestígios de sua trajetória, implicando revelações de sua intenção autobiográfica.

O terceiro capítulo — *Caminhos do magistério* — mergulha no arquivo pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé, constatando seus guardados com a função docente. Identificamos as várias formações do investigado, os diversos papéis sociais que assumiu, revelando o quão multifacetado era, uma vez que percorreu diretorias, secretarias e gabinetes como professor, diretor escolar, advogado, funcionário público federal, político e redator de jornal. Muitas informações foram obtidas através do cruzamento de fontes documentais e entrevistas realizadas com contemporâneos do investigado, ricas na percepção do magistério e da prática docente da época em que ele viveu e atuou. Por meio das análises, pudemos identificar a escolarização de Picos, à época, evidenciando o Ensino Secundário. As homenagens recebidas por Dr. Moura Fé, especialmente nos quadros escolares de formatura,

serviram para identificar a cultura escolar de uma época, apresentando personagens, fatos e acontecimentos que estavam esquecidos pela História.

O quarto capítulo, intitulado *Guardados de si e dos outros: o arquivo pessoal do Prof. Moura Fé*, aborda a vida dos professores, a necessidade de registros neste ofício, o que favoreceu ao nosso pesquisado guardar-se em papéis. Assim, identificamos e analisamos os documentos do arquivo, revelando os sentidos e intenções do guardar-se em papéis. A biblioteca particular de Dr. Moura Fé foi substancial para entender sua personalidade intelectual, além de compreender suas práticas de escrita e leitura, que refletem o próprio ensino de História. As memórias dos outros foram vestígios essenciais na percepção da trajetória de vida do investigado e nos significados que a docência tinha para ele, revelando os aspectos educacionais de uma época. Os seus guardados consubstanciaram sua intensão autobiográfica, revelando temáticas que valorizava, como genealogia e a cidade de Bocaina, ambas cruzadas pela religiosidade católica que foi sua formação escolar.

Com isso, identificamos indissociáveis relações e contribuições da historiografia para a História da Educação, ao abordarmos histórias de vida docente, revelando as contribuições de um campo de estudos que tem muito a oferecer, servindo como lente para compreender os sentidos atribuídos às práticas educativas que envolvem o contexto dos sujeitos envolvidos no processo, determinados pelo passado, servindo como reflexões sobre as condições atuais do ensino e as possibilidades de mudanças, reveladas por meio das subjetividades do ser professor.

## 2 ESCOLARIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE MANOEL DOS MARTÍRIOS MOURA FÉ

Neste capítulo, abordamos os caminhos da escolarização de Manoel dos Martírios Moura Fé, traçando seu percurso como discente e docente e, dessa forma, conhecendo o passado da educação do Piauí através das lentes que sua história representa. Passamos a analisar as instituições por onde passou nosso investigado, ressaltando sua atuação profissional nas escolas de Picos-PI, além de mencionar ações importantes que realizou, contribuindo para a educação local. Na caminhada que nos propomos realizar, foram fundamentais os documentos escolares, o arquivo pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé e a legislação educacional da época, que possibilitaram compreender a condição da educação do período estudado, uma vez que a experiência educativa do pesquisado reflete o contexto da época e a realidade que vivenciavam os atores da educação.

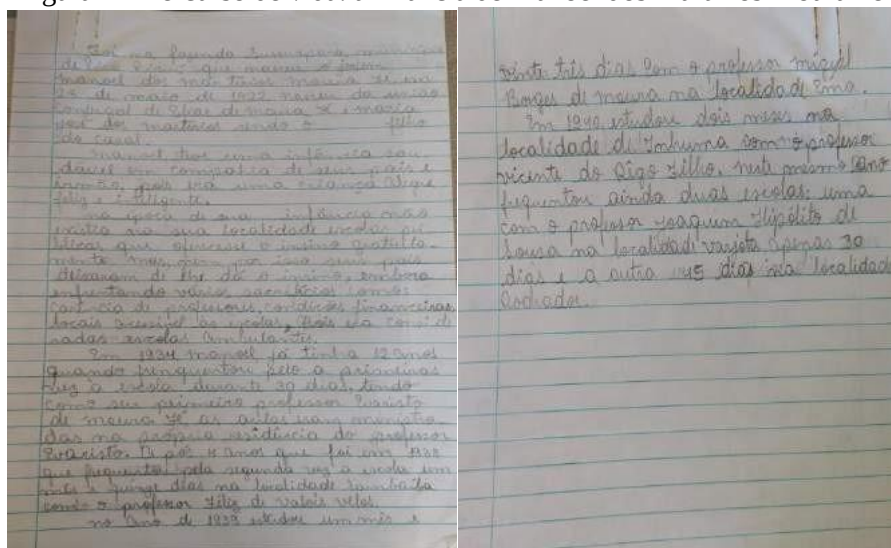
Manoel dos Martírios Moura Fé, nesta pesquisa, se anuncia por meio do seu arquivo particular, através das homenagens expressas em espaços públicos, na presença em quadros de formandos de instituições escolares, nomes de ruas e imagens presentes em museus. Assim, existe uma ausência presente de Dr. Moura Fé, que se faz em espaços e tempos diferentes em que viveu, onde materializou-se por documentos e imortalizou-se por meio de papéis, uma vez que existem mesmo após sua morte. Desta forma, seu arquivo pessoal é um convite ao passado, não apenas seu, mas do coletivo que conviveu com o pesquisado. Esta talvez seja uma das características marcantes de Dr. Moura Fé, sua relação com as letras, sua intimidade com os documentos, seu apego ao passado, provavelmente fruto de sua formação seminarista.

A narrativa aqui apresentada busca conhecer a educação de Picos, através das lentes do que preservou e viveu o educador Manoel dos Martírios Moura Fé, homem de poucas palavras e correto em suas ações. Certamente legou seu comportamento e ações no espaço educacional em que atuou, gerando inspiração nos que com ele conviveram. Esta narrativa sobre a trajetória de vida de Manoel dos Martírios Moura Fé inicia-se com seu nascimento, em 1922, na cidade Sussuapara, antes localidade pertencente ao município de Picos. Filho único de Elias Moura Fé e Maria José dos Martírios, tinha como irmãos mais velhos Aristides de Moura Fé e Aristeu de Moura Fé, filhos do primeiro casamento de seu pai.

Em documentos presentes no arquivo de Dr. Moura Fé, encontramos algumas incursões cronológicas que narram acontecimentos e marcos daquilo que ele considerou como mais importantes em sua vida, em uma clara demonstração de dar ordem aos fatos, para aquilo que poderia ser um futuro livro. Dentre os vários escritos avulsos que ordenam a

cronologia da vida de Dr. Moura Fé, destaca-se uma em linguagem coloquial e rabiscado em folha de papel almaço, com informações da infância do pesquisado, revelando, aos poucos, o ritmo de vida próprio de uma criança que viveu na Fazenda Sussuapara, nas localidades de Bocaina, em Picos (Figura 1).

Figura 1 – Percurso de vida: a infância de Manoel dos Martírios Moura Fé<sup>2</sup>



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

<sup>2</sup> Transcrição do texto presente na Figura 1: Foi na fazenda Sussuapara município de Picos-Piauí, que nasceu o jovem Manoel dos Martírios Moura Fé em 23 de maio de 1922, nasceu da união conjugal de Elias de Moura Fé e Maria José dos Martírios, sendo o filho do casal. Manoel, teve uma infância saudável em companhia de seus pais e irmãos, pois era uma criança alegre, feliz e inteligente. Na época de sua infância não existia na sua localidade escolas públicas que oferecesse o ensino gratuitamente. Mas nem por isso seus pais deixaram de lhe dá o ensino, embora enfrentando vários sacrifícios como: carência de professores, condições financeiras, locais acessível às escolas, pois eram consideradas escolas ambulantes. Em 1934, Manoel já tinha 12 anos quando frequentou pela primeira vez à escola durante 30 dias, tendo como seu primeiro professor Evaristo de Moura Fé, as aulas eram ministradas na própria residência do professor Evaristo. Após 4 anos que foi em 1938 que frequentou pela segunda vez a escola um mês e quinze dias na localidade Sambaíba com o professor Félix de Velóis Veloso. No ano de 1939, estudou um mês vinte e três dias com o professor Miguel Borges de Moura na localidade Ema. Em 1940, estudou dois meses na localidade de Inhuma com o professor Vicente do Rêgo Filho. Neste mesmo ano frequentou ainda duas escolas: uma com o professor Joaquim Hipólito de Sousa na localidade Varjota, apenas 30 dias e há outra 45 dias na localidade Rodeador.

O manuscrito não corresponde à caligrafia de Dr. Moura Fé, mas de algum parente, porém confirma a cronologia do nosso pesquisado. Como este escrito, existem vários outros, feitos a punho, digitados ou datilografados que ensejam o desejo de escrita de Dr. Moura Fé. Segundo relatos da família, o pesquisado ditava sua vida, uma vez que sua escrita ficou ilegível com o passar do tempo. O manuscrito da Figura 1, que traz em parte a cronologia da infância de Dr. Moura Fé, acrescenta dados da sua educação e escolarização, revelando traços do ensino prestado pelo Poder público à comunidade que vivia em regiões afastadas dos grandes centros urbanos da época, evidenciando o descaso com o qual era tratado o ensino em nosso estado.

Através desse documento, percebemos as memórias infantis, a vida comum das crianças daquele contexto como disposto na literatura local, criadas em meio à natureza, próprio de uma fazenda, onde a lida com os animais e o contato com o verde são aspectos do cotidiano. No relato, entrevemos a infância saudável de uma criança que desfrutou do convívio dos pais e da companhia dos irmãos mais velhos, destacando-se, desde cedo, a alegria e o gosto pelos estudos.

Nesse contexto de vida familiar, Manoel dos Martírios Moura Fé teve o ensino das primeiras letras pelos pais. Dessa forma, os conhecimentos dos genitores foram suas primeiras lições, o incentivo da mãe era a garantia de investimentos em um futuro promissor para o filho. Por meio de testemunho do próprio pesquisado, em entrevista concedida a Vieira (2005), podemos constatar o início da escolarização:

As primeiras letras, que equivaliam mais ou menos ao primeiro grau, eu fiz na Bocaina, na época município de Picos. Aí fiz a prova de admissão em Teresina para ingressar no ginásio. Estudei durante quatro anos em Teresina no Seminário Sagrado Coração de Jesus onde estudei com uns padres holandeses [...]. Eu quase fui padre (Manoel dos M. Moura Fé, 2005 *Apud* Vieira, 2005, p. 89).

Essa situação era corriqueira no sertão nordestino, onde vivia Dr. Moura Fé e onde a atividade agropastoril era predominante, não exigindo conhecimentos escolares para incorporação do homem na vida do trabalho, apenas bastando a integração natural das crianças e jovens no labor diário da roça ou fazenda. Tais aspectos provocavam certo desânimo social pela educação, que se somava à ausência de Poder público na oferta de ensino formal. Contudo também podemos analisar exceções que se acrescentam ao fascínio que aprender desperta nas crianças, visto nas falas de Maria Moura Fé (2023), tia do nosso pesquisado, ao falar sobre as expectativas das aulas com os mestres-escolas, o ensaio do alfabeto para quando o professor se apresentasse, que

tinha no chão molhado seu quadro de escrever e caderno; no dedo, seu lápis, sendo estes seus materiais escolares:

Nós ia buscar água, carregar água na cabeça num potinho, trazendo do riacho. Das cacimbas do riacho. Do riacho pitombeiro. Lá, às vezes, mamãe desgostava aquela cacimba e aí enchia aquele surrasinho e aí o chão era areia. Era assim, era terra em areia russa. Aí nós, umas ruivinhas lá, umas minhas priminhas lá, nós passava a mão naquela areia, acertava, bem certinho. Aí começava a fazer o nome... Maria: Aí nós fazia as letra. As letras. Eu lembro o nome das letras, da... O alfabeto. Sim. Eu dizia o nome, como era. O alfabeto. E eu fazia assim, o ABC. O ABC, pegava do a, saía o z, né? Aí nós fazia no chão. Areia do riacho. Sentado no chão, fazendo com, riscando com o dedo.

O cotidiano da vida na zona rural soava, nas falas de Maria de Moura Fé, como um mundo onde a escola ainda era pouco acessível, contudo para alguns a vontade de estudar transpunha barreiras, transformando o corpo em uma extensão das próprias matérias escolares, fazendo da natureza a materialização cultural do espaço escolar, uma vez que o chão molhado era o quadro, o dedo era o giz. Era nesse cenário que nosso pesquisado trilhara suas primeiras experiências e contatos com o alfabeto. Pertencer à família tradicional católica e dispor de capela nas proximidades da fazenda possibilitaram o contato com pessoas letradas, os representantes da Igreja. As práticas de ensino do catolicismo influíam nas crianças que não dispunham de escolarização, os seus primeiros contatos com o ensino, neste caso, eram catequéticos.

O manuscrito da Figura 1 data a primeira vez em que Manoel dos Martírios Moura Fé entrou no espaço escolar, quando tinha 12 anos de idade e teve como primeiro professor Evaristo de Moura Fé. A Figura 1 é emblemática por trazer os primeiros professores do nosso pesquisado, descortinando, por meio do seu percurso de escolarização, o que se dava com a maioria das crianças em idade escolar, em Picos, e, de forma geral, no Piauí. A carência de escolas e professores no interior do Estado do Piauí, na primeira metade do século XX, fez com que a figura do mestre-escola assumisse um papel significativo na educação das crianças, nos mais variados municípios. Segundo Cristiane Pinheiro (2017), os mestres-escolas eram homens que, na maioria dos casos, sabiam apenas ler, escrever e contar, mas que sanavam a carência de professores formados e de escolas municipais e estaduais.

Vale ressaltar que o conceito de escola estava associado ao de professor, pois a escola prédio é um entendimento mais recente. Até o final dos anos 1960, os prédios escolares estavam concentrados na sede do município, de modo que o que constava pelo interior, em sua grande maioria, eram professores

estaduais e municipais, que ensinavam a ler e a escrever e, em alguns casos, ministravam o ensino primário em uma sala de aula, conhecida como ‘escola isolada’, instalada, principalmente, na própria residência destes (Sousa, 2019, p. 68).

Observa-se que este contexto de falta de acesso ao ensino se arrasta durante boa parte da história do Brasil, algo comum às áreas mais distantes da Capital, como Picos, onde os estudantes, assim como os professores, viviam como nômades para transferir as habilidades básicas de ler, escrever e contar às crianças em idade escolar. Os mestres-escolas desempenhavam um grande papel no cenário local, uma vez que eram a única esperança das famílias de verem seus jovens se iniciarem nos caminhos das letras.

O aprendizado informal também fazia parte da educação de nosso pesquisado, a exemplo os costumes e práticas próprios de sua família tradicional católica, onde o menino Manoel dos Martírios Moura Fé se via às voltas com os rituais católicos, empregados por sua mãe e nas redondezas da família, a capela sendo uma aproximação com esses ensinamentos e uma extensão da casa.

De forma um tanto jocosa, Maria Moura Fé (2023) fala sobre a tendência de Manoel dos Martírios Moura Fé para a religião, ao afirmar: “Ele gostava de fazer, era isso mesmo, era religioso, era da igreja, estava dentro da igreja soprando as toalhas”. Assim, as primeiras brincadeiras e contatos com as letras podiam ocorrer no espaço da capela, onde, na infância, o menino já demonstrava afeição pelos estudos e pelo catolicismo, exemplo evidente da mãe que preservava os costumes religiosos. Sem dúvida, a origem familiar católica favoreceu o ingresso de Dr. Moura Fé, em 1941, no Seminário Sagrado Coração de Jesus, na cidade de Teresina, capital do estado, onde passou oito anos em estudos. O Seminário se apresentava como acesso aos estudos, vocação e uma realização familiar. Essas mesmas intenções são narradas por W. Pinheiro (2018, p. 67), ao versar sobre Ozildo Abano, outro educador picoense.

Na época, a opção pelo ingresso dos filhos no Seminário Coração de Jesus era uma realidade que fazia parte de algumas famílias picoenses. Estudar no Seminário implicava em ter acesso a uma formação escolar mais sólida e humanista. Naquele espaço formador, os internos, além de receberem os conteúdos ditos escolares, também recebiam uma formação voltada para uma cosmovisão cristã, mesmo que não prosseguissem os estudos e tornassem padres, como foi o caso de Ozildo Albano, que optou pelo Direito.

Uma sociedade marcada pelo catolicismo que se manifestava nas famílias, servindo como referência de culto e formação (in)formal, certamente o destino que teve o jovem

Manoel dos Martírios Moura Fé foi o de muitos outros privilegiados picoenses, como foi o caso de Ozildo Albano. Assim, a formação de seminarista nem sempre coincidia com a vocação ou desejo funcional, mas como meio de acesso ao ensino e promoção do *status* social, marcado pelo poder que a Igreja ainda mantinha naqueles rincões. Nesse sentido, o Seminário Sagrado Coração de Jesus, em Teresina, era um espaço de estudo e meio de prosseguir os estudos ginasiais.

A passagem da adolescência para a vida adulta de Manoel dos Martírios Moura Fé foi marcada pelo desejo de estudar, uma vez que teve de se afastar da família para satisfazê-lo. Foi seminarista na capital do Piauí, Teresina, Caxias e São Luís, no Maranhão, durante oito anos. Neste longo período, pôde desfrutar de uma educação disciplinar, de visão humanística, própria do regime de internato dos seminários por onde passou.

Foram três os seminários que frequentou Manoel dos Martírios Moura Fé, sendo eles: o Seminário Sagrado Coração de Jesus, em Teresina (Piauí); o Seminário São José, em Caxias (Maranhão); e o Seminário Arquidiocesano de São Luís (Maranhão). Esses espaços de formação escolar e profissional marcaram a vida do nosso pesquisado, suas influências repercutindo por toda sua vida, em sua forma de ser e de viver. Assim, o catolicismo tão presente na sociedade da época repercutiu na rotina da família de Dr. Moura Fé, que fez dos rituais religiosos um momento familiar proporcionado pelos eventos religiosos, quando os sacramentos eram práticas obrigatórias à sua prole, bem presentes nas fotografias de família, como visto no batizado do filho Luís A. M. Moura Fé (Figura 2).



Figura 2 – Batizado de Luíz A.M. Moura Fé, 1978.



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O Seminário influenciou os hábitos, personalidade e comportamento de Dr. Moura Fé, deixando marcas visíveis na formação católica dos filhos, os momentos da vida sendo marcados pelos rituais religiosos. O Seminário foi porta para prosseguir seus estudos, foi onde concluiu o Ensino Primário, organizado, à época, em curso de quatro ou cinco anos complementado por mais um ano, que deveria ser o preparatório ao Exame de Admissão, que daria possibilidade para o Ensino Secundário, como dispunha a Lei Orgânica do Ensino Secundário (Lei n. 4.244, de 1942). Foi ainda no Seminário de São Luís que nosso pesquisado cursou as primeiras cadeiras do Curso de Filosofia e buscou continuá-lo em Teresina, porém não obteve êxito, e outras oportunidades surgiram.

As influências de estudo no Seminário levaram Dr. Moura Fé a galgar um dos mais almejados cursos superiores da época, logo após a conclusão do Curso Científico, sendo aprovado em décimo segundo lugar no Vestibular de Bacharelado em Direito, em 1954, o que proporcionou grande alegria familiar, muito em virtude do *status* que a carreira jurídica representava na sociedade da época.

Foi através de tais aportes educacionais que Manoel dos Martírios Moura Fé ingressou no serviço público, com o respaldo que lhe conferiam tais certificações e experiências e que lhe transformaram no Prof. Moura Fé, ministrante de aulas das Matérias de História Geral e do Brasil, Organização Social e Política do Brasil, Latim e Francês. As várias matérias que ministrou estão presentes no seu arquivo pessoal, através das dezenas de livros de História e

dicionários de línguas preservados; são vestígios dos seus guardados de professor que revelam as diversas funções e disciplinas que assumiu, desta maneira evidenciando a formação diversificada que obteve e que lhe garantiu habilidades e reconhecimento de atuação.

O arquivo pessoal do pesquisado é uma constituição do seu próprio sujeito, “uma extensão do seu titular”, como afirma Cunha (2019, p. 18). Representa claramente os espaços onde atuou e com destaque ressalta sua vida escolar, evidenciando a “escola como espaço de memória” (Cunha, 2019, p. 26). O acervo de Dr. Moura Fé preserva a presença da escola em nossas vidas, revelando a educação de uma época, identificando os protagonistas escolares esquecidos pelo tempo, apresentando metodologias, crenças e valores praticados em uma determinada época.

Nesta perspectiva de conhecer a história de vida de um educador, utilizamos seus guardados como meio de nos aproximar de sua realidade vivida, tendo como alicerce a Nova História Cultural, a partir da qual se entende que tudo tem história, tudo que faz parte da atividade humana deve ser historiografado. Uma nova prática emerge, na qual o indivíduo é historiado para examinar o que está ao seu redor: “[...] estuda-se através de uma vida com vistas a enxergar mais longe, mais profundo, mais densamente, de maneira mais complexa, ou porque o estudo desta vida permite enxergar a vida social em sua dinamicidade própria, não excluindo os seus aspectos caóticos e contraditórios” (Barros, 2004, p. 191).

Neste sentido, o arquivo pessoal foi suporte e fonte para pesquisa de uma vida, em que os vestígios em miudezas ganham novos sentidos de legitimação pela historiografia, sendo tomados como meio de iluminar a cultura escolar, através da história de vida de Manoel dos Martírios Moura Fé, um caleidoscópio para conhecer a educação de dada sociedade, tão necessário para refletir sobre as atuais condições da escolarização.

É nesse fio condutor que se pretendeu incorrer nesta análise, observando como essa trajetória de vida repercutiu socialmente e colaborou no processo educacional. Assim, a partir de uma vida e de suas possibilidades materiais, econômicas e históricas, almejou-se entender como ela foi constituída, vislumbrando a história da educação como um bilhete ou passaporte de viagem no tempo, onde pudéssemos conhecer os processos de alfabetização, as práticas educativas, os livros, os cadernos, as brincadeiras, avaliações, o recreio, uniformes, lazer, a educação de uma época.

Desta forma, passamos a questionar: Como esse indivíduo foi formado e, posteriormente, como professor, foi formador de pessoas? Como olhar o passado e ressignificar o vivido na perspectiva de resistir a uma luta por uma transformação e uma

educação melhor, sem esquecer que os acontecimentos pessoais também interferem na vida profissional?

Revisitar a história de vida de educadores e educadoras possibilita refletir sobre as condições docentes atuais, ensaiando ações para melhores condições de trabalho e rumo a uma educação de qualidade, como dispõe Mignot (2000, p. 139): “Ao guardar papéis em seu baú de memórias, Armanda Alvaro procurou legar às futuras gerações sua crença na importância da educação traduzida na intransigente defesa de uma escola de qualidade”. De forma semelhante, apontamos ser essa uma das hipóteses do arquivamento de Dr. Moura Fé, a devoção à educação, à crença de ser esse um caminho promissor, refletida na vida de um menino, alegre e inteligente, um sertanejo que transformou sua vida com a educação, a de seus filhos, alunos e dos demais ao seu redor.

Podemos compreender a carência de informações sobre a infância e a educação de Manoel dos Martírios Moura Fé, tido como “uma criança alegre, feliz e inteligente”, a partir de Halbwachs (1990, p. 43), para quem tal carência é fruto das dificuldades de lembrar próprias da memória na primeira infância e se justificam, pois, nesse período, “[...] nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social”. Dessa forma, evidencia-se o homem como ser social e histórico, formado pela memória coletiva, uma vez que esta não é apenas fisiológica ou biológica, mas principalmente social. Uma vez que nossas impressões se baseiam em nossas lembranças, sobretudo nas de outros, a memória é uma conexão de traços, fatos, vestígios, acontecimentos, sentimentos que nos dão sentido ao longo do tempo.

A fragmentação em memórias do tempo da infância não nos impediu por completo de conhecer a infância de Manoel dos Martírios Moura Fé, uma vez que seus escritos informaram sobre a vida tranquila e alegre de uma criança que levou uma vida cercada das privações próprias do contexto social da zona rural de Picos, mas favoreceu uma vida em contato com a natureza e no convívio com os dois irmãos mais velhos, mas tratado como o filho único que era de sua mãe, de quem recebia cuidados e mimos especiais. Assim acrescenta Adelino A. M. Moura Fé (2023): “Era filho único, e meu avô tinha outros filhos, mas aquele ali era caçula, e era filho único da mãe, né, aí a mãe protegia, e ‘não sentava nenhuma mosca’, como se dizia assim.”

A condição de ser filho único por parte da genitora beneficiou Manoel dos Martírios Moura Fé, em parte. Sabe-se que a genitora era herdeira de algumas terras, que eram fonte de renda e complementavam os proventos familiares, através de muito trabalho de todos os membros da família. Assim, a família possuía uma base econômica para suprir suas

necessidades básicas, dispondo da produção caseira de quase tudo que precisavam, tirando da terra o alimento para sua subsistência e vendendo o excedente. Maria Moura dos Martírios (2023) acrescenta: “Eles eram assim, do meu jeito de ver, porque eu sou dessa mesma família. E todos, é tudo um nível só. Mas assim, não era morrendo de fome, não. Tinha as coisas. Eu via papai ter de oito vacas de leite no curral, tirava o leite, tirava a farinha”. Na casa de Manoel dos Martírios Moura Fé, as vacas de criação, a agricultura familiar e a venda de cera de carnaúba marcaram sua base de sustentação, o que também contribuiu muito com a manutenção dos seus estudos na capital do Piauí. Segundo Araújo (2008) produção da cera de carnaúba foi uma fonte de renda alternativa que levou a integralização da economia piauiense à economia internacional, servindo como recurso econômico a muitas famílias.

Quando Huberman (2002) pesquisa a vida docente e suas fases, deixa entrever a importância de se conhecer o aspecto pessoal para entender o aspecto profissional do professor. Assim, persistimos na ideia de que as intercorrências da vida interferem no professor que se é, bem como na própria escolha da profissão, o que determinará sua trajetória de vida.

Infere-se, portanto, que os cuidados da genitora oportunizaram a Manoel dos Martírios Moura Fé, o estudo associado ao sonho de ter um filho padre, o que, à época, representava um elevado *status* social. De família religiosa, filho de uma mãe devota, cercado em casa por santos e novenas, o caminho da capela local e as brincadeiras no espaço religioso eram um prenúncio de sua formação religiosa, como afirma Maria Moura dos Martírios (2023): “Tendência para estudo e para ser católico. E, então, quando ele começou, começou estudando para ser padre. E ainda estudou um bando de anos, mas aí deixou de ser padre”. De igual maneira, o ensino e a educação impactam e marcam nossas vidas. Com Manoel dos Martírios Moura Fé, não foi diferente: suas escolhas profissionais, o caminho da docência se mescla à sua trajetória de vida. Os primeiros exemplos de professores certamente foram obtidos dos padres que, na sua prática, recebem ensinamentos de oratória, de conversação e convencimento do seu público, assim sempre desenvolvendo uma prática que se aproxima à ministração de aulas (Paes, 2023). As fotografias de Dr. Moura Fé revelam um homem sempre nos centros das conversas, palestrando, orientando, ensinando; os gestos com as mãos marcam seus discursos, são fruto do que aprendeu e desejava ensinar.

Os relatos de vida de Dr. Moura Fé apresentam memórias da infância e a adolescência de um garoto saudável, inteligente, religioso, alegre, divertido e sempre disposto a aprender. Essa ânsia pelo saber e a ligação com a religião deram a ele as oportunidades de estudar, algo não comum aos garotos de sua época e contexto. Esses atributos foram percebidos por seus pais como fatores de investimento em sua educação. Tal fato se dava pela carência de escolas,

pela ineficiência do Estado para garantir o ensino e pela pouca oferta de matrículas escolares. A isto se somava a distância da localidade em que vivia, mais precisamente na zona rural, o que tornava difícil o acesso às poucas escolas existentes nos centros urbanos. Outros aspectos eram o fato das escolas geralmente não serem gratuitas, o que inviabilizava a escolarização de muitos meninos e meninas, cujas famílias não dispunham de recursos para manter os estudos dos filhos.

Dr. Moura Fé recebeu suas primeiras instruções de mestres-escolas, e o então ensino elementar, iniciado somente aos 12 anos, em escolas locais, como a Escola do Professor Evaristo de Moura Fé, a qual frequentou por um mês. Em 1938, na localidade Sambaíba, em Picos, nosso pesquisado frequentou a Escola do Professor Félix Velóis Veloso, durante o período de um mês e quinze dias. Já em 1939, frequentou a Escola do Professor Miguel Borges de Moura, na localidade Ema, na época pertencente ao município de Picos, também por pouco menos de dois meses. Durante esse período, a cidade de Picos já ensaiava a estruturação de sua Rede de Ensino Primário com a criação, em 1928, do Grupo Escolar Coelho Rodrigues (Sousa, J., 2005), o que nos faz questionar: Porque Dr. Moura Fé não estudou nesta instituição? As respostas podem ser imprecisas e variadas, associadas à distância entre as duas localidades ou insuficiência de vagas na instituição escolar para atender a demanda de estudantes.

Aos 19 anos de idade, Manoel dos Martírios Moura Fé deu continuidade aos estudos primários, quando a carência de escolas em sua região o levou a continuar os estudos em outra localidade, agora na capital do Piauí, Teresina, no Seminário Sagrado Coração de Jesus. Os escritos de Dr. Moura Fé revelam que, entre 1945 e 1947, ele teria concluído o 3º, o 4º e o 5º ano Ginásial no Seminário São José, em Caxias (Maranhão).

A complexidade de formação profissional reflete as dificuldades de acesso à educação, em face de uma demanda contínua de estudantes, tendo, muitas vezes, os iniciantes nas letras recebido instrução por meio do árduo trabalho de mestres-escolas, professores leigos e escolas comunitárias não oficiais. Esse cenário revela, na primeira metade do século XX, a expansão do Ensino Primário, o apego às novas exigências de modernização do país, por meio da educação, contrastando-se com as dificuldades de mobilização do governo com políticas e investimentos efetivos de estruturação do Ensino Primário, que ficava a cargo dos municípios.

Um dos mestres-escolas que marcou a infância de Manoel dos Martírios Moura Fé foi Miguel Guarani, que se aproximou dos discentes por meio da arte do repente<sup>3</sup>, ensinando a

---

<sup>3</sup> Repente é uma manifestação cultural popular do Nordeste do Brasil que consiste em uma arte musicada em um diálogo poético entre dois ou mais cantadores que se alternam, por meio da “poética do improviso” que

partir de versos que também mostravam a situação de dificuldade em que se encontrava a educação da época (Pinheiro, C., 2017). Esses professores itinerantes e as escolas comunitárias representavam, para muitas crianças e jovens, a única possibilidade de estudo. Com as narrativas de entrevistados que mantiveram contato com Miguel Guarani, vislumbram-se traços de sua prática que marcaram sua identidade, a exemplo de seu rigor e zelo ao ensinar, mas também mostram o descompasso entre a legislação e a realidade educacional do Piauí, pois, apesar da obrigatoriedade e gratuidade do Ensino Primário pelas Constituições Federais de 1937 e de 1946, o Piauí ainda apresentava um quadro elevado de analfabetismo, com precariedade de prédios escolares, quadros docentes e materiais escolares.

Alguns dos professores apresentados no Quadro 3 são pioneiros no desenvolvimento da educação do Piauí, pois, através do seu ofício, levavam as primeiras instruções para crianças do sertão piauiense, percorrendo as casas dos alunos ou oferecendo aulas particulares em suas próprias residências para aqueles que dispunham de recursos para custear. Não identificamos o nome da escola em que Dr. Moura Fé estudou em 1940, mas indicamos a sua existência por constar em suas anotações.

Quadro 3 – Primeiros professores de Manoel dos Martírios Moura Fé

| Nº | ANO  | PROFESSOR                           | LOCALIDADE                                        | FREQUÊNCIA      |
|----|------|-------------------------------------|---------------------------------------------------|-----------------|
| 1  | 1934 | Professor Evaristo de Moura Fé      | Sussuapara                                        | 1 mês           |
| 2  | 1938 | Professor Félix de Velosio Veloso   | Sambaíba                                          | 1 mês e 15 dias |
| 3  | 1939 | Professor Miguel Borges de Moura    | Ema                                               | 1 mês e 23 dias |
| 4  | 1940 | Professor Vicente de Rego Filho     | Inhuma                                            | 2 meses         |
| 5  | 1940 | Professor Joaquim Hipólito de Sousa | Varjota<br>(à época, pertencente à Bocaina)       | 1 mês           |
| 6  | 1940 | —                                   | Rodiador<br>(atualmente, Santo Antônio de Lisboa) | 1 mês e 15 dias |

Fonte: Autora

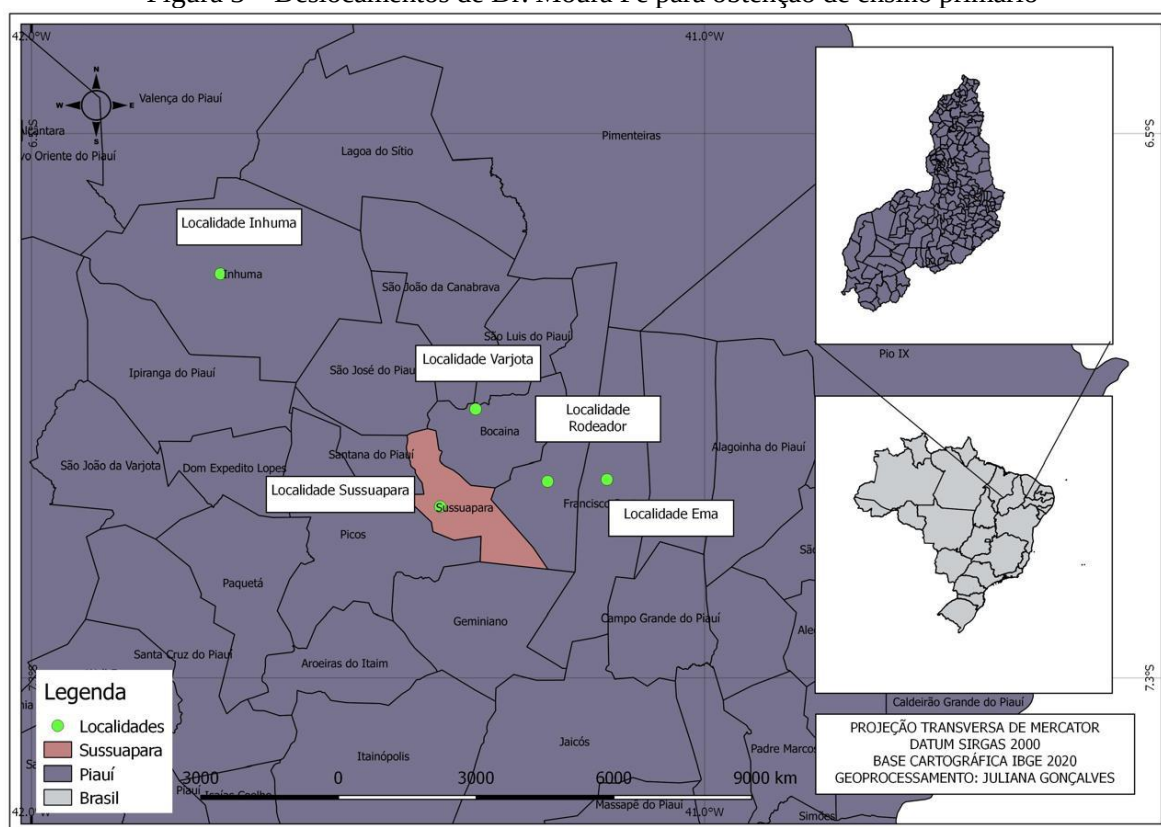
Dados: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

A importância da atuação dos mestres-escolas é fundante na história do semiárido, uma vez que durante muito tempo eles foram as únicas possibilidades de estudos para aqueles que se encontravam em áreas mais distantes dos grandes centros. As práticas desses profissionais, no Piauí, foram analisadas na obra *Velhas escolas, grandes mestres*, de Antonio Sampaio Pereira (1996), denominando-os de “mestres de varanda”, trazendo a ideia da ação destes professores no ambiente domiciliar do aprendiz, geralmente por um período de tempo determinado. A mobilidade desses profissionais no exercício de sua função resultou outras

denominações, como “mestres ambulantes” ou “mestres de cátedras errantes” (Vieira *et al.*, 2018).

Em meio aos deslocamentos dos professores, podemos entender que os alunos, em momentos oportunos, também se deslocavam à procura dos mestres-escolas. Elaboramos um mapa ilustrativo que representa os espaços pelos quais Dr. Moura Fé circulou para obtenção de parte do Ensino Primário, sendo um aluno itinerante (Figura 3).

Figura 3 – Deslocamentos de Dr. Moura Fé para obtenção de ensino primário



Fonte: Autora em adaptação de IBGE (2020)  
 Dados: Arquivo Pessoal Manoel dos Martírios Moura Fé

As distâncias percorridas por nosso pesquisado para instrução primária demonstram um dos grandes dilemas da educação no Piauí, no período, marcado pela expansão da procura por alfabetização e pela ação insuficiente do Poder público na oferta de matrícula. Contudo Ferro (1996) aponta que esse período marca, paralelamente, a consolidação da rede escolar no estado, no que se refere à expansão quantitativa do Ensino Primário. No entanto, nas regiões mais afastadas de Teresina, a realidade educacional ainda era difícil, o que exigia constantes deslocamentos de professores e alunos na oferta e procura de instrução. Isso é constatado na Figura 3, que mostra que nosso pesquisado se deslocou de 9 a 67 km para estudar em sua região.

A figura dos mestres-escolas é característica da política educacional no Brasil, com ênfase no Piauí, em que a presença deles vigorou até a segunda metade do século XX. Os mestres-escolas desenvolveram um importante papel educacional, principalmente em regiões mais distantes dos centros populacionais; nesses ambientes, a dificuldade de acesso se materializava em obstáculo ao acesso escolar, evidenciando a falta de um sistema educacional que garantisse ensino às crianças na faixa etária obrigatória (Pinheiro, C., 2017). Desta forma, onde a responsabilidade do Estado não chegava, cabia às famílias o esforço de custear a instrução inicial das crianças e jovens, através dos mestres-escolas, o que permaneceu por muito tempo, até a chegada das primeiras normalistas<sup>4</sup>, responsáveis pelo Ensino Primário. Relembrar o nome destes pioneiros da educação picoense traz consigo a importância da pesquisa em História da Educação, uma vez que revela as continuidades e permanências no processo educacional do país, bem como os impactos destes em nossas próprias vidas, uma vez que, direta ou indiretamente, todos participaram de alguma forma de processos educativos.

Por intermédio da historiografia da educação, preservam-se os percursos da educação, assim como rememoram-se os profissionais desta área e da sociedade em geral, como o trabalho educativo se faz em meio às suas possibilidades e retrocessos, as dificuldades enfrentadas pelos professores em seu cotidiano que é produto de construções históricas, influenciado pelo passado. Também evidencia a todos nós, com ênfase para pesquisadores-educadores, as possibilidades de “compreender a história e agir sobre o presente” (Alberti, 2008, p. 4).

Para fazer história é necessário, antes de mais nada, estar radicalmente disposto a ler, ver e ouvir e contar o outro imerso num presente que traz indagações, impõe questões e sugere temáticas aos pesquisadores e os professores atentos formulam problemáticas para história: o que se fazia, por que se fazia, como se fazia em determinada época e determinada sociedade. O historiador debruça-se sobre este passado e extrai dele lições para o presente e futuro (Galvão; Lopes, 2010, p. 11-12).

O historiador, através do seu ofício, recupera o sentido da vida por meio do passado, dando significado ao presente, através da compreensão e preservação da memória dos povos. Desta forma, o historiador lembra o esquecido, trazendo, à tona, questões, lições, fatos,

---

<sup>4</sup> Formadas pela Escola Normal, instituição de inspiração francesa, criadas no Brasil a partir de 1935, destinada a formar professores para atuar no Ensino Primário, eram, segundo Sousa (2009), representação de ensino moderno e de referência. Entra em decadência parcial a partir de 1970.



permanências e discontinuidades que se fazem presentes também na dinâmica do espaço escolar, nos atores que o constituem.

## 2.1 SEMINÁRIO: “UM DIVISOR DE ÁGUAS NA SUA VIDA”<sup>5</sup>

As escolas confessionais do Piauí são um marco na educação do estado, representando a formação de grandes vultos da nossa política, literatura e demais áreas. Essas escolas de orientação religiosa são parte de um grande projeto de expansão do ensino e permanência do poder católico nestes rincões, em muito associadas ao desejo de implantação de uma diocese em Teresina, o que só ocorreu nos primeiros anos do século XX. Como parte desse projeto, foi criado, em 1906, o Colégio Diocesano, também conhecido como Colégio São Francisco de Sales:

Assim, foi o bispo D. Joaquim Antonio de Almeida, o primeiro da Diocese piauiense, que criou o Colégio Diocesano. No ano de 1907, o Jornal O Apóstolo anunciara o funcionamento do Colégio Diocesano, o qual, por ser privado, possuía uma clientela bastante específica e elitizada (Lima, 2018, p. 63).

O documento que originou o Colégio Diocesano informa o idealizador do projeto, o então primeiro bispo do Piauí, Dom Joaquim Antônio de Almeida. O Colégio se estabeleceu por um ano em um espaço alugado, sendo, em 1907, edificado o seu prédio tradicional na atual Rua Barroso, compondo a arquitetura da Praça Saraiva, no centro de Teresina.

Outra instituição educacional confessional era o Seminário Sagrado Coração de Jesus de Teresina:

O Seminário de Teresina, denominado Seminário Sagrado Coração de Jesus, é uma das várias instituições da Diocese, e se destina à formação intelectual, moral e religiosa dos moços que desejam seguir a carreira eclesiástica [...] Funcionou inicialmente, no edifício do Colégio Diocesano, passando dali para o prédio à Rua São Pedro, nº 898. Em vias de conclusão, já se encontra um novo edifício, em lugar aprasível, á margem esquerda do Rio Poty, próximo à ponte em construção sobre aquele rio. É amplo, confortável, e obedece linda planta, de belos traços arquitetônicos o que o tornará um dos mais elegantes edifícios da cidade (Leite, 1952, p. 149).

Apesar dos anúncios de prosperidade do Seminário Diocesano ou Seminário Sagrado Coração de Jesus, as fontes informam interrupções temporárias de suas atividades escolares

---

<sup>5</sup> Frase cunha pelo entrevistado Afonso de Moura Fé (2023) para o desenvolvimento desta pesquisa.

por falta de recursos financeiros. Ressaltamos sua paralização, em 1914, e o restabelecimento do funcionamento, em 1925, incorporando o regime de internato, semi-internato e externato, o que perdurou apenas até 1959, quando a Administração da Diocese encerrou o regime de internato e semi-internato. O edifício aprazível que sediou o Seminário Sagrado Coração de Jesus é o atual Centro Pastoral Paulo VI, situado na Avenida Frei Serafim, n. 3200, no bairro Centro (Norte), onde se encontram documentos da Arquidiocese do Piauí, bem como alguns documentos do antigo Seminário Diocesano, dentre eles, pudemos constatar a passagem de Dr. Moura Fé por aquele estabelecimento, como consta nas fontes analisadas adiante.

Foi durante o período de internato que o nosso pesquisado estudou nesta instituição, assim como vários conterrâneos que buscavam a formação missionária e escolar. A falta de uma instituição ginasial em Picos favoreceu a saída de muitos indivíduos para estudar em outros locais, como Teresina, Pernambuco e Ceará. Apesar das dificuldades de morar distante da família e dos amigos, de se mudar para uma cidade grande, o Seminário Sagrado Coração de Jesus surgiu como um divisor de águas na vida de Manoel dos Martírios Moura Fé, como narra Afonso Moura Fé (2023):

Mas, de qualquer maneira, isso aí foi muito importante para ele, porque clareou [...]. A vivência como seminarista. Como uma pessoa religiosa que ele era, com certeza lá houve uma grande contribuição para ele seguir a vida dele. E outra coisa, isso aí. [...]. Se houve alguma coisa que não foi da vontade dele, mas nem por isso ele não deixou de ser religioso.

Podemos constatar a importância da formação seminarista na vida de Manoel dos Martírios Moura Fé, de família tradicionalmente católica. A formação religiosa era própria da cultura regional, vendo no exemplo da genitora que se trajava sempre com roupas compridas, com o terço na mão, um modelo de devoção (Figura 4).

Figura 4 – Maria José dos Martírios



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

As influências da genitora de Manoel dos Martírios Moura Fé foram desenvolvendo a sua vocação, em uma Picos que, à época, era marcada pela predominância de católicos. Além da vocação, havia o desejo dos pais de ter um filho padre, como sugere Afonso Moura Fé (2023): “Era até uma questão de honra para a família ter um filho padre”. Com todo o seu *status* social, era sem dúvida um dos motivos do ingresso no Seminário, mas também podemos destacar o interesse de prosseguir nos estudos, e o Seminário poderia ser um caminho para alcançar esse objetivo.

Era uma infância simples, mas não era de muito trabalho de muita exigência, de nada não. Ele foi um filho criado com muitas regalias, mas pra dentro da época, e aí ele foi se destacando ali nessas rezas que tinha e pela ligação do meu avô com o Monsenhor Hipólito que era um bispo da época, e aí conseguiu uma vaga no Seminário, ele só saía para estudar e para o Seminário. Então ele saiu de lá [de Teresina] com 16 anos e veio do Seminário, estudou a vida toda no Seminário e andou de batina, ia para Picos andava de batina. Tanto é que quando ele pediu para sair do Seminário, minha vó e meu avô é, vamos dizer assim, pensando como ia dizer (João Araújo dos Martírios Moura Fé, 2023).

O Seminário mudou a perspectiva de vida de Dr. Moura Fé, abriu seus olhos para o mundo e para o conhecimento. Já adulto, vivendo em uma cidade grande, teve a oportunidade de sentir a atmosfera dos grandes centros, com suas possibilidades e dificuldades. O Seminário foi oportunidade de estudar numa instituição escolar formal, com arquitetura imponente, organização referencial, onde nem todas as pessoas poderiam dela usufruir.

A relação familiar de Elias Moura Fé foi fundamental para o ingresso do filho no Seminário, oportunidade bem aproveitada, iniciando seus estudos ainda em 1941, quando, além de estudar em Teresina, pôde também frequentar o Seminário São José, em Caxias, e o Seminário Arquidiocesano de São Luís, no Maranhão, espaços onde conviveu com a elite social da época e pôde manter relações com pessoas religiosas por toda a vida.

Os estudos no Seminário oportunizaram a Dr. Moura Fé uma educação disciplinar, com conhecimentos de etiqueta, comportamento, línguas e uma cosmovisão humanista, onde o aprofundamento do Latim, do Francês e do conhecimento de História lhe favoreceram para a atuação docente nestas disciplinas ou em áreas similares, ampliando seu leque de atuação profissional. Muito da personalidade de Dr. Moura Fé foi moldada ao gosto do catolicismo; os seus contemporâneos relatam seus traços metódicos, sua “rigidez para as coisas certas” (A. J.

A. Moura Fé, 2023), seu perfeccionismo, o gosto pelas letras, a mania de anotar tudo, a devoção e sua consciência de preservação e guarda de documento.

As experiências de vida e o ambiente sociocultural são obviamente ingredientes-chave da pessoa que somos, do nosso sentido do eu. De acordo com o ‘quanto’ investimos o nosso ‘eu’ no nosso ensino, na nossa experiência e no nosso ambiente sociocultural, assim concebemos a nossa prática (Goodson, 2002, p. 71).

Ao falar sobre a vida dos professores e sua prática profissional, Goodson (2002) adverte da importância do “eu”, das experiências e contexto social na definição do professor que surgiu, nas escolhas feitas em sala de aula. Com Dr. Moura Fé, não foi diferente, ele é resultado do seu meio. Assim, sem dúvida, o interesse pela história, sua ação de guardar a si mesmo e os outros é parte das experiências e ensinamentos que obteve no Seminário e em outros espaços sociais pelos quais passou.

Ao longo de oito anos que passou no Seminário, nosso pesquisado teve a oportunidade de retomar os estudos primários e concluí-los, bem como ingressar no Curso Ginásial. No Seminário do Sagrado Coração de Jesus, em Teresina, as notas revelam dedicação do jovem Manoel dos Martírios Moura Fé aos estudos, cursando o 1º e o 2º ano ginásial, respectivamente, em 1943 e 1944.

Figura 5 – Livro Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus de 1942

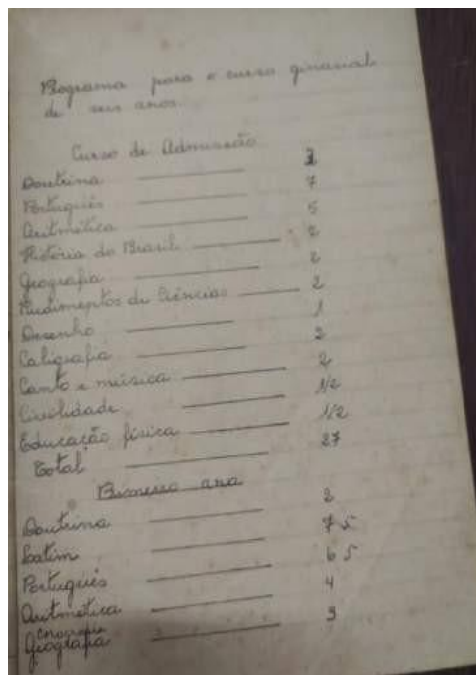
| Aluno | Nome         | Idade |
|-------|--------------|-------|
| 1     | João de Deus | 10    |
| 2     | João de Deus | 10    |
| 3     | João de Deus | 10    |
| 4     | João de Deus | 10    |
| 5     | João de Deus | 10    |
| 6     | João de Deus | 10    |
| 7     | João de Deus | 10    |
| 8     | João de Deus | 10    |
| 9     | João de Deus | 10    |
| 10    | João de Deus | 10    |
| 11    | João de Deus | 10    |
| 12    | João de Deus | 10    |
| 13    | João de Deus | 10    |
| 14    | João de Deus | 10    |
| 15    | João de Deus | 10    |
| 16    | João de Deus | 10    |
| 17    | João de Deus | 10    |
| 18    | João de Deus | 10    |
| 19    | João de Deus | 10    |
| 20    | João de Deus | 10    |
| 21    | João de Deus | 10    |
| 22    | João de Deus | 10    |
| 23    | João de Deus | 10    |
| 24    | João de Deus | 10    |
| 25    | João de Deus | 10    |
| 26    | João de Deus | 10    |
| 27    | João de Deus | 10    |
| 28    | João de Deus | 10    |
| 29    | João de Deus | 10    |
| 30    | João de Deus | 10    |
| 31    | João de Deus | 10    |
| 32    | João de Deus | 10    |
| 33    | João de Deus | 10    |
| 34    | João de Deus | 10    |
| 35    | João de Deus | 10    |
| 36    | João de Deus | 10    |
| 37    | João de Deus | 10    |
| 38    | João de Deus | 10    |
| 39    | João de Deus | 10    |
| 40    | João de Deus | 10    |
| 41    | João de Deus | 10    |
| 42    | João de Deus | 10    |
| 43    | João de Deus | 10    |
| 44    | João de Deus | 10    |
| 45    | João de Deus | 10    |
| 46    | João de Deus | 10    |
| 47    | João de Deus | 10    |
| 48    | João de Deus | 10    |
| 49    | João de Deus | 10    |
| 50    | João de Deus | 10    |
| 51    | João de Deus | 10    |
| 52    | João de Deus | 10    |
| 53    | João de Deus | 10    |
| 54    | João de Deus | 10    |
| 55    | João de Deus | 10    |
| 56    | João de Deus | 10    |
| 57    | João de Deus | 10    |
| 58    | João de Deus | 10    |
| 59    | João de Deus | 10    |
| 60    | João de Deus | 10    |
| 61    | João de Deus | 10    |
| 62    | João de Deus | 10    |
| 63    | João de Deus | 10    |
| 64    | João de Deus | 10    |
| 65    | João de Deus | 10    |
| 66    | João de Deus | 10    |
| 67    | João de Deus | 10    |
| 68    | João de Deus | 10    |
| 69    | João de Deus | 10    |
| 70    | João de Deus | 10    |
| 71    | João de Deus | 10    |
| 72    | João de Deus | 10    |
| 73    | João de Deus | 10    |
| 74    | João de Deus | 10    |
| 75    | João de Deus | 10    |
| 76    | João de Deus | 10    |
| 77    | João de Deus | 10    |
| 78    | João de Deus | 10    |
| 79    | João de Deus | 10    |
| 80    | João de Deus | 10    |
| 81    | João de Deus | 10    |
| 82    | João de Deus | 10    |
| 83    | João de Deus | 10    |
| 84    | João de Deus | 10    |
| 85    | João de Deus | 10    |
| 86    | João de Deus | 10    |
| 87    | João de Deus | 10    |
| 88    | João de Deus | 10    |
| 89    | João de Deus | 10    |
| 90    | João de Deus | 10    |
| 91    | João de Deus | 10    |
| 92    | João de Deus | 10    |
| 93    | João de Deus | 10    |
| 94    | João de Deus | 10    |
| 95    | João de Deus | 10    |
| 96    | João de Deus | 10    |
| 97    | João de Deus | 10    |
| 98    | João de Deus | 10    |
| 99    | João de Deus | 10    |
| 100   | João de Deus | 10    |

Fonte: Arquidiocese do Piauí/ Centro Pastoral Paulo VI

O *Livro do Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus - Caderno de Comportamento dos Seminaristas de 03/02/1942 a novembro de 1950* (1950) é parte de um acervo parcial do Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus, uma vez que não obtivemos acesso a muito da sua documentação. O termo de abertura do *Livro* informa sobre o registro das notas mensais correspondentes ao comportamento dos alunos e é rubricado em cada uma de suas páginas pelo reitor da instituição, Pe. Paulo Hipólito de Sousa Libório. O *Livro* indica o registro dos alunos, de 1942 a 1950, e, em cada folha, apresentam-se as informações do bimestre, começando com fevereiro e março e terminando com setembro e outubro, sendo que, nos meses de julho, dezembro e janeiro, eram as férias dos seminaristas, quando estes se deslocavam para o seio de suas famílias.

Que instrução recebeu Dr. Moura Fé, nos anos de 1941 e 1942, quando estave no Seminário Sagrado Coração de Jesus? Por meio da análise do livro *Programa para Curso Ginásial* (1941), vemos a preparação dos alunos para Curso de Admissão, quando supomos ser um período de preparação para o Curso Ginásial (Figura 6).

Figura 6 – Programa para o Curso Ginásial de 6 anos e o Curso de Admissão de 1941



Programa para o curso ginásial de 6 anos

| Curso de Admissão                |       |
|----------------------------------|-------|
| Doutrina                         | 3     |
| Português                        | 4     |
| Aritmética                       | 5     |
| História do Brasil               | 2     |
| Geografia                        | 2     |
| Estudo dos Elementos de Ciências | 1     |
| Desenho                          | 2     |
| Caligrafia                       | 2     |
| Canto e música                   | 1/2   |
| Esportes                         | 1/2   |
| Educação física                  | 23    |
| <b>Total</b>                     |       |
| Primeiro ano                     |       |
| Doutrina                         | 2     |
| Latim                            | 4 1/2 |
| Português                        | 6 1/2 |
| Aritmética                       | 4     |
| Geografia                        | 3     |

Fonte: Arquivo da Arquidiocese do Piauí Centro Pastoral Paulo VI

De acordo com a Figura 6, constatamos um extenso curso de preparação e nivelamento dos alunos que incluía 11 disciplinas, com as mais variadas matérias, sendo exigidos os maiores créditos nas disciplinas de Português e Aritmética. Com o objetivo de formação humanista e integral, as disciplinas prescreviam tal preparação, incluindo preparação moral, de conhecimentos básicos de escrita, cálculos e conhecimento dos elementos naturais e físicos, contemplando as artes e a preocupação com a condição física.

Os seminários visavam à educação de crianças e jovens e à formação do clero, buscando formar cidadãos íntegros, cristãos autênticos, prontos para servirem à Nação e à Igreja. Forjado na rígida disciplina, o ensino pretendia moldar a alma plástica da juventude, isolando-a dos supostos perigos do mundo exterior e controlando-a espiritual, física e emocionalmente. Isso era parte do esforço da Igreja para disciplinar seu rebanho (Paes, 2023, p. 28).

A formação de uma elite católica que primasse por tais princípios era o objetivo maior dos seminários católicos e das escolas confessionais. Assim, Paes (2023), ao estudar a formação seminarista do Monsenhor Boson, em sua biografia, relata a formação rígida e disciplinar prescrita nos regimes seminaristas. Apesar de a formação de Monsenhor Boson ter ocorrido nos seminários do Maranhão, nas primeiras décadas do século XX, não podemos deixar de mencionar algumas similaridades com os estudos recebidos por Manoel dos Martírios Moura Fé, uma vez que, durante muito tempo, a Diocese do Maranhão respondia pelo Piauí. Entendemos a interdependência dos seminários dos dois estados, uma vez que era comum o fluxo de estudantes entre os mesmos, como se deu com Dr. Moura Fé que, de Teresina, foi transferido para Caxias e, posteriormente, para São Luís, no Maranhão.

Ainda em relação à análise dos livros de nota e comportamento do Seminário Sagrado Coração de Jesus (1950), identificamos que o nome do seminarista Manoel dos Martírios Moura Fé só está presente nos livros de 1942 a 1944, o que ocorreu em virtude de, em 1945, o aluno ter sido deslocado para o Seminário São José, em Caxias, no Maranhão. Na Figura 5, constatamos a nota de Dr. Moura Fé: 10 (dez), nos dois meses. Durante o período indicado foi atribuído a ele um total de 24 notas, a maioria 10 (dez). Todo o esforço para obtenção de melhores notas se relaciona à disciplina e cobrança exigidas nestas instituições eclesiásticas, o que evidencia também o interesse e a entrega do estudante à condição de seminarista.

Figura 7 – Livro Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus, de 1943 e 1944

The image shows two pages from a handwritten ledger. The left page is titled 'Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus' and '1943'. It has columns for 'Nº', 'Nome', 'Idade', and 'Mês de Anos'. The right page is titled 'Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus' and '1944'. It has columns for 'Nº', 'Nome', 'Idade', and 'Mês de Anos'. Both pages contain lists of names and their corresponding ages and months.

Fonte: Arquivo da Arquidiocese do Piauí Centro Pastoral Paulo VI

Ainda nos registros do *Livro do Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus - Caderno de Comportamento dos Seminaristas de 03/02/1942 a novembro de 1950* (1950), verificamos, na Figura 7, o nome do nosso pesquisado, o que confirma sua presença na instituição até novembro de 1944. Nos arquivos, constatamos que, em 1942, o Seminário contava com 52 discentes, já no ano de 1943, havia 55 alunos frequentando a instituição e, em 1944, constavam 62 alunos. No Seminário, era possível se preparar para o ofício religioso, bem como concluir o Curso Ginásial, e o prestígio da instituição favorecia a demanda crescente de estudantes.

Identificamos, ainda, no *Livro de Programa para o Curso Ginásial de 25/02/1944 a 27/01/1955* (1955), o programa curricular em vigor no período em que nosso pesquisado esteve no Seminário (Figura 8).

Figura 8 – Programa de disciplina para o Curso Ginásial (1944-1945)

The image shows two pages from a handwritten curriculum program. The left page is titled 'Programa para o curso ginásial de 1º ano' and lists subjects for the first year. The right page is titled 'Programa para o curso ginásial de 2º ano' and lists subjects for the second year. Both pages contain lists of subjects and their corresponding teachers.

Fonte: Arquivo da Arquidiocese do Piauí Centro Pastoral Paulo VI

É importante analisar a prescrição da grade curricular, pois nela há indícios dos conhecimentos adquiridos pelo pesquisado, sua formação, bem como aquilo que ele viria a ofertar aos seus futuros alunos, pois se entende que neste conhecimento nasce o professor, permeado por tudo que aprendeu ao longo da vida, seja em espaços escolares ou não.

Conforme o programa do Curso Ginásial de seis anos, ofertado pelo Seminário Sagrado Coração de Jesus (Figura 8), os anos de aprendizagem teriam a seguinte composição:

- a) **1º ano:** três aulas diárias, de segunda a sábado; aulas de Latim e Português diariamente, revezando as disciplinas de Doutrina e Aritmética. Caligrafia seria ministrada de forma transversal em todas as aulas.
- b) **2º ano:** quatro aulas diárias, exceto aos sábados que seriam três; aulas de Latim e Português com aulas diárias; Geografia e Caligrafia com carga horária própria.
- c) **3º ano:** cinco aulas em dois dias na semana e os demais com quatro aulas; Latim com aulas diárias; História do Brasil, Álgebra, Francês, Italiano e História Natural.
- d) **4º ano:** carga horária de aulas segue o mesmo esquema do 3º ano; são acrescentadas as disciplinas de História Universal, História Sagrada e Grego.
- e) **5º ano:** carga horária de aulas segue o mesmo esquema do 4º ano; Latim permanece com aulas diárias; são acrescentadas as disciplinas de Geometria e Física.
- f) **6º ano:** quatro aulas diárias; Latim é ministrado diariamente; acrescentam-se as disciplinas de Química, Trigonometria, História da Igreja e Cosmografia.

Para ilustrar a forma como eram organizadas as aulas dos seminaristas do Sagrado Coração de Jesus, apresentamos a organização de horários de todos os anos no período de 1947 na Figura 9.



Figura 9 – Horário das aulas do Seminário Sagrado Coração de Jesus (1947)

Fonte: Arquivo da Arquidiocese do Piauí Centro Pastoral Paulo VI

A organização do horário das aulas preenchia os turnos matutino e vespertino e, nesta distribuição de aulas, pode-se ver a incorporação de outras disciplinas, como Cântico e Música. Também são listados todos os anos do Curso Ginásial com seus respectivos horários semanais. Esse horário de aulas é de março de 1947, período em que nosso pesquisado não se encontrava mais na instituição, porém mantinha vínculos institucionais com a mesma. A análise do documento é importante por revelar a dinâmica de estudos da instituição onde se iniciou a formação formal do nosso pesquisado, no que diz respeito a uma instituição com prédio próprio criado com a finalidade de ser imponente e possuir espaços específicos para aprendizado e oração, uma vez que o mesmo contém, até hoje, pequenas capelas. Essas construções tomadas de sentido são entendidas por Viñao Frago e Escolano Benito (2001, p. 26) pela materialização destes prédios em “um discurso [...], um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos da aprendizagem sensorial e motora que cobre diferentes símbolos”.

Ao analisarmos a carga horária do Seminário Sagrado Coração de Jesus, fica clara a grade curricular desta instituição, componente essencial para refletirmos sobre o tipo de cidadão que a instituição queria formar. De forma ampla, o currículo pode ser assim entendido:

A grade curricular é fundamento para organização escolar, pois se materializa nos objetivos que se quer alcançar. Sua forma de ser visto não como produto, mas sim deve ser vista como uma seleção e organização de todo o

conhecimento social disponível em uma determinada época. Uma vez que essa seleção e organização acarretam opções sociais e ideológicas conscientes e inconscientes, então uma tarefa primordial do estudo do currículo será relacionar esses princípios de seleção e organização do conhecimento à sua estrutura institucional e interacional nas escolas e, em seguida, ao campo da ação mais amplo das estruturas institucionais que cercam a sala de aula (Apple, 1982, p. 30).

Dessa forma, reconhecer a grade curricular de uma instituição é reconhecer a espinha dorsal do que a instituição objetiva, sugerindo o que quer ensinar. Para além do aspecto pedagógico, a grade curricular voltada para a formação moral católica e para a formação ginásial, trazia toda uma aprendizagem comportamental, que incluía uma “[...] disciplina rígida, baseada na hierarquia, recolhimento, meditação, silêncio, ordem, organização, obediência, distribuição de tarefas, oração, prêmios e castigos” (Paes, 2023, p. 30). O regime seminarista não os marcaria apenas no comportamento e educação, mas também na saúde, alguns estudos apontam doenças comuns que acometiam os seminaristas, em virtude do rígido regime disciplinar, que se fazia presente no cardápio inóspito que era oferecido e na exigência constante de jejuns.

Quanto às disciplinas mais privilegiadas, nota-se o ensino de línguas que ganha forte expressão no currículo dos seminários, com ênfase o Latim, por ser oficialmente a língua da Igreja católica. Destaca-se também a presença da disciplina de História que ganha diferentes subdivisões, como História Universal, História do Brasil, História da Igreja e História Natural. É perceptível também o valor dado à doutrina católica, muito presente no currículo e os conhecimentos de Matemática em suas variadas áreas. Em vista disso, uma grade curricular extensa, que apresentava uma diversidade de disciplinas, que preservava o teor humanista e de disciplinas tidas como clássicas.

No Seminário de São José, em Caxias, cidade do Maranhão, nosso pesquisado prosseguiu no desenvolvimento do espírito católico, e continuamente nos estudos. Na referida instituição, fez o 3º, o 4º e o 5º ano ginásial, respectivamente em 1945, 1946 e 1947. Para além do ensino básico, nosso pesquisado teve a oportunidade de ingressar no primeiro semestre do Curso de Filosofia no Seminário de São Luís, no Maranhão, já transferido de Caxias, não prosseguindo nos estudos por motivos de saúde.

A batina era um hábito, sentimento de orgulho para si e para seus familiares, a ponto de não tirá-la em nenhum momento, mesmo quando estava em férias em Picos, onde passeava na cidade de Bocaina, muitas vezes chamando a atenção de todos, o que gerava uma representação de prestígio (Figura 10).

Figura 10 – Dr. Moura Fé no Seminário



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Apesar de não identificar os presentes na fotografia nem o período preciso em que foi feita, supõe-se que seja da década de 1940, período em que nosso pesquisado esteve no Seminário. Ao lado dele, estão outros jovens seminaristas e, sentados ao centro, dois representantes da Igreja que demonstram a hierarquia por meio dos trajes: o religioso da esquerda, pelas vestes, poderia ser um bispo em visita ao Seminário; à direita, poderia ser o diretor espiritual do Seminário. Identificado por uma seta, a figura jovem do nosso pesquisado, com semblante calmo, devidamente vestido com sua batina, certamente em um momento especial de registro da turma da qual fazia parte.

Cabe ressaltar que a educação ofertada pela Igreja católica não era pública, muito menos sem custo financeiro. O Seminário Sagrado Coração de Jesus era uma instituição confessional, que possuía parte da elite piauiense como clientela e alguns poucos alunos cujos pais podiam, com muito sacrifício, custear a educação dos filhos, desfrutavam de tais privilégios. No caso específico de Manoel dos Martírios Moura Fé, as relações religiosas do pai foram fundamentais para sua inserção no Seminário, o que não dispensava os valores com suas despesas pessoais.

Figura 11 – Livro-Caixa do Seminário Sagrado Coração de Jesus – 1942

| Item | Descrição        | Valor  | Data |
|------|------------------|--------|------|
| 1    | Deposito inicial | 200,00 | 1942 |
| 2    | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 3    | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 4    | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 5    | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 6    | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 7    | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 8    | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 9    | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 10   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 11   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 12   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 13   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 14   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 15   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 16   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 17   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 18   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 19   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 20   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 21   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 22   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 23   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 24   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 25   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 26   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 27   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 28   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 29   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 30   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 31   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 32   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 33   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 34   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 35   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 36   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 37   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 38   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 39   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 40   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 41   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 42   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 43   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 44   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 45   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 46   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 47   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 48   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 49   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 50   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 51   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 52   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 53   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 54   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 55   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 56   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 57   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 58   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 59   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 60   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 61   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 62   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 63   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 64   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 65   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 66   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 67   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 68   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 69   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 70   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 71   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 72   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 73   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 74   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 75   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 76   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 77   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 78   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 79   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 80   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 81   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 82   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 83   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 84   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 85   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 86   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 87   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 88   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 89   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 90   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 91   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 92   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 93   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 94   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 95   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 96   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 97   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 98   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 99   | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |
| 100  | Deposito mensal  | 200,00 | 1942 |

Fonte: Arquivo da Arquidiocese do Piauí no Centro Pastoral Paulo VI

No Arquivo da Arquidiocese do Piauí, no Centro Pastoral Paulo VI, também identificamos um *Livro-Caixa* (1942), que apresenta os nomes de vários seminaristas no ano de 1942, porém não localizamos, em suas páginas ou em outros livros, referência ao nosso pesquisado, apesar de ser corriqueira, nas anotações do arquivo pessoal de Dr. Moura Fé, a menção ao envio de valores pelos pais para sua manutenção nessas instituições. Uma sugestão para explicar a ausência do nome do nosso pesquisado pode ser a não conservação da documentação ou a possibilidade de ele ter frequentado este estabelecimento por meio de concessão de bolsa de estudos, algo compreensível, se lembrarmos que Dr. Moura Fé frequentou tal instituição por influência de João Hipólito de Sousa Ferreira, Monsenhor Hipólito, figura representativa da história religiosa e civil de Picos, uma vez que foi pároco por cerca de 27 anos, recebendo tal incumbência em 19 de novembro de 1910, como vigário, até 1943.

Os contemporâneos de Dr. Moura Fé narram a admiração causada pela batina, o encantamento e respeito dos moradores para com o filho da terra que era um estudante-padre:

Ele vinha nas férias, ia para as novenas de Bocaina, ia, passava montado. Como ela falou aí. Passava montado, lá no burro, lá no cavalo. E as pessoas de a pé, que iam peregrinando, diziam. Era o maior respeito. Lá vai o

estudante. E não podia tirar a batina nem para dormir (Afonso Moura Fé, 2023).

O respeito que havia pela Igreja repercutia na figura dos clérigos e, por conseguinte, do jovem seminarista, que saía dos rincões do Piauí para ganhar o mundo e voltava para servir à sua comunidade. Naquele tempo, o religioso era figura importante e respeitada, que tinha boas relações, influências e auxiliaria a sua comunidade; por tudo isso, o seminarista recebia honrarias e despertava o respeito por onde passava.

Longe de ser fácil, a vida de um seminarista passava por rígida disciplina. Sua rotina era de horas de estudo, oração e reflexão, participação em missas, colaboração nos trabalhos dos seminários, pré-determinada todo o tempo. Nesta perspectiva, entende-se ser uma vida solitária, em que só podia ver a família nas férias escolares, e nem todas as vezes o seminarista dispunha de recursos para fazer o deslocamento até a família (Paes, 2023), as cartas assumindo espaço importante nas relações entre os genitores e o filho. Nos guardados de Dr. Moura Fé, encontram-se várias destas comunicações epistolares, dentre as quais, uma nos chamou atenção, especialmente por revelar a prestação de contas das notas do boletim aos pais.

Com data de 18 de julho de 1948, o seminarista escreveu uma carta do Seminário São José (Caxias, Maranhão), tendo como destinatário o Senhor Elias de Moura Fé e Ernesto Carvalho (Bocaina, Picos, Piauí). Na correspondência, encontravam-se os boletins de notas de Manoel dos Martírios Moura Fé, do 5º Ano Secundário, de 1947, e do 6º Ano Secundário, estes últimos dos meses de março, maio e junho de 1948 (Figura 12).

Figura 12 – Boletim de Notas do 5º e 6º Ano Secundário do Seminário de Caxias-MA – 1947 e 1948

**Seminário Episcopal de São José**  
CAXIAS-MARANHÃO

**Boletim de Notas**

Exame de 1947  
O aluno do 5º ano secundário  
*Manoel dos Martírios Moura Fé*

Procedimento e aplicação 9

|                     |                    |
|---------------------|--------------------|
| Catecismo           | História do Brasil |
| Apologética         | História Universal |
| H. Sagrada e Igreja | História Natural   |
| Literatura          | Física             |
| Latim               | Química            |
| Francês             | Biologia           |
| Inglês              | Geografia          |
| Italiano            | Cosmografia        |
| Grego               | Civilidade         |
| Aritmética          | Caligrafia         |
| Álgebra             | Desenho            |
| Geometria           | Música             |
| Trigonometria       |                    |

Média 7,15  
Soma 71,5

Observações:

O Rector *Marino Drogo*

**Seminário Episcopal de São José**  
CAXIAS-MARANHÃO

**Boletim de Notas**

Exame de 1948  
O aluno do 6º ano secundário  
*Manoel dos Martírios Moura Fé*

Procedimento e aplicação 10

|                     |                    |
|---------------------|--------------------|
| Catecismo           | História do Brasil |
| Apologética         | História Universal |
| H. Sagrada e Igreja | História Natural   |
| Literatura          | Física             |
| Latim               | Química            |
| Francês             | Biologia           |
| Inglês              | Geografia          |
| Italiano            | Cosmografia        |
| Grego               | Civilidade         |
| Aritmética          | Caligrafia         |
| Álgebra             | Desenho            |
| Geometria           | Música             |
| Trigonometria       |                    |

Média 8,15  
Soma 81,5

Observações:

O Rector *Marino Drogo*

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

No boletim de notas do Exame de 1947, referente ao 5º Ano do Ensino Secundário (Figura 12), constam 26 disciplinas e respectivas notas, sendo que nem todas eram cursadas naquele semestre. Também há espaços para observações e condições de saúde do seminarista. Todos os boletins eram devidamente assinados pelo reitor, o senhor Marino Drogo. As disciplinas e notas do 5º Ano Secundário são as seguintes: Procedimento e Aplicação, 9; Apologética, 9; Literatura, 8; Latim, 7; Inglês, 5; Grego, 4; Trigonometria, 7; História Universal, 9; Química, 8; e Cosmografia, 8; obtendo média 7,15. Destacam-se algumas diferenças de notas entre o 5º e o 6º Ano, uma vez que há acréscimo de algumas disciplinas, como Apologética, Trigonometria, Química, Cosmografia; além de supressão de outras, como Francês, Álgebra, Civilidade e Música. Com relação à média, houve um pequeno decréscimo. Quanto ao quesito Procedimento e Aplicação, a nota se mantém em 10. Essa nota referia-se ao que se classifica hoje como qualitativo, que se associa a disciplina, interesse e participação do aluno.

Figura 13 – Boletim de Notas do 6º Ano Secundário do Seminário de Caxias-MA – 1948

| Seminário Episcopal de São José<br>CAXIAS, MARANHÃO                                                                   |                    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|
| Boletim de Notas                                                                                                      |                    |
| O aluno de: <u>6º</u> ano secundário                                                                                  |                    |
| Nome do Aluno: <u>Manoel dos Santos Moura Fé</u>                                                                      |                    |
| Procedimento a aplicar: <u>10</u>                                                                                     |                    |
| Catecismo                                                                                                             | História do Brasil |
| Apologética                                                                                                           | História Universal |
| H. Sagrada e Igreja                                                                                                   | História Natural   |
| Literatura                                                                                                            | Física             |
| Latim                                                                                                                 | Química            |
| Francês                                                                                                               | Biologia           |
| Inglês                                                                                                                | Geometria          |
| Italiano                                                                                                              | Geografia          |
| Grego                                                                                                                 | Civildade          |
| Aritmética                                                                                                            | Caligrafia         |
| Algebra                                                                                                               | Desenho            |
| Geometria                                                                                                             | Música             |
| Trigonometria                                                                                                         |                    |
| Média                                                                                                                 | 7,15               |
| Saúde                                                                                                                 |                    |
| Observações:                                                                                                          |                    |
| O Rector: <u>Manoel dos Santos Moura Fé</u>                                                                           |                    |
| N. B. - Valor das notas: 10 excelente, 9 bom, 8 muito bom, 7 bom, 6 bom, 5 bom, 4 bom, 3 bom, 2 bom, 1 bom, 0 bom.    |                    |
| Nos exames, valerão apenas: 10 excelente, 9 bom, 8 muito bom, 7 bom, 6 bom, 5 bom, 4 bom, 3 bom, 2 bom, 1 bom, 0 bom. |                    |
| Nos exames, valerão apenas: 10 excelente, 9 bom, 8 muito bom, 7 bom, 6 bom, 5 bom, 4 bom, 3 bom, 2 bom, 1 bom, 0 bom. |                    |

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

De forma geral, comparando os boletins de notas dos meses de maio e junho de 1948 (Figura 13), podemos afirmar que o seminarista cursava cerca de 10 disciplinas, dentre elas, Literatura, Latim, Francês, Inglês, Grego, Álgebra, História Universal, Civilidade, Música e História Sagrada e da Igreja. Era um currículo diversificado, que preconizava o estudo de Línguas estrangeiras, onde o Latim, língua padrão dos textos bíblicos, tinha primazia. A disciplina de História, desdobrando-se em várias áreas, também era componente sempre presente.

Ao observar os boletins, de forma geral, é possível identificar, na parte inferior, uma explicação sobre o valor de cada nota, que pode variar o conceito, se for exame. Além disso, constata-se que a nota 10 era critério de distinção; 9 correspondia a “ótimo”; 8 era “quase ótimo”; 7 era “bom”; 6 era “quase bom”; 5 e 4, “sofrível”; 3 e 2, “deficiente”; 1, “mal”; 0, “péssimo”. Quando as notas se referiam a exames, os quesitos tinham outra avaliação, sendo nota 10 aprovado com distinção; notas 9, 8 e 7, plenamente; notas 6, 5 e 4, simplesmente; notas 3, 2, 1, 0, reprovado. Temos nota de exames apenas no Boletim de Notas de 1947 e de junho de 1948, ficando, respectivamente, com média 7,15 e 6,75, ou seja, aprovado, porém apresentando nota mediana.

Em virtude das intercorrências da vida, Manoel dos Martírios Moura Fé não seguiu a vocação de padre deixou o seminário em 1949, mas manteve sua fé e religiosidade, permanecendo ligado à Igreja por meio de sua devoção, principalmente na cidade de Bocaina,



onde desempenhava funções voluntárias na igreja local. As fontes documentais pesquisadas, bem como os depoimentos orais não explicitaram os motivos da saída de Dr. Moura Fé do seminário. É um fato silente, contudo não evoca traumas ou fatos dramáticos; apresenta-se como acontecimento silenciado. Neste contexto sua relação religiosa foi mantida, mantendo nosso pesquisado um vasto conhecimento sobre o clero e a instituição católica, sendo constantemente consultado sobre dúvidas de batismo, casamento ou para prestar pronunciamentos e falas religiosas em momentos especiais.

## 2.2 TRAJETÓRIA FORMATIVA

A trajetória formativa de Dr. Moura Fé foi marcada por itinerários diferentes, tendo de percorrer localidades, cidades e estados variados. A causa de tais movimentos para estudar se justifica pela carência de oferta de alguns níveis de ensino em certas localidades, principalmente o Ensino Secundário, o que obrigava famílias a mandar seus jovens para outras localidades em busca de oportunidades escolares. Tais fatos sobre a educação em Picos são confirmados por J. Sousa (2005, p. 87) que afirma que “[...] quem desejasse ampliar os estudos ia para Teresina, Crato ou Floriano”. Tal fato se deu com Dr. Moura Fé que se deslocou para Teresina, em 1941, onde, no Seminário Sagrado Coração de Jesus, concluiu o Ensino Primário e iniciou o Curso Ginásial, concluindo em Caxias, no Seminário São José. De volta a Teresina, iniciou o Curso Científico no Liceu Piauiense e concluiu no Colégio Diocesano, em 1953.

Dr. Moura Fé já contava 31 anos quando concluiu o Curso Científico (atual Ensino Médio). Importante ressaltar que não era previsto o quesito idade/série, na atualidade normatizado pela Lei 9.394/96. Em virtude das dificuldades educacionais próprias da época, era comum a presença de discentes jovens e adultos em todos os níveis de ensino, como afirma Sousa (2019, p. 99), ao falar sobre os alunos do GEP, por volta de 1950: “[...] tomando como exemplo a primeira turma, tinham idade bastante variada, entre 14 e 25 anos de idade, e, em alguns casos, alunos na fase adulta, de 30 a 40 anos”.

Outro momento marcante para nosso pesquisado refere-se à aprovação no vestibular do Curso de Direito. Esse é um momento representativo na trajetória escolar de todo estudante, por ser um rito de passagem, uma vez que é uma escolha que determina a carreira profissional, estabelece os caminhos que serão seguidos na vida adulta e, assim, influenciou consideravelmente na vida de nosso pesquisado. A realização da aprovação no vestibular garantia um *status* ainda maior no contexto da década de 1950, uma vez que a Faculdade



de Direito do Piauí (FADI) era a única que oferecia o Curso de Direito no estado do Piauí, representando também a gênese do Ensino Superior na região. Além disso, o curso era sinônimo de *status* social, condição que favorecia os mais potentados, sendo garantia de futuro certo. Dentro da regra das condições para cursar Direito, estava a exceção Manoel dos Martírios Moura Fé, de origem familiar com poucos recursos econômicos, do interior de Picos, criança que, como muitas da sua época, ingressou tardiamente na escola, porém quisera o destino e seus esforços que sua história fosse diferente, que o estudo lhe encontrasse e mudasse sua vida e a daqueles que com ele conviveram.

Na família de Dr. Moura Fé não havia exemplos de estudantes que tivessem concluído o Ensino Superior. Ele, indubitavelmente, traçou um destino singular na sua geração, superando as situações adversas que marcaram, por décadas, a precariedade com que foi tratada a educação no Piauí e alcançou um patamar concedido a poucos que se agarram à educação como alternativa de melhores condições de vida. Destarte, a experiência de vida de Manoel dos Martírios Moura Fé notabiliza a frase que diz que a educação transforma vidas.

Com família numerosa, Dr. Moura Fé e a esposa tiveram oito filhos. Foram nove gestações, mas uma criança não sobreviveu a complicações no parto. A prole era sinônimo de orgulho, principalmente quando alcançava a formação superior, como Medicina, Odontologia, Direito, Engenharia, Ciência da Computação, entre outras, o que dava orgulho e reconhecimento social pela boa formação de todos os filhos do Dr. Moura Fé e de Juliêta A. A. Moura Fé. A transmissão de valores no seio familiar, neste estudo, em especial a importância conferida à educação, configurava o genitor como espelho por sua “experiência de vida a ser transmitida” que se consubstanciava em sua trajetória de vida (Barros, 1989, p. 37).

Ao entrarmos na residência de Dr. Moura Fé, é notório o uso determinante do espaço com fins de preservação da memória familiar. Toda a ornamentação projeta uma história: a fotografia em tamanho natural (2 m X 1,5 m) do filho falecido (Antônio A. M. M. F); bem como as fotografias do patriarca da família ao centro da parede da sala de estar, em uma clara demonstração de que o ausente está presente e vivo na memória. Na estante da casa, não há objetos expostos, como comumente vemos, há a distribuição abundante de porta-retratos, que chega a impressionar; cada filho com suas respectivas famílias é lembrado nas imagens; momentos importantes são ali recordados; os risos representam o que se quer mostrar; as crianças ganham destaque, como uma evocação do que pretendem transmitir (Barros, 1989). Nesta organização pública da vida familiar, as fotos do patriarca estão em destaque, a enfatizar sua função como professor, advogado, pai e esposo; sua imagem

discursando é uma representação da sua importância social e intelectual. Para Barros (1989, p. 37), a escolha dos locais onde se guardam os álbuns de fotografia não é neutra, mas feita “[...] entre o acaso e a determinação, uma estratégia de esconder e expor, um jogo de apresentação pública e de preservação da intimidade familiar”.

Outros álbuns de fotografia encontram-se espalhados em estantes da casa, sempre bem preservados, como os álbuns de fotografia de formatura de cada filho que ainda se encontram na residência dos pais, como um museu, onde se deve preservar a memória da descendência. Estes são álbuns de estilo feitos para durar, com encadernação de veludo e materiais selecionados. Ao observarmos a preservação desses álbuns de formatura, identificamos a importância dada à educação, uma vez que atestam valores econômicos nem sempre acessíveis a todos, mas tomados como prioridade neste seio familiar, que os via como investimento.

Após a vivência no Seminário, nosso pesquisado se submeteu ao Exame de Admissão para ingressar no Curso Científico, seus sólidos estudos no Seminário garantiram êxito na aprovação, apesar da dificuldade de aprovação para muitos estudantes, ficando marcado na memória de muitos por pressão e muitas reprovações. Sobre o Exame de Admissão, Nunes (2000, p. 45) afirma: “Os exames de admissão foram ao longo da história da educação brasileira um divisor entre as escolas primárias e secundárias. Funcionou como tamanho significado que a obtenção de aprovação era ‘uma espécie de senha para ascensão social’” (2000, p. 45). Faz-se necessário ressaltar de forma comparativa que a aprovação no Exame de Admissão era semelhante à do vestibular, representando júbilos dos familiares do aprovado pelo êxito alcançado, o que resulta em caminho seguro na formação profissional.

A mística em torno do Exame de Admissão existia por ser uma fase nos estudos que abria as portas para o Ensino Secundário e consequente ingresso no Ensino Superior, sendo sinônimo de êxito profissional. Considerado elitista, em virtude do próprio Exame de Admissão, que selecionava e excluía aqueles que não tinham condições de se preparar adequadamente, por isso o Ensino Secundário era considerado um “nível de ensino de caráter seletivo e de acesso restrito” (Lopes, 2011, p. 3). Essa etapa do ensino ganhou prestígio e relevância em virtude das dificuldades de ascensão social na República brasileira, marcada por desigualdades, inclusive educacionais, configurando *status* social e consequente estabilidade profissional aos concludentes do Ensino Secundário.

Desde a implantação das primeiras escolas de Ensino Secundário, no Brasil, que se inicia, em 1837 com o Colégio Dom Pedro II e o Liceu de Pernambuco, teremos uma história educacional marcada pela elitização do Ensino Secundário. Tal condição fazia da educação

nesta etapa um quadro de disputas políticas por projetos que possibilitassem a implantação desse nível de ensino, para isso, desenvolvendo um discurso político de legitimação, o que esvaziava o sentido educacional efetivo das ações:

O exame de Admissão foi instituído pela Reforma Francisco Campos em 1931 e perdurou até a Reforma de 1º e 2º graus imposta pela lei 5.692 de agosto de 1971. O exame consistia em um ritual de passagem para alunos de todo o país ao terminar o curso primário. A seleção de todas as turmas que estudaram no ginásio de Picos entre 1950 e 1971 foi feita por meio deste exame, com mais de cinco mil inscritos e uma média de três mil aprovados. Entre as décadas de 1950 e 1960 ainda havia poucos ginásios no Piauí, o que tornava o exame em algumas cidades muito concorrido (Sousa, 2020, p. 141-142).

O Exame de Admissão de Manoel dos Martírios Moura Fé foi realizado pelo Colégio Estadual do Piauí, Liceu Piauiense, em 1950, onde obteve êxito. Essa era uma instituição responsável pela formação de gerações de estudantes no Piauí, referência em ensino e espaço para onde se direcionavam estudantes das várias cidades do Piauí. O seu Exame de Admissão teve um caráter específico, uma vez que era regido pelo art. 91 da Lei Orgânica do Ensino Secundário: “Aos maiores de dezenove anos será permitida a obtenção do certificado de licença ginásial, em consequência de estudos realizados particularmente, sem a observância do regime escolar exigido por esta lei” (Brasil, 1942). Em virtude da formação seminarista no Ensino Ginásial, o aproveitamento dos estudos e a condição de aprovação no Exame de Admissão foi feito *a posteriori*, como critério para prosseguir nos estudos.

De forma geral, a Lei Orgânica do Ensino Secundário exigia, no seu art. 34, o Exame de Admissão para ingresso na primeira série ginásial, devendo ter ao menos 11 anos completos ou a completar até o final de julho do ano que ocorresse a matrícula. Além disso, determinava que o candidato só poderia prestar exame em um único estabelecimento em 1ª época, que acontecia geralmente no mês de dezembro anterior ao ano letivo e, caso não passasse, poderia prestar exame em 2ª época, que acontecia em fevereiro, uma vez que o período letivo iniciava em março.

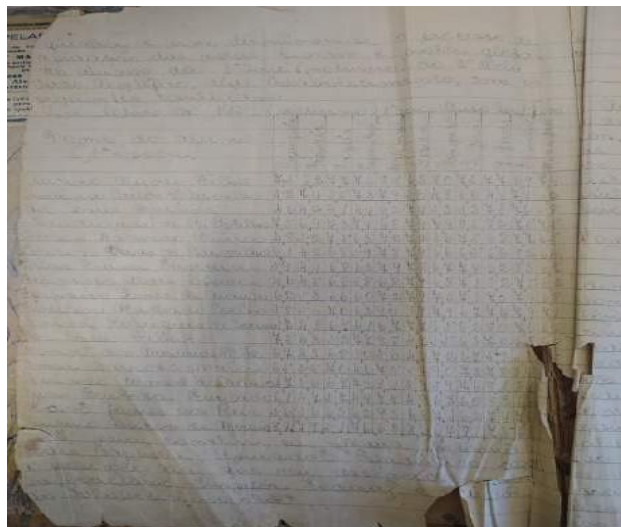
O Liceu Piauiense, instituição educacional histórica, é referência em educação no estado, considerada a primeira escola pública oficial do Piauí, criada ainda no período Imperial, em 1845, na cidade de Oeiras, quando o Piauí ainda era província governada por Zacarias de Gois e Vasconcelos. Já teve outras denominações: Liceu Provincial, Liceu Piauiense, Colégio Estadual Liceu Piauiense, Colégio Estadual Zacarias de Góis.

Várias lembranças marcaram a memória dos agentes sociais do Liceu Piauiense afirmando que esta instituição foi uma escola de qualidade,

sobretudo por sua excelência acadêmica, possuindo professores qualificados, dentre eles médicos, engenheiros e advogados, contando com uma disciplina rigorosa e geralmente possibilitando aos seus alunos ingresso garantido nas Universidades. Segundo eles, este sucesso estava atrelado ao fato de ser o Liceu, uma instituição organizada e de bons profissionais (Vasconcelos, 2007, p. 126-127).

Quando da transferência da capital do Piauí de Oeiras para Teresina, em 1852, o Liceu Piauiense também foi transferido para a nova Capital, funcionando em vários espaços e somente em 1934 sendo instalado no prédio onde está até hoje, no centro (norte) da Capital, na rua Benjamin Constant. É neste *colégio* onde nosso pesquisado fará a primeira e a segunda série do Curso Científico, logrando aprovação, como atesta o *Livro de Ata dos Resultados Finais do Científico Manhã de 1951-1961* (Figura 14), conforme Anexos B e C.

Figura 14 – Livro de Ata dos Resultados Finais do Científico Manhã de 1951-1961



Fonte: Colégio Liceu Piauiense

Na Figura 14, identificamos as disciplinas presentes na grade curricular do Curso Científico: Português, Francês, Inglês, Espanhol, Matemática, Física, Química, História Geral, História Natural, Geografia Geral e Desenho. Também identificamos o nome do pesquisado com a nota obtida por ele e dos demais alunos da turma. Foi possível constatar, em outras páginas do *Livro de Ata dos Resultados Finais do Científico Manhã de 1951-1961* (1961), os nomes dos responsáveis por desempenhar a função de apurar os dados para produção do histórico do aluno, dentre eles, o apuradora estatística que lavrava a ata, Maria Antonieta Fortes Batista; secretário João Antônio Leitão; diretor Rogério de Lima Matos; e inspetora federal Maria Mercedes Ferraz Martim (Anexo C).

Chama atenção a presença de funções que hoje não existem mais nos quadros escolares, como o de apurador estatístico, atividade esta hoje atribuída aos secretários ou

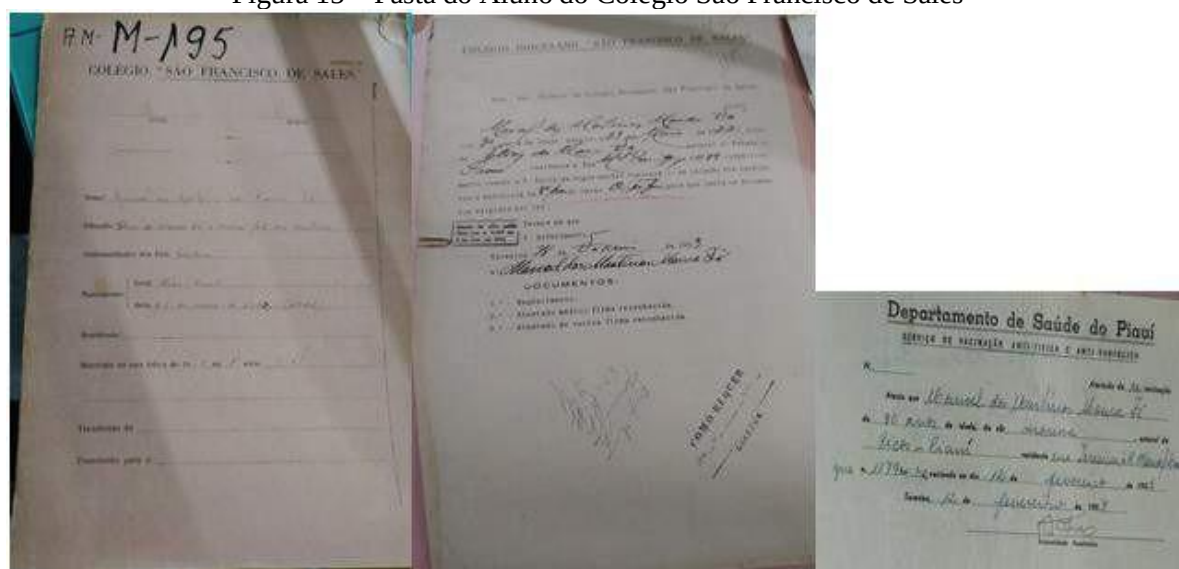
técnicos administrativos. Também se destaca a função de inspetor federal não existente em nossos dias, que se destacava por fazer o elo entre o Estado e a sociedade civil, responsável por produção de relatórios que revelavam como se davam as condições do processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Klein (2014, p. 2072), o inspetor escolar

[...] era um elemento articulador entre o Estado e a sociedade civil, mais especificamente o sistema escolar. No período da República foi um profissional indispensável para colocar em prática, sobretudo os ideais nacionalistas e eugenistas, para formar uma nação puramente brasileira, através da educação.

O inspetor era o representante legal do Governo, que buscava manter a ação civilizatória e higienista da educação, através do seu ofício de fiscalizar a atuação dos professores, assim contribuindo com a formação do cidadão republicano.

O 3º Ano Científico foi concluído por Dr. Moura Fé no Colégio São Francisco de Sales (Colégio Diocesano), como visto no Anexo E. As pesquisas não apontaram justificativas para esta mudança de escola, porém, em visita, *in loco*, pudemos constatar, na pasta do aluno, o Histórico Escolar do Liceu, requerimentos solicitando certificado e atestado de vacina, conforme era exigido pela Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto-Lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942), como visto na Figura 15:

Figura 15 – Pasta do Aluno do Colégio São Francisco de Sales

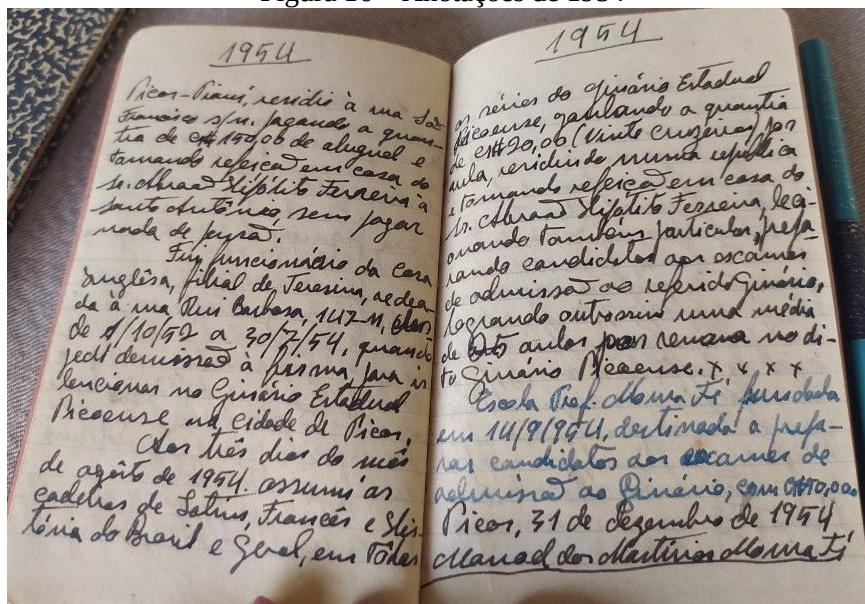


Fonte: Colégio São Francisco de Sales- Diocesano

O atestado de vacina era condição necessária para matrícula e obtenção do certificado, como prática comum, à época, quando os cuidados higienistas assumiam os espaços escolares, que traziam as preocupações com a higiene pública e escolar, através dos discursos médicos.

Concluído o Curso Científico, nosso pesquisado tinha condições de ministrar aulas, sua vida como professor continuou a ganhar contornos e créditos devido à sua formação. Para além das possibilidades de concluir o Científico, a aprovação no Exame de Admissão acreditou e inspirou Dr. Moura Fé a ministrar aulas particulares a alunos que desejassem também aprovação em Exames de Admissão.

Figura 16 – Anotações de 1954



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

A Figura 16 é parte da caderneta de anotações de Manoel dos Martírios Moura Fé, com a seguinte anotação na capa inicial: Superiores do Seminário do ano de 1941, Pe. Reitor Leocílio Nunes/Vice-Reitor Pe. Antônio M. Sampaio; no ano de 1942, Reitor Pe. Paulo Libório/Vice-Reitor Pe. A. Sampaio. Na caderneta, há informações sobre fatos públicos e privados da vida de D. Moura Fé, como gastos pessoais em repúblicas e com alimentação, esta última sendo realizada na casa do Senhor Abraão Hipólito Ferreira. Também destaca o tempo que trabalhou na Casa Inglesa (outubro de 1952 a 30/07/1954), local de onde pediu demissão para trabalhar no GEP, em agosto de 1954, onde assumiu cadeiras de Latim, Francês, História do Brasil e Geral. Ainda descreve que deu aulas particulares para candidatos do Exame de Admissão ao GEP e traz em destaque, na cor azul, a fundação por ele realizada da Escola Prof. Moura Fé, em 14 de setembro de 1954, que chegou a ter até 18 alunos, tendo registros ativos de seu funcionamento até o ano de 1956.

Para Manoel dos Martírios Moura Fé, o Exame de Admissão foi caminho para a vida docente, meio de acesso para realização de grandes sonhos que se fazem com a ministração de



aulas particulares em Timon, Maranhão, até a fundação da Escola Professor Moura Fé, em Picos, em 1954, quando inicia a preparação de alunos para o Exame de Admissão ao GEP. Além dos filhos de Dr. Moura Fé, identificamos o artigo do pesquisador historiador picoense Sousa (2020, p. 142-143) que menciona a Escola de Dr. Moura Fé:

Para testar seus conhecimentos, a maioria dos alunos se preparavam das mais variadas formas, estudavam sozinhos, compravam o livro Admissão ao Ginásio, ou ainda faziam cursos preparatórios específicos como o Curso do professor Barros Araújo, algo semelhante aos atuais preparatórios para os exames vestibulares. Entre os cursinhos preparatórios mais conhecidos nesse período estavam o do professor Antônio de Barros Araújo e o do professor Manoel dos Martírios Moura Fé.

Essa preparação de alunos para o Exame de Admissão esteve presente em grande parte do início da carreira docente do pesquisado, demonstrando sua capacidade intelectual pelos anos no Seminário, o que lhe autorizava a ensinar e preparar novas gerações para aquela que era, à época, uma das mais difíceis aprovações. Parte dos vestígios da materialização do sonho de Dr. Moura Fé, qual seja, a escola com seu nome, identificamos, em suas cadernetas de anotações, gastos com o mobiliário e equipamentos desta instituição (Figura 17).

Figura 17 – Anotações de 1956

| Despesas                           |          | 1956                                     |           |
|------------------------------------|----------|------------------------------------------|-----------|
| Coluquel de casa 1 ano             | 1.800,00 | Transportes da página anterior           | 8.332,50  |
| Remédios                           | 1.850,00 | Emprego de carteira 12/56                | 60,00     |
| Taxa de Luz                        | 288,00   | Emprego de carteira 12/56                | 885,00    |
| Despesas de Madalena e outros 7/56 | 700,00   | Trepadas 36                              | 3.910,00  |
| Quarto negro 1 7/56                | 170,00   | Lilras 25                                | 2.600,00  |
| Cadeiras 8 (7 e 9/56)              | 470,00   | Garcetas 2 (12/56)                       | 1.680,00  |
| Bancos 3                           | 190,00   | Despesas de outros 9/56                  | 190,00    |
| Botões (26/8/56)                   | 250,00   | Enxovals igrejas                         | 1.546,00  |
| Alfarcetes 2 pares                 | 190,00   | Despesas diversas                        | 180,00    |
| Sapato 1 par                       | 200,00   | Cervejas e guaraná (7 e 1)               | 100,00    |
| Despesas Condutor 1956             | 300,00   | Adiantos pagos ao prof. substituto       | 680,00    |
| Manutenção de Elia e outros        | 2.000,00 | Calças 2                                 | 435,00    |
| Faculdade de Direito               | 622,50   | Camisas 3                                | 373,00    |
| Transporte p/ página seguinte      | 8.332,50 | Viagem Teresina ida e volta 12 a 24/2/56 | 373,00    |
|                                    |          | Viagem Teresina 12 dias 13 a 24/2/56     | 683,00    |
|                                    |          | Transporte p/ pag. seguinte              | 20.944,50 |

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Os dados apresentados na Figura 17 são emblemáticos, pois expõem as preocupações de Dr. Moura Fé com seus gastos diários, com as despesas para se manter na Capital,

principalmente com pensão, casa de aluguel e transporte, além de taxas escolares. Nesses gastos, há o investimento em cadeiras, quadros e livros, que, supomos, pelo período, serem destinados à manutenção e aparelhagem da Escola Prof. Moura Fé. Também constatamos gastos para uso pessoal, empréstimos a parentes e dízimos à igreja, o que reforça sua condição de religioso, mesmo após a saída do Seminário. Comparando os gastos, percebemos um valor acentuado com livros, o que demonstra investimento na formação, algo ressaltado em várias entrevistas: “Ele gostava muito de comprar livros, né? Comprar livros, que depois eu encontrei caixas e caixas [...]. Quando depois a gente começou a juntar as coisas, a gente encontrou o livros que estava ainda na embalagem” (Juliêta A. A. Moura Fé, 2023).

No percurso da formação profissional, ainda podemos destacar a passagem de Dr. Moura Fé, em 1952, pela Faculdade de Filosofia do Piauí, na década de 1950, onde prestou vestibular para Filosofia, obtendo aprovação no Curso de Línguas Neolatinas, e frequentou as aulas durante todo o ano letivo. Esta instituição representava esperança e alternativa de formação aos jovens piauienses e foi o início da futura Faculdade Católica de Filosofia do Piauí- (FAFI). São representativas as cadeiras que Dr. Moura Fé frequentou no Curso de Línguas Neolatinas, bem como no Curso de Filosofia, uma vez que sua formação será composta por esses conhecimentos, bem como de Teologia, provindo dos anos no Seminário.

Devido a funcionamento irregular, a “[...] Faculdade de Filosofia do Piauí não conseguiu se consolidar tal qual idealizaram os seus fundadores, nem tampouco como previa o seu Estatuto [...]”; o Ministério da Educação e Cultura fechou a instituição, tornando nulos todos os seus atos (Fontineles; Frota, 2020, p. 152). As causas do fechamento da Faculdade foram associadas a: “1- aspectos de ordem legal, que inviabilizaram a continuidade de seu funcionamento, ou seja, as exigências feitas pelo MEC e 2- a resistência de parte da elite local piauiense” (Fontineles; Frota, 2020, p. 152). Com seu fechamento e o fim das aspirações dos seus fundadores, também foram ceifados os sonhos de tantos estudantes, para quem eram limitadas as oportunidades de formação superior no Piauí daquela época, contando apenas com a FADI, reservada, segundo Fontineles e Frota (2020), a uma elite privilegiada.



Figura 18 – Matrícula na Faculdade de Filosofia do Piauí



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Como um marco em sua vida, o ingresso na Faculdade de Filosofia do Piauí é registrado na matrícula na 1ª série. Edgar Nogueira (Diretor), José Camilo da Silveira Filho e Manoel Paulo Nunes foram fundadores da instituição e tinham em comum a formação em Direito e importantes cargos administrativos e educacionais no Piauí (Fontineles; Frota, 2020).

A primeira grande oportunidade de trabalho de Manoel dos Martírios Moura Fé na docência veio por meio de um convite para trabalhar no GEP, onde ele enxergou e abraçou a oportunidade, pedindo demissão do Estabelecimento James Frederick Clark S/A. Dessa forma, fica claro o prestígio que era atuar no GEP, algo que reaproximaria nosso pesquisado da sua família e demonstraria *status* social. A pesquisa de Sousa (2019) demonstra a importância da instituição, por representar a primeira escola a ofertar o Curso Ginásial em Picos, a partir de 1950:

Ser ginásiano em Picos, entre as décadas de 1950 e 1970, era sinal de prestígio e inteligência, pois, para entrar neste estabelecimento, era necessário ser aprovado no concorrido exame de admissão. Ou seja, estudar nessa escola era para o picoense uma oportunidade de seguir nos estudos. Como era a única instituição de ensino secundário pública do município, por muitos anos, elite e povo se misturavam em seus bancos escolares. Picos cresceu junto com o Ginásio Picoense, depois Marcos Parente (Sousa, 2019, p. 91).

O prestígio que sentiam os alunos por estudar no GEP era compartilhado também pelos professores, que representavam a alta sociedade letrada, sendo respeitados socialmente, pois a criação desta escola refletiu o próprio crescimento da cidade, nas famílias das regiões adjacentes que procuravam o município para residir para ter a oportunidade de ver seus filhos prosseguindo nos estudos. Segundo J. Sousa (2005) a referida instituição foi a responsável por



pois a precariedade das estradas que ligavam essas cidades ainda era grande, levando dias para se fazer o percurso; contudo vale mencionar que, em 1954, Dr. Moura Fé trancou o Curso de Direito, o que viabilizou a docência em Picos.

Entretanto, podemos destacar os registros da presença de Manoel dos Martírios Moura Fé por meio da matrícula e aprovação do período letivo de 1955 na FADI, bem como consta no livro de pontos do GEP sua assinatura como professor no período de agosto de 1954 a junho de 1956, não aparecendo sua assinatura nos anos seguintes, sendo seu retorno a esta instituição em 1973, quando há contratos e portarias de vínculo empregatício nesta instituição assinados por ele.

Nem bem teve início, o Curso de Direito começou a abrir portas na vida de Dr. Moura Fé, já surgindo oportunidades de trabalho como professor. Essa, sem dúvida, era a realidade dos bacharéis no Brasil, sempre aproveitados para assumir os mais altos postos na Administração pública, crédito concedido aos bacharéis, vistos como capazes de atuar em várias frentes, por figurarem no imaginário social, segundo Cunha (2019, p.17), como “homens de letras”.

O bacharel representava a alta intelectualidade brasileira. Assim, antes mesmo da institucionalização das primeiras faculdades de Direito no Brasil, pesquisas apontam para a predominância dos bacharéis em Direito na ocupação dos mais altos postos do Governo, algo atualmente menos expressivo, mas ainda observado, resquício do período Imperial quando “[...] o Estado brasileiro erigiu-se como um Estado de magistrados, secundados por parlamentares e funcionários de formação jurídica” (Adorno, 1988, p. 78). Esta preferência pelos bacharéis não ocorre de forma casual; no período de formação Imperial, havia a necessidade de constituição de um Estado Nacional e, conseqüentemente, de uma classe política e intelectual que pudesse promover o dirigismo estatal que antes era assumido pelos colonizadores. É só a partir de tais necessidades que surge o interesse pela criação das primeiras faculdades jurídicas no Brasil, sendo criadas, inicialmente, em São Paulo (1827) e Olinda (1827).

No Brasil, a educação foi tratada por ações improvisadas sem um projeto de prioridade, inclusive na criação das primeiras faculdades, uma vez que o país foi uma das últimas regiões colonizadas da América a criar suas faculdades, sendo institucionalizadas somente no século XIX, o que já podia ser visto nas colônias espanholas desde o século XVI. Concluimos que a criação de nossas primeiras faculdades se deu de forma lenta, tardia e disforme, privilegiando alguns polos regionais, o que causava migração de estudantes para os grandes centros que ofereciam esse nível de ensino, causando, desta forma, dependência das

regiões privilegiadas. Diante disso, regiões como o Piauí estiveram na dependência educacional de áreas como Recife, no que diz respeito à formação de sua classe letrada, uma vez que os estudantes do Piauí tinham que se deslocar para essa região para continuar os estudos.

No Piauí, tal realidade não se deu de forma diferente, a exemplo de outras regiões do Brasil onde a primeira Faculdade de Direito foi criada tardiamente, em 1931, associada a um processo de descentralização do conhecido atualmente Ensino Superior acompanhado da criação de outras faculdades, como a do Paraná, Pará e Maranhão, quebrando o monopólio de quase 100 anos das faculdades de São Paulo e Recife (Leite, 2016).

Assim, até fins do século XIX, o Piauí se configurava, no dizer de Queiroz (2011), como um mar de analfabetos, onde aqueles poucos privilegiados que possuíam alguma instrução acabavam por se destacar em face dos demais e, por conseguinte, por assumir os melhores postos públicos na burocracia estatal. Tal cenário não se altera muito no século XX. O desinteresse dos governantes do Piauí com a educação é explicado, por Ferreira e Lopes (2013), como próprio das nossas características rurais, onde as bases econômicas moldaram o caráter do povo e também os aspectos educacionais, uma vez que o uso extensivo do trabalho braçal, principalmente na agricultura e pecuária, causaram o desinteresse nos governantes de investir em ensino em todas as suas modalidades.

Foi apenas em um novo contexto político, histórico e social que se permitiu a descentralização e difusão do ensino no Piauí e, de forma geral, no Brasil. Partes de uma mesma realidade, onde a educação foi relegada pelas ações públicas, só ganhando relevo com os ares da República, que passou, já em fins do século XIX, a reclamar mudanças na estrutura estatal como um todo. Assim, o Piauí deu seus primeiros passos para a autonomia do conhecido atualmente Ensino Superior, o qual mantinha dependência com as demais regiões do Brasil e, em especial, com a Escola do Recife, de onde regressara grande parte dos bacharéis piauienses, sendo esta nomeada por alguns pesquisadores do Ensino Superior como centro originário do bacharelismo do Piauí, em virtude do grande número de estudantes que lá se formavam.

Podemos perceber que os primórdios da Educação Superior no Piauí já aconteciam mesmo antes da instalação da sua primeira Faculdade de Direito porque grande parte dos estudantes há muito já adquiriam sua formação por meio da Faculdade do Recife, muito em virtude da aproximação geográfica, sendo o maior polo atrativo dos nossos bacharéis. Esses estudantes foram os promotores da FADI e aqueles que assumiram a condição de docentes.

Essa instituição era formada por um público privilegiado, que buscava manter seu *status quo* por meio dos estudos:

A FADI se configurava assim como, locus privilegiado para que as famílias abastadas se inclinassem para os espaços da política e da intelectualidade local, uma vez que, frequentar esta instituição de ensino era sinônimo de ocupar cargos importantes no governo e obter status social no estado. Por mais de duas décadas, a FADI, se configurou como instituição detentora do universo cultural da cidade de Teresina-PI. Sob o espectro político, com caráter conservador e tradicional, atendia a um público que, em geral, pertencia às classes média e alta da sociedade local. Os sujeitos que adentravam o espaço da instituição, o faziam, sobretudo, como forma de legitimar o seu status quo (Fontineles; Frota, 2020, p. 151).

Fazer parte do corpo de estudantes da FADI era uma oportunidade para poucos, mas também significava responsabilidade com os estudos e esforço para concluir os semestres vinculados a uma diversificada grade curricular, que trazia disciplinas próprias do Direito, mas também linguagens e outras áreas interdisciplinares, como Filosofia.

A passagem de Dr. Moura Fé pela FADI é um dos momentos especiais da sua vida. Guardava com esmero todas as suas carteiras de estudante, uma lembrança preservada com a importância devida. Na Figura 20, verificamos as carteiras estudantis com encadernação de couro preto, trazendo nome completo, ano letivo e ano da matrícula. Ainda podemos identificar os nomes dos diretores e carimbo oficial da instituição, conferindo fé pública ao documento.

Figura 20 – Carteiras Estudantis da FADI do estudante Manoel dos Martírios Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O início da carreira acadêmica no Curso de Direito ocorreu no ano de 1954, quando foi matriculado na primeira série do curso; nas carteirinhas, vemos a seriação dos estudos (Figura 20). O curso teve início no ano de 1954 e foi concluído em 1959, conforme o Gráfico 1:

Gráfico 1 – Progressão dos estudos no Curso de Direito



Fonte: Elaborado pela autora, com base em dados da pesquisa  
Dados: Pesquisa

A partir do Gráfico 1, podemos identificar a progressão de Dr. Moura Fé nos estudos no Curso de Direito. O curso era concluído em 5 anos letivos, mas Dr. Moura Fé repetiu o 3º ano, terminando apenas em 1959, configurando as dificuldades com a grade curricular extensa do curso, além da complexidade de conciliar estudo, trabalho e distância familiar.

A preocupação com os estudos estava presente nos Cadernos de Registros de Dr. Moura Fé (Figura 21), onde trazia anotações de gastos com sua moradia e informações das disciplinas de cada semestre, assim como as notas. Nesta caderneta de anotação, são registradas em várias páginas as suas despesas e ganhos, o que era comum a quem morava fora da casa dos pais e contava com pouco para se manter. Essa realidade foi mudando, ao longo do tempo, uma vez que, em 1956, já mantinha vínculo profissional e ministrava aulas



particulares, garantindo renda e estabilidade e livrando-se das preocupações diretas de manutenção, descritas nesta agenda no início do Curso de Direito, e durante a vida como seminarista, quando só contava com a ajuda familiar. Outro aspecto que salta aos olhos nessas anotações refere-se à repetência no 3º ano do Curso de Direito, em 1956, muito em decorrência de uma vida agitada, quando a divisão do tempo entre trabalho e estudos impunha um nível de compromisso muito alto e dificuldades para conciliar as duas atividades.

Figura 21 – Anotações do ano de 1956

1956

|                                          |           |
|------------------------------------------|-----------|
| Transferência de jog. anterior           | 20.944,00 |
| Viagem a Juazeiro 10/12 e volta 14/12/56 | 396,00    |
| Passagem Juazeiro 7 dias 15/12/56        | 465,00    |
| Passagem Juazeiro 12 dias 12/12/56       | 282,00    |
| Passagem Juazeiro 8 dias 13/12/56        | 510,00    |
| Viagem Juazeiro 1 e 8/12/56              | 302,00    |
| Passagem Juazeiro 4 dias 9 a 12/12/56    | 335,00    |
| Viagem Caracol Machete 2 dias 2/56       | 500,00    |
| Outros despesas extraordinárias          | 3312,150  |
| Despesa DAF                              | 4.050,00  |
| Despesa com transporte de Rendas         | 1.440,00  |
| Salário de família                       | 584,00    |
| Em 31/12/56 - <u>21.133.121,00</u>       |           |

1956

|                                        |           |
|----------------------------------------|-----------|
| Recebimento Censais                    | 81.000,00 |
| Censais Em. Viseuse                    | 6.730,00  |
| Censais particulares                   | 5.950,00  |
| Outros particulares                    | 217,20    |
| Juros de caixa Econômica               | 385,00    |
| Cambeios para                          | 94.282,20 |
| Debitos em 1956 - <u>21.133.121,00</u> |           |
| Debitos em 1956 - <u>21.133.121,00</u> |           |
| Saldo de 1956 - <u>61.161,20</u>       |           |

Não obtive aprovação nos exames finais do 3º ano da Faculdade de Direito de Viçosa, no ano de 1956. Em consequência, refiz o 3º ano da Faculdade no ano de 1957. Viçosa, 31 de dezembro de 1956. Manoel dos Martírios Moura Fé

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

A preocupação com as notas é vista na Figura 22, bem como a extensão da grade curricular. O aluno, de forma organizada, mantinha anotada sua vida estudantil, expressando o cuidado com a não reprovação e demonstrando seu rendimento.

Figura 22 – Anotações das disciplinas e notas do Curso de Direito (1957-1958)

3º ano

|                          |                            |
|--------------------------|----------------------------|
| Direito Civil            | 6 + 7 = 6,5 + 7 = 6,75     |
| Direito Penal            | 5 + 7 = 6,0 + 8 = 7        |
| Direito Comercial        | 5 + 8 = 6,5 + 7 = 6,75     |
| Direito P. Internacional | 4 + 5 = 4,5 5,5 + 5 = 5,25 |

4º ano de 1957

|                 |                           |
|-----------------|---------------------------|
| Dir. Civil      | 5,5 + 8 = 6,75 + 7 = 6,87 |
| Dir. Penal      | 8,5 + 8 = 8,25            |
| Dir. Com.       | 5 + 7 = 6 + 6 = 6,00      |
| Dir. P. Int.    | 9 + 8 = 8,00              |
| Dir. Econ.      | 7 + 7,5 = 7,25            |
| Dir. P. Público | 7 + 7 = 7,00              |

4º ano de 1958

|              |                      |
|--------------|----------------------|
| Dir. Civil   | 9 + 8 = 8,50         |
| Dir. Penal   | 8 + 7 = 6 + 7 = 6,50 |
| Dir. Com.    | 6,5 + 8 = 7,25       |
| Dir. P. Int. | 7 + 8 = 7,50         |

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

A grade curricular do curso era extensa, mesmo com as reformas empreendidas no Ensino Jurídico Nacional ocorridas na Administração do Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema. Os membros da Congregação da FADI, ainda em 1940, percebem a necessidade de reformar o ensino jurídico, em especial quanto à extensão do curso que deveria passar para 6 anos, uma vez que a grade curricular extensa sobrecarregava os discentes.

Em face da urgência recomendada por V. Excia. houve a Congregação de discutir, numa só reunião, o assunto atinente à nova organização do ensino jurídico no país, e que se acha em estudos nesse Ministério, resolvendo apresentar à douda apreciação de V. Excia. As seguintes sugestões: 01) que o curso de bacharelado seja dividido em seis anos, passando para o último ano as disciplinas de Legislação do Trabalho ou Direito Operário, Direito Internacional Privado, Direito Administrativo e Filosofia do Direito (Freitas Filho, 2019, p.37).

Apesar de as sugestões da Congregação da FADI serem pertinentes, não foram aceitas, o Curso de Direito permanecendo com duração de 5 anos e o último ano com seis disciplinas, quais sejam: Direito Civil, Direito do Trabalho, Direito Jurídico Civil, Direito Jurídico Penal, Direito Administrativo e Direito Jurídico Privado.

Este fato nos chama atenção, pois faz parte de uma realidade comum a muitos estudantes de cursos superiores, onde as necessidades de trabalhar e estudar se impõem para se manter; somam-se à necessidade de trabalhar e estudar a distância da família. Tais fatores são responsáveis pelo abandono dos estudos de milhares de indivíduos, em todos os níveis de ensino, mas com exclusividade no Ensino Médio, onde dados do Censo Escolar do IBGE de 2023 informam que 41,7% dos jovens de 14 a 29 anos do Ensino Médio apontaram a necessidade de trabalhar como fator prioritário para terem abandonado a escola.

As dificuldades de educação são problemas que impactam o desenvolvimento do país, principalmente com o advento da República. Nesse período, destacavam-se discursos inflamados de políticos que passaram a defender a expansão das matrículas, qualidade de formação dos professores e melhor estrutura das escolas, necessidades da sociedade urbana brasileira. Apesar dos discursos políticos, nossa realidade reflete a pouca eficiência dos gestores para desenvolver uma educação séria no país. Quanto a este aspecto, podemos ressaltar as dificuldades de qualificação e formação dos professores e, aqui, destaca-se também nosso pesquisado, que começa a ministrar aulas com a formação apenas do Curso Científico, não estando ainda formado em Direito, algo comum à época.



A falta de professores formados no Brasil foi fator que marcou a educação; motivo de reclamações e denúncias em jornais, a presença do professor leigo marcou a história educativa do Piauí. O termo “professor leigo” é empregado para designar os que trabalham nos anos iniciais do Ensino Fundamental e que não têm a formação específica para o magistério. Tais professores são definidos como aqueles que não dispunham de formação pedagógica para lecionar.

Apesar de o termo “professor leigo” ser usualmente referido para falta de formação de professores do Ensino Primário, realidade semelhante se dava no Ensino Secundário. A exigência legal do magistério ou de formação superior para ser docente não era fácil de ser alcançada, a necessidade de professores formados era superior aos profissionais com esse requisito, o que impelia a contratação de profissionais sem a devida formação.

A tão sonhada formatura de Dr. Moura Fé ocorreu, em 1959, coroada por festas, satisfação familiar e o tão sonhado retorno definitivo do filho doutor para casa. Nesse período, nosso pesquisado já havia se estabelecido em Picos, mas agora o título de doutor traria novos ares, o reconhecimento social, o *status*, as oportunidades esperavam no seu torrão, os convites para trabalho certamente viriam, as responsabilidades de um homem adulto e Bacharel em Direito dirimiriam seus próximos destinos.

A apresentação para a sociedade do novo Doutor em Direito de Picos foi coroada com celebrações familiares; a cidade de Bocaina foi a escolhida como palco para as festividades. O filho voltou formado, ao seu torrão, e toda a cidade foi varrida pela celebração. Afonso de Moura Fé (2023) traz em sua memória guardadas as lembranças da formatura de Dr. Moura Fé, o convite de formatura, para ele uma relíquia familiar que o pai guardou desde 1959, e ele continua mantendo preservado, pela riqueza que tal documento representa para toda a família.

Foi, meu pai recebeu o convite. Meu pai, primos dele e tal. E com certeza ele mandou o convite para os familiares aqui, primos e tudo. Tios e tudo. E eu estou aqui com o convite que ele enviou para o meu pai. Os Bacharelados de 1959 da Faculdade de Direito do Piauí. Aí está aqui toda a programação [...] É uma questão, isso aqui é uma coisa histórica, é uma relíquia, não é? Até porque não era todo mundo que chegava a esse ponto. Não tinha oportunidade. Meu pai mesmo, que era primo dele e mais velho, né? E que teve mais ou menos 10 anos antes, servindo lá no 25º BC. Ele mesmo sentiu a necessidade de ter chegado lá, pelo menos como primário, para fazer carreira. Então, e é por isso que meu pai e principalmente o Moura Fé, eles sabiam que o estudo era quem botava para frente, era uma coisa que tinha futuro (Afonso de Moura Fé, 2023).

A fala de Afonso Moura Fé revela a importância da educação para esta família, a perspectiva de formatura, ou mesmo de frequentar a escola nas séries iniciais era uma oportunidade para a vida. Não por acaso, o Convite de Formatura de Bacharel em Direito de Dr. Moura Fé é guardado como troféu, um documento de mais de 70 anos que representa a saga de uma família do sertão que prosperou por meio dos estudos, que serviu de exemplo aos muitos indivíduos daquelas paragens do Piauí, em que a instrução era recurso escasso, mas o entusiasmo e amor às letras se mostravam uma esperança de futuros melhores.

Figura 23 – Capa do Convite de Formatura dos Bacharelandos de Direito de 1959



Fonte: Arquivo Pessoal de Afonso de Moura Fé

O convite de formatura representa uma produção social escolar por excelência, pois mostra aquilo que deve permanecer, perpetuar o momento para a posteridade, sem dúvida é um objeto-memória, como advoga Escolano Benito (2018), pois é capaz de nos remeter ao passado. Nesta mesma perspectiva, dispõem Sousa e Sousa (2024), ao se referirem aos “Quadros de Formatura” como um “portal” de entrada para o passado, afirmam que esses objetos da cultura escolar material têm a possibilidade de nos transportar para outra temporalidade, trazendo, por meio das informações insculpidas, um imaginário do que foram e representaram em outras épocas. Através desses objetos, são apresentados sujeitos escolares, instituições, acontecimentos, representações de educação, imagens e símbolos escolares, todos aspectos reveladores de um tempo que nos faz entender as condições escolares na atualidade.

Figura 24 – Quarta capa do convite de formatura dos bacharelandos da FADI de 1959



Fonte: Arquivo Pessoal de Afonso de Moura Fé

O convite de formatura dos bacharelandos da FADI de 1959 apresenta uma padronização de itens vistos até os dias atuais. É confeccionado em papel de gramatura alta; apresenta primeira e quarta capas com impressos; a cor vermelha sobressai nas imagens, representando o Curso de Direito; a escrita em estilo gótico mostra a elegância e pomposidade do evento. Claramente o material escolhido na fabricação do convite traz a ideia de que era feito para durar, deixando evidente a valoração simbólica que se faria por meio do tempo, o que também demonstra um custo econômico com a produção de um convite que tinha o sentido de perpetuação de fatos e acontecimentos no tempo.

Na Figura 23, vemos a Deusa da Justiça de olhos vendados, segurando uma balança, ambos símbolos do Direito. Essa imagem representa a deusa grega *Themis*, conhecida entre os gregos como deusa da Justiça, exposta de olhos vendados para demonstrar a imparcialidade de julgamento. *Themis* é esposa de Zeus, o deus supremo para os gregos, e representa a Justiça nas decisões do marido. Já a balança representa o equilíbrio, o que supõe tratamento igual

entre as partes envolvidas em um processo, evidenciando a penalidade ou absolvição em equivalência (Dias, 2021).

Ainda na capa do convite, podemos ver, abaixo da Deusa da Justiça, a fachada do prédio público onde, por vários anos, funcionou a FADI, nele sendo instalada em 1948 e permanecendo até 1971, quando foi definitivamente transferido o Curso de Direito para a recém criada UFPI. O prédio imponente onde funcionou o Curso de Direito foi construído na década de 1920 e teve a honra de abrigar o Grupo Escolar Demóstenes Avelino e o Grupo Escolar Abdias Neves. Atualmente, abriga a Biblioteca Pública Estadual Cromwell de Carvalho, localizada na Rua Coelho Rodrigues, n. 1016, Centro (Norte), em Teresina (Mendes, 2022). O prédio é reflexo das necessidades de organização da educação do Piauí, em especial primária, e passou, ao longo do tempo, a sediar importantes instituições escolares.

Ainda no referido Convite de Formatura dos Bacharelados de 1959, é identificada a programação do evento que ocorreu de 8 a 10 de outubro de 1959: missa em ação de graças, Colação de Grau e baile de formatura nos espaços nobres e privilegiados da sociedade teresinense da época, quais sejam, Igreja Nossa Senhora do Amparo e Clube dos Diários (Anexo F). Também é possível identificar no convite, em destaque, alguns elementos que se referem às homenagens prestadas, como paraninfos, patrono, homenagens de honra, homenagem especial, diretor, homenageados, homenagem administrativa, homenagem póstuma, orador, juramento, homenagem aos pais e os nomes dos bacharelados. É possível perceber que os homenageados são políticos, professores bacharéis e o corpo administrativo da FADI.

Nas Figuras 23 e 24, podemos destacar a padronização de remetente e endereçamento. Neste caso específico, o remetente Manoel dos Martírios Moura Fé acrescenta seu endereço e remete o convite aos seus familiares com os dizeres: “Areolino de Moura Fé e familiares, Picos- Piauí”. Ainda com destaques na escrita, o convite traz o nome de todos os bacharelados (Quadro 4).

Quadro 4 – Lista dos bacharelados da FADI de 1959

| Nº | NOME                                |
|----|-------------------------------------|
| 1  | Afonso Celso Teixeira               |
| 2  | Aldi de Miranda Rocha               |
| 3  | Antilhon Ribeiro Soares             |
| 4  | Antonio de Barros Araújo            |
| 5  | Antonio Celestino Franco de Sá Neto |
| 6  | Antonio Ferro Gomes                 |
| 7  | Azarias Ribeiro de Abreu            |

|    |                                                |
|----|------------------------------------------------|
| 8  | Benedito da Rocha Freitas Filho                |
| 9  | Edgard Linhares Lima                           |
| 10 | Emanuel de Deus Fonseca                        |
| 11 | Eronice Soares Cavalcante                      |
| 12 | Iracema Barbosa Cardoso                        |
| 13 | Jesus Thomaz Tajra                             |
| 14 | José de Deus Nogueira                          |
| 15 | José Elias Tajra                               |
| 16 | José Gomes Campos                              |
| 17 | José Pinheiro Machado                          |
| 18 | José Raimundo da Silva                         |
| 19 | João Henrique Gayoso e Almendra Castelo Branco |
| 20 | Juarez Piauiense de Freitas Tapety             |
| 21 | Manoel dos Martírios Moura Fé                  |
| 22 | Maria de Jesus Sousa                           |
| 23 | Maria da Piedade de Melo Ferreira              |
| 24 | Marcolino Rio Lima                             |
| 25 | Maivan Gonçalves Maia                          |
| 26 | Natália Portela Madeira                        |
| 27 | Nelson de Barros Nunes                         |
| 28 | Orlando Soares Gomes                           |
| 29 | Otevaldo Soares do Nascimento                  |
| 30 | William Palha Dias                             |
| 31 | Yolanda de Carvalho Amorim                     |

Fonte: Elaborado pela autora, com base no Convite de Formatura dos Bacharelados de 1959, da FADI.

Dentre os 31 formandos da turma de 1959, identificamos o nome de Manoel dos Martírios Moura Fé. Algo marca a vida dos egressos de direito da FADI, desde a formatura da primeira turma, em 1935: refere-se à vida bem sucedida, uma vez que eram facilmente incorporados aos mais almejados postos de trabalho, preenchendo as cadeiras políticas, administrativas e das instituições educacionais. Nesse sentido, destaca-se seu conterrâneo Antônio Barros Araújo, com quem se formou, que ingressou na vida política em 1970 e foi eleito prefeito de Picos, assumindo outros mandatos como deputado estadual e cargos como conselheiro do Tribunal de Contas do Piauí e tabelião.

Outro contemporâneo que estudou com Dr. Moura Fé no Curso de Direito e atuou como advogado, destacando-se na vida política, foi Juarez Piauiense de Freitas Tapety, de família tradicional de Oeiras. Foi vereador, em 1959, e prefeito por dois mandatos, projetando-se em esfera regional e assumindo, por seis, mandatos o cargo de deputado estadual do Piauí. Para além da vida política, os bacharéis em Direito se destacaram em várias frentes. José Elias Tajra, também contemporâneo de nosso pesquisado, consagrou-se por

trilhar o caminho empresarial na comunicação, sendo pioneiro em várias frentes, a exemplo da venda de máquinas datilográficas, bem como de produtos da Fiat no Brasil, sendo um dos fundadores da TV Antena 10 (Mota, 2024). Ainda ressaltamos William Palha Dias, colega de turma de Dr. Moura Fé, tendo sua filha estudado Medicina com o primogênito de Dr. Moura Fé.

Figura 25 – Fotografia dos bacharéis em Direito de 1959



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

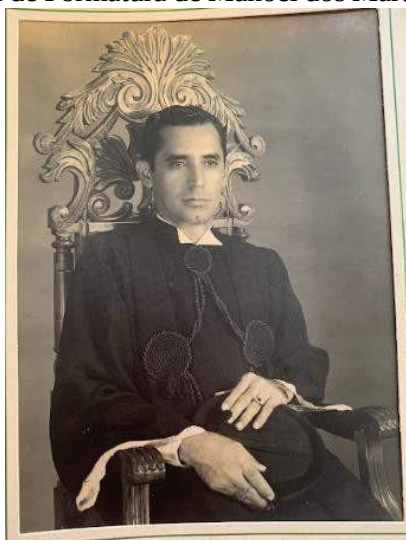
Com trajes formais para as comemorações de formatura, podemos ver, na Figura 25, os concludentes da turma de Bacharelado em Direito de 1959. Ao centro, de terno preto, identificado por uma seta, está nosso pesquisado. A turma está na frente do Clube dos Diários, com a presença de apenas 30 formandos. Dentre os bacharéis de 1959, identificamos sobrenomes que compõem importantes famílias do Piauí, indivíduos que se destacaram pelos estudos e pelo prestígio tradicional de suas famílias, como os Tapety, Castelo Branco, Nogueira, Tajra, Freitas e Sá, dentre outros.

Dentre os 31 formandos nos chama atenção a maioria masculina, uma vez que temos apenas cinco mulheres, o que mostra a participação majoritária dos homens nos cursos historicamente masculinizados. Tais afirmativas podem ser constatadas pelos dados obtidos em Freitas Filho (2019), ao apresentar os nomes dos concludentes da primeira turma do Curso de Direito da FADI, de 1935 até 1955. Do total de 283 indivíduos, apenas 15 eram mulheres, o que representa apenas 5,3 %, percentual ínfimo, se mencionarmos que essa participação ocorreu em um período de duas décadas.

A comemoração da Colação de Grau de Dr. Moura Fé certamente foi um grande evento, um êxito familiar, porém os membros da família não participaram das solenidades, uma vez que as distâncias entre Teresina e Picos e a ausência de transporte adequado dificultavam a locomoção.

As fotografias, assim como os documentos não são neutros, são, nos dizeres de Le Goff (2003) “documentos-monumentos” que, ao serem registrados, têm uma intenção e, por isso se fazem por meio de recortes, seleções e classificação. Contudo não podemos descartá-las como fonte histórica, uma vez que trazem “a veracidade desta memória” e, por meio de uma leitura atenta da fotografia, busca-se desviar das ilusões apresentadas (Barros, 1989, p. 39).

Figura 26 – Fotografia de Formatura de Manoel dos Martírios Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

A Figura 26 revela a solenidade e a aura que envolvia tal ritual educativo, da vestimenta ao mobiliário usado para fotos, o anel, a beca e o capelo indicam a formação, mas também uma passagem para nova fase da vida, onde as expectativas povoam o coração do formando e de seus familiares; quando o momento da realização de um sonho, conquistado por meio de esforços e privações, se apresenta. Na Figura 27, é registrado o momento simbólico e ritualista da colocação do capelo<sup>6</sup>, que marca a concessão de grau ao formando. Esse ritual é uma analogia à simbologia de posse dos reis, que recebiam uma coroa como símbolo do poder real.

<sup>6</sup> Chapéu privativo do reitor e dos doutores *Honoris Causa*, sempre na cor da área do conhecimento do doutor e na cor branca para o reitor, representando o poder temporal, em analogia com a coroa real. É usado nas cerimônias de caráter oficial da universidade e obrigatório nas solenidades de concessão de grau, outorgas, posse, transmissão de cargo e na presença de autoridades.



Figura 27 – Fotografia de Formatura



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Como já afirmado, a família não participou das solenidades de formatura de Dr. Moura Fé, porém uma festa lhe aguardava em Sussuapara, local Ema, lugar escolhido para festejar com a família, parentes e amigos. Era o momento de apresentar o filho à comunidade, hora de demonstrar que tantos anos de sacrifício formaram um filho doutor. Este momento do “festão” em Sussuapara é trazido na memória dos que dele participaram e daqueles que partilham das memórias herdadas dos mais velhos, como relembra Maria Moura Martírios (2023):

Diz que veio até um ônibus. Para a formatura. [...] Passando bem nesse tabuleiro aí. Passaram uma semana, ajeitaram as estradas. E entrou o rodo aí. O Festão. Chegaram na casa lá. Aí, povão lá festando. E mataram uma vaca na véspera. E era porco, e era galinha. E nós, madrugada, debaixo daquele pé. Você disse que os pézinhos de umbu. Aqueles pézinhos de umbu. Nós fazemos tacho. E era eu e Chiquinha de Otilo. E a veia tia Ana. E mamãe. E aí nós deixamos fogo naquele tacho. Para fazer esse de comer. Rapaz, secar arroz. E gente muita. E mais meio dia foi chegando. Quando os carros chegaram. E aí lá chegou o Moura Fé. Fazendo chegada aí. Já assim. E eu estou dizendo aí, desse carro de médico, não é? Advogado.

A chegada do filho formado foi cercada por satisfação e alegria, a festa paira na memória dos familiares como um momento inesquecível, em virtude da quantidade de pessoas que foram prestigiar o evento, a fartura de comida e o motivo nobre da comemoração, a formatura de um doutor em Direito. Assim, o então jovem conhecido como seminarista se tornara homem e bacharel e isso transformaria sua vida, inclusive mudaria como seria tratado



nominalmente, agora Dr. Moura Fé, obedecendo aos padrões e costumes da época, como um sinal de reconhecimento pelos estudos realizados.

O “festão” foi anunciado a toda a comunidade de Bocaina e parentela de Picos, os preparativos se anteciparam, o anfitrião ficou responsável por implantar as normas de etiqueta que aprendera nos tempos do Seminário, os pais mandaram matar um boi para os aperitivos, como era de costume, as mulheres da família se reuniram todas desde a madrugada para o preparo dos alimentos. Esse evento mexeu com a comunidade de Bocaina, prepararam a estrada, para que o ônibus e os carros que viriam de Picos pudessem ter acesso fácil.

Uma nova vida, na mesma vida. Essa celebração, que marcou momento de alegria na família de Dr. Moura Fé representava um recomeço de sua história. Agora, ele passou a ser conhecido e reconhecido por seus pares como o menino inteligente que se tornou homem de letras. Assim, os anos de estudo, de esforço e de aprendizagem trariam recompensas para o prodígio que, dos sertões, ganhou o mundo pelas letras e retornou para servir ao seu torrão, ciente de que a educação só lhe daria recompensas.

Neste capítulo, analisamos a escolarização de Dr. Moura Fé, onde a participação dos pais e dos mestres-escolas evidenciam seus primeiros passos rumo à alfabetização. A atuação de uma educação doméstica e desenvolvida por mestres de varandas são marcas da ação carente do estado do Piauí na oferta da educação. Por meio de um avanço relativo, o Estado promoveu a expansão do Ensino Primário nas primeiras décadas do século XX. Assim, o percurso de escolarização de nosso pesquisado serviu de panorama para análise da educação piauiense, onde a figura do estudante itinerante reflete a vida de tantos outros indivíduos que, para prosseguir nos estudos, tinham de estudar em outros locais, geralmente distante da família.

### 3 CAMINHOS DO MAGISTÉRIO

Neste capítulo, analisamos os itinerários formativos de Manoel dos Martírios Moura Fé, de discente a docente, conhecendo o passado da educação do Piauí através das lentes de sua história. Passamos a analisar as instituições por onde passou nosso investigado, sendo o Seminário um marco em sua vida, espaço que disciplinou e humanizou suas sociabilidades e suas práticas educativas. A formação católica moldou seu comportamento com regras de conduta que serviam como mandamentos.

A atuação docente de Dr. Moura Fé revela muito de sua escolarização, sua formação como bacharel em Direito concedia as credenciais para o magistério, era um certificado de habilidades e competências reconhecido legalmente e socialmente, naquele período. Apesar de não ter adquirido formação específica para o magistério, nosso pesquisado ensaiou o ingresso nessa formação, ao iniciar, em duas oportunidades, faculdades de licenciatura, por curto período, mas, por questões de saúde e institucionais, não prosseguiu.

As experiências como educador foram moldando sua formação pedagógica. Ao longo da vida, investiu em conhecimento, atestado pelos vários certificados de cursos que realizou, assim como na estruturação de uma biblioteca privada que revela sua busca constante por atualização nas áreas nas quais atuava.

A área de atuação de Dr. Moura Fé ajuda a descortinar a condição da educação em Picos e no Piauí, apresentando um quadro de avanço da rede de ensino que, no entanto, não atendia a demanda, principalmente no Ensino Secundário, nível de ensino em que atuou nosso pesquisado. Através dos espaços educacionais de atuação de Dr. Moura Fé, percebemos um quadro educacional piauiense em atraso, mas que ascendia. Assim, a participação dos mestres-escolas, o aumento das escolas privadas e os deslocamentos de estudantes para prosseguir nos estudos em outros locais são reflexos da carência de investimento do Governo em educação.

Nesse cenário, a vida pública e privada do homem se revela: o casamento, a vinda dos filhos e a introdução no cenário político de Picos, com a candidatura a vereador, refletem a ascensão social do nosso pesquisado. As redes de sociabilidades traçadas e os espaços de ação que lhe deram condições privilegiadas, graças à sua formação em Direito e o *status* oportunizado por ele.

Na caminhada de Dr. Moura Fé, vislumbramos atores e instituições escolares esquecidos pela História sendo rememorados por suas contribuições. Nesse panorama histórico, também foram revelados práticas educativas e aspectos da cultura material escolar

que nos fizeram compreender a educação da época em que viveu e atuou Dr. Moura Fé, seja como professor ou diretor escolar.

No descortinar da história educativa de Picos e do Piauí, foram fundamentais a análise do arquivo pessoal do nosso pesquisado; o arquivo das escolas onde ele atuou; a legislação educacional da época; os censos demográficos; e os objetos e documentos escolares mantidos no acervo do Museu Ozildo Albano de Picos, pois nos possibilitaram compreender a condição da educação da época e o ser professor, além de refletir sobre as condições educacionais atuais.

### 3.1 PROFESSOR, ADVOGADO, DIRETOR, POLÍTICO, MARIDO E PAI

Um homem multifacetado que teve várias profissões, estudou diferentes áreas de conhecimento, desempenhou diferentes papéis sociais, desafiou-se, deixou lembranças nos espaços nos quais atuou. Desempenhar tantos papéis sociais é condição para poucos, é necessário estar alicerçado em conhecimentos e desfrutar de experiências que legitimem a atuação nessas variadas esferas sociais. Esses atributos foram alcançados por Dr. Moura Fé. Sua vida dedicada à educação permitiu-lhe andar por diversos espaços sociais, conviver com pessoas de diferentes estratos sociais, garantindo-lhe experiência e reconhecimento social.

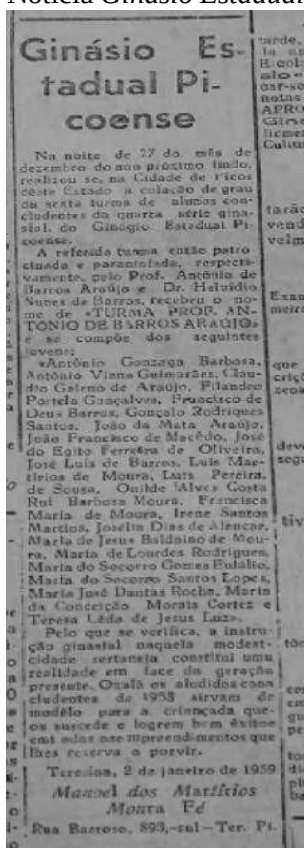
Nosso pesquisado seguiu um caminho árduo de estudos, onde a disciplina e a dedicação no Seminário eram complexas, mas possibilitaram a ele transitar por espaços considerados importantes da sociedade, para além das cidades e estados diferentes onde viveu em meio a essa experiência, de Bocaina para Picos, de Teresina para Caxias e São Luís, no Maranhão. Esses espaços de atuação possibilitaram as primeiras experiências como docente. No Seminário, pôde aprender e ensinar, um grande preparo para a vida que lhe legou ensinamentos indispensáveis para se tornar a pessoa que veio a ser.

Já adulto e fora do Seminário, Manoel dos Martírios Moura Fé ingressou no mundo do trabalho, ministrando aulas juntamente com um colega no turno noturno na cidade de Timon, Maranhão, preparando estudantes para o Exame de Admissão. De maneira formal, com carteira assinada, nosso pesquisado se dispôs a viver outras experiências profissionais, sendo empregado no escritório Paiva Fortes e Cia., no setor da Cia. Internacional de Seguros, situada em espaço privilegiado no centro de Teresina, na Rua Simplício Mendes. Ainda como auxiliar de escritório, atuou também no estabelecimento James Frederick Clark S/A, conhecida como Casa Inglesa, na filial de Teresina. As experiências nesses escritórios

possibilitaram conhecimentos variados de administração que Manoel dos Martírios Moura Fé levou para toda a vida.

Os filhos de Dr. Moura Fé são enfáticos, ao relatar as várias contribuições do pai em trabalhos de terceiros, na colaboração com sugestões para discursos políticos de conhecidos, virtude em função dos seus anos de estudos e leituras. Contudo não dispomos de outras evidências que possam corroborar esse tipo de trabalho intelectual prestado por Dr. Moura Fé. Entretanto, podemos destacar sua atuação como colaborador jornalístico, uma vez que identificamos uma matéria de jornal por ele produzida, confirmando as proposições dos filhos e esposa (Figura 28).

Figura 28 – Notícia *Ginásio Estadual de Picoense*



Fonte: Ginásio [...] (1959)

Nosso pesquisado era um intelectual multifacetado, os vestígios de sua atuação profissional vão nos apresentando os vários espaços nos quais atuou. Assim, a matéria *Ginásio Estadual Picoense* foi escrita por Dr. Moura Fé (Figura 28). Comentando a notícia, Sousa (2019, p. 290) lembra que a “[...] formatura era um dos maiores eventos do município, chegando a ser noticiada e comentada em jornais do município e da capital do estado [...]”, e a repercussão da formatura dos alunos ganhava destaque em eventos pomposos que animavam a cidade. Não por acaso, o artigo de Dr. Moura Fé é sobre educação e o GEP, área e

instituição onde, após sua formação em Direito, o mesmo iria atuar profissionalmente na condição de professor.

Dr. Moura Fé passou a dividir seu tempo de trabalho entre a advocacia e a sala de aula, o ofício de professor se fez presente por toda a sua vida e Picos foi o espaço de atuação. Ao longo da sua jornada no magistério, atuou em diversas escolas de Picos, como professor, principalmente de História, e como diretor escolar (Quadro 5).

Quadro 5 – Escolas oficiais onde atuou professor Manoel dos Martírios Moura Fé

| Nº | INSTITUIÇÃO                           | CIDADE   | PERÍODO                 | FUNÇÃO                              |
|----|---------------------------------------|----------|-------------------------|-------------------------------------|
| 1  | Ginásio Estadual Picoense             | Picos-PI | 03/08/1954 a 06/1956    | Professor                           |
| 2  | Colégio Comercial de Picos            |          | 08/1964 a 1974          | Professor                           |
| 3  | Instituto Monsenhor Hipólito          |          | 2º semestre de 1966     | Professor                           |
| 4  | Colégio Marcos Parentes               |          | 1973 a 1974             | Professor                           |
| 5  | Anexo Colégio Estadual Marcos Parente |          | 1974 a 1976             | Professor                           |
| 6  | Anexo Colégio Estadual Marcos Parente |          | 1979 a 1981             | Professor                           |
| 7  | Anexo Colégio Estadual Marcos Parente |          | 07/12/1981 a 17/08/1987 | Diretor                             |
| 8  | Anexo Colégio Estadual Marcos Parente |          | 1987 a 29/05/1992       | Adjunto de<br>Diretor<br>Secretário |

Fonte: Autora

Dados: Pesquisa

O magistério era um ofício de realização e satisfação; certamente, ele se fez para isso e, assim, passou a conciliar o trabalho na advocacia e no magistério, como outros advogados da época, a exemplo Vidal de Freitas e Ozildo Albano, seus conterrâneos.

A vida como professor rendeu resultados, possibilitando a Dr. Moura Fé progredir na carreira docente, assumindo o cargo de diretor escolar por anos, quando assumiu a gestão do Anexo do Colégio Estadual Marcos Parente no período de 1981 a 1987. Dentre as escolas onde atuou, podemos destacar duas instituições particulares, o Instituto Monsenhor Hipólito e Colégio Comercial de Picos. Na primeira, sua passagem foi rápida, assumindo como substituto por um semestre, mas ficou na memória dos discentes.

Na Escola Técnica de Comércio de Picos, também chamada de Colégio Comercial de Picos, a atuação de Dr. Moura Fé foi marcada por homenagens profissionais, sua passagem deixou registros históricos, marcou a memória de seus familiares, discentes e companheiros de trabalho pelo tempo que atuou e destaque que obteve na escola, sendo, inclusive, atribuído a ele, na memória coletiva, a condição de um dos fundadores da referida instituição (João A. dos M. Moura Fé, 2023). Nesta instituição, Dr. Moura Fé saiu do anonimato e ganhou vida nas paredes da escola, por meio das homenagens dos quadros de formatura e destaque nos

convites de formatura, que circulavam entre as figuras mais nobres da sociedade picoense e piauiense. Sua consagração foi no Anexo do Colégio Estadual Marcos Parente, instituição pública, onde assumiu papéis diferentes e passou a ser reconhecido regionalmente, devido à função de diretor que assumiu na instituição.

Na trajetória de esforço e estudos desse professor, podemos destacar o resultado alcançado por meio da aprovação no Concurso Público para os Correios, então Departamento de Correios e Telégrafos. Torna-se funcionário público federal, assumindo, temporariamente, a função de carteiro, pois logo assumiria funções de direção, que lhe levaram a trabalhar em Floriano, Teresina e, por fim, Picos. Este foi um dos motivos pelos quais trancou temporariamente o Curso de Direito. Este fato encontra-se na importância de o Departamento de Correios e Telégrafos, órgão federal, ser reconhecido pela função pública essencial que desenvolvia, sendo seus funcionários bem remunerados, o que provocou desinteresse em Dr. Moura Fé em assumir um “[...] cargo na Magistratura, uma vez que, comparado ao salário e responsabilidades, naquele contexto lhe parecia mais vantajoso o emprego federal [...]”. Tais padrões de valor e reconhecimento à profissão de carteiro eram próprios daquela época (João A. M. Moura Fé, 2023). Deste emprego advém a primeira aposentadoria de nosso pesquisado.

A condição de advogado de Dr. Moura Fé possibilitou visibilidade no mundo político, aproximando-o de importantes famílias da época, como é o caso dos Eulálios da região de Picos, quando ocorreu o convite para a filiação ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Como oposição aos partidos da época, o PTB, mostrando-se como o novo na política e uma alternativa, acabou por atrair o recém bacharel carregado de ideais de ingressar na política como forma de agir sobre o contexto em que vivia.

Pesquisando nos *Livros de Ata da Assembleia de Vereadores Municipais de Picos* da década de 1950 a 1960, verificamos que Dr. Moura Fé não atuou como vereador neste período. As lembranças mais contundentes sobre a passagem de Dr. Moura Fé advém das lembranças familiares, uma vez que seu arquivo particular é silente quanto a tais fatos, ficando como um não dito. Esses silêncios e exclusões no processo de arquivar-se também foram vivenciados por Mignot (2002, p. 83) no estudo do baú de memórias de Armanda Alvaro, onde a “[...] dimensão privada de sua vida estava escondida e abafada”.

As primeiras fontes de pesquisa se confirmaram com uma busca do resultado das eleições, por município, para Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador, de todos os municípios do Brasil, nas eleições de 1962, no sítio eletrônico do Tribunal Regional Eleitoral do Piauí (TRE-PI), órgão da Coordenadoria de Eleições e Voto Informatizado (COELVI). Identificamos o nome de Manoel dos Martírios Moura Fé, candidato a vereador pelo PTB. Na lista, não há a

informação se o candidato foi eleito ou não, mas os nomes dos demais candidatos com quem concorreu, sendo 26 candidatos (Quadro 6).

Quadro 6 – Candidatos às Eleições Municipais de Picos-PI, em 1962

| Nº | CANDIDATO                              | CARGO         | SITUAÇÃO      | PARTIDO |
|----|----------------------------------------|---------------|---------------|---------|
| 1  | João de Deus Filho                     | Prefeito      | Eleito        | UDN     |
| 2  | Pascoal de Sousa Santos                | Prefeito      | Não informado | PSD     |
| 3  | Anísio Martins da Luz                  | Vice-Prefeito | Não informado | UDN     |
| 4  | Florencio Bento Bezerra                | Vice-Prefeito | Eleito        | PSD     |
| 5  | Abdias Josino de Barros                | Vereador      | Não informado | UDN     |
| 6  | Absolon de Deus Nunes                  | Vereador      | Não informado | UDN     |
| 7  | Alexandre Soares Nogueira              | Vereador      | Não informado | UDN     |
| 8  | Antonio Coelho de Araujo               | Vereador      | Não informado | PSD     |
| 9  | Antonio João Bezerra                   | Vereador      | Não informado | PST     |
| 10 | Antonio Jose de Araújo                 | Vereador      | Eleito        | PTB     |
| 11 | Antonio Manoel de Sousa                | Vereador      | Não informado | PTB     |
| 12 | Antonio Rufino do rego                 | Vereador      | Não informado | PST     |
| 13 | Arlindo Cipriano de Sousa              | Vereador      | Não informado | PSD     |
| 14 | Erasmio da Costa Bezerra               | Vereador      | Não informado | PTB     |
| 15 | Euripides Borges Leal                  | Vereador      | Eleito        | UDN     |
| 16 | Felipe Antonio da Luz                  | Vereador      | Não informado | UDN     |
| 17 | Filandro Portela Neto                  | Vereador      | Não informado | UDN     |
| 18 | Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues | Vereador      | Eleito        | PSD     |
| 19 | Francisco Eugenio Buenos Aires         | Vereador      | Não informado | UDN     |
| 20 | Francisco Vicente Pacheco              | Vereador      | Eleito        | UDN     |
| 21 | Helvidio Jose de Araujo                | Vereador      | Não informado | PTB     |
| 22 | Isaac Batista de Carvalho              | Vereador      | Eleito        | UDN     |
| 23 | João José Batista                      | Vereador      | Eleito        | UDN     |
| 24 | João Rodrigues de Sousa Martins        | Vereador      | Não informado | PSD     |
| 25 | Joaquim Gonçalves de Sousa             | Vereador      | Não informado | PSD     |
| 26 | Lindorio de Sousa Neto                 | Vereador      | Não informado | PSD     |
| 27 | Luiz Gonzaga de Barros                 | Vereador      | Não informado | PST     |
| 28 | Manoel dos Martírios Moura Fé          | Vereador      | Não informado | PTB     |
| 29 | Manoel Inacio Gomes                    | Vereador      | Eleito        | PTB     |
| 30 | Raimundo de As Urtiga                  | Vereador      | Eleito        | PST     |
| 31 | Ulisses Ribeiro da Silva               | Vereador      | Eleito        | PTB     |

Fonte: Autora

Dados: Sítio eletrônico do TRE-PI e Câmara Municipal de Picos

No contexto nacional, o Brasil dava continuidade ao processo de democratização iniciado em 1946, por meio das eleições para presidente, em 1960, quando foram eleitos o presidente Jânio Quadros e o vice-presidente João Goulart em chapas diferentes, representando, respectivamente, o Partido Trabalhista Nacional (PTN) e o PTB, sendo o primeiro apoiado pela União Democrática Nacional (UDN). O governo de Jânio Quadros foi marcado por atribulações que levaram ao seu pedido de renúncia em agosto de 1961, sete

meses após a posse, assumindo o vice-presidente João Goulart, representante de ideias progressistas. Acusado de comunismo, sofreu o Golpe Militar em 1964. As acusações são fruto da Reforma de Base, bem como da polarização ideológica da Guerra Fria, que dividiu o mundo entre capitalistas e comunistas. Esse quadro político nacional marcado pelas disputas partidárias entre UDN, PSD, PTB e PST era também segundo Jane Sousa (2005) o cenário dominante em Picos, onde, diferente do Governo do estado, teve uma forte presença da UDN.

A eleição de 1962 é simbólica para nossa pesquisa, uma vez que Dr. Moura Fé participou como candidato a vereador pelo PTB, bem como por ser a última eleição democrática antes do Golpe Militar de 1964, fator que modificou o contexto político e econômico da época, uma vez que os alicerces de um regime democrático foram substituídos pela Ditadura Militar.

Nas eleições de 1962, a legislação eleitoral permitia a formação de chapas e votação independente para prefeito e vice-prefeito. Diante disso, configuraram-se, nas Eleições Municipais de Picos, duas chapas para prefeito e vice-prefeito, sendo, respectivamente, a Chapa da UDN, com o candidato a Prefeito João de Deus Filho e Vice-Prefeito Anísio Martins de Luz; e a Chapa do PSD (Partido Social Democrático), composta pelo candidato a Prefeito Pascoal de Sousa Santos e Vice-Prefeito Florêncio Bento Bezerra, tendo sido eleitos o candidato a prefeito da Chapa da UDN e o candidato a vice-prefeito da Chapa do PSD (Sousa, 2019).

O resultado das eleições era uma forte demonstração da força dos dois partidos que imperavam no campo político do município, mas que também refletia as disputas eleitorais em nível estadual e nacional. Cabe ressaltar que este cenário não se fez semelhante nas disputas para vereador em Picos, uma vez que o PTB conseguiu eleger três vereadores, apenas um a menos que o mandatário, a UDN. Essa ascensão do PTB, segundo Sousa (2019), estava associada à figura da Família Eulálio, que tinha grande expressão na região, e acabara por fundar, em 1954, o PTB.

Já a forte expressão dos Udenistas em Picos ocorre desde 1945, em virtude dos descontentamentos regionais com a política Estadonovista de Vargas, fortalecendo esta corrente de comerciantes, bacharéis em Direito e outros segmentos em torno de ideais diferentes do grupo da situação. Esse poder da UDN possibilitou ao partido vitórias consecutivas, de 1945 a 1964, apesar da oposição ao Estado que era, em grande parte, representada pelos partidos coligados PSD e PTB (Luz, 2017).

Com o Golpe de 1964, o cenário político mudou, principalmente com o Ato Institucional N. 2, quando o bipartidarismo foi implantado, permitindo a existência de dois



partidos somente, quais sejam, a Arena (remanescentes da UDN), representando a situação; e o MDB, uma oposição controlada representada, em muito, por remanescentes do PTB e do PSD. Nesse contexto, ressaltamos a proeminência da UDN e do PTB, elegendo o maior número de vereadores, na ordem de quatro eleitos da UDN e três eleitos do PTB, os demais partidos alcançando a eleição de um vereador (Sousa, 2019).

Nosso pesquisado não fazia parte dos dois maiores partidos que dominavam o cenário político local, porém foi candidato do PTB, partido que vinha, desde a sua fundação, em 1954, ganhando adeptos devido à forte expressão da Família Eulálio que estava à frente do partido. Corroborar tais ideias a fala do primogênito do nosso pesquisado, ao relembrar o período em que o pai se candidatou:

Olha, acho que foi em 62 ou talvez em 69<sup>7</sup> que ele foi eleito vereador, ficou na suplência. E aí logo em seguida depois um vereador morreu e ele assumiu e logo depois ele pediu uma licença de três meses que tá até hoje. Porque ele foi um vereador eleito do partido da oposição e ele achava que não ia conseguir fazer nada por ser só ele na oposição. Naquela época, tinha 4 advogados na cidade eu acho que era três, quatro médicos também, os advogados: Dr. Helvídio Nunes, Dr. José Gregório, Severo Eulálio que foi deputado federal e prefeito de Picos. Então eram poucos que advogavam e poucos nas campanhas sabiam e tinham oratória. Então ele começou se entrando na política porque tinha essa oratória né, pessoas que sabiam que tinham oratória para discursar para fazer discursos. Então ele foi se destacando naquilo ali e depois saiu da política (J. A. M. Moura Fé, 2023).

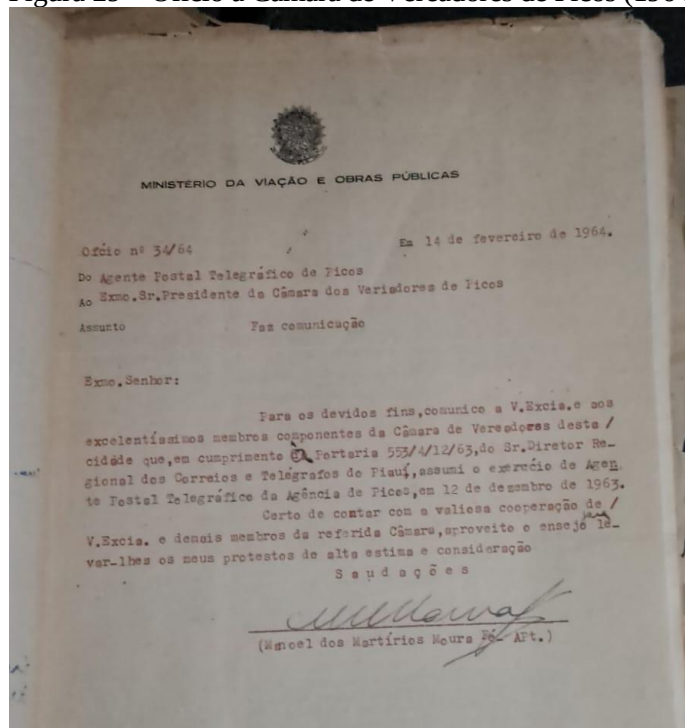
Assim como a “memória é seletiva” (Pollak, 1992, p. 203), uma vez que nem tudo pode ser guardado, de forma semelhante também funciona o processo de “arquivamento do eu”, onde, para Mignot (2002), nesse percurso de guardar-se, revelamos informações e selecionamos outras. Nesse sentido, podemos dizer que Dr. Moura Fé quis esquecer esta parte da sua vida, uma vez que lhe causou grande decepção, como visto nos relatos memorialísticos de João A. dos M. Moura Fé (2023), porque, durante as pesquisas em seu arquivo, na leitura de seus manuscritos, pouco encontramos sobre este recorte da sua vida. Desta forma, são ausências, não ditos, possivelmente fatos que não queria que fossem lembrados. Assim são, no dizer de Pollak (1989, p. 12): “Do lado oposto, a vontade de esquecer os traumatismos do passado frequentemente surge em resposta à comemoração de acontecimentos dilaceradores”.

Os documentos revelam que, em 1964, nosso pesquisado, por meio de ofício à Câmara dos Vereadores de Picos, informou a impossibilidade de assumir o mandato de vereador na

<sup>7</sup> Conforme cruzamento de outras fontes históricas, apresentados neste texto, identificamos que Dr. Moura Fé concorreu como candidato a vereador nas eleições de 1962.

condição de suplente porque já havia assumido a direção da Agência de Correios de Picos (Figura 29).

Figura 29 – Ofício à Câmara de Vereadores de Picos (1964)



Fonte: Acervo da Câmara dos Vereadores de Picos cedido por Higo Carlos Meneses de Sousa

A vida é feita de intercorrências, imprevistos, alegrias e tristezas. Após a perda irreparável do pai, em 1960, e a participação na política, nosso pesquisado se lançou a outras experiências, agora sentimentais: o casamento. O enlace foi marcado pelos costumes e valores da sociedade da época, iniciando o namoro em 1961, por meio de olhares e trocas de cartas românticas, ainda preservadas no arquivo pessoal de Dr. Moura Fé. O casamento de Dr. Moura Fé e Juliêta Angelina de Araújo Moura Fé ocorreu em 28 de junho 1962. A esposa era prima em terceiro grau do pesquisado, contando 17 anos incompletos. Nascida em 13 de novembro de 1945, filha de Adelino de Moura Fé e Angelina Maria de Araújo, a diferença de idade dos nubentes era de mais de 20 anos. Esse aspecto também foi narrado no casamento dos genitores do escritor Elízio Serafim de Souza (2005), tendo a sua mãe 17 anos incompletos e o pai, 48 anos, sendo uma diferença de idade de 31 anos entre os dois, fatos reveladores dos costumes da época.

A Figura 30 retrata a singularidade do momento que deveria ser lembrado e guardado para as futuras gerações. As vestimentas dos nubentes mostram a importância do acontecido: o noivo com um terno branco e sapato social; a noiva com uma grinalda e vestido branco,

como mandava a tradição. O vestido foi feito por uma costureira local, conhecida como Dona Nune.

]

Figura 30 – Fotografia do casamento de Dr. Moura Fé e Juliêta A. A. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Lembrando o casamento, Juliêta A. A. Moura Fé (2023) revela que a fotografia, apesar de parecer realizada em estúdio, foi tirada na casa dos seus pais, no Bairro Ipueiras, em Picos. Não havia fotógrafo durante a cerimônia, porém, à tarde, apareceu um (primo de Dr. Moura Fé, conhecido como Luiz), assim, a noiva teve de vestir novamente o traje de casamento para tirar fotografias, fato que a fez esquecer o lindo buquê, que acabou não aparecendo no registro. Por meio destas caracterizações, podemos constituir a história social, os modos de vivência e comportamentos. Aqui, a fotografia tem o sentido de “[...] gravar em papel um episódio e um detalhe de uma vida” (Barros, 1989, p. 35). Acrescenta Juliêta A. A. Moura Fé que a cerimônia do casamento foi celebrada pelo padre Rufino, que depois se tornou Bispo de Picos, e pelo juiz Caio Vaz de Oliveira.

Do casamento promissor que durou até os últimos dias de vida de Mourinha, como era chamado carinhosamente pela esposa Dr. Moura Fé, resultou um núcleo familiar extenso de oito filhos, algo comum, à época, quando a organização familiar não era dominada pelas regras de controle de natalidade, próprias da vida urbana. Assim, do namoro que começou por admiração, quando os assuntos educacionais foram o primeiro estimulante, o casamento durou toda uma vida, marcado pelo companheirismo, cuidado, amor e respeito:

Ainda eu criança, ele costumava, quando ele estudava, passou a estudar fora, sempre passava lá para os Picos, quando vindo dos estudos dele, passava lá, pegava animal lá de casa, ia pra casa dos pais dele, passava às vezes um mês de férias. Quando voltava, trazia o animal, ia pegar e voltava. Naquele tempo, não era propriamente onde, eu acho que era até aqueles carros de bicho, sei lá. E aí, eu lembro de ver aquela pessoa chegando e passando, sempre a gente tinha... Quando chegava os parentes da gente, eu sempre tinha aquela... gostava de mostrar meus cadernos, trabalho de colégio. Então, ele também, quando chegava também ali, eu criança, ele sem pensamento de nada, no sentido que tornou depois para um casamento. Mas isso eu criança, sabe? E fui vendo aquilo ali. Aí, eu sei que ele foi para... passando para estudar fora e tudo. Aí, no seminário, depois que ele terminou o seminário, ele teve noivo com a prima dele, dois anos, terminou. E depois disso, aí teve a formatura dele de direito, que ele fazia filosofia, mas o curso fechou antes dele terminar. Mas aí, eu sei que depois ele trabalhou na Casa Inglesa e tudo, mas aí, foi aí onde a gente se conheceu. Então, assim, a formatura dele teve lá na casa, quando a gente foi assistir essa festa lá, eu tinha 14 anos. Nada de pensamento, mas aí deu certo que depois, logo que eu completei os 16 anos, aí foi que a gente iniciou o namoro. E aí, durou seis meses. Namoro, noivado e casamento (Juliêta A. A. Moura Fé, 2023).

No casamento, o respeito era uma marca entre o casal. A esposa, mais jovem, olhava com admiração o homem letrado que tinha ao seu lado e, assim, desempenhava com abnegação o papel que lhe foi destinado assumir, apoiando o marido em seus projetos de advogar e ministrar aulas. Desta forma, a esposa suportava as ausências do companheiro que passava as noites afastado de casa na administração da escola, onde trabalhava, e no ofício de professor; e, durante o dia, na advocacia e no ofício de servidor federal, apesar de neste momento poder contar com sua presença-ausência, uma vez que o escritório ficava nas dependências da própria residência do casal. Sem dúvida, a esposa era um grande alicerce da família e, com sua resiliência e humanidade, se entregou ao ofício de cuidar dos filhos e do marido, conduzindo sua linhagem.

Com pensamento inovador para a época, Dr. Moura Fé quebrava as expectativas de quem esperava do ex-seminarista e advogado uma postura rígida no papel de esposo. Contrariando as perspectivas dos comportamentos sociais da época, nosso pesquisado foi educador em todos os momentos da vida, inclusive no casamento, onde incentivou a esposa na retomada dos estudos.

Aí não estudei. Aí depois de uns 3, 4 anos, foi que eu comecei a estudar. Porque naquele tempo, casou, não tinha mais história de estudar não. Mas ele incentivou para eu estudar depois, sabe? E aí quando eu comecei a estudar, quando eu passei uns 3 anos sem estudar, quando eu comecei, eu fui fazer o ginásio lá no colégio do Dorinha Xavier. Lá no ginásio, curso de contabilidade. Mas ele foi quem incentivou, porque naquele tempo ninguém estudava depois casado não. Contanto que na mesma semana que eu entrei lá,

bem uns 10 casados começaram a estudar. Inclusive até a sobrinha da diretora, que era secretária, começou a estudar também. Porque casou (Juliêta A. A. Moura Fé, 2023).

Um ativista educacional. Por onde passava, plantava a semente da educação, não podia ser diferente no ambiente familiar. Incentivador da mulher e dos filhos nos estudos, sua experiência com as letras e sua formação humanista no Seminário, os ambientes que frequentou possibilitaram pensamentos tidos como inovadores para a época. Incentivou a esposa a prosseguir nos estudos, dando exemplo a outros casais que possibilitaram a continuação dos estudos das esposas.

Na Figura 31, Juliêta A. A. Moura Fé dança com o padrinho Antônio Adelino, no evento de Colação de Grau do Curso de Técnico em Contabilidade, curso que realizou na Escola Comercial de Picos. Para além de ver a educação como uma obrigação, nosso pesquisado via na mesma a perspectiva de futuro, de transformação do ser em si mesmo, levando-o a estimular outros indivíduos a estudar. Sua própria trajetória, da esposa e dos filhos são emblemáticas, pois é possível nelas ver que a educação transforma vidas. Apesar desta postura inovadora, com a formação das mulheres e da própria esposa, comportamentos contraditórios sobre Dr. Moura Fé foram ressaltados nos depoimentos do primogênito, João A. M. Moura Fé (2023), sobre uma fase da vida em que nosso pesquisado era mais rígido em algumas situações, com ênfase na educação dos filhos e alguns aspectos da união conjugal, que o filho reprovava e fazia críticas ao genitor.

Figura 31 – Colação de Grau no Curso de Técnico em Contabilidade de Juliêta A. A. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O exemplo de Dr. Moura Fé com sua formação escolar serviu a alunos, parentes, esposa e filhos. A desistência do Seminário (1949), não lhe afastou do destino da missão, uma vez que se portou como um missionário da educação, semeando e evangelizando o saber. Na família, não poderia ser diferente. O exemplo modelar de educador influenciou a educação e vida dos filhos, quanto à postura moral e ao êxito profissional.

Quadro 7 – Filhos de Dr. Moura Fé e Juliêta A.A. Moura Fé: nome, nascimento e formação

| Nº | NOME                                    | NASCIMENTO | FORMAÇÃO                                 |
|----|-----------------------------------------|------------|------------------------------------------|
| 1  | João Araújo dos Martírios Moura Fé      | 29/05/1963 | Medicina/ Direito                        |
| 2  | Elias Araújo dos Martírios Moura Fé     | 28/08/1964 | Direito                                  |
| 3  | Adelino Araújo dos Martírios Moura Fé   | 13/04/1966 | Odontologia<br>Direito (incompleto)      |
| 4  | Francisco Araújo dos Martírios Moura Fé | 03/11/1971 | Direito<br>Analista de Sistema do TRE-TO |
| 5  | Antônio Araújo dos Martírios Moura Fé   | 13/06/1973 | Engenharia Civil                         |
| 6  | Arlete Araújo dos Martírios Moura Fé    | 24/07/1975 | Ciência da Computação                    |
| 7  | Luís Araújo dos Martírios Moura Fé      | 15/10/1977 | Ciência da Computação<br>Direito         |
| 8  | Lídia Araújo dos Martírios Moura Fé     | 08/04/1980 | Analista de Sistema<br>Odontologia       |

Fonte: Autora

Dados: Pesquisa

O Quadro 7 apresenta os filhos do casal Juliêta A. A. Moura Fé e Dr. Moura Fé, com respectivas formações, deixando evidente o êxito profissional da família, o que gerava orgulho dos pais e reconhecimento social da família bem sucedida através do saber. É recorrente, nas falas dos contemporâneos de Dr. Moura Fé e dos filhos, a referência à instrução educacional que o pai proporcionava, até nas brincadeiras domésticas com a prole, pois todo momento para o nosso pesquisado era hora de ensinar e aprender. Com isso, sua prole foi incorporando a educação não como obrigação, mas como uma possibilidade de ascensão social e aprimoramento do espírito. Este discurso associado ao ensino e incorporado por Dr. Moura Fé e repassado aos que com ele conviveram é fruto da mentalidade da época que via a educação como meio de desenvolvimento do país, muito presente em reportagens de jornal, nos discursos inflamados de políticos e na mídia de massa em geral. Segundo Ferro (1996), esse entusiasmo pela educação é fruto da República e seus ideais.

A Figura 32 é reveladora do valor da educação para Dr. Moura Fé, uma vez que, mesmo com a saúde debilitada, deslocou-se para Teresina para participar da primeira formatura da filha Lídia A. M. Moura Fé, que ocorreu em Teresina, em 2003.

Figura 32 – Família de Dr. Moura Fé, na primeira formatura da filha Lúdia (2003)



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

A formatura como “prática ritualizada”, nas falas de Werle (2005, p. 3), também era para Dr. Moura Fé momento simbólico, principalmente a formatura dos filhos que significava realização, satisfação e sentimento de dever cumprido, único motivo para retirá-lo dos afazeres profissionais para ir à Teresina. A celebração da formatura da prole de Dr. Moura Fé também era momento de homenagens aos genitores, a matriarca da família era ovacionada pela dedicação e participação na trajetória escolar dos filhos, por ser motivo de inspiração, fonte de calma e carinho, que cumpria junto do seu companheiro parceria perfeita na condução da família, amolecendo a rigidez do esposo na criação dos filhos. Esse momento ímpar é rico em detalhes, formalidades, uma solenidade que marca o sucesso educacional do formando, que tem a oportunidade de mostrar para a família e para a comunidade o êxito escolar.

Apesar da atuação profissional de educador de Dr. Moura Fé e da formação da sua esposa no Curso de Técnico em Contabilidade e posteriormente no Magistério, nenhum dos seus filhos seguiu essa profissão como carreira, contudo vários deles se formaram em Direito. Dos oito filhos de Dr. Moura Fé, quatro concluíram o Curso de Direito, um não completou o curso. Três atuaram temporariamente na educação: Arlete A. M. Moura Fé atuou na UESPI-

Oeiras, João A. dos M. Moura Fé foi professor da FACIME e Adelino A. dos M. Moura Fé atuou na UFPI.

No percurso de escolarização e formação profissional dos filhos de Dr. Moura Fé, vistos socialmente como exitosos, repercutem implicações quanto às escolhas das instituições de formação dos mesmos:

Mas em termos de educação, Dr. Severio Eulálio, deputado federal na época, foi lá em casa, um dia, e ofereceu papai uma bolsa de estudo para estudar no Colégio das Irmãs lá em Picos. Era um colégio particular, um colégio de excelência, para estudar do Primário e terminar o Ginásio nesse colégio. E o meu pai não aceitou a bolsa, e eu fiquei no colégio público. Ele não aceitou porque, como ele teve um certo trauma no Seminário, ele não gostava de colégio de padre ou freira. Então, por isso ele não me botou (João Araújo dos Martírios Moura Fé, 2023).

O primogênito da família fala sobre as possíveis escolhas do genitor sobre onde ele deveria estudar. Implicações políticas, questões ideológicas e aspectos econômicos eram fatores determinantes. Nesse sentido, saltam aos olhos as concepções de educação de Dr. Moura Fé, em que sua experiência nos Seminários gerava alguns desconfortos ideológicos, principalmente associados à rígida hierarquia dessas instituições. Outro fator pode estar associado, segundo Arlete A. dos M. Moura Fé (2024), às crescentes ausências de professores, ocasionadas pela falta de pagamento, o que revela outra situação educacional da época, a precarização do ensino em instituições privadas.

No arquivo pessoal de Dr. Moura Fé, seu lado paterno-educador fala alto, as lembranças escolares dos filhos por meio de fotos, carteiras estudantis e livros didáticos são exemplos especiais de seus guardados. A valorização do ensino dos filhos era uma constante, acabando por revelar aspectos da educação de uma época.



Figura 33 – Fotos escolares dos filhos de Dr. Moura Fé (1973)



Fonte: Arquivo Pessoal Manoel dos Martírios Moura Fé

A Figura 33 mostra, respectivamente, o segundo e o terceiro filhos de Dr. Moura Fé, sendo eles Elias A. M. Moura Fé e Adelino A. M. Moura Fé. As imagens representam “fotos-documentos” (Barros, 1989, p. 39), as fotografias escolares são emblemáticas, trazendo elementos da cultura escolar, como nome da instituição, série, ano, bandeira do Brasil, mapas, globo e livros, evidenciando o papel das crianças nas fotos e caracterizando o espaço escolar:

Indicam que no próprio ato de fotografar, existia implícito, um ritual exacerbando os símbolos distintivos da escola e que, no processo de selecionar as melhores, para compor álbuns, elegeram aquelas que eram mais fiéis à ideia que construíram ou desejavam construir do trabalho desenvolvido (Mignot, 2002, p. 75).

Mignot (2002), ao se referir ao álbum de fotografia escolar de sua pesquisada, retrata as bricolagens e artimanhas presentes no ato de fotografar e até mesmo de compor os álbuns escolares, desmistificando sua suposta naturalidade. Assim, presumimos não ser não intencionais as fotografias da Figura 33, uma vez que o registrado é o que se deseja retratar, e aspectos importantes da educação da época podem não estar em conformação com a aparência positiva dos registros.

Ainda na Figura 33, na imagem do lado direito, podemos identificar o nome do Grupo Escolar Francisco Santos; a fotografia foi tirada em 1973, é uma lembrança da 1ª série. Já a imagem à esquerda do Grupo Escolar Petrônio Portela, também de 1973, é uma lembrança da 3ª série. As imagens revelam um registro para que, no futuro, os sujeitos retratados possam recordar, bem como provocar na memória das gerações futuras reflexões sobre a importância de dado momento. Da mesma forma, fez-se nas fotografias de eventos escolares, onde os álbuns

são repletos de tais lembranças que registram o passo a passo a progressão neste universo da aprendizagem.

A Figura 34 retrata o desfile cívico de Sete de Setembro, no ano de 1976, com a Banda de Música da Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas da qual fazia parte o primogênito do nosso pesquisado, João A. M. Moura Fé. Esses eventos foram incentivados durante a Era Vargas e reforçados na Ditadura Militar, com claro objetivo de trazer ao regime uma aparência de ordem social, servindo como modelo de uma sociedade desejada. Eram momentos de apresentação da escola à comunidade escolar (Strujak; Ledesma; Zanlorenzi, 2013).

Figura 34 – Desfile cívico de Sete de Setembro (1976)



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Os momentos de valorização da educação dos filhos de Dr. Moura Fé são evidenciados nos álbuns de fotografia de formatura, encontrando-se guardados e preservados como uma relíquia de família. Esses álbuns revelam a centralidade da educação no seio familiar, os materiais de veludo com que são feitos e a abundância de fotografias são um indicativo da valorização da educação dos filhos.

A formatura é uma prática ritualizada que expressa a cultura escolar institucionalizada. Como símbolos rituais os quadros de formatura situam-se numa abordagem de história da cultura de instituições escolares. Os símbolos rituais são um instrumental que possibilita modelar a realidade, instrumentos mediadores com sentido subjacente ou de teor subjetivo e que articulam as dimensões normativa e afetiva [...] (Werle, 2005, p. 3).

A formatura e seus álbuns de fotografia são exemplos da cultura material escolar, falam e representam a instituição de origem e revelam os personagens que encenaram os papéis educativos de uma época, sendo objetos carregados de histórias. As fotografias espalhadas pela casa e os álbuns de fotografias guardados em gavetas demonstram a essencialidade desses objetos de lembrança no seio da família, principalmente para o genitor, Dr. Moura Fé, uma vez que de forma muito especial este fez uma ritualística para apresentar aos filhos e à esposa seu álbum de formatura no curso de Direito, só sendo apresentado aos mesmos 25 anos depois da sua Colação de Grau.

Sim, ele passou, ele se formou, recebeu as fotos, mostrou pra todo mundo e guardou. Depois de 25 anos, já casado, um dia ele pegou, botou as fotos tudinho na mesa, aí chamou todo mundo para mostrar. Foi mostrar para os filhos. Interessante, porque às vezes as fotos ficam aí pra ir vendo a hora que quiser, sabe? Mas essas aí, tudinho ele guardou mesmo por 25 anos e deixou para mostrar em um momento especial (J. A. A. Moura Fé, 2023).

Uma verdadeira cápsula do tempo, um guardador profissional, com o dom da paciência, Dr. Moura Fé apresentou a todos o valor da história através do seu álbum de formatura, só mostrando a seus familiares após 25 anos, mantendo guardado, preservado e intocado. Este fato nos traz vários questionamentos: Qual a intenção deste guardado? Que valor tinha o álbum de formatura para Dr. Moura Fé? Por que Dr. Moura Fé guardou por 25 anos as fotos da formatura para só depois mostrá-las aos filhos e à esposa? Seria uma forma de acessar o passado, mostrar às novas gerações a importância do conhecimento, um momento de construção de memórias? Tal comportamento surpreendeu a todos, mas pode ser justificado, se pensarmos que Dr. Moura Fé idealizava a educação, se inferirmos que o mesmo tinha uma relação devotada à história “[...] a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro [...]”, sob o prisma de Le Goff (2003, p. 471), analisamos o comportamento do nosso pesquisado.

A trajetória de formação escolar constrói o homem; o caminho de formação profissional docente transforma a vida; neste percurso o indivíduo associa a profissão e o ser, em um processo de lapidação em que a vida não se queda para o estudo, pelo contrário, andam de mãos dadas, marcando a memória, demarcando momentos. Neste sentido, a vida de Dr. Moura Fé foi marcada pelos caminhos do conhecimento, cada momento de vida mesclava-se com as fases escolares, com a formação profissional e a prática docente. Não diferente, nossas vidas são marcadas pela escolarização, cada fase demarca um ritual de passagem; assim, na

singularidade de vida do nosso pesquisado, identificamos a pluralidade de outras vidas. Na sua labuta docente, vemos aspectos e processos de um ser e vir-a-ser professor (Sousa, 2009).

### 3.2 ENTRE ESCOLAS E GABINETE

O estudo da trajetória de vida docente é uma espécie de “paradigma perdido” para Nóvoa (2002, p. 17), pois busca repensar os percursos profissionais, revelando as relações intrínsecas entre o eu e o profissional, evidenciando que a “[...] maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino”. Diante disso, colocamos a pergunta: Como os espaços escolares em que Manoel dos Martírios Moura Fé estudou influíram na sua prática docente? Como se constituiu o Prof. Moura Fé? Que práticas pedagógicas eram desenvolvidas pelo Prof. Moura Fé? O seu comportamento e personalidade influenciavam os alunos? Para encontrar respostas para tais indagações seria necessário percorrer o caminho que fez o homem Manoel dos Martírios Moura Fé e os espaços escolares nos quais atuou, assim como revisitar sua formação profissional em Direito e a atividade que desenvolveu paralelamente ao magistério, qual seja, a advocacia que, sem dúvida, também influíram em sua trajetória profissional docente.

Os escritos do Prof. Moura Fé informam sobre o início da sua atuação profissional ainda no Seminário São José, em Caxias, no Maranhão, quando teve de assumir a Cadeira de História do Brasil na primeira série ginásial, de 1946 a 1948, devido à falta de professor. Ainda é ressaltada a atuação docente do Prof. Moura Fé quando, juntamente com um amigo, na cidade maranhense Timon, vizinha cidade de Teresina, no turno noturno, lecionaram aulas particulares de preparação ao Exame de Admissão ao Curso Ginásial, de 1952 até junho de 1954. Sobre este início de atuação na docência, a documentação é escassa, mas temos as memórias do pesquisado que registrou, em sua cronologia, ressaltando a importância desta trajetória na constituição de sua vida profissional e pessoal, sob o título *Caminhos do Magistério*.

A próxima vez que ele se encontrará com a sala de aula como docente se fará de forma especial para atuar na sua cidade de origem, Picos, através de um convite para ministrar aulas das disciplinas de Latim, Francês, História do Brasil e História Geral, em todas as séries do GEP, instituição de referência na cidade, pois, segundo J. Sousa (2005), era a única responsável por oferecer o Curso Ginásial e, em virtude disso, atrair estudantes de várias regiões circunvizinhas.

As experiências docentes de Dr. Moura Fé marcaram a memória dos discentes que com ele cruzaram os espaços das salas de aula; as paredes do museu da cidade de Picos estão preenchidas com quadros escolares em homenagem ao Professor Moura Fé. Essas imagens testemunham os *Caminhos do Magistério* por onde andou. Dentre as instituições escolares, podemos citar o Colégio Comercial de Picos, onde trabalhou por uma década, ficando marcada na memória dos depoentes sua suposta participação na fundação do Colégio.

Sousa (2019) informa que o Colégio Comercial de Picos se assemelhava a uma faculdade, uma vez que muitos dos seus ingressantes se formavam em Técnico em Contabilidade, passando a galgar êxito em suas atividades. Essa representatividade também se associa à oportunidade de estudar um curso técnico específico de uma área, com disciplinas diferentes daquelas praticadas no GEP, apesar dos professores serem quase os mesmos, além de ser um curso pós-primário. Nesta instituição, nosso pesquisado, além de professor, foi aluno do Curso Técnico em Contabilidade (Figura 35). A instituição encerrou suas atividades em 1980, contudo marcou a história local por ter sido criado em 1957, sendo a segunda instituição pós-primária de Picos.

Figura 35 – Diploma de Técnico em Contabilidade de 1972



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Dr. Moura Fé trabalhou no Colégio Comercial de Picos de 1964 a 1974. Por ser, a segunda a oferecer o ensino pós-primário comercial (Sousa, 2019), era referência na cidade. As gerações desse período são marcadas pela formação em Técnico em Contabilidade por essa instituição, sendo uma oportunidade exitosa para continuar os estudos. Nessa instituição,

nosso pesquisado lecionava as seguintes disciplinas: Direito Civil (Legislação Aplicada), Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Economia Política.

A presença do nosso pesquisado no Colégio Comercial de Picos foi marcada na memória de alunos e nas várias homenagens que recebeu, inclusive nos quadros de formatura escolar, bem como nos convites de formatura. Tais objetos, frutos da cultura material escolar que se encontram disponíveis ao público no Museu Ozildo Albano, em Picos, possibilitam uma compreensão das práticas educativas amplamente compartilhadas socialmente, aspectos que serão analisados mais especificadamente. A atuação profissional de Dr. Moura Fé no Colégio Comercial de Picos é marcante, pelo tempo que trabalhou, pelas memórias construídas por aqueles que conviveram com ele, as várias homenagens que recebeu e a dedicação à instituição.

Outra instituição em que Dr. Moura Fé atuou, em Picos, foi o Instituto Monsenhor Hipólito (IMH) (Figura 36), conhecido por ser uma instituição de orientação religiosa:

Em maio de 1943, o Revmo. Pe. Paulo Libório, ao visitar o seu sobrinho que se encontrava enfermo no Hospital Getúlio Vargas, em Teresina, espaço onde as Irmãs Cordimarianas assumiam o serviço de enfermagem, encontrando-se com a Supervisora Geral — Madre Maria de Jesus, manifestou o desejo de seu sobrinho de doar uma casa em Picos, onde poderia funcionar uma escola para crianças, adolescentes e jovens. Após o falecimento do Monsenhor Hipólito, as Irmãs Cordimarianas encerraram o seu compromisso com o Hospital. [...] Assim, no dia 5 de março de 1944, com a presença de Monsenhor Paulo Libório e das autoridades civis da cidade, foi oficializada a instituição escolar que recebeu o nome de Instituto Monsenhor Hipólito, em homenagem ao seu idealizador (Instituto Monsenhor Hipólito, 2015).

Foi o Monsenhor Paulo Hipólito de Souza Libório que encabeçou a materialização do IMH em Picos. Foi um velho conhecido da educação piauiense, incentivador do ensino confessional e reitor do Seminário Sagrado Coração de Jesus, no período em que Dr. Moura Fé estudou na instituição.

Figura 36 – Instituto Monsenhor Hipólito (1944-1994)



Fonte: Museu Ozildo Albano. Revista do Jubileu de Ouro do IMH

A passagem de Dr. Moura Fé pelo IMH foi breve, apenas para substituir um professor no segundo semestre de 1966, lecionando a disciplina de História Geral. Talvez o curto período justifique a falta de documentação sobre a sua passagem pela instituição. Porém as marcas nas memórias dos estudantes são singulares e trazem os vestígios mais condizentes de sua passagem temporária nesta instituição, como podemos constatar nas falas da sua ex-aluna Maria Eunice Soares:

Olha, foi no final dos anos... 68, 69... final dos anos 60 para 70, eu fui aluna dele no Colégio das Irmãs. Ele foi meu professor de História, se não me engano, de Moral Cívica. Como naquele tempo não tinha assim, não tinha tanta abertura de aproximação de aluno com professor assim, não tinha tanta abertura de aluno com professor... Ele sempre foi uma pessoa muito educada, tratava a gente bem, mas sempre mantendo aquela distância. Mas ele tratava muito bem. Era um bom professor, dava as aulas muito bem dado, era responsável e bom de relacionamento com os alunos. (Soares, 2023).

A fala de Soares (2023) é reveladora do período em que atuou Dr. Moura Fé como professor substituto no IMH, também conhecido na cidade como Colégio das Irmãs. Assim ficou marcada para a ex-aluna a didática do professor e a afetividade com que tratava os alunos, mesmo em um período e instituição que tinham regras educacionais rígidas de postura exigidas do professor para com o aluno, desta forma, enaltecendo a competência do professor. Outra ex-aluna que também corrobora o reconhecimento da atuação de Dr. Moura Fé no IMH é Maria das Graças Moura (2023), ao relatar suas percepções sobre o professor:

Eu conheci... na escola, no IMH. Nós terminamos o nosso curso em 1967, acho que foi, você vai ter a notícia por aí, mas muito tempo. Acho que é em 1967... de História, de..., ele era professor dessas disciplinas. Não, eu me lembro do jeito que ele andava, do andar dele, do cuidado quando ele chegava, de colocar as coisas dele em cima da mesa. Eu estava na primeira fila e via tudo, prestava atenção. E do quão cuidadoso ele era, sempre foi. E de dar a aula dele; a aula dele chamava a nossa atenção porque não só era eu, eu não fazia silêncio pra ele sozinha, era a minha turma que fazia silêncio pro professor. Então, ele era... e isso chamava a atenção nele. Nem todos os professores têm esse cuidado. Alguns são mais relapsos, outros são mais inquietos, são impacientes. Ele era, não sei se é metódico a palavra, mas era aquele cara cuidadoso, que sabia o que era que estava fazendo, que tinha um propósito. Não estava ali, como muita gente hoje vai pra sala de aula, não sabe nem o que vai fazer. Eu tenho depoimento de pessoas que dizem, não, eu vou, não sei nem por que. E ele não, ele sabia o que estava fazendo, ele passava esse senso de responsabilidade, esse cuidado com o que ele lecionava, com o papel dele como professor. Eu acho que ele fez muito bem pra todos nós.

É corriqueiro nas falas da aluna as marcas no seu “imaginário” e, segundo ela, nas demais pessoas que conviveram com o professor, o quanto de sua dedicação no ato de ensinar, algo que a mesma observou quando foi sua aluna e se fortaleceu em outras oportunidades que teve de conhecê-lo melhor. Dessa forma, a ex-aluna narra carinhosamente as impressões que lhe causava a personalidade do professor. A maneira como arrumava de forma metódica os materiais sobre a mesa, a sua forma ajustada de andar com sua pasta, todas as suas práticas eram memorizadas pela aluna que sentava na primeira fileira, reconhecendo nos trejeitos do professor suas habilidades e cuidado com que tratava o saber.

Além disso, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc. Por isso, é necessário estudá-lo, relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente (Tardif, 2011, p. 11).

Ao salientar os saberes docentes, Tardif (2011) menciona as relações do contexto social do professor com a profusão de seus saberes técnicos, sendo impossível não levar em conta suas singularidades, personalidade e trajetória formativa na constituição do seu saber profissional. Assim, Dr. Moura Fé ensinava através da sua ministração das aulas, mas também por meio da sua postura e experiências de vida. Na mesma perspectiva, também corrobora Goodson (2002), ao se referir os saberes dos professores, reconhecendo valores, padrões e posturas comuns a profissionais de uma época, contudo evidencia os aspectos identitários deles que ecoam a imbricação entre o pessoal e profissional:



A resposta à questão, Porque é que fazemos o que fazemos na sala de aula? obriga a evocar essa mistura de vontades, de gostos, de experiências, de acasos até que foram consolidando gestos, rotinas, comportamentos com os quais nos identificamos como professores. Cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma espécie de segunda pele profissional (Goodson, 2002, p. 16).

Nesse sentido, podemos destacar o “senso de responsabilidade” do Prof. Moura Fé como amor à profissão que se revelava para os alunos nos mínimos traços como planejava as aulas, como organizava seus materiais e sua postura em sala de aula, trazendo valores que traduzem o que é evocado como bom professor, uma vez que sua personalidade se imbrica na sua prática. Nas falas dos ex-alunos de Dr. Moura Fé, vamos identificando as disciplinas que gostava de ministrar, descortinando suas práticas de ensino, conhecendo suas ideologias educacionais, onde são coerentes sua postura pessoal e sua postura profissional, onde se associam, revelando as nuances da educação da época, como visto nas falas do ex-aluno e auxiliar de escritório de Dr. Moura Fé:

E mais! Muito corretíssimo ele! A turma dele, aquele negócio. Não tinha negócio de meio ponto, não! Tinha que passar mesmo, até comigo que trabalhava com ele na época... Mas, por outro lado, ele era um exímio professor de português. Sem querer, ele conseguia botar as coisas na gente, ele me ensinou a fazer memorando, ele me ensinou a fazer ofício. Eu nunca tive problema assim de botar para fora o que eu queria escrever, aprendi com o Moura Fé. As técnicas dele, ele sempre dizia: olha, tudo tem aqui. Me ensinou até a tabular máquina, que hoje não tem mais no computador, computador tabula. Naquela época, era a máquina de datilografia e a agilidade e tudo, aquele negócio todo. E assim, para mim foi uma escola de vida muito grande. Como eu ia dizendo, as palavras, a acentuação das palavras, por exemplo. Você sabe que uma palavra antes de P e B não se escreve em N? Essas coisinhas tão simples, que você vai ler, é tão complicado as regras nas gramáticas. E ele conseguia deleitar em cima disso aí. As palavras proparoxítona da acentuação, ele dizia assim: rapaz, é tão fácil você vai dizer a palavra. Saúde! Onde é que é a sílaba forte? Então, ó, senta ali. Não precisa tu se preocupar, e realmente era verdade. Ainda hoje, eu faço isso, eu não me preocupo, eu não tenho problema com redação. Já passei em alguns concursos, eu não tenho problema assim. Nada, nem de falar, ensinou a gente a falar em público, que todo mundo tem medo hoje [...] Se eu quisesse ser um político, com certeza eu seria, porque eu teria a cara de pau de falar tranquilo pra todo mundo, só que eu não gosto dessa área, né? Eu estou aposentado, mas ainda continuo trabalhando ainda, até umas perícia em contabilidade. Mas tudo graças ao doutor Moura Fé, né? (J. C. Silva Filho, 2024).

A relação de Dr. Moura Fé e J. C. da Silva Filho revela os elos de extensão da relação escola-vida, uma vez que o destaque do aluno em sala de aula deu origem ao convite para estagiar no escritório de advocacia do seu professor. Esse reconhecimento educacional de Dr. Moura Fé para com seus alunos era comum, algo mencionado nas várias entrevistas que colhemos. Dr. Moura Fé agia também doando ou emprestando livros, ou mesmo custeando estudos de alunos, conhecidos ou parentes. As falas do ex-aluno que teve a oportunidade de conhecer o professor para além dos muros da escola apresentam um Dr. Moura Fé disciplinado e reto com suas ações e convicções, bem como práticas de ensino, onde o ato de ensinar era integrante de sua personalidade, alguém que acredita na educação como forma de transformação de vida, uma acepção democrática. Por meio dos depoimentos, podemos constatar que essa era uma de suas bandeiras educacionais, enxergar a educação como ferramenta de transformação social e pessoal.

Nos testemunhos dos ex-alunos de Dr. Moura Fé, sobressai o perfil metodológico do professor que é intrínseco à sua personalidade: professor respeitador, sério, carinhoso, contador de histórias, disciplinado, correto, entusiasta da leitura e do ensino. Tal perfil comportamental de Dr. Moura Fé tinha conexão com os atributos exigidos do professor, principalmente no Piauí, onde a religiosidade e a moralidade eram requisitos exigidos no magistério. Ainda segundo Vieira (2005), por vezes, a moralidade era mais valorizada que as habilidades profissionais.

Para além da atuação de Dr. Moura Fé em instituições de cunho privado e confessional, destacamos sua atuação e contribuição com a educação de Picos no âmbito das instituições públicas, o que marcou sua vida funcional como servidor público da educação, nas suas experiências iniciais como professor do GEP, bem como sua passagem pelo então Anexo do Colégio Marcos Parente 2º Grau, substituindo um professor e em que teve a oportunidade de atuar como professor e diretor, podendo ascender na profissão, assumindo papel de destaque como gestor escolar.

Até alcançar o papel de destaque como gestor no Anexo do Colégio Marcos Parente 2º Grau, Dr. Moura Fé foi professor, iniciando sua jornada nesta escola de 1954 a 1956 e, depois, em 1974. Logo no início de 1974, Dr. Moura Fé recebeu Portaria para atuar nesta escola, no 1º e 2º Grau, na disciplina de História. Ainda em 1980, passou a lecionar Direito no Curso Técnico do Anexo Colégio Estadual Marcos Parente 2º Grau, e, em 1981, foi designado Diretor, permanecendo no cargo até 17 de agosto de 1987.

Figura 37 – Portaria GSE de n. 024/82, de 1981

f. 14  
S. 024-0001-200/82


 Governo Estadual  
**Secretaria da Educação**

Processo de Educação de 12930

Portaria N.º GSE - 024/82      Teresina, 11 de dezembro de 1981

O SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições legais,

**R E S O L V E:**

DESIGNAR o Professor MANOEL DOS MARTÍRIOS MOURA FÉ, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, para responder pela Direção do Anexo Estadual "Marcos Parente", da cidade de Picos - Piauí, a partir do dia 07/12/81, em substituição ao Professor INÁCIO BALDOÍNO DE BARROS, que desistiu da direção do Anexo.

COMUNIQUE-SE E CUMPRE-SE

GABINETE DO SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO, em Teresina, 11 de dezembro de 1981.

  
 Dr. Luiz Gonzaga Feres  
 SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO

06 734 552/0001 - 00  
 PICOS - CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO  
 REGISTRO DE IMÓVEIS  
 AV. GETÚLIO VARGAS, 500  
 ED. FORTIN

Confira com o original. O referido é verdade.  
 Dia 10 de 12 de 1981  
 Picos - Piauí  
 Alz. Pereira Soares de Carvalho, Heli  
 Tendo em 12 de 12

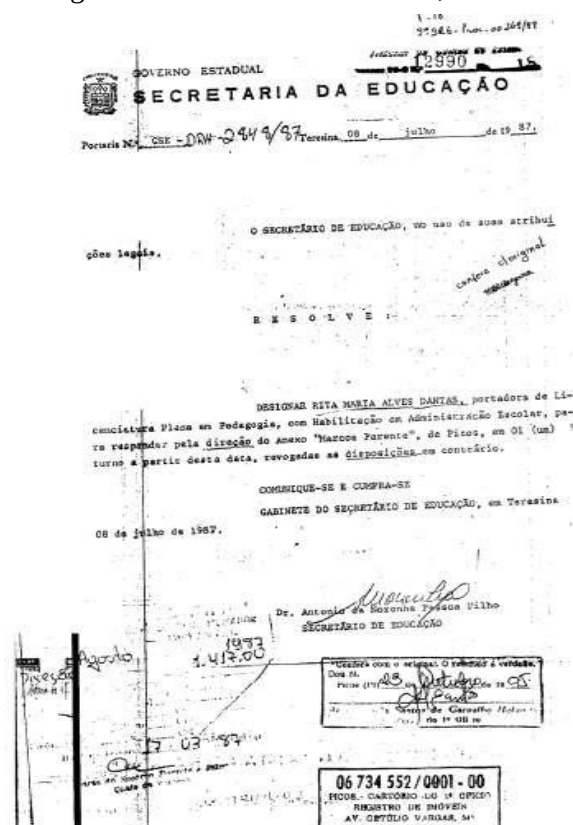
Fonte: Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí (SEDUC)

A Portaria do Gabinete do Secretário de Educação (GSE) n. 024/82, de 1981, de designação de diretor, substituiu Inácio Baldoíno de Barros por Manoel dos Martírios Moura Fé na direção do Anexo Estadual “Marcos Parente” (Figura 37). Dr. Moura Fé ainda recebeu mais duas portarias de direção para atuar na referida escola, sendo elas a Portaria GSE n. 2567/1984 e a Portaria GSE n. 1184/1987, esta última representa sua substituição em face da nova diretora.

Ainda em maio de 1975, por meio da Portaria GSE n. 02638, de 1975, Dr. Moura Fé recebeu a incumbência de ministrar a disciplina de Estudos Sociais na Unidade Escolar Marcos Parente, sendo Secretário de Educação Benjamin Soares de Carvalho. Na pasta funcional de Dr. Moura Fé, obtida na Secretaria de Educação do Estado do Piauí (SEDUC-PI), localizamos a Portaria n. 212/1976, Anexo do Colégio Estadual Marcos Parente, para ministrar a disciplina de História. Ainda identificamos as portarias assinadas n. 2567/1984 (diretor) e n. 1184/1987 (diretor), que reafirmavam a gestão do nosso pesquisado à frente da



Figura 39 – Portaria GSE n. 2848, de 1987



Fonte: SEDUC-PI

Apesar das indicações políticas para cargos de confiança, a capacidade como critério era levada em conta na indicação para cargos educacionais, em virtude da formação que se exigia para uma função de prestígio e competência técnica. Entretanto, o crivo político era determinante em tais indicações, fatores que, segundo Vicentini e Lugli (2009), influíam e interferem até hoje na organização escolar, apesar dos apelos normativos para ingresso em função pública por meio de concurso público.

A partir da pasta funcional de Dr. Moura Fé e de outras fontes, podemos traçar parcialmente a trajetória do nosso pesquisado no serviço público. Assim, constatamos momentos singulares de sua vida, como algo que lhe trouxe alegria, que se refere à mudança no regime de trabalho por meio de Apostilamento<sup>8</sup> datado de 1º de fevereiro de 1993, concedendo a condição de professor efetivo, sob regime jurídico estatutário, com base no artigo 17 da Constituição do Estado do Piauí, de 5 de outubro de 1989, passando a ser considerado estável, nos termos do artigo 19 das disposições transitórias da Constituição Federal de 1988 (CF/1988) (Figura 40).

<sup>8</sup> Trata-se de termo jurídico usado para se referir a aditivos a serem implementados em algum contrato, processo ou licitação.



convites corriqueiros para discursar, seja em missas, reuniões escolares, eventos familiares e até casamentos.

Figura 41 – Evento de Formação de alunos do Colégio Comercial de Picos



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Os longos anos de estudos de Dr. Moura Fé, a formação de seminarista, suas leituras confirmadas por uma biblioteca diversificada, ordinariamente consultada por ele, oportunizaram ao Professor um lugar de destaque, principalmente na instituição escolar. A Figura 41 faz refletir sobre essa centralidade de Dr. Moura Fé por meio de sua intelectualidade, nas falas de Barros (1989, p. 41): “A fotografia que retém a boa imagem que temos de nós mesmos e das outras pessoas e dos lugares por onde passamos deve conter sempre a possibilidade do resgate de uma história [...]”. Nessa figura, o fotógrafo buscou mostrar, intencionalmente, a figura central do orador, resgatando seu melhor ângulo, oportunizando, com o registro, uma possível interpretação histórica. A Figura 41, tirada em 1972, traz em destaque o nosso pesquisado discursando, convidado a falar, prontamente se prontificou a prestar homenagem aos concludentes do Curso de Contabilidade da 14ª Turma Dom Edilberto Dinkelborg.

Figura 42 – Evento escolar no Anexo do Colégio Marcos Parente



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

A Figura 42 retrata a fama de orador comentada por aqueles que conheceram Dr. Moura Fé. Datada de 21 de novembro de 1975, foi tirada em evento realizado no Anexo Escolar do Colégio Marcos Parente, em alusão à conclusão da 8ª série dos alunos da instituição, quando o então professor foi chamado a discursar. Presentes estavam outros professores da instituição.

Outro momento registrado e arquivado no álbum de fotografia de Dr. Moura Fé refere-se a evento escolar não identificado nas pesquisas, em que mais uma vez nosso pesquisado compõe a mesa de honra, quando é convidado a discursar (Figura 43). Dentre os presentes, encontram-se: ao centro, em destaque, Dr. Moura Fé, em pé, discursando (indicado por uma seta branca); da esquerda para a direita assinalados por uma seta azul, Professora Zélia; Abel de Barros Araújo (ex-prefeito de Picos por dois mandatos, em 1982 e 1992, além de deputado estadual em 1998); Jacinto Fotógrafo; e Olívia da Silva Rufino Borges, professora e ex-vereadora da cidade de Picos.



Figura 43 – Dr. Moura Fé discursando em evento escolar



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

A Figura 43 revela um momento de grande importância escolar, uma vez que as vestimentas de Dr. Moura Fé, traje esporte fino ou passeio na cor branca, revelam a importância do episódio. Outro destaque é a presença de uma banda de músicos e de fotógrafo, o que demonstra a festividade merecedora de registro.

A dedicação de Dr. Moura Fé à educação ficou marcada na memória daqueles que o conheceram e com ele conviveram durante o serviço prestado à educação, para além dos 17 anos e 28 dias de tempo de serviço na SEDUC-PI, de 1975 a 1992, como consta nos seus assentos funcionais. Identificamos um trajeto muito maior que abarca o início da década de 1940 do século XX, somando mais de 50 anos de trabalho com educação e que ilustra os dizeres em cartolina afixada em parede da Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas, no dia da festa de despedida do Dr. Moura Fé: “Moura Fé: uma vida dedicada à educação” (Figura 44).

Figura 44 – Festa de despedida do Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Para além dos registros da pasta funcional do Professor Moura Fé, nossa pesquisa demonstrou que sua ligação com a docência e mesmo com a prestação de serviço ao Estado do Piauí é muito anterior ao previsto na pasta funcional da SEDUC-PI, associando-se à prestação de serviços ainda no GEP, na década de 1950 do século XX. Essa vida devotada à educação teve a merecida homenagem quando do seu afastamento para aposentadoria compulsória. Tal registro foi feito em 1992, na Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas, última instituição de ensino na qual atuou e onde seus companheiros de trabalho e alunos realizaram uma festa em homenagem ao professor que completara 70 anos. A foto foi tirada no último dia de trabalho de Moura Fé, onde, após este momento, afastou-se das atividades educativas e aguardou o deferimento de seu pedido de aposentadoria.

Momento sublime na vida de um profissional, a aposentadoria é caracterizada por Sousa (2009, p. 144) como “[...] uma das maiores conquistas para o trabalhador. Representa o afastamento do sujeito de um espaço que lhe conferiu identidade profissional [...]”, onde deveria ser carregado de alegria pela conclusão de uma etapa da vida, porém trouxe celeumas, uma vez que a burocracia acompanhou este processo, só sendo definitivamente incorporado nos quadros de inativos do Estado em fevereiro de 1999.

Vale ressaltar que sua aposentadoria foi burocrática, demorando mais do que o esperado, uma vez que seu processo ficou perdido. Em virtude disso, só foi definitivamente aposentado em 1999, fato que pasmou os membros do Tribunal de Contas do Estado (TCE)

que, por meio de parecer, relata o imbróglio. Ainda podemos atribuir a demora na confirmação de aposentadoria compulsória de Dr. Moura Fé ao fato de o mesmo nunca ter requerido licença-prêmio, o que possibilitou gozar do benefício que se encontrava ao tempo acumulado.

Figura 45 – Certidão de Concessão de Aposentadoria

 **Estado do Piauí**  
**Tribunal de Contas**

Processo: **TC-0 12.990/98**  
Relator: **Auditor ABELARDO PIO VIALNOVA E SILVA**

**CERTIDÃO**

***CERTIFICO**, que na sessão de hoje da Segunda Câmara do TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO PIAUÍ, presidida pelo Exmo. Sr. Conselheiro SABINO PAULO ALVES NETO, foi julgado o presente processo.*

***DECISÃO:** Julga legal a Aposentadoria Compulsória de MANOEL DOS MARTÍRIOS MOURA FÉ, ocupante do cargo de Professor não Licenciado, do Quadro de Pessoal da Secretária da Educação, com proventos de R\$ 143,40 (Cento e Quarenta e três reais e Quarenta Centavos), autorizando o registro da Portaria nº 21000-1098-DDD-CSRH/98, datada de 10.08.98, expedida pelo(a) Secretário de Administração, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto nº 5.407, 16.05.83 e Resolução TCE nº 2.886/98, de 09.12.98.*

***Participaram do julgamento os Exmos. Srs. Conselheiros:**  
Sabino Paulo Alves Neto (Presidente da 2ª), e os Auditores Abelardo Pio Vilanova e Silva, Delano Carneiro da Cunha Câmara.*

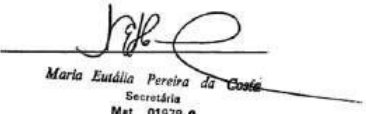
***Impedidos:** Não houve.*

*Foi presente o(a) Exmo.(a). Sr(a). Dr(a). Waltânia Maria Nogueira de S. Leal Alvarenga, Procurador(a) de Justiça, junto a esta Corte.*

*O referido é verdadeiro; dou fé.*

*Sala das Sessões do Egrégio Tribunal de Contas do Estado, em Teresina,  
09.12.98.*

**VISTO:**   
**Cons. José de Anchieta Moraes e Silva**  
**Presidente do TCE**

  
**Maria Eudália Pereira da Costa**  
**Secretária**  
**Mat. 01578-0**

Fonte: SEDUC/PI

A aposentadoria de Dr. Moura Fé, requerida em 25 de maio de 1992, foi concedida por meio do processo de n. TC-0 12.990/1992, do TCE, assinada em 9 de dezembro de 1998, pelo presidente do referido órgão, Dr. José de Anchieta Moraes e Silva, com base no inciso I, do art. 80 da Lei n. 4.212, de 5 de julho de 1988. Recebendo como proventos um vencimento de R\$49,63 (quarenta e nove reais e sessenta e três centavos), 20% de gratificação adicional por tempo de serviço de R\$9,96 (nove reais e noventa e seis centavos), acrescentados 40% de regência no valor de R\$19,85 (dezenove reais e oitenta e cinco centavos) e gratificação por

função de R\$64,00 (sessenta e quatro reais), totalizando R\$143,00 (cento e quarenta e três reais). Tal avaliação de quantitativos é importante para vermos as condições salariais dos docentes à época.

A desvalorização salarial dos professores, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, são assinalados como fatores de sucateamento da carreira do magistério, quando os professores muito foram acusados pelas mazelas sociais e condições dos baixos resultados da educação do país. No Piauí, o período foi marcado por atrasos salariais e greves, que reacqueceram a discussão sobre a profissão docente (Sousa, 2009).

Com a implantação da LDB 5692/71, houve uma procura por remunerar melhor os professores e uma preocupação com a qualificação destes. A década de 1980 consolidou a saída da classe média da escola, tanto por parte dos professores (que, em sua maioria desempenhavam outras profissões, como advogado, dentista, engenheiro, etc., como dos alunos, sendo que isso resultou no descaso maior ainda por parte do governo e setores da sociedade, provocando agravamento do quadro educacional, consubstanciando em baixos salários, escolas depredadas, salários atrasados, falta de ingresso em concursos públicos e gestão autoritária. Esse quadro alarmante, iniciado no final dos anos 1980, arrastou-se por todos os anos 1990 (Sousa, 2009, p. 143).

O Ensino Secundário, renomeado pela legislação de Ensino Médio, teve no Piauí, segundo Ferro (1996), a junção de profissionais licenciados e liberais, que conciliavam o magistério com outras atividades. A realidade de diversificação de atividades de professores, ou de jornada dupla é fruto da precarização destes profissionais que, historicamente, tiveram na má remuneração salarial um gargalo de desvalorização, fato que reverbera até os dias atuais, visíveis por meio de greves e paralisações destes profissionais. Especificamente quanto à questão salarial, advogamos ser baixo o salário dos professores, o que retroage quando da colocação docente nos quadros de inativos, uma vez que perde algumas vantagens. Neste sentido, os vencimentos de Dr. Moura Fé, totalizados quando da aposentadoria em R\$ 143,40 (cento e quarenta e três reais e quarenta centavos), somava cerca de um salário e meio na época.

A aposentadoria representou um novo ciclo na vida de Dr. Moura Fé, um momento de descanso, de estar mais com a família, mas, principalmente, de poder passar a vida a limpo, de recordar o vivido, remexer nos guardados e encontrar outros sentidos para a vida. Não por acaso, a descrição de sua trajetória de vida, feita a punho, é datada, inicialmente, de 17 de junho de 1992, apenas meses depois do afastamento para aposentadoria.

Sobre os ciclos de vida da carreira docente, Huberman (2002) nomeia-os de acordo com as tendências gerais que identificou, descrevendo como seis ciclos: fase de estabilização,

fase de diversificação, pôr-se em questão, serenidade e distanciamento afetivo, conservantismo e lamentações e, por fim, desinvestimento. Encontramos no nosso pesquisado, ao longo dos 70 anos de idade peculiares da fase denominada de ‘desinvestimento’. Essa fase se caracteriza por ser de “fenômenos de recuo e de interiorização no final da carreira”, é fase de reflexão, quando se tenta passar a limpo o vivido, rememorar seus feitos.

Assim, podemos constatar em Dr. Moura Fé tais tendências que se fazem em momento de lembrar, uma vez que a aposentadoria lhe ofertou tempo, era momento, como diz Huberman (2002, p 46), de “[...] consagrar mais tempo a si próprio, aos interesses exteriores à escola e à sua vida social de maior reflexão, digamos de maior carga filosófica [...]”, é momento de pôr em prática projetos esquecidos pelas ocupações do labor.

A fase de aposentadoria de Dr. Moura Fé não representou inércia, uma vez que continuou a trabalhar como advogado no seu escritório. Contudo o dispor de mais tempo levou-o a desenvolver projetos existentes, mas deixados de lado pelas ocupações cotidianas. Dentre eles, estava a intenção biográfica, o desejo de escrever algo sobre Bocaina, ou mesmo sobre a genealogia familiar. Neste ínterim, Dr. Moura Fé passou a fazer limpezas em seus armários, a mudar as coisas de lugar, como se assim mudasse também sua vida. Neste momento, redigiu sua trajetória de vida, deixando um título reservado para *Os caminhos do Magistério*. Outro feito que buscou descrever com ênfase refere-se aos cursos que realizou, os certificados e diplomas que adquiriu e que lhe davam grande orgulho.

[...] a recordação do passado é menos uma reprodução do que uma criação, o resultado de uma tentativa de pôr ordem em acontecimentos que tinham outra ordem no momento em que foram vividos. Assim, uma narração é, em grande parte, mais uma reinterpretação do que um relato. É o facto de querer dar um sentido ao passado e de o fazer à luz do que se produziu desde então até o presente que nos leva até um modelo mais transformacionista, mais ‘construtivista’ da memória do que aquilo que se imagina intuitivamente (Huberman, 2002, p. 58).

Na citação de Huberman (2002), podemos constatar o ato de lembrar como necessidade humana de colocar os acontecimentos da vida em ordem, alinhar os fatos vividos, dando sentido. Neste ato de lembrar, em meio à velhice e o consequente aposentar-se surgem outros sentidos, memórias carregadas de nostalgia, e, para Sousa (2009, p. 147), esse processo “[...] vai muito além do que o simples recordar, indo ao encontro do sentido de sua existência. É ressignificar o vivido, na busca de outros olhares e de outros tempos”. Lembrar constitui um ato de seleção onde os aspectos que mais o marcaram vão ganhando relevo nas

escrituras de sua narrativa, assim interpreta seus fatos dando luz ao que considera mais importante, relegando ao esquecimento acontecimentos que lhe desagradam. Assim como a construção de nossas vidas, aonde vamos, fazendo escolhas dos caminhos que queremos seguir, apesar de condicionadas a um contexto, a memória também vai classificando “suas lembranças contra o esquecimento”, ordenando o que deve ser lembrado (Pollak, 1989, p. 7).

Questão de ordem para Dr. Moura Fé que era digno de rememorar se associava aos estudos, sua formação e atuação no magistério, assim como os cursos que lhe foram dando crédito para desenvolver as funções profissionais que assumiu. Esses cursos e diplomas ganharam espaço no arquivo pessoal de Dr. Moura Fé, sendo organizados numa pasta catálogo, própria para guardar documentos que precisam de conservação.

Os cursos feitos por Dr. Moura Fé, ao longo da vida, encontram-se bem preservados como símbolo de que os estudos, em sua vida, foram uma constante, sempre profissionalizando-se, ávido por conhecimento (Quadro 8). Em Bourdieu (2007), os certificados e diplomas são uma espécie de certidão de competência que promove distinção social.

Quadro 8 – Diplomas e certificados de formação e profissionalização

| N.  | CURSO                                                                              | INSTITUIÇÃO VINCULADA                                           | ANO  |
|-----|------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|------|
| 1.  | Bacharelado em Direito                                                             | FADI                                                            | 1959 |
| 2.  | Técnico em Contabilidade                                                           | Colégio Comercial de Picos                                      | 1972 |
| 3.  | Honra ao Mérito ao Ex-Diretor                                                      | Diretoria Regional de Educação de Picos                         | 1991 |
| 4.  | Interpretação da Previdência Social Gramática Histórica                            | Instituto Nacional de Previdência Social (INPS)                 | 1971 |
| 5.  | Homenagem pelo Dia do Advogado                                                     | OAB-Subseção de Picos-Piauí                                     | 2003 |
| 6.  | Orientação Sindical                                                                | Instituto Cultural do Trabalho                                  | 1971 |
| 7.  | Curso de Extensão em Estudos Sociais - Projeto RONDON                              | Campos Avançado de Picos- Piauí                                 | 1978 |
| 8.  | II Seminário de Legislação Trabalhista Previdenciária e Tributária                 | Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC)              | 1983 |
| 9.  | 1º e 2º Ano Científico                                                             | Liceu Piauiense                                                 | 1952 |
| 10. | Curso Científico                                                                   | Colégio São Francisco de Sales                                  | 1953 |
| 11. | Curso de Elementos Básicos de Serviço Social                                       | Serviço Social da Indústria                                     | 1978 |
| 12. | Encontro de Avaliação do Ensino de 2º Grau                                         | SEDUC-PI                                                        | 1982 |
| 13. | Comemorações do Cinquentenário da OAB                                              | OAB-Secção do Piauí                                             | 1982 |
| 14. | Curso de Extensão Universitária - Fenômenos Parapsicológicos                       | Faculdade Anchieta - Centro Latino-Americano de Parapsicologia  | 1975 |
| 15. | Curso de Datilografia                                                              | Serviço Social do Estado (SERSE) e Centro Social de Picos-Piauí | 1973 |
| 16. | I Ciclo de Estudos sobre Administração Escolar para Diretores de Ensino de 2º Grau | SEDUC-PI                                                        | 1985 |
| 17. | Diploma de Honra ao Mérito - Picos 100 anos                                        | Município de Picos                                              | 1990 |

|     |                                                                      |      |      |
|-----|----------------------------------------------------------------------|------|------|
| 18. | Aulas e Conferências do Curso de Interpretação de Previdência Social | INPS | 1972 |
|-----|----------------------------------------------------------------------|------|------|

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O diplomas, certificados e eventos dos quais Dr. Moura Fé participou nos impressiona pela quantidade e diversidade, pois demonstram sua preocupação com a formação continuada, seja como advogado ou professor, inclusive evidenciando as áreas jurídicas nas quais atuou na área do Direito Previdenciário e Direito Civil, como pode ser visto na busca constante por aperfeiçoamento nessas áreas.

. Para melhor entendemos como Dr. Moura Fé foi se formando e profissionalizando, propomo-nos a categorizar e classificar os diplomas e certificados, seguindo a própria divisão pedagógica de formação inicial e continuada. Entretanto, dividimos a formação continuada em duas áreas, quais sejam, Educação e Direito. Também criamos a categoria de Homenagens; já aqueles diplomas, certificados e cursos que não se enquadravam em nenhuma dessas categorias e tinham sentido muito específico, categorizamos como “Outros”.

Os 18 certificados podem ser divididos em cinco categorias: aqueles relacionados à formação inicial (quatro); formação continuada na área do Direito (quatro); formação continuada em Educação (quatro); homenagens (quatro); e outros de cunho específico (dois). A partir dessa categorização, os certificados ficando assim classificados e categorizados:

- a) **Formação inicial:** Diploma de Bacharelado em Direito; Certificado de Técnico em Contabilidade, Certificado de Conclusão do 2º ano Científico; Certificado de conclusão do Curso Científico;
- b) **Formação continuada em Direito:** Curso de Interpretação da Previdência Social Gramática Histórica, Certificado de participação no II Seminário de Legislação Trabalhista Previdenciária e Tributária, Curso de Elementos Básicos de Serviço Social, Aulas e Conferências do Curso de Interpretação de Previdência Social;
- c) **Formação continuada em Educação:** Certificado de participação no Curso de Extensão em Estudos Sociais - Projeto RONDON; Encontro de Avaliação do Ensino de 2º Grau, I Ciclo de Estudos sobre Administração Escolar para Diretores de Ensino de 2º Grau e Curso de Datilografia;
- d) **Homenagem:** Diploma de Honra ao Mérito ao Ex-Diretor, Certificado da OAB de Homenagem pelo Dia do Advogado, Comemorações do Cinquentenário da OAB e Diploma de Honra ao Mérito - Picos 100 anos;
- e) **Outros segmentos:** Certificado de Orientação Sindical e Curso de Extensão Universitária - Fenômenos Parapsicológicos.

Dentre os 18 certificados identificados, podemos constatar que 44,44% foram realizados na década de 1970, sendo uma demonstração do momento de maior investimento em conhecimento e profissionalização do nosso pesquisado. Nesse período, houve cursos de todas as categorias, exceto homenagens. Foi um período da vida de Dr. Moura Fé marcado por sua consolidação no ramo da educação, após mais de dez anos de docência e na advocacia; podemos enquadrá-lo, na classificação de Huberman (2002, p. 39), como “Fase da Estabilização” na vida profissional. Essa fase de exploração é compreendida pelo autor como um momento de “comprometimento definitivo” ou da “estabilização” e da “tomada de responsabilidades”. Percebemos o período de investimento de Dr. Moura Fé na sua formação, dando atenção às suas diversas áreas de atuação, destacando-se o seu comprometimento profissional.

O segundo período de maior número de diplomas e certificados de Dr. Moura Fé é na década de 1980 do século XX, sendo contabilizando 22,22% do total, correspondendo a quatro certificados referentes à Formação Continuada na área de Educação, podendo ser explicado pela atuação como gestor que era convocado pela SEDUC-PI para obter formação na área, cursos estes muitas vezes causa de investimento do próprio Estado na educação, obedecendo às exigências das diretrizes educacionais. Os demais certificados se referem à advocacia. Chama atenção o Certificado do Projeto Rondon. Em Picos, o Projeto Rondon foi resultado da experiência inicial de implantação do Ensino Superior na cidade, a Avançada Universidade Federal de Goiás (UFG). Essa instituição mantinha parceria para o desenvolvimento do Projeto Rondon que, em linhas gerais, foi uma iniciativa interministerial de cunho político e estratégico implantada no Governo Médici, em 1971. Por meio de atividades de extensão universitária, a UFG, segundo Sousa (2014), oferecia cursos nas áreas mais isoladas do interior do país.

Os diplomas e certificados referentes à década de 1950 corresponderam ao percentual de 16,66% do total, categorizados como Formação Inicial, seja em nível médio ou superior. São aqueles que oportunizaram a Dr. Moura Fé atuar na educação e como advogado.

Na análise, ainda identificamos três certificados da década de 1990 e de 2000 (16,66%). São singulares, uma vez que todos fazem parte da categoria Homenagem. No final da carreira de Dr. Moura Fé, que se relaciona ao próprio ciclo de vida, há um desinvestimento na educação. Como fala Huberman (2002, p. 46), é momento de “terminar a sua carreira ‘calmamente’”. Destaca-se a especificidade desse período para nosso pesquisado, carregado do reconhecimento social pelos anos de dedicação ao trabalho, através de homenagens prestadas, no campo da Educação e do Direito.



Dentre os cursos realizados por Dr. Moura Fé, o Curso de Datilografia chama a atenção, uma vez que ficou registrado na memória dos familiares porque, segundo seus filhos João A. dos M. Moura Fé e Adelino A. dos M. Moura Fé (2023), o genitor teria tentado praticar datilografia ainda na década de 1940 do século XX, quando trabalhou em um escritório em Teresina, mas foi denunciado por um colega de trabalho ao patrão, e este, longe de repreendê-lo, estimulou a aprendizagem. Esse fato, contado com orgulho pelos filhos de Dr. Moura Fé, reflete o impacto que a máquina<sup>9</sup> de escrever ou máquina de datilografar provocou na época, principalmente nos espaços dos escritórios e em órgãos públicos, uma vez que, segundo Martins e Bertol (2018), gerou uma nova forma de relacionar fala-escrita-publicação.

Para além da popularização da máquina de escrever, o domínio de profissionais desta habilidade era emprego garantido e *status* social. Essa correspondência entre datilografia e mercado de trabalho era um requisito de eficiência. Vislumbrando tal requisito, Dr. Moura Fé, além de fazer o curso, determinava a todos os filhos que também o fizessem. Assim, décadas depois do seu contato inicial com a datilografia, Dr. Moura Fé realiza o desejo de fazer o curso de datilografia, em 1973, no Serviço Social do Estado (SERSE), em parceria com o Centro Social de Picos, que ofertava o curso.

---

<sup>9</sup> Os estudos sobre máquina de escrever dão conta de sua origem na virada do séc. XIX para o início do séc. XX, porém no Brasil sua popularização se dá a partir de 1940, período em que a modernização do país exigia instrumentalização e mecanização das operações como critério de desenvolvimento. Neste sentido as máquinas passaram a ser instrumento indispensável nos escritórios, gabinetes, órgãos públicos e por fim no ambiente doméstico (Martins; Bertol, 2018).

Figura 46- Máquina de datilografar



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O interesse pela datilografia e sua popularização como instrumento padrão em escritórios levou Dr. Moura Fé a adquirir uma máquina de datilografar da Remington, um dos modelos mais populares produzidos pela empresa norte-americana. Junto com outros acessórios e mobiliário do seu escritório, a máquina de datilografar era um instrumento de luxo profissional de Dr. Moura Fé, preservado e bem cuidado, adquirido para o desempenho de suas funções como advogado e professor.

A prática de datilografia já era desenvolvida com maestria por Dr. Moura Fé, desde a década de 1950 do século XX, quando ainda trabalhava em escritórios em Teresina, porém o mercado de trabalho exigia a titulação por meio de certificado, conferindo melhores oportunidades de trabalho para quem adquiria essas habilidades. Assim, informa Juliêta A. A. Moura Fé (2023) que o esposo impressionou os professores e colegas de sala ao regressar à sala de aula para fazer o curso de datilografia, uma vez que já dominava a técnica.

Para além da faceta de Dr. Moura Fé como discente e docente, destacamos sua atuação como advogado, cuja formação específica de bacharel obteve em 1959 e iniciou sua história oficial como advogado em 1961, por meio de sua inscrição na OAB, até os últimos dias de sua vida, como consta na Figura 47.

Figura 47 – Carteira da OAB de 1961

**Ordem dos Advogados do Brasil**

Seção do Piauí  
 Carteira n.º 343 Inscrição n.º 365  
 Carteira de Identidade de A D V O G A D O  
 Expedida a Manoel dos Martírios Moura Fé  
 Título Bel. em Direito  
 Pela Faculdade de Direito do Piauí  
 Tendo colado grau aos 9 / 10 / 59  
 Nacionalidade Brasileira  
 Filiação Elias de Moura Fé e Maria José dos Martírios  
 Data do nascimento 23-5-22  
 Sede principal da advocacia Teresina  
 Data da inscrição no quadro da Ordem 10 de fevereiro de 1961  
 Observações:

Fotografia tirada em 10 de 01 de 1961

POLEGAR DIREITO

SEÇÃO DO ESTADO DO PIAUÍ

ASSINATURA DO POSSUIDOR

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O mundo jurídico, no século XX, foi marcado por grandes transformações, desde a valorização e elitização até a expansão da profissão. Tais fatores caminham junto com a consolidação a profissão com a criação da OAB, em 1930, bem como o *status* constitucional que dignificou a profissão no artigo 133 da Carta Magna de 1988, ao dispor que a profissão é indispensável para o exercício da Justiça, sendo, portanto, uma atividade social.

A atuação de Dr. Moura Fé como advogado era dividida com a atuação no magistério, no serviço público federal, circulando entre escolas e o gabinete (escritório), algo corriqueiro entre os advogados da época, uma vez que a formação em nível superior possibilitava a docência, em um contexto onde este nível de ensino ainda era permitido a poucos, aqueles formados sendo solicitados pelo mercado de trabalho, inclusive no magistério. Contudo algo nos chamou atenção no arquivo de Dr. Moura Fé, apesar da preservação dos objetos do seu gabinete, que ficava na sua própria residência: deparamo-nos com a ausência de documentos relativos ao ofício de advogado. Tal fato nos fez repensar as lições de Artières (1988, p. 11):

Mas não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens.

Hipoteticamente, justificamos essa ausência de documentos referentes à atuação jurídica de Dr. Moura Fé em seu arquivo às seleções que fez e às que a família realizou após sua partida, bem como a preservação do sigilo entre advogado e cliente, o que pode explicar a ausência de alguns documentos que resguardavam informações sigilosas de terceiros. Diante

disso, para conhecermos um pouco mais desta faceta profissional de Dr. Moura Fé, tivemos de nos apoiar nas entrevistas, principalmente de seu filho Elias A. M. Moura Fé que também é advogado e trabalhou em parceria com o genitor, além do estagiário de seu escritório, à época, José Cérvulo da S. F., os quais contribuíram significativamente com informações para a pesquisa. Os depoimentos informam que Dr. Moura Fé atuava, preferencialmente, na área Cível do Direito das Sucessões, com a realização de inventários, e não se identificava com Direito Criminal, contudo teve algumas atuações no Tribunal do Júri (Elias A. M. M. F., 2023). Essa informação é consubstanciada com a própria história do Direito, pois outrora era restrita às áreas jurídicas, ampliando-se paulatinamente com o tempo e a legislação, a exemplo o Direito de Família que passou a ser uma área de atuação profissional, principalmente com a Lei do Divórcio em 1977.

Sobre o exercício profissional de Dr. Moura Fé na advocacia, o filho Elias A. M. M. F. relembra, com satisfação, a oportunidade de trabalharem juntos e as experiências que viveram, assim como o respeito conquistado pelo genitor entre seus pares:

E depois eu fui ver, olha, estou com o professor dentro de casa, sabe, de graça, eu vou aproveitar, sabe, então muitas vezes eu já ligava para o papai, eu estou com um problema aqui, uma dúvida aqui, assim, assim, pois vem, sabe, isso aconteceu quando eu era estudante, e já no exercício da profissão de advogado, algumas e várias e muitas vezes, eu liguei para ele e vinha a Picos, ia a Picos para poder ele me orientar. Aí ele tinha os processos lá, alguma coisa prática, para mostrar como é que o juiz agia, tal, algumas coisas, tinha teoria e a experiência dele, sabe? Então, assim, eu sempre tive com ele aquela preocupação de ele me ensinar a mostrar como é que era, me apresentava para alguns amigos que eram juízes, colegas de advocacia, por sinal, ele criou essa coisa lá em defesa dos advogados e tudo, e aí isso foi, acredito que foi final de 87, para começo, foi final de 87 na eleição que tinha lá, e eu ainda estudante de Direito, assinei a ata de fundação desse clube lá, dessa estrutura por lá e tudo, e aí ele, a turma se mobilizou e tudo, o papai era quem ia em defesa dos advogados (Elias A. M. Moura Fé, 2024).

Neste depoimento, podemos identificar o lado educador de Dr. Moura Fé na transmissão de suas experiências profissionais como advogado, um visionário que já colocava em prática princípios atuais da advocacia, como a conciliação, que via na atuação harmoniosa da lide e na boa relação dos advogados litigantes, um passo para pacificação social. Como afirma Elias A. M. M. F. (2024), ao recordar a atuação de seu genitor: “Papai dizia assim: nós não somos pagos para brigar um com o outro [...] o seguinte, quando eu estou atuando de um lado, e do outro lado, o advogado é meu amigo”. Nesse sentido, Dr. Moura Fé também atuou na criação do Clube recreativo dos advogados de Picos, bem como esteve na liderança de

conflitos judiciais entre as esferas jurídicas, pugnando pela independência do advogado e pela Justiça, princípios insculpidos entre os direitos e deveres dos advogados.

[...] ele tinha uma grande virtude, ele chegava, o cliente chegava a falar com ele, às vezes eu estava ali sentado escutando, e quando ele via que não tinha condições, ele dizia: ‘Olha, não vou pegar a sua causa, não tem condições, eu sou honesto, eu não vou te enrolar, pegar teu dinheiro’. E o cara fica zangado: ‘Mas, doutor, não, há mais um advogado. ‘Pois não se preocupe comigo, não, você procura ele. Se ele lhe garantiu...’ Então, ele era desse tipo de gente. (Elias A. M. M. F., 2024).

Sobre a atuação de Dr. Moura Fé na advocacia, José Cérvulo da S. F., seu funcionário, à época, recorda da sua personalidade séria e honesta que repercutia no ofício de advogado, muitas vezes dispensando clientes por entender que a causa não tinha fundamentação legal. Isso gerava desconforto nos clientes que procuravam outros advogados da cidade. Os depoimentos são reveladores das contradições de nosso pesquisado, ao apresentar inimizades e conflitos de ideias, o que nos transportam para as concorrências na advocacia, os desentendimentos com seus pares, além de práticas antiéticas de alguns profissionais da área. Em um período em que se podia “contar os advogados na palma das mãos, em Picos”, (J. C. S. F., 2024). As redes de sociabilidades de nosso pesquisado também são reveladoras de sua participação em espaços privilegiados da sociedade, em um tempo onde a advocacia ocorria de forma presencial e os processos eram físicos, as visitas em cartórios e fórum eram rotinas do advogado. Nessas idas e vindas, petições de processo, conversas com juízes e outras autoridades, ocorriam entendimentos e desentendimentos que acompanhavam a vida, personalidade e atuação do advogado, marcando seu próprio ofício.

No cenário público, a ação escolar preenchia grande parte da vida do nosso pesquisado. Com *status* de missão, conjugou o magistério com a advocacia, sua formação docente ocorreu no ofício diário, se constituiu professor em meio às suas experiências de vida, por meio da ministração de aulas no Seminário e na preparação de alunos para o Exame de Admissão. Como professor público, o GEP foi seu palco de atuação, a disciplina de História, sua paixão, onde pôde mostrar o que aprendeu no Seminário em anos de aprimoramento. Como advogado, sua conduta profissional permitia uma rede de sociabilidade; a confiança e o respeito que recebia dos seus pares lhe rendiam clientes certos, fruto do respeito e coerência com o ordenamento jurídico. Para além da vida pública, a vida privada de Dr. Moura Fé se insinua também em seu arquivo através de sua função de marido e pai, funções reveladoras da humanidade e do perfil multifacetado que assumiu ao longo da vida.

### 3.3 “A SUA PASSAGEM AQUI FICOU MARCADA PELA DEDICAÇÃO, AMOR E DOAÇÃO”: O ANEXO ESCOLAR MARCOS PARENTE

A Figura 48 é datada de 1992 e representa momento singular na vida profissional do Prof. Moura Fé, merecendo destaque na estante principal da sala de estar da sua residência. No espaço da Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas, foi feito o registro de Homenagem ao professor, em virtude do seu afastamento para aposentadoria, uma vez que completara 70 anos de idade. O título deste subtópico transcreve a frase escrita na cartolina do lado direito, onde, de forma carinhosa reconhece o trabalho de Dr. Moura Fé e a dedicação à educação em toda sua trajetória de vida.

Figura 48 – Festa de despedida do Prof. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O ambiente está devidamente organizado para a homenagem, cartolinas contendo mensagens, mesa composta pelas autoridades escolares, enfeites emoldurando o espaço, lembrando que aquele era momento de celebrar. O evento foi organizado por seus pares, sua esposa também esteve presente, sentada ao seu lado direito. Não por acaso, o homenageado está no centro da imagem, sendo captado pela câmera fotográfica no exato momento do discurso de agradecimento, quando certamente pôde recordar sua trajetória profissional como professor, que se mescla com a própria história de vida, daí a cartolina ao seu lado direito trazer a seguinte mensagem: “Moura Fé: uma vida dedicada à educação”.

É no solo do Complexo Escolar formado pela Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas e pela Unidade Escolar Marcos Parente (GEP) que se fez a

atuação oficial pública de Dr. Moura Fé como professor, espaços onde atuou como professor, diretor escolar, secretário e onde se desenvolveu como docente e foi reconhecido profissionalmente.

A passagem de Dr. Moura Fé pelo GEP, escola que teve variadas nomenclaturas e sedes, deve ser rememorada, uma vez que, nesta instituição, ele oficializou o ingresso no magistério, além de ser a primeira instituição de Ensino Secundário da região, permanecendo como única a ofertar esse nível de ensino até a década de 1970. Por meio da análise dos livros de pontos do GEP, podemos identificar a assinatura de Dr. Moura Fé, na condição de professor, a partir de agosto de 1954 até junho de 1956, configurando um período de três anos letivos em que ele atuou na instituição, no turno vespertino, geralmente em quatro dias na semana, nos quais ministrava três aulas por dia.

Em 1955, Dr. Moura Fé foi demitido do GEP, sendo, meses depois, restabelecido o vínculo, o que, hipoteticamente, pode estar associado a desentendimentos com os governantes municipais do período. Tais fatores interferiam na indicação dos professores, uma vez que, apesar do GEP ter sido criado por lei estadual, era mantido, financeiramente, pelo Município (Sousa, 2019). Já em 1974, constatamos novamente a atuação de Dr. Moura Fé no GEP, agora por meio de vínculo de contrato e portaria de designação para assumir a função docente.

Antes da implantação do GEP, Picos estava em expansão da sua Rede de Ensino Primária, necessidade premente, em vista do alto nível de analfabetismo em todo o Brasil, era momento de ampliar a educação das crianças. Assim, Picos, até 1950, segundo J. Sousa (2005, p. 86) possuía a “[...] Escola Municipal Landri Sales, o Instituto Monsenhor Hipólito e professores municipais espalhados em casas e escolas improvisadas, ensinando a ler e escrever [...]”, para continuação dos estudos os estudantes deveriam se deslocar para outras cidades que já dispunham do Ensino Secundário.

Ao pesquisar a história do GEP, J. Sousa (2005, p. 121) ressalta que a instituição foi criada pela Lei Estadual n. 90, de 20 de janeiro de 1948, e iniciou suas atividades em 1950, mas só tardiamente teria sido oficializado pela Lei n. 2.238, de 7 de dezembro de 1961, momento em que teve o nome alterado para Ginásio Estadual Marcos Parente e configurado como “de responsabilidade do governo Estadual”.

Vale ressaltar que o GEP, além de nomenclaturas diferentes ao longo do tempo, também teve quatro sedes, descritas por Sousa (2019). A primeira sede foi o edifício do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, de 1950 a 1954, e as aulas funcionavam no turno vespertino, uma vez que no matutino funcionavam as aulas do Ensino Primário; a segunda sede, de 1954 a 1959, em casas alugadas e improvisadas situadas na rua Monsenhor Hipólito;

a terceira sede foi inaugurada em 1960, sendo um prédio próprio construído pelo Poder municipal; a quarta sede é um prédio próprio, situado no bairro Bomba, que foi construído pelo Poder estadual e inaugurado em 1970, onde funciona até os dias atuais. Esse prédio se destaca pelas instalações modernas e pelas dimensões e capacidade para atender, nos três turnos, um total de, aproximadamente, três mil alunos.

As mudanças de localização do GEP, bem como de seu nome são atribuídas a vários fatores de ordem política, estrutural e social. A demanda crescente de alunos exigia melhores instalações e uma sede própria, bem como a administração do órgão que ora estava na posse do Município, ora do Estado. Esses fatos só evidenciam a importância da instituição e o quanto ela foi se transformando ao longo do tempo. Essas buscas por um prédio que atendesse as demandas sociais reforçam que “[...] o prestígio da escola depende [...] de como esteja instalada, de seu tamanho, limpeza, orientação” (Vinão Frago; Escolano Benito, 2001, p. 37).

Pesquisar instituições escolares nos permite entender como este universo funciona, quais suas implicações e relações com a sociedade. É de suma importância, uma vez que as escolas são organismos vivos que refletem a sociedade e são reflexos de aspectos sociais. Nesse sentido, o GEP é parte da história de Picos e, por meio dele, podemos identificar sujeitos da educação que contribuíram para o desenvolvimento da região, dentre eles, destacamos Dr. Moura Fé, que teve sua vida entrecruzada pela história desta instituição.

A vida profissional oficial de Dr. Moura Fé, como dito anteriormente, inicia em 1954, no GEP. No desenvolvimento desta instituição, o nosso pesquisado também foi se aprimorando e tendo sua vida impactada pelas mudanças ocorridas na instituição e — por que não dizer? — com as próprias transformações na educação do país. Nesse sentido, destacaremos o prestígio de Dr. Moura Fé para atuar no GEP, quando ainda era acadêmico de Direito. Apesar de a Lei Orgânica do Ensino Secundário exigir a necessidade de formação em nível superior, isto nem sempre era observado, como dispõe J. Sousa (2005), haja vista a insuficiência de profissionais com formação adequada. Assim dispunha a Lei 4.244 de 1942, no art. 79, capítulo V:

#### CAPÍTULO - V DOS PROFESSORES

Art. 79. A constituição do corpo docente, em cada estabelecimento de ensino secundário, far-se-á com observância dos seguintes preceitos:

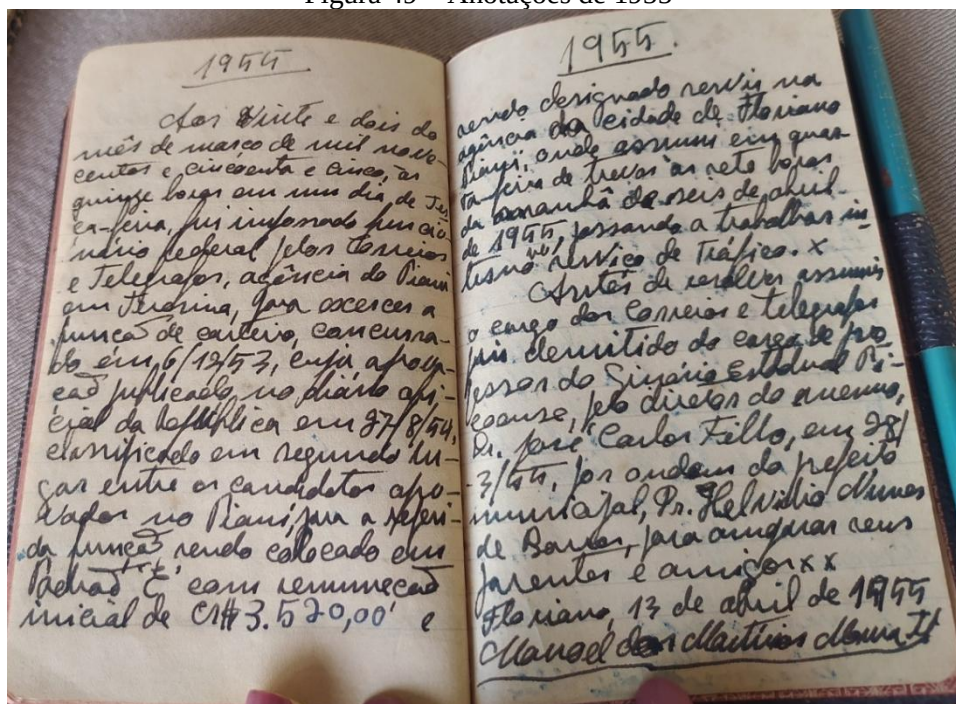
1. Deverão os professores do ensino secundário receber conveniente formação, em cursos apropriados, em regra de ensino superior.
2. O provimento, em caráter efetivo, dos professores dos estabelecimentos de ensino secundário federais e equiparados dependerá da prestação de concurso.



3. Dos candidatos ao exercício do magistério nos estabelecimentos de ensino secundário reconhecidos exigir-se-á prévia inscrição, que se fará mediante prova de habilitação, no competente registo do Ministério da Educação.
4. Aos professores do ensino secundário será assegurada remuneração condigna, que se pagará pontualmente (Brasil, 1942).

A condição de acadêmico de Direito era título escasso na região, sendo muitas vezes apenas exigida a conclusão no Ensino Secundário para estar apto a ministrar aulas, situação em virtude da carência de profissionais. Assim explica J. Sousa (2005, p. 114): “Em Picos faltavam recursos humanos qualificados, como também não havia recursos financeiros para contratar pessoas de outras localidades. Além disso acreditamos que os salários pagos não atraíam pessoas com formação em nível superior [...]”. Essa realidade também é assinalada por Vicentini e Lugli (2009), ao tratarem das condições de trabalho do professorado brasileiro, com salários mínimos e o ingresso na profissão feito, geralmente, por indicação política, o que precarizava o ensino. Essas indicações de professores e gestores eram previstas no contexto em que viveu Dr. Moura Fé, que foi beneficiado e vítima dessas conjunturas políticas, quando sua colocação profissional poderia ser facilmente mudada ao sabor dos interesses dos grupos políticos, como visto no seu relato indignado (Figura 49).

Figura 49 – Anotações de 1955



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

As informações presentes na Figura 49 são ricas por trazerem, de forma geral, dados da vida profissional de Dr. Moura Fé, como o período que assumiu os Correios como servidor público federal, no segundo semestre de 1954. Podemos perceber também as formas de contratação municipal docente no período, por meio de indicações políticas. Sobre tais redes de apadrinhamento político no acesso ao emprego público no Piauí, destaca Lopes (1998, p. 155): “O professorado público primário, mais que o sistema escolar, se constituiu lentamente a partir das relações entre Estado e municípios, como fruto das ações do clientelismo político e teve como principal controlador do seu trabalho, porque mais efetivo, o poder público municipal”.

Após sua formação, Dr. Moura Fé retorna ao GEP na década de 1970 e, em 1981, por indicação política, assume o posto de diretor no Anexo do Colégio Estadual Marcos Parente de 2º Grau. Como visto, nosso pesquisado, ao longo de sua carreira, foi indicado para assumir cargos públicos, condições próprias da realidade social da época, quando cabia aos políticos a indicação de servidores para provimento em cargos públicos.

Durante o início da segunda metade do século XX, o Brasil passa por amplo processo de urbanização que atingiu, principalmente, as capitais. Foi um processo amplo e generalizado que repercutiu no aumento populacional de cidades como Picos, onde, segundo a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), essa população saltou de 5.568 para quase 9 mil habitantes em 1960. Esse processo nacional é fruto dos surtos de industrialização iniciados no governo Vargas, que ganhou novas conotações com os investimentos estrangeiros no período de governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961). As transformações atinentes a estes períodos insinuam uma mudança estrutural no país, onde o setor de ensino foi afetado. As primeiras décadas da República foram marcadas por grandes percentuais de analfabetos; os anseios de um governo democrático e desenvolvido viam o analfabetismo como um entrave às suas ideologias de crescimento (Ferraro; Kreidlow, 2004). Nesse cenário de analfabetismo, igualmente se encontrava Picos, onde o censo de 1950 destaca que cerca de 70% das pessoas eram analfabetas.

A legislação educacional será também fruto de mudanças para adequação do projeto de sociedade republicana que se quer alcançar. O desejo de uma lei que regulasse o sistema de ensino do Brasil era pauta de discussões e reivindicações. As demandas por mão de obra formada e qualificada passaram a ser exigências do mercado que influíram na organização educacional que cedeu espaço às necessidades do mercado (Vicentini; Lugli, 2009). Em 1966, a urbanização em Picos e a dinamização do comércio, com a crescente demanda educacional, permite uma conquista social e política: a rede de ensino se expande com

a oferta do Ensino Ginásial de Segundo Ciclo, oportunizando a continuação dos estudos de alunos em sua própria localidade, evitando o deslocamento dos mesmos para a Capital, ou outros estados, como Pernambuco e Ceará.

O sistema de ensino de Picos, por volta de 1966, configurava-se pelo oferecimento de quase todos os níveis de ensino, primeiramente com a estruturação do nível primário, disponibilização do ensino secundário de primeiro ciclo, bem como do ensino pós-primário de Curso Técnico de Contabilidade (em instituição privada). Neste cenário, o oferecimento do Curso Científico de segundo ciclo possibilitava a oferta da educação em altos níveis na cidade, tornando a mesma um ponto atrativo, para além da condição comercial, um polo educacional. Isso é facilmente justificado, uma vez que, segundo J. Sousa (2005, p. 91), os “[...] Ginásios até então se configuravam em um tipo de escola vinculada a centros populacionais urbanizados e desenvolvidos, implicando sua criação um reconhecimento do *status* de cidade no Estado, fato antes marcado pela criação dos Grupos Escolares”. Em 1967, Picos ganhou o curso Normal, por meio da Escola Normal Oficial de Picos (ENOP), para a formação de professores primários, sendo mais uma modalidade de ensino importante para ampliação da rede escolar, servindo como qualificadora de profissionais, sendo que os egressos das primeiras turmas podiam contar com emprego garantido (Pinheiro, C., 2007). A ENOP não usufruiu, inicialmente, de prédio próprio, tendo suas atividades iniciadas segundo Pinheiro (2007, p. 78) por meio de cessão de “[...] salas no prédio do antigo Colégio Estadual Marcos Parente, localizado na rua Monsenhor Hipólito, desta cidade, para que as aulas pudessem acontecer e os serviços administrativos pudessem ser realizados”. A referida autora, enfatiza que apenas em 1969 se deu a conclusão do prédio próprio da instituição localizado na rua Santo Antônio, número 137, no centro de Picos. O prédio marcava a modernização na cidade, com arquitetura inovadora, espaço amplo e construído com 2ª pavimentação.

O GEP funcionou sempre como um complexo escolar, permitindo a instalação de outras instituições conjugadas, que certamente se beneficiavam das suas instalações. Assim, em 1966, “[...] funcionava nos três turnos e possuía o curso científico, bem como dividia espaço com a recém-criada Escola Normal Oficial de Picos, desde 1967” (Sousa, 2019, p. 136).

Figura 50 – Unidade Escolar Marcos Parente (à esquerda) e Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas (à direita)



Fonte: Museu Ozildo Albano (Acervo Cristina Varão)

Para melhor entendermos a educação da época de atuação de Dr. Moura Fé, é preciso estarmos atentos às leis e normas educacionais, principalmente à Lei n. 4.224/1942 (Lei Orgânica do Ensino Secundário), à Lei n. 5.692/1971 (Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus) e à Lei n. 7.044/1982.

A Lei n. 5.692/1971 (Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus), instituída no Regime Militar, promoveu alterações no então Ensino Secundário, este passando a receber nova denominação, qual seja 2º Grau, já o Exame de Admissão deixa de existir, sendo dada prevalência ao Ensino Profissionalizante, uma vez que foi tornado obrigatório. Os interesses econômicos foram a tônica desta reforma que viabilizava a formação de mão de obra para o mercado de trabalho. Esse novo objetivo do ensino buscava pôr fim ao ensino propedêutico e acadêmico, agora se comprometendo com as exigências do Brasil por industrialização, possibilitado pelo “Milagre Econômico” (Fausto, 2021, p. 268).

A Lei de 1971 institui o Ensino de 1º Grau constituído pelo Ensino Primário com duração de oito anos, sendo obrigatório para crianças de 7 a 14 anos, e gratuito em escolas públicas. Já o ensino de 2º Grau (atual Ensino Médio) era destinado a adolescentes e jovens. Essa reforma foi profunda, eliminando inclusive as nomenclaturas de Colégio e Ginásios, alterando a estruturação das escolas. Assim, as nomenclaturas de Ensino Primário e Secundário, consagradas na Lei Orgânica do Ensino Secundário e mantidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961 (LDB/1961), foram excluídas. A educação básica, até

então dividida em Ensino Primário, com duração de quatro anos, e Ensino Secundário, de oito a oito anos, composto por Ginásio e Colegial (Científico e Clássico), foram transformados em 1º Grau (oito anos) e 2º Grau (três a quatro anos), de caráter vocacional.

O situar-se na legislação é pertinente, uma vez que Dr. Moura Fé teve sua formação secundária na vigência destas leis, inclusive a instituição da qual foi diretor surge com a Lei n. 5.692/1971, ao dispor sobre a criação do 2º Grau, para atender a clientela com este nível de ensino, sendo ele diretor, em 1981, do então Anexo Estadual Marcos Parente 2º Grau, fruto das reorganizações surgidas com a citada lei, seu funcionamento ocorrendo no prédio do Colégio Marcos Parente, no bairro Bomba.

É importante também ressaltar que a profissionalização prevista na Lei de Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus de 1971 não teve o êxito esperado, logo após o surto do Milagre Econômico, e a consequente crise econômica na qual entrou o país acabou por gerar descrença nesse modelo educacional que claramente não podia ficar a mercê unicamente dos desígnios do mercado. Assim, entra em cena a Lei n. 7.044, de 1982, alterando a Lei n. 5.692/1971, que trouxe as seguintes mudanças normativas e ideológicas:

O problema da educação, hoje, se prende à desvinculação entre escola e trabalho. A Lei 7.044/82, portanto, confirma essa falta de vínculo e torna optativo o ensino profissionalizante. Entretanto, insiste em que a escola deva preparar o jovem para o mundo do trabalho. Sob esse prisma, a burocracia do MEC busca dar um caráter produtivo ao sistema educacional impregnado da filosofia subjacente à Lei 5.692/71: propõe a obrigatoriedade da ‘preparação para o trabalho’, que tem como finalidade, a nível teórico, inserir o jovem no mundo do trabalho através de conhecimentos teóricos e práticos (Fiod, 1983, p. 94).

A Lei n. 7.044/1982 torna opcional o Ensino Profissionalizante, evidenciando claramente a incapacidade da escola de formar uma mão de obra técnica. Assim, o Ensino de 2º Grau volta a ter sentido academicista, servindo como meio de acesso ao Ensino Superior, o que não exclui a necessidade de formação social para o trabalho, permanecendo a oferta de cursos técnicos de formação para o trabalho, concomitantemente ao Ensino de 2º Grau.

Estudar o ensino Pós-Primário em Picos é importante, pois aprofunda questões de oportunidade e dificuldades de acesso, uma vez que, segundo Sousa (2019), por muito tempo o Ensino de 2º Grau só era oferecido, na cidade, no turno noturno. Isso remete a uma parcela de discentes que já era adulta e trabalhadora. Ainda podemos pensar, diante disso, sobre as dificuldades de acesso aos mais elevados níveis educacionais, o que reflete na condição de formação dos trabalhadores locais.

Nesta perspectiva, onde a educação é tratada de forma secundarizada, deparamo-nos com a criação de Anexos Escolares, sendo essa uma alternativa espacial para alocar a demanda crescente de ensino em Picos e outras regiões do Brasil, com ênfase na segunda metade do século

XX. Silva (2017), trata as Escolas Anexos como uma estratégia dos órgãos públicos responsáveis pela promoção do ensino diante de um problema de falta de estrutura, ou seja, diante da necessidade de novas escolas para atender as demandas educacionais e consequente universalização do ensino, apresentam solução paliativa, criando Anexos que nada mais são do que fazer funcionar escolas em ambientes alugados ou emprestados.

Dr. Moura Fé foi diretor do Anexo Escolar Marcos Parente de 2º Grau, o que implica dizer que em um mesmo prédio funcionavam modalidades ou níveis de ensino diferentes, com corpo profissional e diretores diversos, o que acabou por transformar o referido prédio em Complexo Escolar. Apesar das divisões de direção, ressalta-se que não se minava a importância e *status* de ser gestor destas instituições, haja vista que sua importância em um cenário de clientela crescente não se esgotava na edificação, mas na ampla parcela da população atendida.

Quando da reforma da educação de 1971 e da reestruturação da educação, foi criado o Anexo Escolar Marcos Parente de 2º Grau noturno. A documentação do Arquivo Escolar do CETI Vidal de Freitas que guarda parte do acervo do Complexo Escolar do Colégio Marcos Parente trouxe informações valiosas sobre a estruturação escolar durante este período. Assim, identificamos que, em 1973, Luiz Pereira era o único diretor do Colégio Estadual Marcos Parente, porém sua saída para assumir a função de Superintendente Escolar, com a criação no mesmo ano do Complexo Escolar Marcos Parente, precipitou a divisão das direções das instituições que funcionavam naquele mesmo prédio. Assim, no referido prédio, passaram a existir, concomitantemente, três instituições, se considerarmos o Ginásio noturno, porque eram dirigidas por diretores diferentes e com clientela de níveis escolares também diversos. Desta forma, o Colégio Estadual Marcos Parente (diurno) passou a ter como diretora, Célia Neiva, e, no período noturno, como Anexo Escolar Marcos Parente, o diretor era Inácio Baldoíno, até 1975. Segundo Sousa (2019), após a construção e efetivo funcionamento da Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas, em 1976, o prédio localizado ao lado do Colégio Estadual Marcos Parente passou a receber as turmas do Anexo de 2º Grau científico, mantendo a mesma nomenclatura. Ainda quando Dr. Moura Fé assumiu a direção do Anexo, em 1981, a composição dos gestores era a seguinte: Hercília Luz (Colégio Marcos Parente),

nos turnos matutino e vespertino; Hortalina (Colégio Marcos Parente), no Ginásio noturno; e Dr. Moura Fé (Anexo Escolar Marcos Parente de 2º Grau), no turno noturno.

A atuação de Dr. Moura Fé como educador no ensino público de Picos esteve, em suma, associada ao ensino Pós-Primário no Anexo Escolar Marcos Parente de 2º Grau. Ainda quando a instituição era conhecida como GEP, atuou como professor de 1954 a 1956, e retornou em 1973, permanecendo até 1992, desempenhando várias funções, dentre elas a de diretor e a de diretor-adjunto e secretário. Em virtude da transferência do Anexo para a Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas, localizamos alguns documentos da gestão de Dr. Moura Fé na referida instituição.

Na passagem de Dr. Moura Fé como diretor do Anexo Escolar Marcos Parente de 2º Grau, de 7 de dezembro de 1981 a 17 de agosto de 1987, identificamos alguns documentos que se encontram no arquivo da Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas. A carência de fontes desse período pode estar associada à falta de preservação, estando muitos dos documentos em condições de total desgaste pelo tempo e forma de acondicionamento, para além da falta de conscientização da importância de tais dados. Alguns documentos do Anexo Escolar Marcos Parente do período em que Dr. Moura Fé atuou também foram encontrados na própria escola e se referem a tabelas de pagamento, listas de professores, ofícios, frequências dos servidores, calendário cívico, portarias, listas de planejamentos, distribuição de turmas, grade curricular dos cursos, avisos e notas informativas. Por meio destes dados, podemos compreender aspectos gerais da educação da época, tendo como escopo a atuação de Dr. Moura Fé, seja como professor ou diretor.

Através dos documentos próprios da Direção, também denominados, segundo Xavier (2007), de escriturário escolar, vamos compreendendo o funcionamento do Anexo Escolar Marcos Parente de 2º Grau, ressaltando o currículo, as práticas pedagógicas promovidas e incentivadas, as relações entre o Anexo e o Departamento de Ensino de 2º Grau, órgão estadual responsável por este nível de ensino. Assim, os padrões burocráticos próprios da Administração pública vão sendo evidenciados, no que se refere ao próprio ensino, por meio de uma estrutura que liga instituições escolares, sistemas de ensino, entidades da Federação e Ministério da Educação, associados pela legislação educacional.

A hierarquia funcional administrativa também se apresenta como interligações que põem em funcionamento a educação. Nesse sentido, Escolano Benito (2017) afirmar que a escola é composta por três culturas: política, acadêmica e cultural. A primeira se revela nestes documentos com maestria, controlando as práticas desenvolvidas na escola, por meio do seu





Figura 52 – Reprodução gráfica do uniforme do Anexo do Colégio Estadual Marcos Parente 2º Grau de 1980

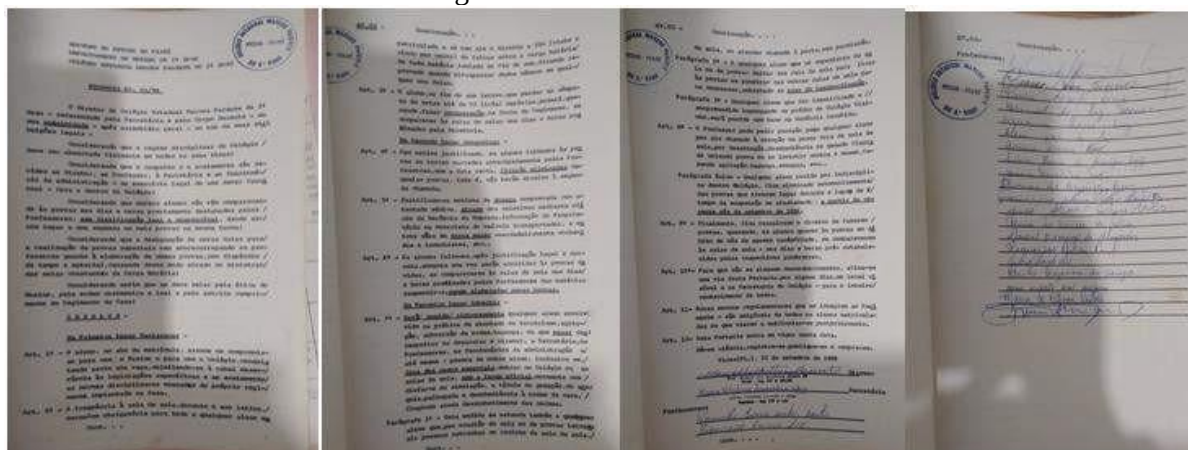


Fonte: Produzido pela autora com base nos dados extraídos da pesquisa  
Créditos: Marcílio Cipriano de Moura

A Figura 52 é uma representação do uniforme escolar obrigatório, conforme estabelecido na Portaria n. 1 de 1984, que define minuciosamente os seus detalhes, e que deveria ser usado por todos os alunos do Anexo Escolar Marcos Parente de 2º Grau e do Curso de Preparação para o Trabalho, sem distinção de sexo. O fardamento é descrito, minuciosamente, na Portaria, sendo tal preocupação carregada de sentido, pois os alunos, devidamente fardados, são representações da escola, são meios individuais de propaganda da instituição, que busca expressar, por meio desse aspecto, a disciplina, higiene e demais aspectos, na medida em que padroniza “[...] os comportamentos por uma disciplina do corpo e direção das consciências” (Julia, 2001, p. 22).

Outro documento que traz elementos importantes sobre a própria dinâmica da instituição refere-se a Portaria n. 1 de 1986, do Colégio Estadual Marcos Parente de 2º Grau. A mesma acrescenta normas gerais de conduta que devem ser impostas a todos que fazem parte daquela instituição, nas dependências da instituição ou não.

Figura 53 – Portaria n. 1 de 1986



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas

Os documentos escolares não são neutros; trazem conteúdo, enunciam modos de funcionamento e organização das sociedades e das instituições escolares que representam (Viñao Frago; Benito Escolano, 2001). Como representação de funcionalidade presente nos documentos escolares, identificamos, na Portaria n. 1 de 1986 da Anexo Escolar Marcos Parente de 2º Grau, que a mesma visa regulamentar comportamentos dos discentes para o melhor funcionamento da instituição. Ainda como parte da Ditadura Militar, identificamos palavras de ordem que exigem condutas escolares em consonância com o sistema, previstas no seu aspecto punitivo.

Ao analisarmos esses documentos, percebemos as relações administrativas escolares que se faziam por meio de teias de relações entre regulamentos estaduais que atendiam as escolas da rede. Esses documentos carregados de significados eram marcas de como se processava a funcionalidade da instituição. Contudo podemos ver, nesses atos administrativos, muito das próprias características de Dr. Moura Fé, sua personalidade marcando sua gestão por meio de regras de conduta que seriam gênese de uma educação de qualidade para a época:

Tinha aquela rigidez, né? Tinha disciplina. Era muito disciplinado. Aluno, professor. Tudo era disciplinado, né? A gente vê hoje, hoje é comum. As escolas viram, tem escola em todo lugar. Aluno não respeita muito. Não tem muito aquela disciplina como antigamente. Antigamente era muito disciplinado. Eu lembro que o doutor Moura Fé era disciplinado. Com aluno, como professor. Era. Quando se precisasse suspender um aluno, ele botava lá todo o motivo, tudo detalhado, igual uma sentença. Direitinho. E nessa área aí, ele foi muito bom. E contribuiu muito para o desenvolvimento da educação. (Afonso de Moura Fé, 2023).

As impressões deixadas por Dr. Moura Fé nas portarias aqui analisadas são resultados da sua formação como bacharel em Direito. É perceptível um rigor intelectual e técnico na

produção desses documentos; certamente havia prazer em conciliar suas áreas de atuação. Por isso as falas de Afonso Moura Fé (2023), ao caracterizar como uma sentença a escrita de Dr. Moura Fé. É clara a influência de sua formação, algo também perceptível na formação seminarista que defendia o rigor e a disciplina como métodos indispensáveis para a aprendizagem, algo seguido e aplicado por nosso pesquisado, em sua gestão e atuação como professor, nas escolas onde atuou.

Apesar de não termos tido acesso ao Regimento Escolar do Anexo Escolar Marcos Parente de 2º Grau do período, a portaria analisada é reveladora da administração da instituição, bem como dos papéis que cada membro do corpo escolar deveria desempenhar. De forma clara, presumem a disciplina como meio para alcançar os objetivos escolares. Tais documentações também são reveladoras das posturas esperadas dos alunos, insubordinação e indisciplina não sendo aceitáveis, por representarem entrave ao bom andamento das atividades escolares. Ainda ressaltamos que a escola era representada por seus alunos e pelo corpo funcional, internamente e perante a sociedade, cabendo a todos representá-la, primando pela boa conduta.

A partir da documentação pesquisada, podemos perceber o amplo aspecto da atuação dos diretores escolares, com funções determinadas em lei, mas que iam além delas, pois o compromisso era interno e externo, representando a instituição por meio de sua conduta social. Assim, a burocracia administrativa da escola era apenas uma das várias demandas do gestor, pois, segundo Maria Vitalina L. De Carvalho (2013), secretária do Anexo Escolar Marcos Parente de 2º Grau, Dr. Moura Fé “[...] incentivava muito os alunos. Conhecia todos os alunos. Conhecia o pai, conhecia os avós. Ele fazia questão de dizer ‘este é filho de... E os avós são’”. O contato de Dr. Moura Fé com os alunos, os laços afetivos e de sociabilidade eram clara demonstração pedagógica da sua atuação. Ainda relembra a mesma depoente, com exaltação, o empenho de Dr. Moura Fé, ao realizar festas e eventos escolares, algo tão representativo para a comunidade como um todo e fator de deleite na memória dos discentes:

Ele gostava de fazer as festas. Era as festas, festas assim escolares nas datas festivas né, São João a gente organizava e outras oportunidades também final de ano. Uma vez a gente fez os alunos do último ano do Curso de Contabilidade e foi transferido pra lá que era dessa escola particular o Colégio Comercial. Ele fez uma festa assim dos últimos alunos que concluíram o curso, a gente fez a formatura muito bonita. Iam todos toda a família, aqueles alunos. E a cidade também aqueles amigos foram, foi lá no colégio. Foi assim. Entrega de diplomas, não foi assim festa dançante, entrega de diplomas, aquela festa e a gente fez uma festa muito bonita pra última turma do Técnico de Contabilidade. Aí depois que iniciaram os cursos técnicos nas escolas do estado foi que esse Curso de Contabilidade foi

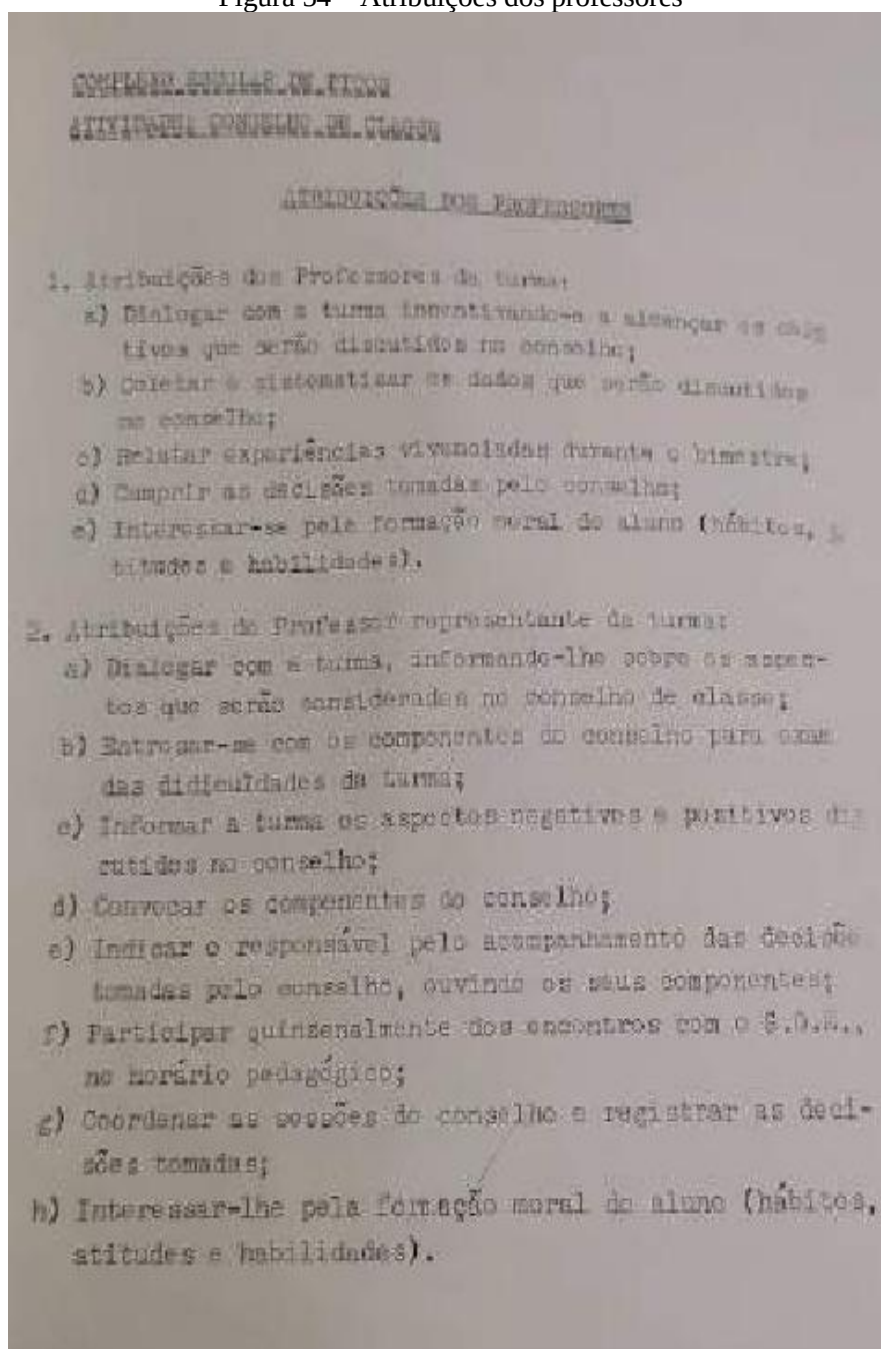
transferido pra lá e a última turma foi concluído nesse colégio com a direção do doutor Moura Fé (Maria Vitalina Lacerda Carvalho, 2023).

As festas escolares são símbolos da cultura escolar que refletem um momento de visibilidade do trabalho social desenvolvido pela instituição. São também práticas pedagógicas, onde o ato de ensinar se faz de forma prazerosa, gerando euforia nos alunos e marcando suas memórias. É nesse momento que os resultados da escola e sua imagem são compartilhados socialmente, sendo momento de lazer, mas também, segundo M. Silva e A. Silva (2015), um modo de controle do comportamento dos discentes. Ao analisar, historicamente, as festas escolares, M. Silva e A. Silva (2015) enfatizam que tiveram sentidos similares entre 1960, 1970 e 1980, servindo como instrumento do Regime Militar na regulação da ordem política e na submissão às regras pretendidas. Contudo, a partir da década de 1990 do século XX até hoje, a instituição democrática trouxe outros sentidos às festas escolares, sendo marcadas pela participação familiar, por temas religiosos e de sociabilidade, porém ainda eivados de interesses políticos.

Diante do já visto, podemos identificar, na gestão de Dr. Moura Fé, fragmentos das condições escolares da educação do Piauí, como questões pedagógicas atinentes ao comportamento e à disciplina dos alunos, sendo demandas devidamente controladas por meio de regulamentos e portarias. Constatamos questões de infraestrutura arquitetônica que barravam o desenvolvimento do ensino de qualidade. Para além dos documentos administrativos aqui analisados, podemos identificar, no arquivo pessoal de Dr. Moura Fé, documentos pertinentes à sua atividade de professor, embora não tenhamos conseguido precisar o período ou local de elaboração. Contudo supomos que podem ter sido aplicados de forma ampla a várias instituições onde atuou, uma vez que os materiais intelectuais de professores são elaborados com este sentido de consulta. A análise dos referidos documentos nos faz compreender a prática docente de Dr. Moura Fé e reflete sua ação docente de maneira geral.

Dentre os materiais, identificamos um esquema que se refere a um tipo de roteiro próprio da gestão pedagógica, identificado como “Atribuição dos professores”. O roteiro não está datado, mas possui um cabeçalho indicando “Complexo Escolar de Picos” e “Atividade Conselho de Classe”, sugerindo ser uma orientação voltada a professores sobre suas atribuições e funções como membros do Conselho de Classe, evocando a importância deste instituto que é o Conselho de Classe, como órgão sistemático de tomada de decisões colegiadas para o bom andamento das atividades escolares (Figura 54).

Figura 54 – Atribuições dos professores

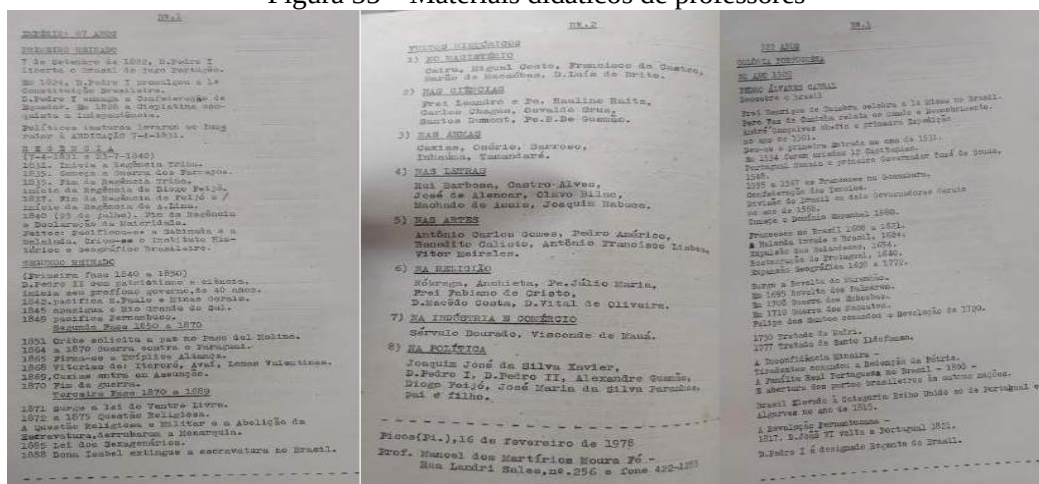


Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Através das atribuições dos professores (Figura 54), podemos perceber a preocupação através do Conselho de Classe com o comportamento moral do aluno (hábitos, atitudes e habilidades), sendo o direcionamento adequado do aluno uma das atribuições dos professores. Em meio às várias funções dos professores que não se resumem às realizadas na sala de aula, notamos suas atividades sendo desenvolvidas em órgãos diretivos e normativos da escola, como o Conselho de Classe.

Outro material escolar que nos chamou atenção refere-se ao catálogo de roteiros/esquemas de aulas datilografados em papel ofício, indicando o título e, em alguns, a série à qual se destinava. Esses roteiros revelam o trabalho de produção e materialização do saber entendidos por Xavier e Robert (2021, p. 4) como “conhecimento escolar”. Esses materiais de produção intelectual, criativos e originais, se caracterizavam por resumos esquemáticos de livros didáticos que sistematizam os assuntos a serem expostos aos alunos, servindo de suporte para os professores, ao lecionarem suas diversas aulas, sendo material didático que facilita o processo de ensino e aprendizagem. Tal didática, segundo Libâneo (2006), é fruto das concepções pedagógicas liberais da época, como ideologia tradicional, escalonovista e tecnicista, onde, de maneira geral, exige-se competência para memorizar e o professor é centro do processo de ensino-aprendizagem.

Figura 55 – Materiais didáticos de professores



Fonte: Arquivo pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O material didático da Figura 55 está organizado com numeração, datilografado, deixando claro o seu uso frequente, dada a organização. Na folha 1, há a disciplina — História do Brasil —, o conteúdo de forma esquemática com eventos oficiais que marcaram a história do país, sendo abordados os seguintes temas da nossa história: Primeiro Reinado, Regência, Segundo Reinado e suas fases. No material, podemos ver uma sistematização dos assuntos abordados, fazendo menção aos principais fatos, datas marcantes e nomes de pessoas que se destacaram, demonstrando que a síntese possibilitava transformar assuntos complexos e períodos longos da história em materiais de fácil assimilação pelos alunos.

A folha 2 traz um rodapé que identifica o nome e endereço do professor Dr. Moura Fé como produtor do material didático, bem como a data em que foi produzido (16 de fevereiro de 1978). O esquema da folha 2 apresenta aqueles que seriam alguns “vultos históricos” do

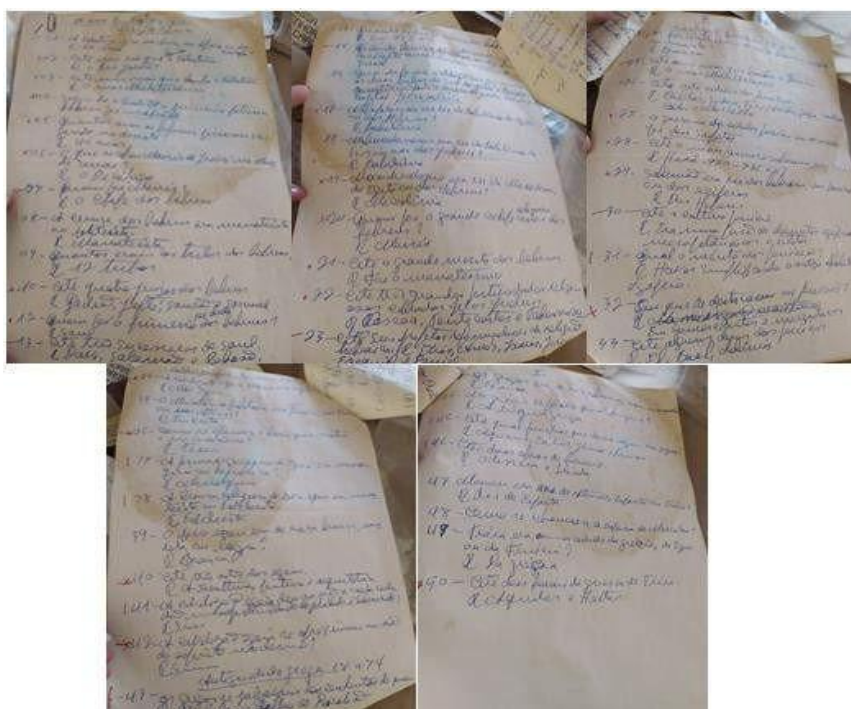


nosso país nas seguintes áreas: magistério, ciências, armas, letras, artes, religião, indústria e comércio e política.

Na folha 3, identificada como “Colonização portuguesa”, perseguimos os rastros de uma historiografia que narrava o país pelas lentes do colonizador, identificando o período da história como “Descobrimento do Brasil”. Há uma narrativa com apropriação da figura de Tiradentes como libertador da pátria. É emblemático o material apresentado, pois favorece uma compreensão de como se dava a prática do ensino de história, onde resquícios de uma historiografia tradicional e positivista permeava o currículo, e a história oficial era a aceita e propagada, algo comum ao contexto da época. Ainda identificamos, na Figura 55, a notoriedade dos profissionais do magistério, causa do *status* e da valorização dos mesmos, à época. Por meio da análise desse material, vamos percebendo como Dr. Moura Fé foi se estruturando como professor de História e, ao mesmo tempo, conhecendo sua prática educativa. Temos, portanto, a organização de suas aulas de história, o que insinua sua prática pedagógica, bem como os modos e meios como os professores organizavam seu material de apoio para ministração de aulas.

Outros arquivos que revelam o material pedagógico do professor também foram identificados, como um roteiro de questões de provas, contendo questões objetivas sobre o tema em estudo. O material é uma cópia usada pelo professor e, por isso, contém as respostas, uma forma de facilitar o ofício docente (Figura 56).

Figura 56 – Roteiro de questões do 1º ano B



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Esse roteiro de questões traz como identificação o “1º ano B”, acrescenta o assunto a ser tratado e as páginas dos livros, como Civilização Hebraica, Civilização Fenícia e Civilização Grega. É um conjunto de 50 questões com perguntas e respostas. O padrão das questões insinua uma historiografia do ensino de História Tradicional pautada na valorização de personagens, heróis, fatos oficiais e datas. Através dos roteiros, os docentes objetivavam que os alunos os decorassem, tal aspecto sendo a tônica do ensino. Em outro conjunto de folhas, temos mais um roteiro de perguntas e respostas direcionado ao 2º ano (Figura 57).

Figura 57 – Roteiro de questões do 2º ano



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

No roteiro de questões sobre os hebreus e a vida de Maomé, a partir da questão 29, o assunto muda e passa a ser abordado Civilizações Orientais, finalizando com questões sobre a Idade Média (Figura 57). Apesar do teor do ensino de História Tradicional presente na forma de elaboração das questões, não possibilitando interpretações e questionamentos por parte dos alunos em suas respostas, ressaltamos alguns pontos de abertura para a construção de uma historiografia mais ampla, uma vez que o eurocentrismo não vigora, sendo outras civilizações estudadas, destacando a China. Tais dados aproximam os revisionismos da historiografia. Através destes materiais docentes presentes no arquivo pessoal de Dr. Moura Fé, também podemos identificar as disciplinas em que mais atuou, sobressaindo aquilo que gostava de ensinar, sendo resultados de sua formação e vivências profissionais:

E, à noite, ele era dedicado exclusivamente à educação. E ele gostava tanto dessas disciplinas de comércio, tipo... Naquela época tinha Técnicas Comerciais, tinha Introdução à Contabilidade nos cursos de 2º Grau. E ele foi um dos fundadores de uma escola lá em Picos, que na época não tinha escola de Contabilidade (Cérvulo, 2024).



A partir dos depoimentos de J. C. Silva Filho (2024), identificamos algumas disciplinas ministradas por Dr. Moura Fé, como Técnicas Comerciais, Introdução à Contabilidade, resultado de suas experiências no Curso de Direito, bem como de conhecimentos comerciais que adquiriu como auxiliar de escritório. Essas disciplinas são geralmente associadas ao período em que trabalhou em cursos técnicos profissionalizantes no Colégio Comercial de Picos e na Unidade Escolar Marcos Parente. Outras disciplinas que também ministrou foram História Geral, História do Brasil, Estudos Sociais, OSPB e Educação Moral e Cívica (EMC), as últimas tornadas obrigatórias por reformas do ensino, principalmente no decurso da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), sendo, segundo Gusmão e Honorato (2019, p. 5) “[...] instrumento condicionador do comportamento dos indivíduos com vistas ao enquadramento social dentro de específicas ideais de homem civilizado [...]”, assim servindo como meios de propagação de valores do regime a serem interiorizados pela nova geração, posturas orientadas pelos acordos do MEC-USAID.

Ainda identificamos que Picos foi o espaço de atuação profissional de Dr. Moura Fé, onde, por meio de sua inserção no GEP, estreou no serviço público, galgando outros postos no Anexo do Colégio Estadual Marcos Parente 2º Grau, onde, por mérito, assumiu, na década de 1970, o cargo de diretor escolar. Neste momento, aperfeiçoou suas técnicas de gestão, colocou em prática suas habilidades de Direito, por meio da elaboração de portarias escolares e também realizou festividades que marcaram toda a comunidade escolar, rendendo-lhe homenagens pela contribuição à educação de Picos.

Diante disso, podemos constatar a realidade do professorado piauiense. De forma fragmentada, fomos percebendo o ser e tornar-se professor no decorrer do século XX. As necessidades de conciliação de outras rendas, ou mesmo de mais de um trabalho; a carência de formação pedagógica específica, bem como de cursos de profissionalização, como incentivo à formação inicial e continuada. Nesse cenário, os professores, como nosso pesquisado, deveriam reservar parte do tempo com a formação continuada, o que, no caso específico, foi verificado por meio de seus vários certificados.

### 3.4 HOMENAGENS A DR. MOURA FÉ: “POR SUA VALIOSA CONTRIBUIÇÃO PARA O CRESCIMENTO DA EDUCAÇÃO PICOENSE”

Neste subtópico, apresentamos um levantamento das homenagens recebidas pelo educador Dr. Moura Fé, consideradas “honrarias”, pois têm a “intenção de reconhecer o

trabalho como professor” ou demais funções que ele desempenhou (Bosignari, 2022, p. 221). São, como afirma Santos (2022, p. 70), “portadoras da função da memória histórica”. Essas homenagens ao Dr. Moura Fé transformaram-no em um monumento, são resultado das sociabilidades que transitou, legitimando sua memória como referência coletiva.

Classificamos os objetos e documentos, a partir de uma classificação proposta por Bosignari (2022), o qual observa a distinção entre “fontes conteúdo” e “fontes materiais”, em que as últimas se destacam por sua própria materialidade e solidez, enquanto a fonte conteúdo traz uma transcrição que nos apresenta uma dada informação, sendo tênues as relações conceituais entre essas categorias, fontes de conteúdo e fontes materiais.

Nessa perspectiva, apoiamo-nos no estudo *Arquivo pessoal do Professor Walter Pizza*, de Bosignari (2022), e tomamos emprestado seus parâmetros de classificação das honrarias. Fizemos um levantamento das homenagens recebidas pelo educador Manoel dos Martírios Moura Fé, dividindo-as em: a) certificados, b) quadros escolares, c) nomes de espaços e logradouros e d) caixas homenagens.

O estudo destes objetos é relevante para a história da educação, pois revelam aspectos da vida profissional do nosso pesquisado, apresentando seus feitos ao longo da vida, advindo daí reconhecimento social que se materializa por meio de um objeto ou documento, concretizando e perpetuando um sentimento de reverência. Assim, esses objetos-documentos têm uma relação com a história de vida do nosso pesquisado, são carregados de sentidos e significados, inclusive sentimentais, que merecem locais de destaque dentro do seu acervo. O objeto-documento homenagem concede ao agraciado um aspecto diferenciador entre ele e os demais, possibilita-lhe visibilidade perante os seus pares e é uma celebração por seu esforço profissional.

Ainda nesta perspectiva de análise de memória, apropriamo-nos da categoria intelectual-monumento, desenvolvida por Santos (2022) em sua tese de doutoramento intitulada *Paul-Eugène Charbonneau: um intelectual-monumento na História da Educação católica no Brasil (1959-1987)*. Nessa categoria de análise, identificamos correspondências com o nosso pesquisado, o que explica as várias homenagens recebidas em vida e *in memoriam*, reforçando sua condição de intelectual e a preservação de sua memória, o que o configura como “intelectual-monumento”, como visto na caracterização deste conceito por Santos (2022, p. 70):

Assim, pensando na materialidade que envolve a trajetória de Charbonneau e o significado cultural da representação dessa materialidade, alinhada a sua

produção intelectual, é que chegamos as terminologias intelectual e monumento. Intelectual pelo sujeito que foi se constituindo conforme a sua formação educacional, os cargos por ele ocupados e pensamentos comunicados, além de posicionamentos expostos. Monumento em relação a memória que, a partir da imagem, das ações daquele sujeito, o passado é evocado e eternizado. A ideia de monumento enquanto instrumento por meio do qual se busca salvar a humanidade do esquecimento ou possibilitar, mesmo que a partir de outro prisma, a continuidade da vida. Entretanto, é mais comum se atrelar a condição de monumento a projetos arquitetônicos, representações de fenômenos, algo que claramente não é o caso aqui. Isto porque, estamos mobilizando uma figura humana e problematizando-a enquanto monumento, pois entendemos que ela faz parte desse universo cultural que os monumentos buscam viabilizar.

Ao analisarmos as homenagens prestadas ao Dr. Moura Fé, identificamos a construção da monumentalização em torno de sua figura, aspecto, segundo Santos (2022), associado à manutenção da memória, em virtude de suas práticas intelectuais, referências para os grupos sociais que com ele conviveram. Dessa forma, as ações individuais de Dr. Moura Fé o singularizam, ao mesmo tempo em que refletem a coletividade, trazendo o passado para o presente.

Diante da relevância da materialidade que envolve a trajetória de Dr. Moura Fé, realizamos o levantamento do quantitativo das honrarias por ele recebidas, segundo o tipo de documento encontrado no seu arquivo pessoal e no Museu Picoense Ozildo Albano (Tabela 1).

Tabela 1 – Quantitativo das honrarias, segundo o tipo de documento

| N. | TIPO DOCUMENTAL                        | QUANTIDADE |
|----|----------------------------------------|------------|
| 1  | Certificados / Diplomas                | 4          |
| 2  | Caixa Homenagem                        | 1          |
| 3  | Quadros Escolares / Convites Escolares | 5 / 3      |
| 4  | Nomes de espaços ou logradouro         | 4          |

Fonte: Autora

Dados: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé e Museu Picoense Ozildo Albano

Na Tabela 1, identificamos que grande parte dos objetos não se encontra no seu arquivo, em virtude da sua composição, ou mesmo por fazer parte de acervos escolares que compõem o acervo do Museu Picoense Ozildo Albano. Contudo identificamos no seu arquivo pessoal destaques de notícias ou fotografias que se relacionam ou refletem lembranças do momento de recebimento de tais honrarias.

A maioria das honrarias refere-se ao reconhecimento da atuação docente de Manoel dos Martírios Moura Fé e representam momentos diferentes da história de vida de nosso pesquisado, bem como também da história da educação picoense, estando mais relacionadas à

fase profissional mais produtiva do nosso pesquisado e do fim de sua carreira. Quanto à origem das honrarias, são de instituições diferentes, como OAB, órgãos educacionais e Poder Executivo Municipal. A análise das homenagens nos permite conhecer a cultura escolar da época, os deslindes profissionais, além de salientar o viés multifacetado de nosso pesquisado, que atuou em vários espaços profissionais, ganhando reconhecimento em todos eles.

Nesse sentido, identificamos e analisamos os Quadros de Formatura que contemplam o nome de Dr. Moura Fé entre os homenageados, como forma de percorrer os vestígios que revelam as suas vivências educativas e possibilitem compreender a educação de uma época. Assim, reconhecemos a riqueza desses objetos para conhecer a cultura material escolar, uma vez que funcionam como “[...] frestas abertas para o tempo presente e foram construídos para a exposição e produção de um cenário memorável [...]”, sendo recortes das sociabilidades de suas instituições (Coelho Júnior; Cunha, 2016, p. 72). Adotamos o termo “quadros de formatura”, que se refere à conclusão de um nível de ensino, em detrimento de “placas de formatura”, termo usual nos dias atuais, que se refere à conclusão no curso superior.

As homenagens nos quadros de formatura significam o reconhecimento daqueles que mantêm representatividade educacional, bem como dos que contribuíram pedagogicamente com a formação de discentes. Dessa forma, os quadros servem como materialização de um acontecimento, imprimem uma linguagem padrão aceita socialmente e transmitem valores e crenças, evocando personagens históricos por meio de suas imagens e nomes. Quanto à instituição que representam, os quadros traduzem os valores educacionais produzidos, à época, evocam a representatividade da instituição, além de serem um meio de divulgação institucional, pois “[...] implica falar da identidade da cidade, do lugar que a escola ocupou e ocupa no cenário material, social e cultural da cidade [...]” (Werle, 2001, p. 121). Sem dúvida, é uma forma de conhecer Picos e o papel que a instituição e a educação mantinham na cidade.

Dr. Moura Fé esteve entre os professores homenageados em vários quadros escolares, representando sua contribuição na formação de vários estudantes da cidade de Picos. Para melhor análise desses quadros de formatura como critério para conhecer a história da educação, vejamos o conceito de cultura material explicado por Souza (2007, p. 170):

Artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, mobiliários, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática e reprodução social.

A partir de Souza (2007), podemos entender a cultura material presente nos quadros de formatura como um construto social que revela aspectos compartilhados da cultura educativa, sendo classificados em seus variados estilos, formas e finalidades, sendo carregadas de sentidos e significados que fala a educação de uma época. Vamos nos ater aos quadros de formatura do Colégio Comercial de Picos que trazem homenagens ao Dr. Moura Fé, compreendendo-os como objetos de memória, como advoga Escolano Benito (2018), pois são capazes de revelar o passado. Como objetos de memória, os quadros de formatura são, de acordo com Barros (1989, p. 30), “[...] campos de significados — os quadros sociais — que nos servem de pontos de referência [...]”, refletem em nossas mentes meios de lembrar que são ancorados pelos sentidos sociais, situando-nos no tempo e espaço de outra época, com a amplidão de quem olha do presente. Tais objetos materializadas inculcam os preceitos fotográficos do visível de dar publicidade a acontecimentos e pessoas, traduzindo esses quadros em patrimônio material escolar (Escolano Benito, 2018).

Dentro desta concepção, basearemos-nos nas compreensões de Souza (2007) sobre cultura material escolar; de Werle (2005) sobre as análises de quadros de formatura; Luzifrank Sousa e Jane Sousa (2024) sobre os quadros de formatura do Colégio Comercial de Picos; além da análise de Coelho Junior (2015) sobre a importância da imagem no contexto destes objetos da cultura escolar. Não queremos, com isso, esgotar as análises sobre os quadros de formatura e outros objetos escolares disponíveis no Museu Ozildo Albano, mas trazer um rol de objetos e documentos que monumentalizam a figura do nosso pesquisado, para além da simbolização que girou em torno do seu nome, reconhecendo-o como personagem que contribuiu para educação de Picos.

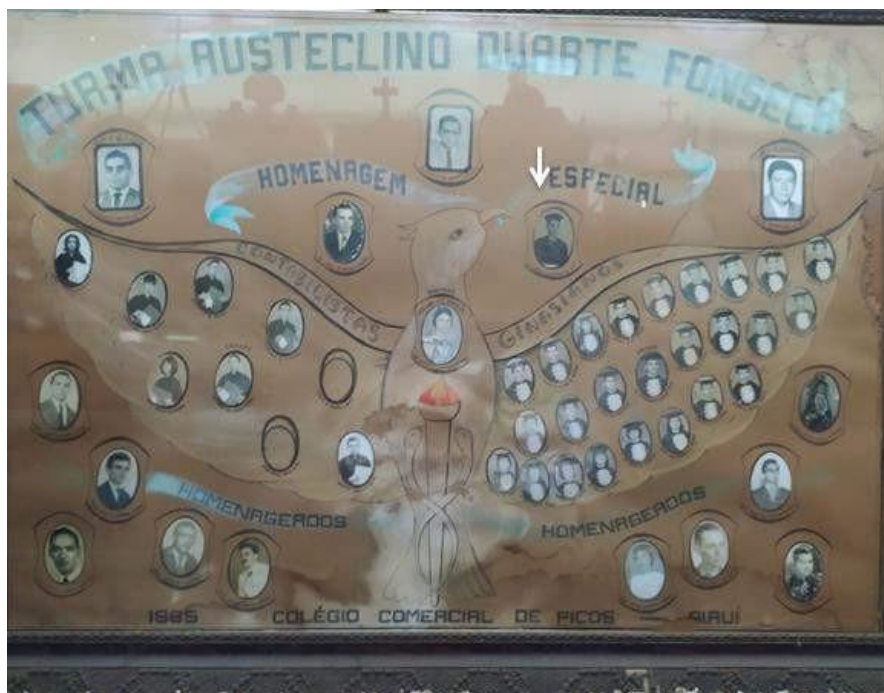
Entendemos que muitos aspectos da análise dos objetos da cultura material aqui analisados seguirão precisando de aprofundamento em pesquisa, pelo aporte histórico que reproduzem, necessitando de resposta às seguintes indagações: Como se relaciona a produção de fotografias no ambiente escolar e da sociedade de Picos? Como as práticas econômicas de produção de quadros de formatura geravam demandas de consumo? Que relações econômicas se davam com a indicação dos homenageados presentes nos quadros e convites de formatura? Quais as relações entre história e arte na produção de quadros e convites de formatura? A participação dos segmentos sociais como homenageados nos quadros e convites de formatura obedeciam a uma hierarquia? Os elementos dos vários segmentos sociais presentes nos quadros e convites de formatura era um requisito formal ou partiam de estratégias de poder? Não é nosso objeto de pesquisa esgotar a análise destes artefatos da cultura material, mas as

indagações aqui presentes complementarão uma análise de como se constrói a escola, como os sujeitos são parte do universo escolar, bem como trarão luz a outras pesquisas sobre a temática. Dentre os quadros que trazem homenagem ao nosso pesquisado, destacamos, de forma geral, cinco, sendo que um, em especial, Dr. Moura Fé figura como paraninfo,. Nos demais, é citado de forma geral entre os professores homenageados.

- a) Quadro de Formatura: Auestelino Duarte Fonsêca, datado de 1965, onde Dr. Moura Fé figura entre os homenageados especiais como professor.
- b) Quadro de Formatura: Turma Helvídio Nunes de Barros, datado de 1966, onde Dr. Moura Fé figura entre os homenageados especiais como professor.
- c) Quadro de Formatura: Maria das Dores Xavier de Oliveira, datado de 1967, onde Dr. Moura Fé recebe a homenagem como paraninfo.
- d) Quadro de Formatura: Vidal de Freitas, datado de 1968, onde Dr. Moura Fé figura entre os homenageados especiais como professor.
- e) Quadro de Formatura: Dom Joaquim Rufino Rêgo, datado de 1971, onde Dr. Moura Fé figura entre os homenageados especiais como professor.

Os quadros de formatura de concludentes das escolas de Picos presentes no Museu Ozildo Albano serviram de guia para conhecer os caminhos de Dr. Moura Fé no magistério, bem como oportunizaram conhecermos fragmentos da história educacional de Picos e do Piauí, descortinando nomes de educadores esquecidos pelo tempo, escolas referenciais não mais existentes e dinâmicas escolares diferentes das atuais. Assim, os quadros de formatura, atualmente destinados a concludentes de cursos superiores, eram usualmente feitos para aqueles que concluíam o Ensino Secundário ou, no caso de Picos, o Curso Técnico em Contabilidade, o que evoca a importância atribuída, na época, a esses cursos semelhante à importância da conclusão do curso superior dos dias atuais, que envolve solenidades carregadas de formalidades e simbologias, como o Descerramento da Placa, equivalente ao Quadro de Formatura.

Figura 58 – Turma Austeclino Duarte Fonseca, da Turma de 1965



Fonte: Museu Ozildo Albano

O Quadro de Formatura de 1965 (Figura 58) traz o nome da turma — Turma Austeclino Duarte Fonseca — na parte superior central do quadro. O homenageado com o nome da turma é figura benquista na sociedade, por ser funcionário do Banco do Brasil e Professor do Colégio Comercial, além de ministrar aulas em preparatórios para cursinhos (Sousa; Sousa, 2024). Ao centro, a imagem de um pássaro, uma espécie de águia. Como patrono, temos Florêncio Bento Bezerra (fotografia no canto superior esquerdo), proprietário da Distribuidora Brasília, e paraninfo Luiz Pereira de Sousa, professor da instituição. Como homenagem especial, podemos verificar o nome do nosso pesquisado, Dr. Moura Fé (indicado por meio de uma seta) e Dr. José Albano Macêdo (mais conhecido como Ozildo Albano), intelectual, educador e entusianta cultural, criador do Museu Ozildo Albano, em Picos (Pinheiro, W., 2018). Ao centro da imagem, no corpo da águia, temos a fotografia da Diretora da escola, Maria das Dores Xavier de Oliveira, como honra ao mérito. Na asa direita da águia, temos os concludentes do curso de Contabilidade e, em número maior, na asa esquerda, os ginasianos. Abaixo das asas, podemos ver outros homenageados, que são professores e parte dos funcionários da escola. Por fim, no corpo da águia, temos uma tocha acesa, envolvida por duas serpentes. A escolha do símbolo da águia pode estar atrelada à simbologia, associada historicamente a domínio e libertação.

Na Figura 59, temos outro quadro de formatura presente no Museu Ozildo Albano que apresenta códigos padrões, como o nome da turma, o brasão da escola, nome da escola, a lista

de homenageados e a lista dos concludentes. Neste caso emblemático, foi referenciado o assunto ou lema do quadro, por meio do mapa do Piauí, uma clara demonstração de reverência ao desenvolvimento do Estado e amor às suas origens.

Figura 59 – Turma Helvídio Nunes, de 1966



Fonte: Museu de Picos Ozildo Albano

O nome da turma é Turma Helvídio Nunes, de 1966, e nosso pesquisado figura entre os homenageados (indicado por uma seta branca), evidenciando o reconhecimento dado aos professores e demais funcionários da escola. Por meio das representações dos quadros de formatura, podemos constatar a valorização da história, insculpida na materialização de imagens, que apresentam, segundo Luzifrank Sousa e Jane Sousa (2024, p. 1), “um portal de memória”, uma porta para o passado, onde podemos perceber fragmentos da história. Tais solenidades são parte das representações atribuídas à educação, e a cultura educacional material e imaterial, onde os quadros de formatura passam a ser considerados, para Coelho Júnior e Cunha (2016, p. 3) “[...] fontes históricas que proporcionam a compreensão do cenário social, cultural, histórico e da tessitura de relações nas quais se inscreviam e conviviam os sujeitos sociais no espaço escolar e no espaço social”. Neste cenário podemos dizer que a Figura 59 destaca também o aspecto religioso, sendo acrescentada nos demais quadros de formatura analisados a imagem religiosa, neste caso a figura de padroeiro elencada a São José, presente no canto superior direito do quadro.



Outro quadro de formatura que nos chama a atenção é o quadro-escultura de formatura da Turma Maria das Dores Xavier de Oliveira, de 1967 (Figura 60). Trata-se de uma quebra de paradigmas, pois foge aos padrões de quadros da época, apresentando uma escultura em madeira que busca representar o Congresso Nacional. Nessa escultura, temos Arildo Sales Dória como patrono; o Paraninfo é Prof. Manoel dos Martírios Moura Fé, destaque dado a ele em virtude de sua colaboração educacional.

Figura 60 – Turma Maria das Dores Xavier de Oliveira de 1967



Fonte: Museu Ozildo Albano

A condição de paraninfo, no quadro-escultura de 1967, é marcante, uma vez que existe uma hierarquia socioeconômica das homenagens presente, nos quadros de formatura, pois configuram distinções e graus de relevância social. Concordamos com Werle (2005, p. 06-07), para quem os “[...] quadros de formatura hierarquizam. Em separado, e em fotos de maiores dimensões do que as dos alunos estão homenageados e paraninfos, figuras ilustres, por isto, maiores, distintas e articuladas, como grupo, em espaço diferente do de alunos”. Nessa configuração, pessoas notáveis da sociedade de Picos vão sendo insculpidas nos quadros como uma clara representação da realidade instituída socialmente.

Figura 61 – Quadro de Formatura da Turma Des. Vidal de Freitas de 1968



Fonte: Museu Olzido Albano de Picos-PI

O quadro da Turma Des. Vidal de Freitas (Figura 61) é uma homenagem ao conhecido magistrado, educador e intelectual, que foi entusiasta do saber, sendo um dos fundadores do GEP. A prestação de honrarias a determinadas autoridades ocorria, geralmente em reconhecimento aos feitos na comunidade. Ressalta Coelho Júnior (2015, p. 125) que tais práticas na escola funcionam como “trocas com o mundo exterior”, ao evocar as relações que a escola compartilha com a sociedade em que se situa.

O quadro dos concludentes de Contabilidade, de 1968, do Colégio Comercial de Picos (Figura 61) traz como ilustração um livro aberto, onde os nomes dos concludentes e os nomes dos homenageados estão, respectivamente, na página par e na ímpar, sendo 17 homenageados. Como marca d'água, temos, na página par, ao centro, o brasão da escola, e, na página ímpar, a imagem de uma flor. No espaço acima das fotografia dos homenageados está presente a imagem do Menino Jesus, representando o Sagrado. Na parte inferior do quadro, está a fotografia dos três homenageados: ao centro, Des. Vidal de Freitas; à esquerda, o Patrono Dr. Manoel Paulo Nunes, professor, escritor e membro da Academia Piauiense de Letras; à direita, Dr. Oscar Neiva Eulálio, médico, ex-prefeito de Picos (1967 a 1970), e deputado estadual do Piauí por três mandatos.

O quadro de formatura da Turma Dom Joaquim Rufino Rêgo (Figura 62) é de egressos do Curso de Contabilidade de 1971. Nele, estão presentes as fotografias do patrono, do paraninfo, dos professores homenageados e uma imagem de uma cruz com o Menino Jesus. Faz-se necessário ressaltar a imagem-tema do quadro de formatura, que os pesquisadores Luzifrank Sousa e Jane Sousa (2024, p 12) assim explicam: “Acreditamos ser um galero,

chapéu utilizado pelos cardeais da Igreja católica”. Essa conclusão é pertinente, uma vez que o homenageado principal, que deu nome à turma era bispo da Igreja católica.

Figura 62 – Turma Dom Joaquim Rufino Rêgo, de 1971



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na parte inferior da Figura 62, encontra-se, em destaque, uma homenagem póstuma à Maria Auzenir Rego Azevedo, segundo Albano Silva (2023) aluna e esposa de um militar do Batalhão de Engenharia e Construção de Picos.

A imagem do nosso pesquisado aparece na Figura 62, dentre os professores homenageados (indicado por uma seta preta). Outros segmentos sociais e autoridades da época são incorporados a essas referências, como políticos, religiosos, empresários e educadores, demonstrando as sociabilidades desenvolvidas pela escola, e evidenciando que este locus é dinâmico, onde para Luchese (2018, p. 58) há uma relação entre o “[...] que é vivenciado internamente e o que acontece no interior da escola, entre o que está no exterior, mas também, interior dos muros da escola”.

Os quadros de formatura do Colégio Comercial de Picos estão sob a guarda do Museu Ozildo Albano, tendo sido doados após o encerramento das atividades daquela instituição. Há outros quadros, porém evidenciamos apenas aqueles que traziam o nosso pesquisado entre os homenageados. Por esse motivo, destacamos também três convites de formatura do Colégio Comercial de Picos, das turmas de 1969, 1973 e 1978. Não localizamos quadros desses anos.

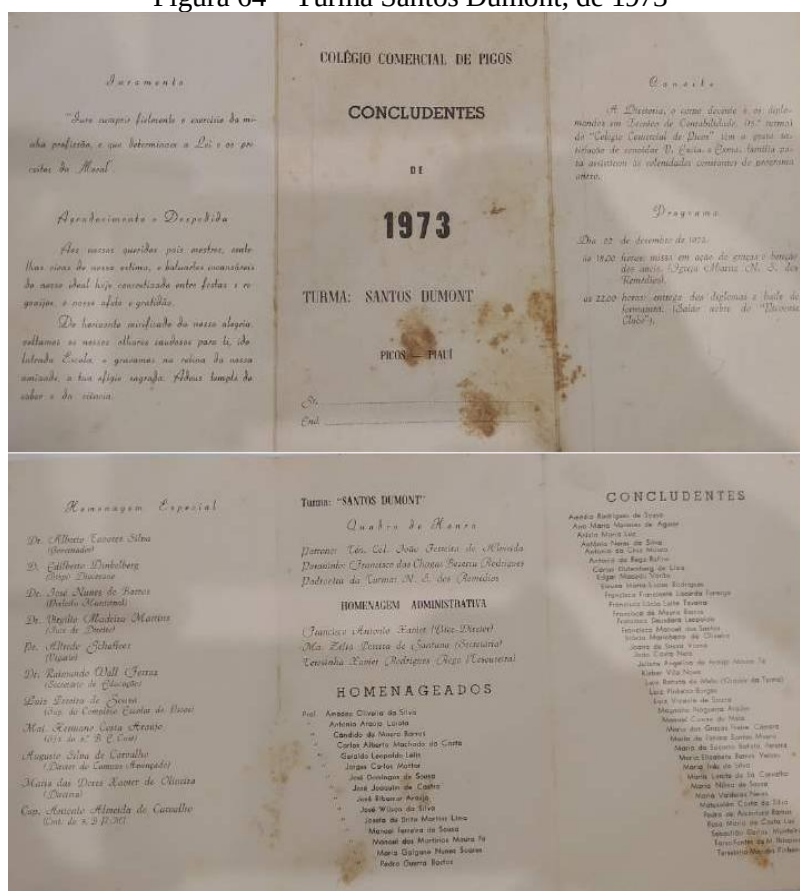


como políticos locais e regionais, religiosos, professores da instituição e demais representantes do corpo administrativo.

A indicação de patronos e paraninfos, nos dias atuais, está associada à honra e prestígio desses indivíduos, bem como à possibilidade de prestação de auxílios nos gastos com as solenidades. No processo educativo, muitas práticas se desfazem, porém outras permanecem. Entendemos que essas práticas de homenagens com objetivo de angariar contribuições para formatura sejam uma realidade que subsista. Para Sousa e Sousa (2024, p. 10), a presença dessas figuras demonstra a “[...] relação da escola com o poder representado, conferindo importância e valorização social [...]”, podemos considerar que era um prestígio ter seu nome entre os homenageados, bem como reforçava as sociabilidades e teias de relações da escola com os demais segmentos sociais, demonstrando sua observância e respeito aos demais poderes amplamente reconhecidos à época.

Algo nos chamou a atenção neste convite, no espaço reservado aos nomes dos concludentes. Podemos ver um anagrama com letras maiúsculas formando a frase “O homem conquistou a Lua”. É emblemática a frase, pois, naquele mesmo ano, o primeiro homem pisou a Lua, sendo o norte-americano Neil Armstrong, um engenheiro aeroespacial que tripulou a missão Apollo 11. Essa façanha impressionou o mundo, demonstrando o avanço científico e tecnológico dos EUA e sua proeminência na disputa espacial durante a Guerra Fria. Com isso, a escola mostrava que estava atenta aos acontecimentos mundiais (Figura 63).

Figura 64 – Turma Santos Dumont, de 1973



Fonte: Museu Ozildo Albano

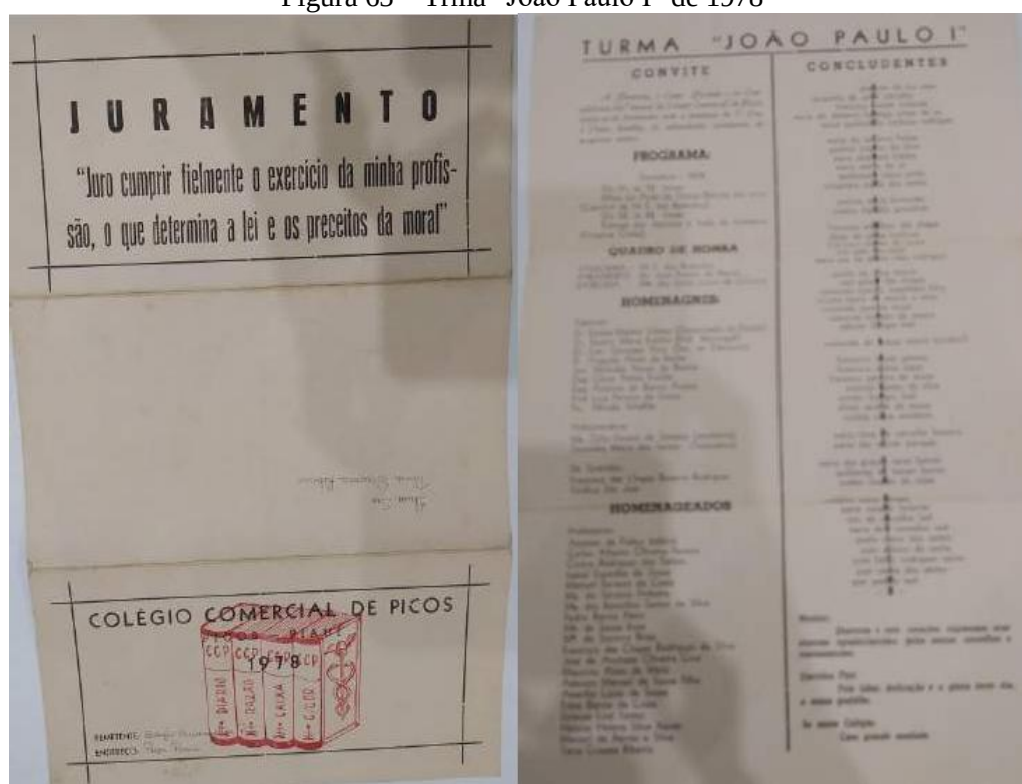
O convite dos concludentes do Colégio Comercial de 1973 é em formato de fôlder dobrável em três partes, contendo características gerais presentes nos demais convites. Dr. Moura Fé figura entre os 14 professores homenageados; são 38 formandos, entre eles, Juliêta A. de Araújo Moura Fé, esposa do nosso pesquisado, o que indica que foi aluna dele. No Quadro de Honra, o Patrono (Ten. Cel. João Ferreira de Almeida), o Parainfo (Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues) e a Padroeira (Nossa Senhora dos Remédios). O patrono homenageado chama a atenção para a participação de outros segmentos sociais, uma vez que um Tenente Coronel ganha esse espaço, podendo ser devido à instalação do 3º BEC Visconde da Parnaíba em Picos, segundo Moura e Nascimento (2014), no início de 1970. A incorporação de outros segmentos sociais entre os homenageados evidencia as redes de sociabilidade da referida instituição, fazendo-se atuante e conectada aos fatos sociais, dando representatividade às autoridades por meio das honrarias de formatura, da mesma forma que divulgava a escola.

Por fim, o convite de 1973 ainda traz um rol de personalidades da época por meio da Homenagem Especial: Governador (Dr. Alberto Tavares Silva); Bispo (D. Edilberto Dinkelborg); Prefeito Municipal de Picos (Dr. José Nunes de Barros); Juiz de Direito (Dr.



Virgílio Madeira Martins); Vigário (Pe. Alfredo Schaffer); Secretário de Educação (Dr. Raimundo Wall Ferraz); Superintendente do Complexo Escolar de Picos (Luiz Pereira de Sousa); Sarjento do 3º BEC (Major Hermano Costa Araújo); Diretor do *Campus* Avançado (Augusto Silva de Carvalho); e Diretora do Colégio Comercial (Maria das Dores Xavier de Oliveira). Ressaltamos personagens históricos que inovam entre os homenageados, entre representantes do BEC e outros personagens ligados à estrutura administrativa do quadro de funcionários da Educação.

Figura 65 – Trma “João Paulo I” de 1978



Fonte: Museu Ozildo Albano

O Convite de Formatura da Turma “João Paulo I” (Figura 65), de 1978, tem a mesma estrutura gráfica do convite da Turma Dorinha Xavier, de 1969. Homenageia com o nome da turma o Papa da época, João Paulo I, que, curiosamente, assumiu o cargo por apenas 33 dias, em virtude da sua morte. Ainda temos o Quadro de Honra composto por padroeiro, patrono e paraninfo, bem como um rol de homenagens de forma geral. Em outro título “Homenageados”, destacam-se os professores, dentre eles, o nosso pesquisado.

Além das homenagens em quadros e convites escolares, temos também certificados e diplomas que homenageiam Dr. Moura Fé, ora como professor, ora como advogado. Essas homenagens representam um título de virtude concedido a personalidades exclusivas que,

dado seu destaque social naquilo que fazem, são reconhecidos publicamente. Essas honrarias são, a rigor, concedidas pelos resultados prestados por seus serviços, por uma postura ética, alguma ação social empreendida em benefício do próximo ou, às vezes, um talento que lhe garante singularidade. Destacamos os diplomas e certificados que nosso pesquisado recebeu no Quadro 9.

Quadro 9 – Diplomas e certificados em homenagem ao Dr. Moura Fé

| N. | DIPLOMA/CERTIFICADO                                  | INSTITUIÇÃO HOMENAGEADORA               | ANO  |
|----|------------------------------------------------------|-----------------------------------------|------|
| 1  | Diploma de Honra ao Mérito – Picos 100 anos          | Município de Picos                      | 1990 |
| 2  | Diploma de Honra ao Mérito ao Ex-Diretor             | Diretoria Regional de Educação de Picos | 1991 |
| 3  | Certificado da OAB de Homenagem pelo Dia do Advogado | OAB-Subseção de Picos-Piauí             | 2003 |
| 4  | Comemorações do Cinquentenário da OAB                | OAB-Secção do Piauí                     | 1982 |

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Nesse cenário de reverência à vida profissional de Dr. Moura Fé, o *Diploma de Honra ao Mérito – Picos 100 anos* faz parte de uma série de eventos e celebrações que ocorreram na cidade em comemoração aos 100 Anos de Picos, ocorrido em 1990. Outras personalidades de destaque da sociedade picoense também foram agraciadas com tal título. Essas comemorações foram amplamente divulgadas e mobilizadas por ampla parcela da sociedade, onde revistas com artigos de vários autores regionais contemplaram o desenvolvimento de Picos nos seus 100 anos de história.

O prefeito de Picos era José Néri de Sousa, responsável pela efetivação da entrega das homenagens, em uma solenidade. Cabe ressaltar que o referido político tinha bastante prestígio social, exercendo a condição de prefeito por três legislaturas, além de ter sido vice-prefeito e também deputado estadual. O diploma de Honra ao Mérito concedido ao Dr. Moura Fé enaltece os relevantes serviços prestados por ele à terra picoense, sem fazer especificação quanto à área profissional de atuação, cabendo ressaltar que ele foi advogado, educador e servidor federal dos Correios.



Figura 66 – Diploma de Honra ao Mérito – Picos 100 anos



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Na comemoração do Centenário de Picos, em 1990, elevação à condição de cidade, em 1890, é narrada com entusiasmo e ovação ao prefeito da época, José Neri, em edição especial de revista, que circulou na cidade, com o título *Picos 100 Anos*. Nela, é narrada a história da cidade e descrita a condição naquele momento, ressaltando os eventos realizados em comemoração à data. Nos eventos ocorridos em dezembro de 1990, destaca-se a visita do governador da época Freitas Neto e sua comitiva, que participou das várias festividades (baile e gincana) e eventos religiosos, com um rol de homenageados. Estes agraciados pela Câmara Municipal de Picos com diploma de honra ao mérito foram dignificados por contribuírem para o progresso da cidade. Dentre os nomes ilustres, destaca-se o do nosso pesquisado (Figura 67).

Figura 67 – Picos - 100 Anos, 1990

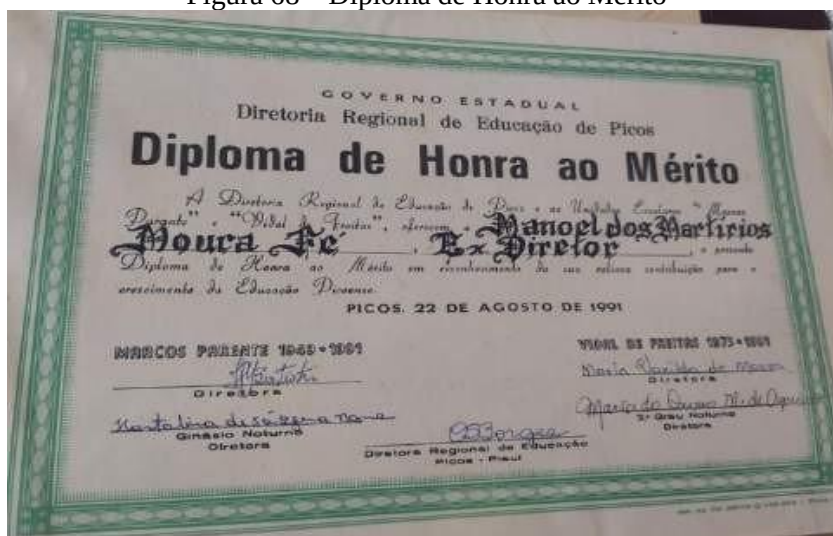


Fonte: Museu Ozildo Albano

As comemorações do aniversário de 100 anos de Picos foram organizadas por uma comissão que teve como protagonista Olívia da Silva Rufino Borges que, com sua expressividade de educadora, redige, na página 29 da revista, uma matéria intitulada *Duas Palavras sobre Escola, Juventude e Arte*, como um manifesto denunciando as dificuldades pelas quais as escolas passam na década de 1990, e que, segundo ela, são afetadas pelo esgotamento das atividades culturais. Essa matéria-denúncia expõe a precarização da educação em todo o país, que, naquele momento, passava, segundo Malgadi e Gondra (2003), por sérias crises econômicas que repercutiam no ensino.

Outro diploma recebido por Dr. Moura Fé, em vida, como reconhecimento de sua atuação como educador, foi o de Honra ao Mérito (Figura 68), concedido a ele na qualidade de Ex-Diretor e pelas demais funções que exerceu nas instituições especificadas: Unidade Escolar Marcos Parente e Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas. O referido certificado fazia parte das homenagens prestadas àqueles que contribuíram com a história de Picos, nas Comemorações dos 101 Anos de Aniversário da cidade, ocorrido em 1991, momento marcado por muitos eventos.

Figura 68 – Diploma de Honra ao Mérito



Fonte: Arquivo Peol de Manoel dos Martírios Moura Fé

Dentre as honrarias àqueles que contribuíram com a formação de Picos, temos o destaque prestado ao Dr. Moura Fé pelo reconhecimento da sua valiosa contribuição para o crescimento da Educação picoense. Entre seus guardados, um certificado ganha destaque, colocado em um envelope plástico, preservando-o do desgaste do tempo e identificado como resultado de uma vida de dedicação à educação do estado. Ainda na Figura 68, identificamos outros protagonistas educacionais da época, como as diretoras da Unidade Escolar Marcos Parente, no turno diurno sendo Batista, e no noturno, Hortalina de Sá Bezerra, do Ginásio. Já como diretores(as) da Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas, temos, no turno diurno, Maria Vanilda de Moura, e diretora do 2º Grau Noturno, Maria do Carmo M. de A.

Entendemos que nenhuma honraria é conferida sem o devido merecimento, contudo nas escolhas e classificações daqueles que deveriam receber tais homenagens presume-se uma teia de relações de poder, envolvendo relações políticas.

O nosso pesquisado também recebeu dois certificados da OAB, representativos dos serviços prestados como advogado: uma homenagem pelo Dia do Advogado (Figura 69) e um certificado referente às comemorações do Cinquentenário da OAB-Piauí (Figura 70).

Figura 69 – Certificado da OAB pelo Dia do Advogado



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O certificado em homenagem pela passagem do Dia do Advogado (11 de agosto), concedido em 2003, fazia parte das comemorações alusivas àquela data especial, quando os advogados inscritos na subseção de Picos, com representatividade profissional e/ou anos de filiação, foram agraciados com o certificado. Os certificados reconheciam os serviços prestados por aqueles homenageados, dentre eles, Dr. Moura Fé.

Outra homenagem prestada ao nosso pesquisado se fez por meio do Certificado em comemoração ao Cinquentenário da OAB, Seção Piauí, que estava atuando no Estado desde 1932, assim celebrando seus 50 anos de atuação (Figura 70

Figura 70 – Certificado do Cinquentenário da OAB-PI



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Por meio deste certificado, havia o reconhecimento de participação de Dr. Moura Fé nos quadros de advogados do Piauí, sendo um dos mais antigos da sua localidade, filiado desde 1961. O Presidente da OAB-Piauí era Reginaldo Santos Furtado. Ambos os certificados da OAB são representativos de comemorações da instituição e da atuação referencial do seu membro, Dr. Moura Fé, o qual prestava relevantes serviços nesta área, destacando-se pela presteza dos serviços, e desempenhando função considerada socialmente nobre, além de haver poucos profissionais atuando na região.

Dentro da classificação de fontes materiais que aqui dotamos, temos o destaque dado à homenagem “Placa homenagem personalizada” em caixa de veludo, que também apresenta um conteúdo. Essa placa homenagem concedida ao Dr. Moura Fé é fruto das comemorações alusivas ao dia do trabalhador, momento cercado por grandes eventos nos governos do Prefeito de Picos, José Neri de Sousa, que desenvolvia festividades, como corridas, premiações, apresentação de talentos locais e homenagens.

Figura 71 – Homenagem a Dr. Moura Fé pelo Dia do Trabalhador



Fonte: Arquivo Pessoal Manoel dos Martírios Moura Fé

Assim, Dr. Moura Fé foi agraciado com a homenagem do Dia do Trabalhador pelos serviços prestados à comunidade picoense, em 1º de maio de 1999, homenagem assinada pelo então prefeito, José Neri de Sousa, no seu segundo mandato.

Figura 72 – Placa de homenagem personalizada concedida a Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O destaque da referida placa de homenagem evoca, na sua inscrição, o fato de ser Dr. Moura Fé considerado um dos advogados mais antigos da cidade, o que era digno de ovação e reconhecimento social. A referida placa é feita com material resistente, produzido para durar, e também veludo, em tudo ecoando requinte. Essa honraria encontra-se preservada entre os guardados, apesar do desgaste do tempo, no apagamento da inscrição, ainda podemos identificar o texto.



Cabe ressaltar que foram três as homenagens prestadas ao Dr. Moura Fé nos governos de José Neri de Sousa, trazendo marcas da sua atuação profissional como advogado ou professor, o que nos possibilita afirmar as aproximações ideológicas e políticas do homenageado com o homenageador, uma vez que a prestação de honrarias traz em si o ato de selecionar, este sendo eivado de relações de poder que extrapolam o aspecto político e se consubstancia em todos os aspectos das relações humanas.

Uma homenagem valorosa a Dr. Moura Fé, em vida, se deu em 20 de março de 2000, concedida pelo Presidente da Seccional do Piauí, Dr. Nelson Nery Costa. A idealização da homenagem partiu de Mary Barros Bezerra que foi presidente da Subseção de Picos por dois mandatos, de 1998 a 2000 e de 2001 a 2003, quando reconheceu os relevantes serviços prestados por nosso pesquisado à OAB de Picos e à advocacia piauiense, além de ser o mais antigo advogado no exercício da profissão, em Picos, gerando aprovação por unanimidade da diretoria.

Figura 73 – Homenagem ao Dr. Moura Fé – Sala dos Advogados da OAB (2000)



Fonte: Arquivo de Mary Barros de Bezerra

O evento se deu em momento solene com a presença de importantes personalidades da advocacia de Picos, bem como de políticos. Na oportunidade, os familiares de Dr. Moura Fé também estiveram presentes. Os espaços que recebem o nome de pessoas ilustres são, para Santos (2022, p. 70), demonstração de que esses indivíduos “[...] configuram a singularidade e valor dado às suas ações [...]” que passam a representar um passado a ser imortalizado, transformando-o “[...] em um agente distinto, parte significativa de um passado

individual e coletivo, uma referência no presente de diversas gerações”. Cabe ressaltar que Dr. Moura Fé foi indicado por seus pares segundo Elias A. M. Moura Fé (2023) em várias oportunidades para participar como presidente da Subseção Picos, contudo relutava, aceitando apenas compor a Diretoria na condição de secretário adjunto, por indicação de Mary Barros Bezerra, durante a gestão de 1998 a 2000, como consta na Figura 74.

Figura 74 – Placa da Sala dos Advogados com o nome de Dr. Moura Fé na OAB (2000)



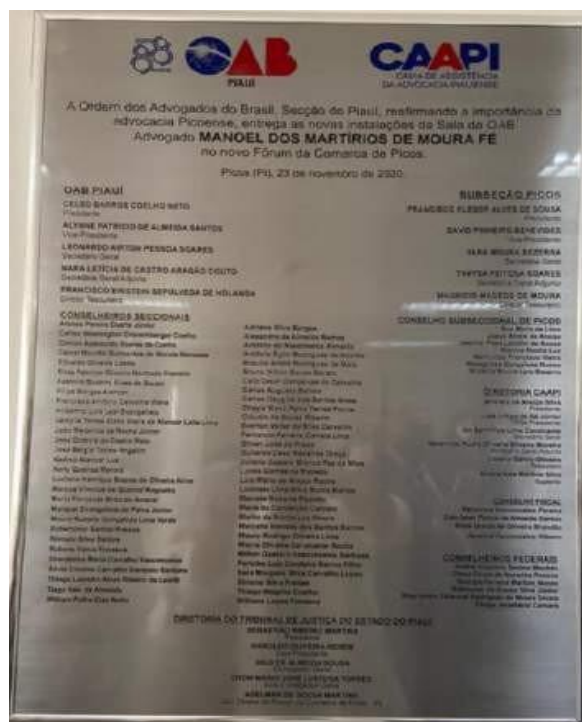
Fonte: Arquivo de Mary Barros Bezerra

Ainda cabe ressaltar que a escolha do nome de Dr. Moura Fé para identificar a sala dos Advogados de Picos não é algo informal e discricionário, mas depende de aprovação da Diretoria da OAB e deve ser consignado em ata, quando são analisados as condições e os quesitos de mérito atribuído à personalidade digna de tal honraria, levando em consideração não apenas o ofício do homenageado, como a postura ética do advogado no desempenho de suas funções, o que faz com que seus “[...] ensinamentos, sua prática, sejam a partir disso perpetuados” (Santos, 2022, p. 70).

Esta foi uma homenagem especial recebida por Dr. Moura Fé, uma vez que pode regozijar-se em vida, além da representatividade da instituição concedente, qual seja, a OAB Subseção de Picos, a mesma guardava o significado de petrificação do seu nome para a posteridade, ganhando seu nome um valor histórico, confirmando-o como “intelectual-monumento”, uma vez que há uma construção identitária de valorização por seus feitos produzida em suas sociabilidades (Santos, 2022, p. 16). Nas solenidades de inauguração do novo prédio do Fórum de Picos, Dr. Moura Fé também foi reconhecido por sua contribuição

funcional como advogado para o município, ao ser dado seu nome à Sala dos Advogados da OAB da referida Subseção de Picos, no referido prédio (Figura 75).

Figura 75 – Placa das novas instalações da Sala dos Advogados da OAB com o nome de Dr. Moura Fé (2020)



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Cabe ressaltar que a Sala dos Advogados em um Fórum é ambiente condigno das demandas advocatícias, onde os advogados recebem sua clientela e têm viabilizado seu ofício que é ato de desenvolvimento da Justiça, como disposto na CF/1988, sendo, portanto, um espaço por excelência de preservação das prerrogativas funcionais.

Figura 76 – Inauguração da Sala dos Advogados



Fonte: OAB-Piauí, 2020



No evento de nomeação da Sala dos Advogados da OAB Picos-PI com o nome de Dr. Moura Fé, os familiares do homenageado foram convidados para o ato solene, representando-o. Tal reconhecimento é ressaltado pela “militância e combatividade” com que atuou Dr. Moura Fé como advogado, além de ser considerado um dos mais antigos advogados da sua localidade (Diário de Justiça do Estado do Piauí, 2010).

Outra homenagem recebida por Dr. Moura Fé foi a indicação do seu nome pela OAB-PI, Subseção de Picos, para denominação do Fórum Anexo da Comarca de Picos-PI, como consta na decisão do Tribunal de Justiça, na parte de expedientes administrativos extra-pauta:

**Requerente:** Desembargador Edvaldo Pereira de Moura. **Assunto:** **Indicação do nome do Sr. Manoel dos Martírios de Moura Fé, advogado militante e combativo para denominação do Fórum Anexo da Comarca de Picos-PI.** **Relator:** Desembargador Raimundo Nonato da Costa Alencar. **Decisão:** Acordam os componentes do Egrégio Tribunal Pleno do Tribunal de Justiça do Estado do Piauí, à unanimidade, em deferir a indicação do nome do Dr. Manoel dos Martírios de Moura Fé, para denominação do Fórum Anexo da Comarca de Picos-PI. Participaram do julgamento os Exmos. Srs. Des.Raimundo Nonato da Costa Alencar – Relator, Luiz Gonzaga Brandão de Carvalho, Edvaldo Pereira de Moura, Antonio Peres Parente, Fernando CarvalhoMendes, Haroldo Oliveira Rehem, Raimundo Eufrásio Alves Filho, Valério Neto Chaves Pinto, Joaquim Dias de Santana Filho, Sebastião Ribeiro Martins e Erivan José da Silva Lopes (Diário de Justiça do Estado do Piauí. Ano XXXI, p. 6, grifos do autor.).

Cabe ressaltar que tal homenagem vigorou apenas enquanto funcionava o prédio do Anexo do Fórum de Picos. Após sua nova edificação e inauguração, em 23 de novembro de 2020, a nova sede passou a homenagear o ex-governador do Piauí, Helvídio Nunes de Barros. Nesse prédio, localizado no bairro DNER, ainda está instalado o Juizado Especial Cível ao qual foi dado o nome do Juiz Virgílio Madeira Martins.

Outra homenagem ao Dr. Moura Fé, *in memoriam*, que causou júbilo nos seus familiares e também contou com seus esforços para tal reconhecimento, refere-se à indicação e aprovação do seu nome no concurso cultural *Se essa rua fosse minha*, realizado pelo Município de Teresina-PI, que objetiva homenagear logradouros com nomes de seus entes estimados, como parte das comemorações do aniversário de 165 anos de Teresina, sendo Manoel dos Martírios Moura Fé agraciado, em 2017, pelo reconhecimento dos serviços prestados ao seu Estado, tendo o nome de logradouro com seu nome, localizado na Zona Leste (Figuras 77 e 78).

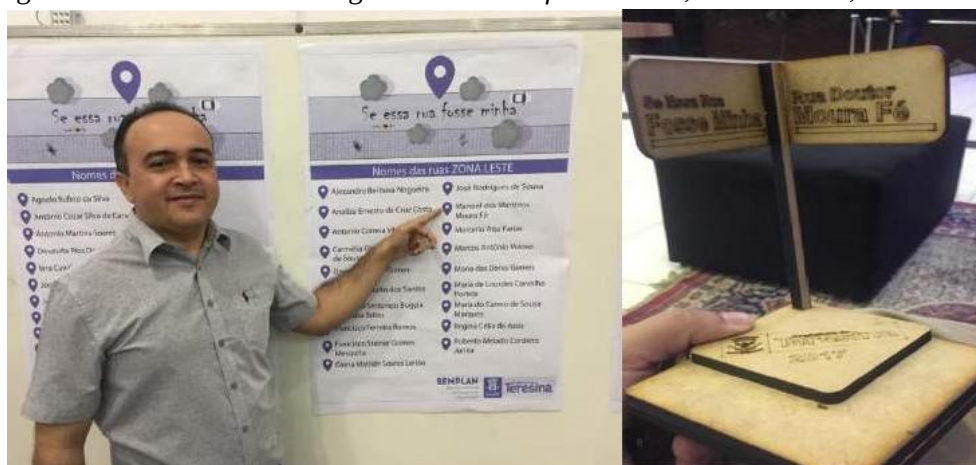
Figura 77 – Certificado do Concurso Cultural *Se essa Rua Fosse Minha*



Fonte: Arquivo Pessoal da Família Moura Fé

O certificado póstumo concedido ao Dr. Moura Fé traduz um sentimento familiar de eternizar o seu nome, ao nomear um logradouro. Esse certificado não foi incorporado aos demais certificados de homenagens de Dr. Moura F, pelo fato de ser uma homenagem póstuma. O referido documento não se encontrava em posse do Arquivo Pessoal de Dr. Moura Fé, mas fazia parte dos guardados familiares, estando na posse dos filhos.

Figura 78 – Troféu de homenagem *Se essa rua fosse minha*, na SEPLAM, em Teresina



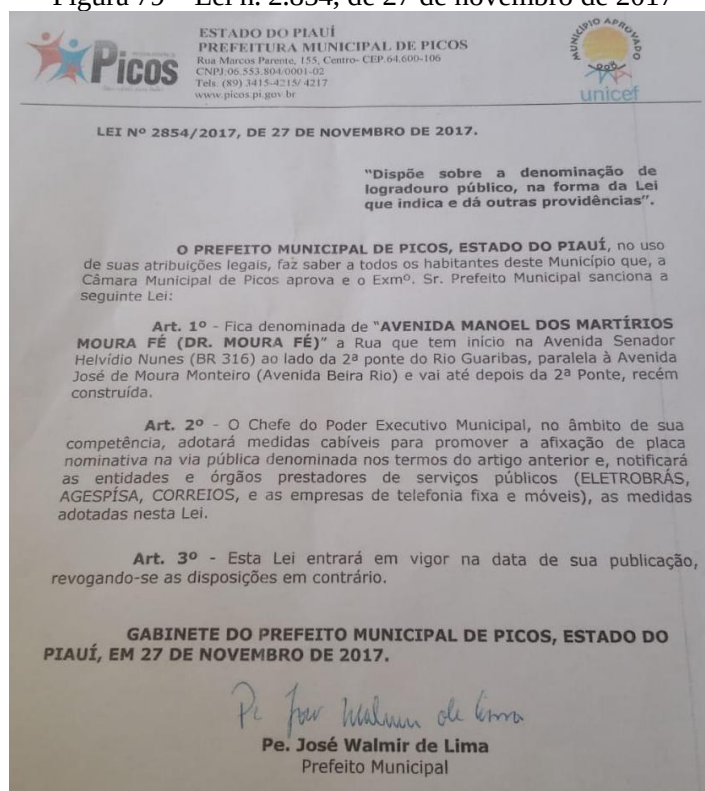
Fonte: Arquivo Pessoal da Família Moura Fé

A iniciativa de inscrever o nome de Dr. Moura Fé no concurso *Se essa rua fosse minha* partiu do seu genro, José Diógenes Costa Santos (Figura 78), que, juntamente com os demais familiares e sua esposa Arlete Araújo dos Martírios Moura Fé, elaboraram a justificativa que elencava os requisitos do homenageado e que logrou êxito, sendo um dos 109 nomes escolhidos

para homenagear logradouros em Teresina. Na Figura 78, José Diógenes Costa Santos identifica o símbolo de localização da Rua Manoel dos Martírios Moura Fé, situada na Zona Leste da Capital. Os dados de localização são fornecidos pelo órgão municipal da Secretaria de Planejamento e Coordenação do Piauí (SEPLAM). Identificamos, na Figura 78, uma espécie de Troféu, representando uma imagem em miniatura da placa identificadora do logradouro que recebeu o nome do nosso pesquisado.

Ainda em 2017, a família recebeu a homenagem *in memoriam* que concedia ao Dr. Moura Fé a denominação de um logradouro na cidade de Picos. O projeto de iniciativa do vereador Francisco das Chagas de Sousa (Chaguinha), representante do PSB, foi aprovado na gestão do Prefeito José Walmir de Lima, do Partido dos Trabalhadores (PT). A Lei n. 2854/2017 instituiu a denominação de “[...] Avenida Manoel dos Martírios Moura Fé (Dr. Moura Fé), a Rua que tem início na Avenida Senador Helvídio Nunes (BR 316), ao lado da 2ª ponte do Rio Guaribas, paralela à Avenida José de Moura Monteiro (Avenida Beira Rio), se estendendo até a 2ª ponte [...]”, conforme Figura 79.

Figura 79 – Lei n. 2.854, de 27 de novembro de 2017



Fonte: Arquivo Pessoal da Família Moura Fé

A família de Dr. Moura Fé recebeu várias homenagens concedidas a ele *in memoriam*, causando-lhes emoção e gratidão, sendo uma confirmação e resultado dos anos de vida do

nosso pesquisado dedicados ao trabalho. O reconhecimento pelo trabalho de Dr. Moura Fé se fez, inclusive, no momento de seu falecimento, quando recebeu várias homenagens, sendo que uma delas, realizada pelo corpo educacional bocainense, emocionou seus familiares:

O velório do papai foi a coisa mais impressionante que eu vi. Foi demorado, desde o início até o fim. A gente sabia que ele tinha a importância dele lá. Mas assim, a gente mesmo não tinha noção. Mas muita gente compareceu, teve algumas homenagens na OAB. E o que eu achei interessante, como ele foi sepultado na Bocaina, na passagem, na estrada, de Picos para a Bocaina, algumas escolas colocaram os alunos fardados em fila indiana, de um lado e de outro lado, passando por um corredor de estudantes, na beira da estrada, para ver o velório do papai. Isso me chamou muito a atenção na época. Até dizia assim, a gente perde, mas ele estava, por um lado, satisfeito pelas homenagens, pelo reconhecimento. Naquele momento, estava servindo de consolo, aquela quantidade de homenagens. (Adelino Araújo dos Martírios Moura Fé, 2023).

O sentimento de Dr. Moura Fé por sua região de origem era recíproco, podemos constatar nas falas dos entrevistados e nas homenagens que recebeu dos moradores, como a construção da rampa para ter acesso à igreja de Bocaina. Essa relação de acolhimento levou nosso pesquisado a retornar para Picos e, mesmo após viver em várias regiões, do mesmo modo tinha em sua agenda momentos e datas reservadas para participar da vida social de Bocaina. Desta forma, as homenagens que recebeu no cortejo do seu velório são repercussão do ufanismo por sua origem, local onde decidiu fazer a morada eterna.

Assim, tais homenagens se associam à trajetória profissional de Dr. Moura Fé como professor, gestor escolar e advogado, representando bem-sucedida trajetória profissional. Tais homenagens contribuem para a preservação da memória do nosso pesquisado, referenciada por suas práticas intelectuais, nas ações de educador e de advogado, assim reforçando suas virtudes e promovendo uma conexão entre passado e presente.

#### 4 GUARDADOS DE SI E DOS OUTROS: O ARQUIVO PESSOAL DO PROF. MOURA FÉ

De forma comovente e coloquial, o literato modernista Guimarães Rosa (1986) imprimiu seu estilo no narrador-personagem Riobaldo na obra *Grandes sertões: veredas*, onde a saga de um sertanista letrado revela as aventuras de uma vida, circunscrita por aspectos comuns que apresentam temáticas filosóficas e existenciais de uma vida presentes na oposição entre bem e mal, culto e inculto:

Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas — de fazer balance, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado (Guimarães Rosa, 1986, p. 172).

De início, a fala de Guimarães Rosa (1986) encontra amparo nas discussões historiográficas, ao revelar as dificuldades de contar o passado, nas complexidades de passar uma vida em papel, uma vez que esta é cercada de intercorrências. Em outro ponto, o literato dialoga com a historiografia, ao questionar os aspectos da memória, revelando sua marca flutuante, bem como as aproximações entre verdade e ficção em história.

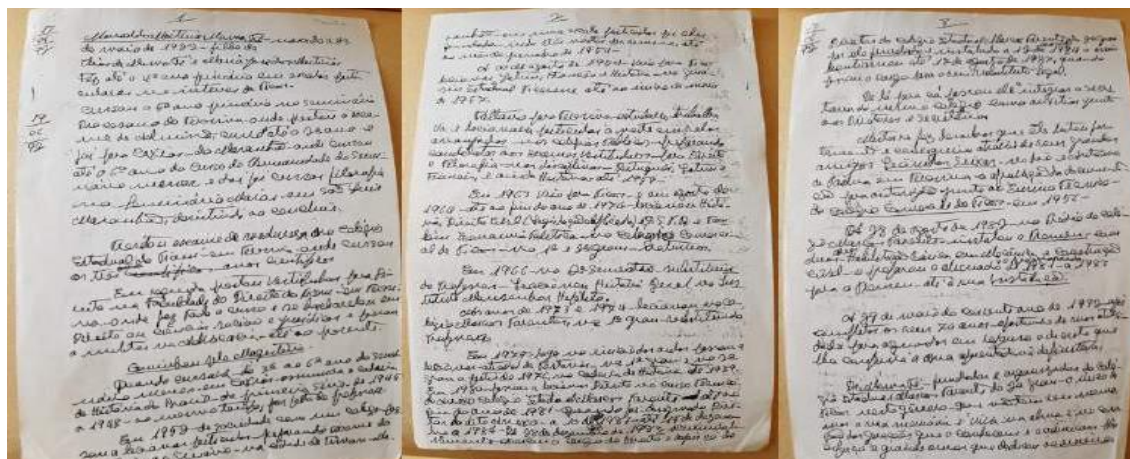
Pressupostos do campo historiográfico tão bem analisados por Nora (1993), lembrar e esquecer, essas implicações são estruturas interdependentes da própria memória, passos que se mesclam ao próprio processo de seleção mental do que devo, posso ou quero lembrar.

O narrador-personagem se vê com o sentimento de traduzir as tramas da sua vida em papel, transformar uma vida em texto, e disso advém um encontro com o passado. De igual maneira, Dr. Moura Fé revelou, por meio de rascunhos, a intenção de narrar suas experiências de vida em texto, algo não concluído talvez pela intempérie da morte ou pelas ocupações dos dias ou pelas próprias dificuldades de ordenar a vida por escrito. Outro fator que o impossibilitou de passar a limpo a vida em papel se coaduna com as mesmas dificuldades de Riobaldo, as complexidades de reunir fragmentos de uma vida através da escrita.

A intenção autobiográfica, já salientada por Artières (1998), é prevista em Dr. Moura Fé, através do seu arquivo particular, vestígios preservados de uma vida que parecia querer se immortalizar por meio das miudezas de documentos, livros e objetos guardados por seu proprietário. Através dos inúmeros documentos guardados, evidenciamos indicativos das práticas humanas culturais que revelavam vestígios do fazer não apenas do seu produtor, mas da sociedade de maneira geral.

Essa intenção biográfica parece clara, quando analisamos o registro de próprio punho feito por Dr. Moura Fé, uma vez que buscou desenvolver uma cronologia da própria vida, reproduzida tantas outras vezes, com correções em outros registros e momentos de sua vida.

Figura 80 – Cronologia da vida de Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal Manoel dos Martírios Moura Fé

Com a intenção de se inscrever vêm os questionamentos: qual seria a finalidade? Qual o objetivo, ao biografar-se? Em Riobaldo, implicitamente se apresenta o objetivo: julgar o passado e, em outros momentos, de lhe absolver. Em Dr. Moura Fé, essas intenções foram analisadas através dos vestígios que deixou e das falas que seus contemporâneos revelaram sobre essas questões, compondo possibilidades diversas que vão, desde aqueles presentes em Riobaldo, como também o desejo de se imortalizar, transformar em glória sua vida, livrar-se do esquecimento, passar a vida em branco.

Com base nos registros deixados por Dr. Moura Fé, realizamos um traçado de sua vida, através de uma linha do tempo, tendo como referência os fatos que ele considerou mais importantes em sua trajetória, quais sejam, o aspecto estudantil e a formação profissional, como podemos ver no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Linha do tempo da vida de Dr. Moura Fé



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

Essa linha do tempo, apesar de ganhar o traçado linear, anda longe das perspectivas aqui tomadas no texto. O sentido ilustrativo ganha relevo, porém entendemos a vida como um ir e vir, uma constante interligada por conexões que não podem ser compreendidas ou medidas por fatos esquematicamente divididos em um início e fim. Assim, abordamos a vida de Dr. Moura Fé numa compreensão dos acontecimentos, adotando a concepção de “tempo rebelde aos calendários” (Carvalho, 2013, p. 23), uma vez que não se curvou a eles. Destarte, pautamo-nos também em Bourdieu (2006), para quem é impossível narrar a completude da vida, o que justifica a ausência de uma narrativa linear, uma vez que a vida é composta por intercorrências e não aceita uma pré-determinação.

Além da intenção autobiográfica contida na escrita da cronologia de vida deixada por Dr. Moura Fé, ressaltamos aquilo que ele pretendia apresentar em uma futura publicação, deixando entrever a sua relação escolar, uma vez que associa sua trajetória de vida com o percurso de formação, dada a importância que a mesma tinha na constituição de sua vida. Assim, seus momentos importantes de vida se relacionam à educação, seja como discente, seminarista ou docente. Desta forma, descreveu o passo a passo de sua escolarização, bem como as tentativas de ingressar no curso superior, além dos maiores marcos de sua vida: a aprovação no Curso de Direito e o ingresso no magistério, no mesmo período.

O esforço em guardar-se chama a atenção no arquivo pessoal de Dr. Moura Fé. Tentar descobrir que motivos o levaram a arquivar-se é um mistério que tem indícios, por ele mesmo deixados. O que salta aos olhos de quem se depara com seu arquivo é surpresa, admiração e interrogações: Por que guardar-se? Tais interrogações surgem da própria mística que envolve o guardar-se, uma vez que estudar “[...] a constituição pessoal de arquivos de vida é [...] ‘exumar’ as formas sub-reptícias que assume a criatividade dispersa, tática e manipuladora dos grupos ou dos indivíduos [...]” (Artières, 1988, p. 10). “Exumar” o arquivo pessoal do professor Dr. Moura Fé é uma atividade difícil, mas também prazerosa, pois possibilita reconhecer o social por meio do individual, descortinando aspectos e impressões do mundo educacional de uma época.

Em um arquivo pessoal, deparamo-nos com emoções guardadas, documentos enfeitados, laços que escondem e gavetas que preservam. Neste amontoado de vestígios fragmentários da trajetória de vida de um indivíduo, o historiador se depara com desejos, anseios, decepções, tristezas, alegrias, vitórias familiares, imagens, símbolos católicos, homenagens, ou seja, uma imensidão de subjetividades que dizem um homem, sua vida e época (Cunha, 2019).

Notamos, em nosso pesquisado, um desejo de guarda singular, que, Cipriano e Sousa (2024, p. 5) “[...] pode estar associado à sua personalidade ou a alguns outros aspectos, como sua formação seminarista, a ministração de aulas de História, bem como a necessidade de elaboração de materiais de consultas próprios do ofício do professor”. Estes são fatores para Sue Mckemmish (2018, p. 246) que se realacionam às próprias “[...] necessidades fundamentais de uma percepção de si, de identidade, de ‘lugar’ no mundo”.

Das influências de formação que sofreu nosso pesquisado, indagamo-nos sobre o sentido de arquivar-se. Queria envolver-se na incursão biográfica? Queria historiar suas glórias? Desejou imortalizar-se? Muitas são as perguntas em aberto, e as respostas que apenas se insinuam. Destarte, valemo-nos das lições de Àrtieres (1998, p. 11), que defende que “[...] arquivar-se é uma forma de salvaguardar-se do esquecimento e conservar o que, quase sempre, se extravía na vertigem do tempo, daí certa compulsão pelo que se chamou de arquivamento do eu”. De forma similar entende Mignot (2002, p. 324), ao afirmar que arquivar “[...] é conservar, reter, armazenar”.

O guardar-se pode estar associado a imperativos legais, comum a cada um de nós. O homem mais desprovido de posse porta consigo algum objeto ou documento e, na impossibilidade deste, ainda guarda memórias, lembranças do passado. Todos nós somos compelidos por meio da lei a nos arquivar, em especial por papéis, em documentos diversos que contam nossa história, desde o nascimento, por meio do registro, com a certidão de nascimento, a certidão de casamento e, por fim, o óbito. Assim, temos uma trajetória de vida contada em papéis, registros que devem estar bem preservados para, sempre que houver necessidade, possam ser consultados, configurando aquilo que Cunha (2019, p. 25) chamou de “memória de papel”. De acordo com Bellotto (2004, p. 266), arquivos pessoais são definidos como

[...] o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas e etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade.

Este conjunto de papéis que narram nossas vidas, que nos preservam de nosso próprio esquecimento e nos introduzem como sujeitos jurídicos de direitos são entendidos por Bellotto (2004) como arquivos pessoais. Para além de documentos, os arquivos pessoais se formam



por meio de objetos, móveis e fotografias, entre outros objetos, quase sempre bem guardados em pastas preservadas, em gavetas, em baús e outros lugares domésticos de memória (Mignot, 2002). Cabe ressaltar que o arquivo pessoal como acumulação voluntária que extrapola as necessidades civis, registra a trajetória de vida, reunindo vestígios que se ligam à função que desenvolvem socialmente, além de revelar *hobbies* daqueles que guardam objetos por prazer e lazer.

Neste sentido, entendemos que todos nós, sujeitos de uma sociedade grafocêntrica, possuímos, em certo grau, nosso próprio arquivo pessoal, como necessidade de inclusão no nosso contexto, uma vez que a sociedade burguesa burocrática, nas falas de Artières (1988), reivindica o registro civil como meio de satisfação de suas necessidades, que servem como prova de existência dos indivíduos, para que sejam quantificados, qualificados e reconhecidos. Assim, o Poder público também nos guarda, através de registros que marcam nossas ações sociais e funções no tempo.

O arquivo de si é também arquivo dos outros, como sugere Sue Mckemmish (2018). Para Moraes (2003, p. 85), “[...] é produto de um lugar e de uma situação vivida [...]”, e se configura na sua forma de preservação, de comunicação entre o passado e o presente, que informa ao futuro o que se foi. Assim, por meio de uma ação individual de guarda, os arquivos representam dados de uma coletividade e são, segundo Cipriano e Sousa (2024, p. 6), “[...] vestígios de uma sociedade e época, uma vez que a memória que se guarda individualmente é um construto social”.

#### 4.1 ARQUIVOS PESSOAIS DE PROFESSORES E SEUS SENTIDOS

Certeau (1982), ao fazer uma analogia nostálgica entre o ofício do historiador e os processos de morte, algo também feito por Halbwachs (1990), em seu livro *Memória coletiva*, ressalta a possibilidade de reconstituição da história como aspecto ontológico do ser humano, visto como sujeito histórico, que precisa lembrar para dar sentido à própria vida em seus aspectos temporais e de entrecruzamento entre passado, presente e futuro, uma vez que a história, bem como a memória, parte de uma opinião e de um ponto de vista do presente para entender a sociedade de uma época.

A imposição ao registro escrito é parte das demandas da sociedade burocrática do registro, assim “o anormal é o sem-papéis” (Artières, 1998, p. 11). Nas sociedades do registro, a escola é sua fiel vassala, uma vez que usa a escrita como meio de difusão do saber e

perpetuação dos acontecimentos. Desta forma, encontramos, nos arquivos pessoais, muitos registros escolares como marca de uma vida.

Assim como o arquivo pessoal do professor Dr. Moura Fé que o identifica como uma “memória de papel” (Cunha, 2019, p. 22), outros arquivos pessoais trazem a marca da atuação profissional do seu produtor, especialmente quando esta se trata da docência, onde sua prática exige contato com documentos, livros e materiais que devem ser guardados para servir de consulta usual. Tais arquivos informam muito sobre as escolas e a educação de forma geral. Os arquivos particulares de professores, como o de Dr. Moura Fé são reveladores dos saberes e práticas educativas, sendo capazes de “[...] eternizar idéias, saberes, valores, acontecimentos relacionados à educação escolarizada” (Cunha, 2017, p. 196).

O arquivo ganhou *status*, ao longo da história, por representar meio de acesso privilegiado ao passado. Essa condição se associa ao percurso da produção historiográfica que dava condição especial ao documento escrito. Entretanto, o arquivo pessoal não usufruiu desse aceite imediato, só há pouco sendo inserido no roteiro de fontes de pesquisa e, para tal, sendo necessário rigor sistemático, mas também adaptação metodológica que interpretasse os aspectos subjetivos como dados de pesquisa (Fávero; Brito, 2003).

Para melhor análise do arquivo pessoal de Dr. Moura Fé, realizamos algumas fases de seleção do material. Primeiramente, elaboramos uma planilha dos tipos de materiais encontrados, seguindo a separação já sugerida pela organização originária em que se encontravam os documentos. Em seguida, classificamos os tipos de materiais encontrados para uma análise mais apurada, didática e que promovesse uma visão da composição do arquivo, e elaboramos um quadro com os resultados. O tratamento dos documentos presentes no acervo partem das compreensões de Le Goff (2003, p. 472), para quem “[...] não existe um documento objetivo, inócuo e primário [...]”, a preservação de um acervo documental reflete o resultado da sociedade que o fabricou, uma vez que estes papéis são parte das ações humanas e, por isso, são entendidos aqui como documentos-monumentos, tomados pelo historiador cientificamente, descortinando quaisquer artimanhas de poder:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (Le Goff, 2003, p. 472).

Compreendemos o arquivo pessoal de Dr. Moura Fé como possibilidade de entender a educação e a sociedade de sua época, contudo livrando-nos de ingenuidades, uma vez que não

existe documento neutro; cada documento guardado e preservado por Dr. Moura Fé deve ser compreendido no seu contexto de elaboração, considerando o interesse que lhe preservou, inclusive questionando-o no processo paralelo de preservação-manipulação, que recria significados ao arquivo.

Após a classificação dos documentos/objetos do arquivo, tecemos interpretações sobre os dados encontrados que nos serviu para mapear a trajetória de vida do professor Dr. Moura Fé, através de um inventário de seus guardados. Na Tabela 2, há duas colunas, uma identifica a classe à qual pertence o objeto/documento; a sua correlata apresenta a quantidade de itens levantados.

Tabela 2 – Composição do Arquivo de Dr. Moura Fé.

| TIPO DE DOCUMENTO                      | Quant. |
|----------------------------------------|--------|
| Certificados e diplomas                | 18     |
| Documentos/Registros Pessoais Oficiais | 23     |
| Documentos dos Familiares              | 11     |
| Documentos de Ensino                   | 6      |
| Livros e dicionários                   | 145    |
| Objetos e móveis                       | 38     |
| Cadernos de Anotações                  | 16     |
| Livros de Coleções                     | 200    |
| Fotos                                  | 285    |
| Total                                  | 742    |

Fonte: Autora

Dados: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Os dados presentes na Tabela 2 encontram-se dispostos com algumas alterações nas pesquisas iniciais de Cipriano e Sousa (2024, p. 7). Através dos dados apresentados, podemos notar a diversificação do material encontrado, sendo nove tipos diferentes. A evidência de objetos revela o teor memorialístico e arquivista de Dr. Moura Fé, que constatava sua consciência de preservação. Em meio ao acervo, podemos identificar uma preocupação de guarda de si e dos outros, uma vez que vários documentos, objetos ou fotografias refletem a sociedade e contexto da época.

O arquivo não se compõe apenas de documentos. Dentre os dez objetos e móveis identificados, podemos citar: três santos, seis medalhas de santos, quatro pingentes de crucifixo, três crucifixos, dois lenços de oração (da mãe), uma chave, um baú, cinco terços, duas estantes, duas canetas, um relógio, um cofre, uma escrivania, um pendente de relógio, uma caixa homenagem, uma máquina de datilografar, uma boneca, duas roupas de seminarista. O arquivo acompanha a vida de Dr. Moura Fé, são representações de sua trajetória que “[...] guardam histórias individuais e familiares, trazem marcas de

escolarização de seus titulares e permitem pensar distintas interpretações” (Cunha, 2019, p. 21). Como reflexo da vida de Dr. Moura Fé, o seu arquivo pessoal sugere interrogações e revela respostas sobre onde andou, o que fez, com que gastou, onde estudou, quando casou, onde se formou, clubes aos quais pertencia, onde os filhos estudaram, em que trabalhava, práticas educativas desenvolvidas, livros que leu, entre outros aspectos.

Considerando-se o arquivo como constituição de vida do seu titular, os guardados mantêm extrita relação com as funções profissionais desenvolvidas pelo possuidor, principalmente quando este é professor, uma vez que sua atividade mantém relação com o mundo grafocêntrico. O arquivo de Dr. Moura Fé não foi diferente, sua escolarização e a ação docente sobressaem dos demais guardados. Assim, o arquivo do professor “[...] expressa acima de tudo, o modo como ele se constitui como profissional e como pessoa” (Xavier e Robert, 2021, p. 5). Diante disso, destacamos, no arquivo de Dr. Moura Fé, os materiais pedagógicos, por serem em maior número e nosso objetivo de pesquisa. Dentre os mesmos, podemos destacar: resumo/esquema de aulas, material de gestão, livros didáticos de História, livros literários, clássicos da área do Direito, dicionários (inglês, latim e francês), certificados e diplomas escolares e fotografias escolares, entre outros. Esses guardados relacionados à atividade docente de Dr. Moura Fé refletem a extensão do ato de ensinar-aprender em sua vida que repercute no arquivo, e, para Santos (2022, p. 84), “[...] apresenta o investimento do sujeito a ser lembrado, um inventário que desenha o pensamento e revela o tipo de leitor que ele era”.

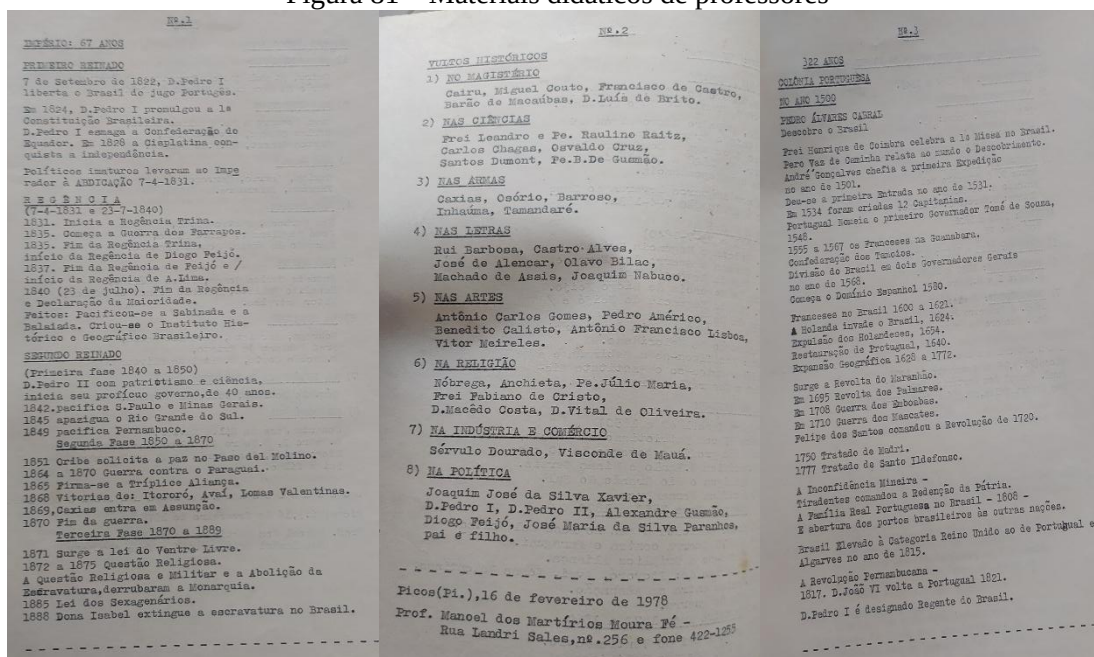
O acervo de livros que compõem a biblioteca pessoal de Dr. Moura Fé é variado, trazendo clássicos da literatura brasileira, renomados autores da área jurídica e uma gama de livros didáticos de História, além de revistas de temas regionais e locais. A riqueza do arquivo de Dr. Moura Fé pode ser constatada na análise feita nos documentos presentes na Pasta Funcional do mesmo, presente da SEDUC-PI, onde se encontra incluída a Declaração de Bens (página 11/84), exigência prevista no art. 3º da Lei n. 2.164/1957. Dentre os bens urbanos arrolados, nosso pesquisado cita o “[...] acervo de seu escritório de advocacia constante em sua residência, contendo estantes, livros diversos, 3 máquinas velhas de escrever, mesas, cadeiras [...]”, tudo estimado ao tempo (24 de maio de 1995), no valor de R\$6.000,00.

Dentre o acervo de livros de Dr. Moura Fé, temos um grande quantitativo de livros de História. Quanto aos livros didáticos, são voltados ao Ensino Secundário, refletindo a área em que atuou. Os referidos livros, de forma geral, têm mais de meia década de publicação, o que retém uma visão própria da historiografia da época. Já os materiais pedagógicos de produção própria do professor são mais escassos, certamente resultados das seleções e possíveis

descartes dele. Contudo identificamos um esquema que se refere a um tipo de roteiro próprio da gestão pedagógica, identificado como “Atribuição dos professores”. O material não está datado, mas identifica o local em que era desenvolvido, qual seja, o Complexo Escolar de Picos, além de informar o assunto: “Atividade Conselho de Classe”. Parece ser, por sua escrita, uma orientação voltada a professores sobre suas atribuições no Conselho de Classe.

Dentre os materiais pedagógicos encontrados no arquivo de Dr. Moura Fé, também identificamos um catálogo de roteiros/esquemas de aulas datilografados em papel ofício, indicando o título e, em alguns, a série à qual se destinavam, revelando o trabalho de produção e materialização do saber, entendidos por Xavier e Robert (2021, p. 04) como “conhecimento escolar”, são práticas escolares que refletem o trabalho cotidiano docente.

Figura 81 – Materiais didáticos de professores



Fonte: Arquivo pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Os materiais pedagógicos de professores são segundo Xavier e Robert (2021) marcados pela originalidade e criatividade e trazem como marca a intelectualidade do produtor, que busca por meio da sistematização dos conteúdos facilitar a aprendizagem, sendo suporte para o processo de ensino-aprendizagem. Nas análises desses materiais intelectuais de

professores, reconhecemos o fazer docente, a historiografia da época se revela, mostrando um viés tradicional, constatado por meio dos currículos e das práticas desenvolvidas. Por meio da análise do material, vamos percebendo como Dr. Moura Fé foi se estruturando como professor de História e conhecendo sua prática educativa que, possivelmente, se espelha na ação de outros professores, uma vez que o ofício requeria posturas semelhantes no seu fazer.

Os professores segundo Xavier e Robert (2021), são produtores de um tipo de saber específico, o conhecimento escolar, pois buscam atingir a aprendizagem docente através de sínteses de conteúdos que os tornem mais didáticos e acessíveis aos alunos. Tais produções de conhecimento relacionam um fazer interdisciplinar que mobiliza saberes específicos da área, como formas de comunicação, assuntos sociológicos e aspectos da realidade dos alunos, favorecendo uma abordagem política, econômica e social.

No intuito de conhecer o professor Dr. Moura Fé através do seu arquivo, ainda analisamos os modos comuns de exercício da docência que revelam as exigências de domínio e atualização de conteúdos, diversificação de turmas e níveis de ensino em que atuou, o que exige criatividade e grande esforço profissional. O que, por vezes, gera precarização do profissional que se vê sobrecarregado de tarefas que interferem no seu tempo livre, algo já discutido por Vicentini e Lugli (2009), ao se referirem à profissão docente.

As práticas de leitura e escrita identificadas por meio da biblioteca de Dr. Moura Fé trazem revelações importantes e reafirmam o quão multifacetado era esse intelectual, o que se apresenta através dos diálogos que ele mantinha com diferentes áreas. Dr. Moura Fé tinha formação em Direito, era advogado, professor de História e Línguas, possuía Curso Técnico em Contabilidade, tinha habilitação para atuar no magistério, cursou dois períodos do Curso de Filosofia e o fato de ter sido seminarista também expandiu seus conhecimentos, aproximando-o do catolicismo, recebendo várias funções na sua comunidade.

Notamos a essencialidade desses materiais para entender as práticas educativas; resguardando as singularidades do pesquisado, conseguimos perceber a universalidade de práticas dos professores, em que seu ofício demanda a preparação de material intelectual e de leitura e aprendizagem constante que favoreça uma didática e aporte de conteúdo que supra as exigências de preparação do educando.

#### 4.2 “ENCICLOPÉDIA AMBULANTE”<sup>10</sup>: O QUE DIZEM DE MANOEL DOS MARTÍRIOS MOURA FÉ

---

<sup>10</sup> Tais aspectos da personalidade de Dr. Moura Fé foram evidenciados por Afonso Moura Fé (2023), em entrevista prestada à autora para desenvolvimento desta pesquisa.

A memória e a história repercutem o ambiente em que vivemos, produzem um repensar historiográfico, onde o sujeito e suas inferências sociais passaram a ser objeto e tema de pesquisa, com a sua ação no tempo e sua memória social trazendo reflexões a partir de revisões dos acontecimentos, objetos, temas e fontes, antes esquecidas ou marginalizadas em nome da ciência, que se pautava de forma limitante pelo objetivismo, racionalismo, bem ao gosto positivista. Diante de tal cenário, devemos repensar as relações entre história e memória, questionando: Que mudanças se operam nas nomenclaturas entre memória e história? Quais as contribuições da memória para a historiografia, entendendo que ambas as abordagens estão permeadas pela temporalidade que as entrelaçam?

Antes do desenvolvimento da Escola dos Annales, no início do século XIX, historiadores viam a História apenas como ciência do passado, o que gerava um olhar mecânico, desatento, frio, que trazia aos historiadores uma certa passividade, assemelhando-os a um espectador que deveria narrar os acontecimentos tal como haviam ocorrido, pautando-se pela observação atenta e rigorosa do que diziam os documentos oficiais.

O repousar historiográfico possibilitou novos olhares sobre as concepções da memória passando a ser objeto de reflexão das Ciências Humanas, trazendo à tona as problemáticas multifacetadas da memória que discute suas faces individuais e coletivas, contribuindo para a construção de estudos em história, favorecidas por meio das contribuições de teóricos como Halbwachs (1990), Nora (1993) e Pollak (1992).

Há interpretações entre memória e história que as tornam enraizadas e, por vezes, dependentes, ambas; são frutos de um tempo-espço que reflete as ocorrências sociais de uma época. A memória passa a se constituir em meio indispensável para a história e, para além do ato de lembrar, serve como fonte histórica, revalorizada e discutida nos dias atuais, e, por meio de testemunhas recuperadas do passado, podemos “[...] reforçar ou enfraquecer e também completar o que sabemos de um evento” (Halbwachs, 1990, p. 29).

Entendemos que as vozes que vivenciaram o passado são arcabouços indispensáveis para se conhecer o já vivido, são sons do passado, vestígios de uma época que, se mobilizadas, têm muito a dizer. Assim, nesta investigação sobre Dr. Moura Fé, muitas foram as impressões causadas em seus contemporâneos que, aos poucos vão alastrando seu jeito de ser e viver, espelhos de uma personalidade que podem ter uma versão contada pela impressão dos demais. Assim, devemos compreender a importância das sociabilidades como forma de percepção e construção do próprio sujeito. De acordo com Barros (1989, p. 33) a

[...] conceituação do grupo e a importância de percebê-lo como uma unidade de análise fundamental, sem a qual não se pode captar a própria ideia de memória e de consciência coletiva, surge na medida em que esses próprios conceitos são buscados no interior da vida limitada de cada grupo.

A memória grupal traz aspectos de identificação do sujeito, indispensável em nosso caso para entender a personalidade do nosso pesquisado, possibilitadas especialmente pelo uso da fonte oral, que nos deu direção para conhecer o ausente, e, na memória dos que conviveram com Dr. Moura Fé, foi facilmente acessado, uma vez que ainda se apresentava na memória e em locais específicos, onde seus retratos e seu nome se materializaram para a posterioridade. Destarte, o uso da História Oral se torna indispensável na narrativa da História de Vida, uma vez que revela traços íntimos e subjetivos das relações de vida, revelando os traços sociais.

As trajetórias de vida participam do instrumental analítico a ser utilizado na leitura de fontes orais, pois assinalam o universo social do qual provieram e no qual se situam as pessoas entrevistadas. Construir uma trajetória de vida não significa elaborar uma mera biografia do sujeito, pois transitando por suas lembranças tem-se contato com as práticas e relações sociais do entrevistado, permitindo-nos estabelecer suas mobilidades social e espacial. Os papéis sociais definem atitudes e expectativas do entrevistado, e estão relacionados aos diferentes momentos da existência de cada um (Santos, 2005, p. 6).

O reinventar do interesse por histórias de vida é acompanhado de uma “revalorização da Fonte Oral”, segundo Pereira (2000, p.117), seja como relato pessoal, narrativa de terceiros ou testemunhos, possibilitado pela ampliação no uso das fontes secundárias, como os arquivos profissionais de professores, o que, na nossa pesquisa, foi possível graças à preservação do arquivo pessoal do nosso pesquisado, onde seus guardados puderam ser acessados como fragmentos de sua memória que se apresenta como elemento fundamental na reconstrução das trajetórias de vida (Côrrea; Ferreira; Liechocki, 2020). Corroboram este entendimento Camargo e D’Araújo (1999, p. 173), ao afirmarem que a “[...] história de vida é que dá a matriz de referência fundamental para a narrativa; porque todo ser humano tem referências de tempo na sua história e na sua percepção. A história de vida me permite capturar esses referenciais e controlar a entrevista”.

As memórias dos contemporâneos de Dr. Moura Fé nos serviram como materiais historiográficos que lhe dão consistência; desta forma, a historiografia faz-se como produtora de história, mas também legitimadora de memórias e tradições, ao preservar os mitos de origem e sacralizar aspectos desenvolvidos socialmente, como forma de preservar a história e as mentalidades de sujeitos de uma época. Desta forma, preservando histórias que Catroga



(2001, p. 41) chama de “sociedades de memória”, em que a predominância da preservação do saber pauta-se na oralidade, a historiografia com sua essencialidade escrita passa a registrar os fatos e acontecimentos. É, sem dúvida, o que Certeau (2000, p. 65) chama de “operacionalização da história”, quando, a partir de testemunhas orais, o historiador passa a transformar essas informações, concedendo o *status* de história. A isso Halbwachs (1990, p. 7) nomeia de “memória histórica”.

Diante disso, foram ouvidos, por meio de entrevista semiestruturada, os contemporâneos de Dr. Moura Fé. Foram treze pessoas que voluntariamente prestaram depoimentos, obedecendo àquilo que dispõe o Comitê de Ética em Pesquisa. Dentre os entrevistados, destacam-se pessoas que conviveram com o pesquisado, sendo eles: filhos, esposa, primo, tia, colegas de profissão e ex-alunos que, de forma emocionada, revelaram suas opiniões e observações sobre a vida do Educador.

Eu tenho as melhores lembranças dele, eu guardo boas lembranças, eu tive a sorte de ter bons professores desde o início da minha formação, mas o professor Manoel dos Martírios Moura Fé, ele sempre me chamou muita atenção, porque ele era muito cuidadoso, ele era um grande leitor na minha forma de ver, porque ele era muito apegado a livros, até hoje eu não sei se ele escreveu livros e se deixou livros escritos, mas a sensação que eu tenho é que ele deixou muita coisa, porque ele era apegado a essas lembranças, ele falava disso pra gente, ele falava da importância da gente ter registros, ter memória, ele falava disso (Maria das Graças Moura, 2023).

A ex-aluna de Dr. Moura Fé revela, ao ser inquirida sobre as primeiras impressões que teve do seu professor, faz observações gerais que o enquadram entre os bons professores da sua época. Também é caracterizado pelo profissionalismo e cuidado com os alunos, deixando entrever aspectos próprios das relações sociais no espaço educativo, onde os sujeitos criam impressões dos demais. Diante disso, ressalta Maria das Graças Moura (2023), ao descrever a face intelectual de Dr. Moura Fé, através dos livros que lia da valorização da história e da preservação. Sem dúvida, o arquivo pessoal de Dr. Moura Fé não se formou casualmente, associando-se à sua personalidade, à docência, ao apreço pelo ensino de História, à vida de seminarista e às suas necessidades pessoais, demonstrando apego pelo registro. Aos pouco, os traços do eu profissional vão sendo revelados, misturados à sua personalidade, aspectos inseparáveis.

A relação entre professor e alunos é resultado de um tempo, sendo marcada pelas convenções e construções sociais de um período onde o respeito ao educador se configurava também em distanciamento entre corpos e diálogo. Porém, mesmo mantendo o distanciamento exigido, o autoritarismo não era marca do nosso pesquisado, que é descrito pela flexibilidade

no trato com os discentes, assim demonstrando concepções modernas, que não se curvava silente às convenções sociais e educacionais da época. Outro aspecto que nos chama a atenção são as impressões dos hábitos e comportamentos do educador, ressaltados nas falas da ex-aluna Maria das G. Moura (2023):

Sim, sim, sim, porque essa mania que ele tinha, meu pai também tinha, só que meu pai o bolso ficava só dessa altura, o dele também não era muito diferente não, era cheio, ele fazia anotações. E ele era um professor, eu tenho pra mim, não sei se porque eu queria muito bem a ele, eu tenho pra mim que também os outros alunos, não conversava sobre isso, mas a forma como nós o recebíamos, como nós o tratávamos, eu sempre o tratei com muito respeito e tive a alegria de ir até a casa dele, eu não sei como é que se deu isso, não sei se foi a curiosidade minha, não sei se foi ele que me chamou, não sei se foi eu que pedi pra ir ver os livros dele.

A ex-aluna fala sentimentalmente das lembranças sobre o professor, vindo-lhe à memória o hábito do professor de andar com pedaços de papel e caneta no bolso, assim sempre estava pronto para anotar alguma informação ou pensamento que surgisse repentinamente. Essas são práticas comuns a intelectuais que têm necessidade de registrar informações para não fugir aos esquecimentos da memória. Mencionamos as visitas de alunos à sua residência, justificadas pelas consultas aos seus livros, realidade onde as bibliotecas eram escassas, o que fazia o Professor Moura Fé abrir sua biblioteca para consulta para trabalhos escolares.

De acordo com Sousa (2019), a primeira biblioteca municipal de Picos — Biblioteca Municipal Dr. Paulo Libório — é de 1977 e foi inaugurada pelo, então prefeito, Zé Nunes. Até essa data, era na casa de intelectuais e no pequeno acervo da Biblioteca do GEP que os alunos dispunham de livros para fazer pesquisa, fato que certamente limitava as práticas educativas dos professores. Outra instituição à disposição dos alunos, segundo Welbert Pinheiro (2018, p. 314) era o acervo de livros do Museu Ozildo Albano, criado em 1960, quando Ozildo Albano “[...] abriu as portas de sua biblioteca particular para a sociedade picoense [...] colocou os seus livros a disposição de todos que precisassem fazer pesquisas e instigou o hábito da leitura”. Diante disso, constatamos a dificuldade de acesso a livros em Picos, até mesmo no meio escolar, uma vez que programas gratuitos de distribuição de livros só se deram, de fato, em 1997, com a extinção da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), em 1997, e com a transferência integral da política de execução do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) (Brasil-MEC, 2018).

Como se vê, a circulação de livros nacional e regionalmente era limitada. Em Picos, isso se agravava pela distância da Capital, onde ficavam as editoras e livrarias. Nesse contexto, cabia aos professores adotar uma prática onde a transcrição no quadro e a tomada de resumos dos conteúdos pelos alunos era uma forma de suprir a ausência de livros didáticos. Diante dessas dificuldades para aquisição de livros, destacamos as falas do filho do nosso pesquisado, Elias A. M. Moura Fé, ao relembrar a importância da biblioteca do pai, o que reforça suas práticas educativas:

E a escola, naquela época, a gente não tinha livro com facilidade em Picos. Os professores tinham aquele livro do professor, então o que que acontecia? Papai vinha a Teresina, comprava caixas de livros pra os alunos aqui em Teresina e levava pra Picos. E lá distribuía pra os alunos que ele entendia que eram os mais dedicados. Não tinha condição de ele dar livro pra todos os alunos. Mas aqueles que eram mais interessados, ele dizia, este ano o livro está com você. Cuide bem, aproveite todo o conteúdo, cuide bem. Próximo ano, se você tiver um irmão que vai precisar, você passa pra seu irmão. Se não tiver, você me devolve pra eu passar pra outro aluno. E nisso ele fez com vários e vários livros. Estudando algumas coisas, colegas advogados, por exemplo, temos muitos em Picos que foram aluno de papai. E eles diziam que só estudaram graças ao incentivo de papai (2024).

Por meio das falas do nosso entrevistado, podemos destacar as práticas educativas desenvolvidas por Dr. Moura Fé, sua concepção de educação, segundo a qual a democratização do ensino era necessária e, diante disso, custeava a compra de livros para seus alunos, desenvolvendo nos discentes o hábito da leitura, que, para ele, era um meio de aperfeiçoamento do sujeito. Com isso, podemos entender que a ausência de políticas públicas efetivas na distribuição do livro didático no país influía em Picos, nas escolas e no processo educativo, inclusive determinando as práticas educativas adotadas pelo professor.

Ao observarmos os traços profissionais do Professor Moura Fé, não podemos deixar de mencionar seus anos de vida no Seminário, fato que marcou grandemente sua personalidade e comportamento e, certamente, sua prática docente, como afirma seu filho mais velho, João A. dos M. Moura Fé, ao relembrar os traços de personalidade mais introspectivo e metódico do pai, também mencionado por outros entrevistados.

Foi aguçado pelo Seminário, o Seminário ele contava que era muito rígido, até mesmo porque eles tinham a rotina deles né, o horário de acordar, o horário de fazer, então. Essa rigidez do Seminário acho que ele trazia para a vida também. Outra coisa marcante que me lembro bem assim de criança era que ele se sentava com todos, principalmente com os três mais velhos e ficava: “Qual a capital de São Paulo? Qual a capital de [...] ensinando as

capitais, essa era uma coisa que quase todo dia tinha (Moura Fé, J.A.M, 2023).

A personalidade marcante de Dr. Moura Fé através da sua dedicação aos livros, sua intelectualidade e seriedade, fez dele um homem metódico, resquícios de uma vida disciplinar praticada no Seminário; assim, ficamos a pensar: Quanto da vida pessoal há nas práticas educativas de um professor? Quanto do profissional se imbrica com o pessoal? Sem dúvida, valemo-nos hoje da assertiva de Nóvoa (2002), ao inferir “[...] que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana”. Porém, sobre o domínio de outras teorias educacionais, a ideia era outra; sugeria-se o distanciamento da vida pessoal do professor do profissional, assim como se requeria a racionalidade entre objeto e o pesquisador, resquícios do Positivismo.

As revisões de teorias educativas relacionadas com o processo de democracia permitiram equalizar os papéis dos atores educativos, ampliando as concepções de dialogicidade no processo de ensino-aprendizagem como aspecto positivo. Neste sentido, podemos ressaltar que a imbricação do ser e do profissional, longe de atrapalhar o processo de ensino-aprendizagem, contribui com o mesmo. Acrescenta-se que como sujeitos humanos essa relação é natural e floresce na própria prática educativa, onde os docentes são convidados a desenvolver uma ação humana. Da experiência de vida do professor evoca uma série de saberes, que comungam para uma prática educativa interdisciplinar, algo já aduzido por Tardif (2011), ao falar sobre a construção dos saberes docentes, defendendo que esta não ocorre de maneira linear, mas carregada de espaços e sentidos sociais que influíram no ato de ensinar.

Ao longo de sua História de Vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza certo número de conhecimentos, de crenças, de valores, etc., os quais estruturam a sua personalidade e suas relações com os outros [...] e são reatualizados e reutilizados de maneira não reflexiva, mas com grande convicção, na prática de seu ofício (Tardif, 2011, p. 72).

Intencionalmente ou não, ao longo da vida, faz-se professor, uma vez que seus valores e crenças e traços da personalidade são incorporados à sua prática docente, são marcas visibilizadas pelo discente, que também as apreende, como partes do processo de aprendizagem e fruto dos espaços sociais que percorreu e o impactou.

A sala e a casa se misturam, o “ser e fazer-se professor” (Sousa, 2009, p. 27) não esbarra nas paredes da sala de aula. Assim narra o primogênito de Dr. Moura Fé, J. A. M. Moura Fé (2023), que o pai desempenhava corriqueiramente a função de professor com os filhos, qualquer momento de lazer, também era momento de aprender. Assim, seus filhos eram estimulados aos estudos, os momentos de convivência com o pai eram marcados por brincadeiras educativas. Sem dúvida, a vida em muitos momentos era uma aula que se fazia em cada ensinamento e exemplo modelar que representou o pai. Sobre o homem como exemplo de educador para os filhos e seus pares, podemos ressaltar as falas de Afonso de Moura Fé:

Os meninos, todos eles foram criados com aquela formação moral e religiosa. Tradição deles. E é tanto que quando os filhos começaram a formar, todos eles mandavam convite. Embora a gente não pudesse comparecer, mas dava conhecimento. E depois, já na minha adolescência, lá em Picos, foi meu, não foi meu professor, mas foi meu diretor. Na época eu fiz um 2º Grau no Científico... E o exemplo é que ele foi um dos poucos da família que saiu para estudar e formou. E aí encaminhou os filhos e hoje os filhos todos são formados (2023).

O pesquisado Dr. Moura Fé teve 8 filhos, dos quais sete encontram-se vivos. Segundo Afonso M. Fé (2023), era motivo de orgulho dele, como pai, o fato de todos os filhos serem formados e bem encaminhados profissionalmente, fato que lhe gerava brio e reconhecimento social. Calha ressaltar que o filho Antônio A. M. Moura Fé foi acometido por COVID-19, tendo complicações às quais não resistiu, falecendo em 15 de outubro de 2020.

A ascensão social promovida pela escolarização em Picos da segunda metade do século XX constituía motivo de orgulho, época em que as oportunidades educacionais ainda eram limitadas na oferta dos vários níveis de ensino e na diversificação de cursos superiores, uma vez que se constata que todos os filhos de Dr. Moura Fé tiveram que se deslocar para Teresina em busca de melhor formação escolar. Ciente de tais dificuldades, de forma lenta, mas com júbilo, reconhecidos pela sociedade, alguns problemas foram sendo superados com a chegada do tão esperado Ensino Secundário em Picos, com a fundação, em 1948, do GEP. Contudo a dependência das escolas da Capital ainda marcou por décadas a educação do município de Picos, uma vez que nem sempre o quantitativo de matrículas acompanhava a demanda, além do que a oferta do Segundo Ciclo do Ensino Secundário só seria implantado em 1966 (Sousa, 2019).

Ressalvadas as temporalidades, mas ainda vendo as dificuldades escolares como marcas na educação piauiense que perduraram no tempo, podemos identificar que o encaminhamento escolar com êxito dos filhos de Dr. Moura Fé era motivo de admiração social, em muito

associadas pelos seus contemporâneos às orientações dos genitores, que primavam pela educação da prole, tendo alcançado êxito.

A vida de Dr. Moura Fé contada por interlocutores que conviveram com ele é uma narrativa que o caracteriza como sério, formal, cuidadoso, respeitoso e religioso, onde sua postura devocional aos santos que se estendia aos livros é aspecto herdado do Seminário. Esse amor aos livros, à história e ao registro o levaram a construir o seu próprio arquivo, a ser considerado um intelectual do seu tempo, sendo reconhecido, no depoimento de Afonso de Moura Fé (2023), como “enciclopédia ambulante”,

Com certeza. Não, ele, com certeza, ele é uma enciclopédia ambulante. Qualquer dúvida, a gente podia consultar com ele. E eu mesmo, eu mesmo lembro de ele já, já perto do final da vida, já prostrado. Lá, eu lembro de visitar ele, conversar. E ele sempre demonstrava aquele interesse de preservar a memória, perguntando as coisas. E a gente também perguntando e ele respondendo. Sobre a Capela dos Diógenes, que é antiga.

O reconhecimento social e as representações criadas por Dr. Moura Fé estão sempre associadas à sua atuação profissional, seja como professor, advogado ou gestor escolar. Foram os aspectos de sua trajetória de vida que deram significância à sua vida e como as pessoas o identificaram. Destaca-se, também, sua condição de “guardião da memória familiar”, como concebe Barros (1989, p. 34), uma espécie de mediador entre o passado e o presente da família, aquele que traz informações e guardados dos seus antepassados. Geralmente, essa condição é representada pelos avós, que são o elo mais antigo dos mundos temporais. Essa é uma figura emblemática no seio das famílias, alvo de consultas constantes e protagonismo certo. Neste caso, é função assumida por Dr. Moura Fé, herança da tia Joaquina dos Martírios, que trazia na memória a genealogia da família, segundo Afonso Moura Fé (2023). Tal fato pode ser constatado nas contribuições de Dr. Moura Fé fez aos livros de escritores locais, como o da professora Iracilde Maria de Moura Fé Lima, *De Moura aos Moura Fé: resgate de uma trajetória*, de 2005, e também o livro de Cláudio Roberto Borges de Sousa *Memórias da minha terra: São João da Canabrava – Piauí*, de 2023, onde, nos agradecimentos de ambos os livros, vemos o reconhecimento das contribuições do Dr. Moura Fé sobre genealogia, história e religião, partilhadas voluntariamente, muitas vezes inéditas, pensando no desenvolvimento do conhecimento:

Aos parentes Dr. Manoel dos Martírios Moura Fé (residente em Picos-PI), João Alcebiades de Moura Fé e Francisco Teotônio da Luz Neto (residente em Brasília-DF), Manoel Norberto de Moura e sua esposa Aldina de Oliveira (residentes em Palmeira do PI), Emerson Menezes Pires de Moura, Benício

Alves Neto, José Mendes de Sousa Moura-Dedinho, Tânia Maria Moura Fé Pinheiro e Cícero da Silva Moura (residentes em Teresina-PI), pela disponibilidade e confiança em ceder parte de seus arquivos pessoais de informações genealógicas, importantes para ampliar e complementar os dados localizados na documentação por nós pesquisada; (Lima, 2005, p. 8).

A gratidão de Lima (2005) ao Dr. Moura Fé estendeu-se após a conclusão do livro, por meio de uma visita à sua residência, onde o presenteou com o Brasão dos Moura Fé emoldurado (Figura 82). O quadro encontra-se em local de destaque na casa da viúva do Dr. Moura Fé. Na Figura 82, estão presentes da esquerda para direita: Iracilde Lima, Lídia A. de Mora Fé, Juliêta Angelina de Araújo Moura Fé, Manoel dos Martírios Moura Fé, Adelino Araújo dos Martírios Moura Fé e a irmã de Iracildes Lima, Ida Moura Fé.

Figura 82 – Entrega do Brasão e livro sobre a Família Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Também identificamos uma homenagem *in memoriam* a Dr. Moura Fé no livro do professor Cláudio Sousa (2023, p. 19), que enaltece sua colaboração com dados, haja vista seu conhecimento sobre Picos e região:

Gratidão àqueles canabravenses ilustres que prestaram valiosas informações sobre o passado de nosso povo e de nossa cidade, historiadores natos e cultos que colaboraram imensamente para a realização desse trabalho, de modo especial ao Professor Paulo Bezerra de Sousa, ao meu tio-avô Marciano de Sousa Veloso ‘Marciano Bitônio’ (*in memoriam*), Manoel dos Martírios Moura Fé, ‘Advogado Dr. Moura Fé’ (*in memoriam*) e meu nobre amigo Manoel de Carvalho ‘Zé Miúdo’.

O nome de Dr. Moura Fé é exaltado nestas pesquisas históricas, sendo reconhecidas sua memória e intelectualidade, o que fazia dele uma consulta necessária na propositura de

vários assuntos locais, sendo, por diversas vezes, solicitado em casos de dúvidas sobre assuntos diversos, que podia ser um dado de algum batismo da Igreja, a passagem de algum religioso por Bocaina ou Picos, data de algum evento, a genealogia dos Moura Fé ou até mesmo fatos históricos das localidades circunvizinhas. Assim, quando a documentação faltava a pesquisadores e a comunidade em geral, Dr. Moura Fé representava a “biblioteca ambulante” ou o arquivo social, que podia contribuir com suas memórias e guardados, não apenas de si, mas da coletividade da qual fez parte.

Nesta relação com o outro, onde os testemunhos dos entrevistados vão recortando uma representação de Dr. Moura Fé, vamos identificando padrões de comportamento, palavras, ações, símbolos, imagem e expressões que possibilitaram a sua existência no mundo. Desta forma, configurando na fala do outro uma representação de Dr. Moura Fé, onde, segundo Chartier (1990, p. 20), “[...] a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou alguém”. Com base neste duplo sentido de representação, buscamos sintetizar, pelas falas dos entrevistados, o que caracterizou Dr. Moura Fé, por meio de sua personalidade, seus dizeres e ações, bem como pela percepção que dele construímos, ao longo da pesquisa e por meio de seu arquivo pessoal (Organograma 1).



Organograma 1 – Perfil de Dr. Moura Fé



Fonte: Autora

Dados: Sobre imagem do Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé com trechos de entrevistas concedidas

As imagens de maior destaque de Dr. Moura Fé o apresentam com roupas formais, geralmente em papel de destaque, gesticulando com as mãos ou proferindo discursos. Tais aspectos revelam uma pessoa formal; sua formação seminarista e a função de professor e advogado imprimiram um perfil sério, mas também comunicativo, sempre solicitado a expor seus conhecimentos. Os depoimentos são claros, ao revelar um homem pacato, sem inimizades mortais e que vivia para "educação, direito, família e igreja" (E. A. M. Moura Fé, 2024). Estes são os aspectos mais representativos nas falas dos depoentes sobre Dr. Moura Fé. Nas lembranças dos familiares, ex-alunos, amigos e colegas de trabalho, é evocada sobremaneira sua vocação para ensinar. Um entusiasta do conhecimento, estava sempre a ajudar os alunos e mais próximos no caminho do saber; sua religiosidade possibilitava esse espírito de solidariedade, a origem humilde de quem venceu estudando possibilitava o reconhecimento de quem os estudos eram via de mobilidade social.

Assim, Dr. Moura Fé foi retratado como um professor sério que, mesmo com os condicionantes do seu tempo, mantinha uma relação de proximidade com seus alunos. Sensível às necessidades deles, estendeu suas ações de educador para fora dos muros

escolares, pois abria sua biblioteca para os alunos, recompensava os mais esforçados com trabalho e ajudava na Colação de Grau, além de emprestar livros didáticos.

#### 4.3 O HOMEM E A CIDADE: UMA LEITURA DE SI

Base para reprodução da vida, a cidade, obra coletiva que desafia a Natureza, promove a relação entre os homens, entre espaços e acontecimentos passados, criando símbolos, representações, marcas e traços identitários. É bem como afirma Tito Filho (1990 *apud* Reis, 1994, p. 28): “As cidades têm almas, jeito próprio de ser e de parecer. Nunca são iguais, cada qual com seu encanto e suas fealdades... possuem marcas e traços especiais que as definem [...]” e as diferenciam. Portanto, essas marcas são definidas a partir das perspectivas do espaço físico e das ações dos habitantes, com suas relações culturais, onde atribuem ao seu espaço sentidos, projetando sonhos, numa teia de costumes, tradições, crenças, hábitos, regras, normas políticas, condições de lugar, rotinas e memórias escritas nos caminhos, nas vistas das cidades e “[...] no (in)consciente das pessoas, pois cada uma possui uma imagem e carrega em seu espaço físico elementos representativos das estruturas de poder, da organização social, cultural e econômica da sua época” (Leite, 2008, p. 10).

Em Rolnik (1988), há uma associação da cidade a um imã, uma vez que atrai e reúne os homens. Com Dr. Moura Fé, o seu torrão lhe deu significância e sentido, às vezes se confundindo a história de Bocaina com a própria história e personalidade do pesquisado. Essa relação com a cidade em que viveu Dr. Moura Fé é ressaltada por seus contemporâneos. Assim explica Afonso Moura Fé: “E Bocaina sempre foi uma referência religiosa. Desde a antiguidade. Porque Bocaina, embora seja um município novo, mas foi considerado o primeiro povoado de Picos” (2023). Essa constatação de Bocaina como origem do povoamento de Picos, com vocação religiosa, ascende às imbricações de amor à terra de Dr. Moura Fé, à sua região de origem, onde acrescenta Albano Silva (2023):

É, contribuiu. Principalmente a história de Picos, ele contribuía. Ele... a gente conversava muito [...] era a respeito até da própria Bocaina. Ele sabia o mínimo detalhe daquela igreja da Bocaina. Porque ele é um Ozildo Albano de lá, do lado de lá da região da Bocaina, que é a cidade dele, né? Mas eu sei que ele era apaixonado pela história da Bocaina, pela criação dele de Bocaina, e nessa parte aí ele conversava muito, da igreja, também.

As narrativas sobre Dr. Moura Fé ascendem à paixão do mesmo por sua localidade de origem, onde viveu seus primeiros tempos e lá desejou ser sepultado, juntando-se a outros

familiares, ressignificando o sentido da vida, ao fazer o velho retorno para seu lugar de origem, algo tão bem relatado no hino de Bocaina que reflete este sentimento dos moradores por sua localidade: “Os filhos espargem por todo esse mundo. Não esquecem do torrão um só segundo. Relembrando com apreço os ancestrais. Santas Missões. As tradições e novenais”. Esse hino, de autoria de Francisco Valentim Neto (1963), é mote das relações fortes que se fazem entre os moradores da cidade de Bocaina.

Nos documentos presentes no arquivo pessoal do nosso pesquisado, fica evidenciado este apego à Bocaina: as imagens da igreja, da padroeira da cidade circulam entre seu arquivo, recuperando os eventos tradicionais da cidade, revelando a preocupação de Dr. Moura Fé em construir uma história da cidade, de preservar a documentação da igreja que tanto simboliza a constituição da localidade (Figura 83).

Figura 83 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Bocaina



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Considerado patrimônio histórico de Bocaina, com torre única de traçados retilíneos, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição é um símbolo da religiosidade dos bocainenses. Essa igreja de grande representação para aquela sociedade foi demolida em 2023, sendo divulgado amplamente nos jornais locais, revelando a indignação da sociedade perplexa com a perda do edifício valoroso e histórico. A demolição foi justificada pela necessidade de uma edificação maior. Esta mesma da igreja era estimada por Dr. Moura Fé que contribuía com sua manutenção, e nela atuava sempre que necessário ou convidado. Foi através dos moradores de Bocaina e materializada na edificação desta igreja que nosso pesquisado recebeu uma das maiores homenagens, segundo depoimentos dos filhos:

Continuou frequentando a igreja, e os festejos de Bocaina dele não perdia nem a novena, quando era ele celebrando ele estava assistindo, até tem uma coisa interessante que, quando ele foi para a cadeira de rodas, aí no primeiro ano de cadeira de rodas, ele foi para lá. Toim, que é o que partiu para a Eternidade, ia lá, parava o carro bem na porta da igreja ali perto, e aí conseguia tirar, botar ali, enchia de jeito para poder pegar a cadeira, para subir, para botar dentro da igreja, sabe, o papai estava pesado, estava lá, mas assim, se tivesse espaço para quatro pegar, tinha vinte querendo pegar na cadeira, para subir com o papai, aí ele dizia que estava dando trabalho, ele comentou no ano seguinte, que estava dando trabalho, que isso foi mais ou menos para agosto, mas ele contou, não, esse eu não vou ao festejo não, porque não caminho mais, aquele negócio, aí a turma lá ouviu esse negócio, foi mais ou menos em outubro, certo, para início de novembro, chegaram lá em casa, mesmo seis, então, Moura Fé, a gente quer ver com o senhor, está chegando o festejo, para o senhor participar, sabe, não, rapaz, eu não vou dar para ele, não, porque eu estou dando trabalho, não tem, papai, ele disse, olha, depois está aqui, eu vou mostrar as fotografias, mandamos fazer uma rampa, na costela da igreja, para subir com a sua cadeira, subir, descer, então o papai se emocionou, que a lágrima sorriu, sabe, então, assim, o tanto que ele se dedicava, até hoje diz que o papai está ali, faleceu fisicamente, mas está ali presente espiritualmente, porque o festejo só está como está, porque ele... (E. A. M. Moura Fé, 2023).

A homenagem dos amigos de Bocaina representou o quão importante eram os festejos de Nossa Senhora da Conceição para Dr. Moura Fé, bem como o reconhecimento social que recebeu, uma vez que era um dos entusiastas daquele evento.

As imagens de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Bocaina, são figuras decorativas e de devoção entre as imagens de santos presentes no círculo oratório da casa de Manoel dos Martírios Moura Fé. A devoção familiar da mãe do pesquisado foi herdada por ele, e os santinhos com a imagem da santa foram preservados como relíquia.

Era tanto que ele, principalmente a igreja lá da Bocaina, que é a família tradicional daquela festa da Bocaina, ele era muito, ele dava muito valor. E mesmo viajando ele conseguia encontrar, arranjar hinos de lá e passava para frente... E quando às vezes o padre não ia, ele chegava às vezes a fazer, a celebrar, como é que a gente diz? Celebração mesmo, sem ser como esses hoje, às vezes não tem padre, não sabe, mas tem a pessoa. Sim, eu sei que ele fazia muito. E teve um tempo que ele também tinha aquela, como ele conseguia muitos hinos diferentes, então ele viajava muito por onde passava, que ele conseguia. Aí eu sei que ele ensaiava com essas cantoras aí, e elas davam maior 10 (J. A. A. Moura Fé, 2023).

A saída de Dr. Moura Fé do Seminário não diminuiu sua fé ou fez ele se afastar da religião católica; seguiu firme na sua missão. Em Bocaina, sentia-se bem para participar e contribuir nos eventos religiosos. A busca por hinos diversificados, o ato de ensinar o coral da

igreja, participar das missas e festejos de Bocaina era o que lhe satisfazia, eram, inclusive, seus eventos sociais mais diletos.

Figura 84 – Festejo de Bocaina



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O festejo de Bocaina é uma tradição que se entrelaça com a própria origem da cidade. Relatos orais de moradores, na historiografia, datam sua origem por volta de 1754. Como visto na Figura 84, uma multidão em volta da igreja faz de uma prática de devoção um momento de sociabilidade que reúne pessoas de várias regiões, representadas na figura dos romeiros, para pagar promessas. Destarte, os devotos de Nossa Senhora da Conceição se avolumam em torno da igreja, formando um vaivém de transeuntes no período dos festejos.

O templo religioso foi concluído em 1754. Então ele viajou em busca de um padre, para celebrar a primeira festa daquela região e trouxe da Bahia um jesuíta. O padre João Sampaio realizou novenas do dia 29 de Novembro a 07 de Dezembro, no dia seguinte fez a celebração principal — a missa de Nossa Senhora da Conceição. Batizou a igreja e as imagens de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Rosário, que Borges Marinho trouxera para que seus escravos também celebrassem sua fé. Diz a tradição oral de Bocaina que após a missa de 08 de dezembro de 1754, Borges Marinho conduziu a imagem de Nossa Senhora da Conceição até o altar da igreja, entregando a de Nossa Senhora do Rosário para um de seus escravos também conduzi-la até o altar. Para Borges Marinho foi um sonho concretizado, ficando assim, os festejos religiosos, sendo comemorados de 29 de novembro, a 08 de dezembro em louvor a Nossa Senhora da Conceição e dia 09 de dezembro a missa para Nossa Senhora do Rosário, com festa para os escravos, onde o determinante era a dança do congo — manifestação cultural trazida da África pelos negros (Sousa, J., 2005).

Um dos incentivadores deste evento encontra no pesquisado um entusiasta. É recorrente, nas entrevistas sobre Manoel dos Martírios Moura Fé, a ligação deste com o

evento, que se dá no mês de dezembro, acompanhado de procissão e novenas, em que nosso pesquisado era participante ativo. Mesmo em seus dias de maior debilidade física, ainda encontrava disposição para desfrutar desses momentos, quando tinha a oportunidade de se encontrar com amigos e parentes e de conversar com seus pares.

O festejo de Bocaina define a forma da organização desta sociedade, que se fez na fé, sendo seus primeiros habitantes fervorosos católicos, que demonstraram tal tendência, ao trazerem a santa Nossa Senhora da Conceição, cumprindo as exigências de Portugal, o que era mandamento da época, rezar a missa e edificar uma igreja para consumação do povoamento. Em meio à fé católica, o sincretismo cultural e religioso se faz presente na adoração à Nossa Senhora do Rosário, representando a religiosidade e o reconhecimento dos escravizados na formação de Bocaina, que tiveram espaço em seus cultos. Lima (2005, p. 70) explica a organização e o povoamento de Bocaina e Picos:

O povoamento dessa região iniciou-se pela área que hoje forma o município de Bocaina. À época, essa área pertencia à Freguesia de Nossa Senhora da Vitória (cujas sede era a Vila da Mocha que mais tarde foi nomeada Oeiras). Nesse lugar, foram implantadas as fazendas da família Borges Leal, chefiada pelo patriarca português Antônio Borges Marinho, que chegou com alguns familiares a essa região, na primeira metade do século XVIII, trazendo sua caravana muitas cabeças de gado e também um grande número de escravos. Bocaina da Ribeira do Guaribas, era a sesmaria desse pioneiro do povoamento, que tinha esse nome por se localizar entre serras cuja forma se assemelhava a uma boca por onde nasce o rio Guaribas.

A história do povoamento de Picos se entrecruza com a fundação de Bocaina, tendo nesta seu primeiro reduto. Assim destaca-se o nome da família Borges Leal que iniciou a criação das primeiras fazendas de gado nestas regiões, aproveitando-se do contexto nacional de expansão e busca de novas terras em direção ao interior. Diante disso, as regiões circundadas por rios, como na origem das primeiras cidades, a exemplo do rio Nilo para o desenvolvimento do Egito, funcionam como ímãs que atraem a povoação, pois encontram as bases para subsistência; com Bocaina e Picos, não foi diferente, o rio Guaribas servindo como fator decisivo para o povoamento.

Como expressão do poder que a Igreja católica dispunha naquele período, edifica-se a primeira capela. Em Bocaina, é concluída em 1754, vindo a ser modificada em vários períodos e, no ano de 2023, sendo demolida para edificação de um templo mais moderno, o que tem desgostado e causado indignação em vários moradores, que veem sua história e fé desacreditadas pelo moderno.

A religião se constitui como marca fundante na formação cultural da sociedade, influenciando na forma de o homem se relacionar com o espaço. Nesse sentido, o lugar construído pelos homens é mais que materialização, é carregado de sentimentos de pertencimento, representações e identificações, que se veem abalados com alterações das edificações urbanas. Nesse contexto, salientamos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) que identificaram o Piauí como o estado mais católico do Brasil, correspondendo a 89% da população que se declara católica, e a Capital Teresina como a mais católica, com 86% de fiéis. O Brasil ainda é a maior nação católica do mundo, apesar da saída de fiéis para religiões neopentecostais ou de matrizes africanas. Esses dados demonstram as influências da colonização portuguesa em nosso território, assim como o poder da Igreja católica que era responsável por ordenações de condutas morais e direcionamento de comportamentos que influenciam a sociedade até hoje.

Essa religiosidade é evidente na construção urbana, sendo a praça, a igreja e o cemitério lugares identificados na cidade e pontos de referência. Para além da arquitetura, a religiosidade se faz por meio de procissões, festejos, missas e novenas em atos públicos que envolvem todos os habitantes da localidade em um ritual sagrado que dura dias ou meses e envolve todos nos atos de fé praticados há vários anos, por gerações. Diante disso, podemos constatar que, em Bocaina, não foi diferente; o festejo de Nossa Senhora da Conceição é momento de festa, devoção e identificação social:

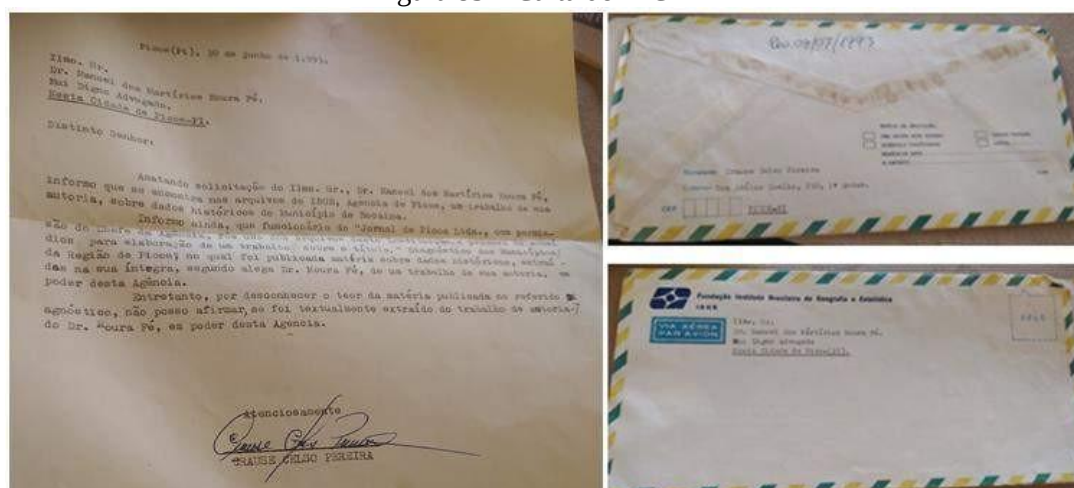
No período de 29/11 a 08/12 aconteceu os festejos em comemoração a padroeira Nossa Senhora da Conceição, muitas pessoas em ação de graças caminham 22 km (Picos a Bocaina) para agradecer a Santa por suas graças, nesse período a cidade fica em festa assim recebendo milhares de pessoas, assim minha pesquisa também tentou compreender o que leva centenas de pessoas a sair do conforto de suas casas e passarem uma noite inteira, seguida de uma madrugada, percorrendo 22 quilômetros, em romaria, rezando e cantando benditos a Nossa Senhora da Conceição (Rocha, 2016, p. 21).

As festividades religiosas marcam o calendário oficial de países e cidades. Na região de Bocaina, o dia 8 de dezembro é de pregação e festa: a localidade se transforma em caminho de devoção, onde romeiros se encontram, pagam promessas, em ato de forte comoção social, revelando suas influências históricas, políticas, religiosas e culturais.

A relação de Dr. Moura Fé com Bocaina e seu desejo de escrever sobre a cidade era percebido por muitos que viviam a sua volta, assim como a ida quase missionária aos festejos de Bocaina era uma obrigação. Essa relação entre o homem e a cidade é vista por meio de uma

carta datada de 30 de junho de 1993, recebida por Dr. Moura Fé, remetida por um funcionário do IBGE, representando a instituição (Figura 85).

Figura 85 – Carta do IBGE

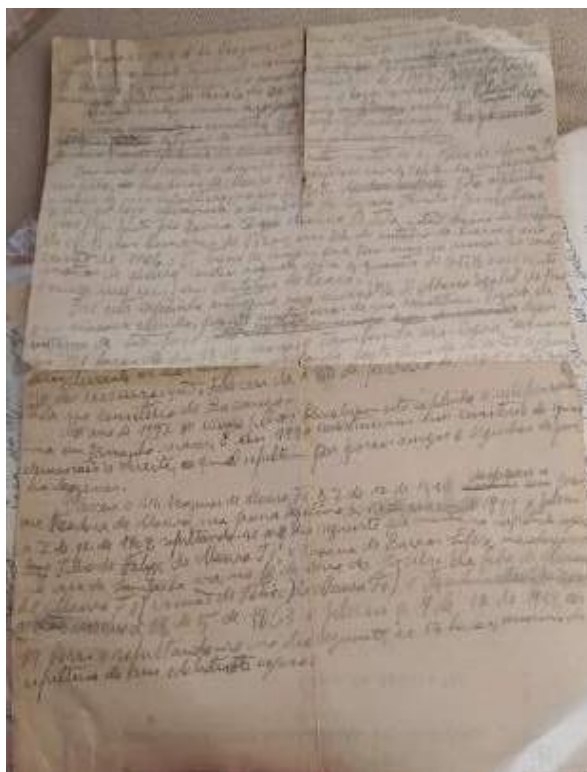


Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Na Figura 85, encontramos indícios do escritor Dr. Moura Fé, que desenvolvia estudos sobre a origem e a história de Bocaina. Nas escritas sobre a cidade, a pessoa Dr. Moura Fé também se inscrevia, através de sua história familiar ligada à Bocaina, bem como da sua intenção de escrita que moldava seu jeito de ser, uma vez que a caneta e os papéis no bolso eram seus companheiros nas andanças pela cidade para não perder nenhuma informação valiosa, ao conversar com os mais idosos ou ao folhear os livros paroquiais aos quais tinha acesso. Ainda por meio da Figura 85, identificamos a relevância dos estudos desenvolvidos por Dr. Moura Fé, uma vez que uma instituição de referência nacional na produção de dados sobre a realidade do país fez uso desses estudos. Alguns dos dados que Dr. Moura Fé detinha sobre Bocaina foram por ele escritos de próprio punho e guardados entre vários outros documentos e cartas. Frutos de pesquisas realizadas por Dr. Moura Fé, são anotações valiosas que versam sobre a história de Bocaina, de Picos e da genealogia dos Moura Fé. O pessoal e o profissional de Dr. Moura Fé se entrecruzavam, o seu tino de historiador ganhava o sentido de sua própria personalidade e andar catando vestígios que eram anotados em papéis que trazia no bolso era um hábito do nosso pesquisado. Por onde andava, reconhecia o valor das entrevistas orais, conversava com os mais velhos e colhia seus depoimentos; os cemitérios e igrejas eram, para ele, espaços de memória, para onde ia descortinar e exumar histórias.



Figura 86 – Escrita sobre a Capela dos Diógenes



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O manuscrito da Figura 86 não está datado, mas sabemos que foi escrito por Dr. Moura Fé e, pela aparência, é antigo, talvez com mais de cinco décadas. São anotações históricas sobre as origens de personalidades de Bocaina e Picos que contribuíram para o povoamento destas localidades e acrescentam informações sobre a Capela dos Diógenes, local onde foram enterradas pessoas da linhagem dos Moura Fé. Tais informações podem ser significativas para historiadores interessados em desenvolver estudos sobre Bocaina e região.

A história de Dr. Moura Fé se entrelaça com a história de Bocaina, que, por conseguinte, associa-se à história e ao desenvolvimento de Picos, cidade conhecida, atualmente, como uma das mais desenvolvidas no Piauí, com uma população de cerca de 83.090 mil pessoas, segundo o censo demográfico de 2022, o que representa sua condição como terceiro centro mais populoso do estado e cidade mais populosa da região da Grande Picos (IBGE, 2022).

Picos (PI) localiza-se à margem direita do rio Guaribas, estando rodeada de montes picosos que lhe legaram o nome. É o principal entroncamento rodoviário do Estado e o segundo do Nordeste. Localiza-se a 306 km da Capital Teresina (PI). O início do povoamento deu-se com a vinda de compradores de cavalos, originados de Pernambuco e Bahia. O primeiro lugar a ser devassado foi o atual município de Bocaina, em que Antônio Borges Marinho edificou, em 1754, uma capela, a qual ainda existe. Em 1851, erigiu-se a freguesia no Povoado sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios. Em 20 de dezembro de 1855, foi elevada à categoria de vila pela Resolução provincial nº 397, sendo desmembrada de Oeiras e ficando na ordem judiciária de Jaicós. Em 1859, a cidade de Picos foi edificada no local onde ficava localizada a fazenda de gado da família de Félix Borges Leal, português vindo da Bahia que instalou a fazenda Curralinho às margens do rio Guaribas. Como a maioria das cidades do Piauí, Picos surgiu da combinação fazenda, curral e capela. Em 12 de dezembro de 1890, foi elevada à categoria de cidade (Sousa, J., 2005, p. 20).

Neste processo histórico, Picos se manteve durante muito tempo atrelada às suas condições naturais, como explica Duarte (1995): uma geografia de serras que dificultava o acesso às outras regiões do estado, mas circundada por rios, como Guaribas, Riachão e Itaim que imprimiam a atividade agrícola, possibilitando a afirmação da criação de gado, marcando seus personagens históricos que, segundo Rocha (2005 *apud* Vieira, 2005, p. 11), constituiu Picos como uma “[...] sociedade patriarcalista, sociedade de vaqueiros, cavalarianos e agricultores [...]”, e em herança colonialista essencialmente católica, tendo como padroeira Nossa Senhora dos Remédios. Nesse cenário de desenvolvimento do estado do Piauí, a literatura aponta a condição da educação, destacando que “[...] na estrutura social vigente, as atividades de educação formal não eram consideradas necessárias para sobrevivência em um povoado como o de Picos, onde os conhecimentos e comportamentos a serem introjetados por homens e mulheres eram aprendidos no dia-a-dia [...]” (Vieira, 2005, p. 26). Este contexto não é diferente de outras regiões do Piauí, onde a população, essencialmente rural, apresentava um estímulo lento de desenvolvimento que repercutia igualmente na educação (Ferro, 1996).

Fatores de alteração na estrutura social de Picos se deram com sua elevação de vila à condição de cidade e à proclamação da República no Brasil, que oportunizaram uma estrutura de aparelhamento dos órgãos públicos mínimos na cidade e um discurso de desenvolvimento do país, onde a educação ganhava espaço reservado, em virtude do projeto de reorganização social do país. Com a necessidade de formação de mão de obra para assumir os poucos cargos públicos advindos da instalação da República, a educação começará a despertar algum interesse nessa sociedade, por meio da criação do primeiro grupo escolar, qual seja, o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, segundo Sousa (2005), fundado em 1928 e responsável pela

formação de gerações de picoenses. A educação em Picos se desenvolvia por meio da ação de mestres-escolas, da ação do município e estado na contratação de professores para ministração de aulas em casas-escolas, assim como a participação de instituições particulares, como Colégio Coelho Rodrigues e Colégio Felisberto de Carvalho, ambos da década de 1920.

Nesse ambiente, Picos vai se desenvolvendo, aumentando lentamente sua população urbana e dinamizando suas atividades econômicas através da ampliação dos cultivos, como a plantação de alho, cebola, algodão e extrativismo da carnaúba, possibilitando sua gênese comercial, o que explica a afirmação de Duarte (1995, p. 43), para quem “[...] a cidade sempre demonstrou uma vocação para o comércio”. Nesse momento, Picos e o Brasil viviam o período histórico da Primeira República ou República Velha, que ficou marcado pela política coronelista e oligárquica, quando os coronéis, chefes políticos locais, fazendeiros e grandes comerciantes eram a expressão do poder local, uma vez que exerciam papel de mando e controle sobre a comunidade local. Neste período, Ferro (1996, p. 22) ressalta que, no “[...] Piauí, entre outros aspectos, é quando se observa o início da consolidação da escolarização formal, é também segundo a mesma autora momento de ‘efervescência instrutiva’”.

Em termos educacionais, os coronéis interferiam em quem deveria ser nomeado ou exonerado dos postos de professor. Conforme afirma Ferro (1996, p. 89), a influência dos coronéis na “[...] contratação de professores na rede pública acontecia rotinamente”, sem observar critérios de habilitação profissional, atendendo sobremaneira o quesito de apadrinhamento. Francisco Santos, um dos destacados coronéis de Picos, teve sua atuação marcada pelas ações educacionais, sendo um dos responsáveis pela implantação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, instituição educacional há muito ansiada pelos picoenses e que formou gerações de crianças, seu prédio ainda servindo, à época, para alocação de outras escolas.

As distâncias de Picos da Capital do Piauí retardavam as transformações políticas que se operavam no restante do país, contudo a instauração da Era Vargas repercutiam na cidade, provocando mudanças de poder, com a indicação de novos prefeitos pelo governador de Estado. No entanto, os velhos chefes locais se mantinham no poder através de seu prestígio. Esse novo período da história de Picos foi marcado por uma gestão temporária de vários prefeitos, contexto modificado com a instauração do Estado Novo e a indicação, pelo governador da época Leônidas Melo, do prefeito de Picos Adalberto de Moura Santos, também conhecido como Bertim Santos, que se manteve no poder de 1938 a 1945. Esse período da história do país se caracterizou pela centralização política, quando, segundo Fausto (2021), houve um grande investimento em infraestrutura gerando caminhos para a

industrialização do país. Com um discurso populista e patriota, Getúlio Vargas promoveu garantias de direitos trabalhistas e significativas reformas educacionais em âmbito nacional. Picos foi contemplada com essa política modernizante:

A cidade ganha importantes obras, como a usina elétrica, mercado central e da carne, matadouro público, posto de saúde na sede do município, construção da praça Félix Pacheco, rede de esgotos, campo de aviação, Prefeitura Municipal, Escola Municipal Landri Sales, avenidas, ruas e praças, banda de música, fundação do jornal A Ordem. Era a consumação do projeto político dos ideólogos do Estado Novo de fazer modernização ganhar força através de um Estado centralizador (Sousa, J., 2005, p. 65).

Essas alterações em Picos revelam mudanças de padrões comportamentais, uma vez que a cidade passava a se revestir de outros atrativos, a exemplo da praça Félix Pacheco, localizada no centro da cidade, que, segundo Duarte (1995), passa a ser cenário de socialização e lazer, além de área comercial e residencial, também se destacando a ampliação de ruas e casas residenciais modernas. Tais melhoramentos urbanos repercutiam na ampliação das demandas escolares, o que se vê com a criação da Escola Municipal Landri Sales. A educação passou a ser importante instrumento de propagação do patriotismo usado como ferramenta de justificação do governo e desenvolvimento da nação. Essas repercussões do Estado Novo na educação são reflexos da criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública que passavam a estruturar o ensino em nível nacional.

Apesar das várias alterações em Picos na primeira metade do século XX, Duarte (1995, p. 19) descreve a cidade no início dos anos de 1940 como um “pequeno núcleo urbano harmoniosamente integrado ao meio rural”, contando, segundo censo demográfico do IBGE (1940), com uma população de 40.414 habitantes, sendo que apenas 11% viviam na zona urbana. Essa configuração populacional fazia de Picos uma “cidade-rural”, de acordo com Vieira (2005, p. 70).

A partir do primeiro quinquênio da década de 1940, começou a florescer, em Picos, um cenário de mudança, caracterizado por um conjunto de fatores, quais sejam: a integração do município a outros centros econômicos, pois a construção da BR 024 (atual BR 230), em 1945, possibilitou a integração do município a regiões do Ceará, Bahia e Pernambuco, bem como fez com que o município aumentasse a sua população urbana, conforme dados do IBGE, de 2.293 habitantes, em 1940, para 4.568, em 1950, um crescimento urbano de quase cem por cento (Sousa, 2019, p. 44).

Estes dados são relevantes, pois descrevem um crescimento populacional acentuado de Picos, evidenciando também sua importância como localidade do Centro-Sul do estado que se comporta como polo irradiador de produtos agrícolas e de mercadorias diversas, o que o tornava ponto atrativo de regiões circunvizinhas, por meio do abastecimento de produtos na sua feira semanal, uma das maiores da região, que permanece até os dias atuais. Segundo Sousa (2019), esse crescimento acentuado de Picos deveu-se a dois fatores: a agricultura e o comércio, este último fruto da integração da região por meio da construção de rodovias, interligando outros estados, como Ceará e Pernambuco, proporcionando-lhe a condição de um dos maiores entroncamentos rodoviários do Nordeste e o mais importante do Piauí.

A década de 1950 é o alvorecer de Picos, quando igualmente ocorre o despertar da profissionalização de Dr. Moura Fé — o recém-formado bacharel retorna em 1959 para uma cidade em desenvolvimento — e a integração através de estradas possibilitou o comércio em ascensão, surgindo outras figuras sociais de destaque, como os funcionários públicos e privados, além de comerciantes, destacando-se, nesse cenário, a Família Bezerra. Segundo Bezerra Neto (2021), a Família Bezerra era possuidora de estabelecimentos em vários segmentos na cidade e região, que ousou expandir-se para outros estados e contribuiu para o desenvolvimento de Picos, inclusive com a venda de produtos modernos para a época. Quanto aos funcionários públicos e privados, foram resultado da criação de várias instituições, como Banco do Brasil, Colégio Monsenhor Hipólito, Colégio Comercial de Picos e GEP. Este último é um marco na cidade, uma vez que começou a oferecer o Ensino Secundário, anseio dos picoenses. Nesta instituição, Dr. Moura Fé iniciou oficialmente sua vida como professor, depois vindo a se integrar à sociedade de Picos com o *status* de um dos primeiros advogados da cidade, fato este constatado na fala do então prefeito de Picos, Helvídio Nunes de Barros, ao relatar a condição de Picos na década de 1950:

Desprovido de representantes nas esferas federal e estadual, o nosso Município, que constitui, consoante dados oficiais, o segundo colégio eleitoral do Piauí, e cuja distribuição da riqueza, além de principal responsável pelo seu progresso, constitui motivo de justificado orgulho, não conta com um legítimo advogado, perante os poderes competentes, para a promoção da defesa dos seus direitos e interesses. O fato é sintomático, pois revelador, quando tantas e pujantes são as nossas qualidades positivas, da incapacidade, da pobreza e da escassa visão política (Barros, 1955, p. 7).

A festa promovida pelos pais de Dr. Moura Fé em comemoração à formatura do filho, em 1959, sem dúvida impactou a sociedade de Picos. Em detalhes, essa sociedade se nutria do desejo de melhores condições educacionais e — por que não dizer? — do retorno dos filhos

que conseguiam êxito em suas formações e poderiam contribuir com o desenvolvimento da cidade, como Dr. Moura Fé. Por conseguinte, ressaltamos os bacharéis em Direito, Alberto de Moura Monteiro e Helvídio N. de Barros, que também eram advogados, contudo atuavam na política. A cidade também contava com outro profissional da advocacia, mas não era formado, atuando como rábula<sup>11</sup>. Tais fatores levam-nos a afirmar a condição pioneira de Dr. Moura Fé na advocacia da cidade, funcionalidade que dizia muito sobre o próprio perfil da sociedade, que carecia de profissionais formados para o desempenho de funções essenciais, como a defesa de Justiça.

É também nos idos da década de 1950 que ocorre grande comemoração na cidade com o centenário da Vila de Picos, em 1955, descrito na *Revista Piauiense dos Municípios*, através de edição especial. Por meio desta, constatamos uma Picos com problemas estruturais, mas que mantinha um papel de destaque no estado, sendo já o segundo colégio eleitoral do Piauí (IBGE, 1950). Contudo ainda carecia de representantes políticos nas esferas estadual e federal, algo conquistado por meio de Helvídio N. de Barros, que se consagrou como deputado estadual, governador do Piauí e senador. O crescimento de Picos se reflete na educação, uma vez que dados da *Revista Piauiense dos Municípios* (1955, p. 13) destacam que a cidade possuía “[...] 55 unidades escolares de ensino primário comum e 1 de ensino secundário; 1 tipografia e 1 livraria”. Apesar da ampliação da demanda por educação escolar, esta ainda era carente e deficitária, o que justifica as falas de Vieira (2005, p. 31), ao afirmar que, em idos de 1930, Picos ainda era uma “[...] Vila de analfabetos: quem sabia ler e escrever era professor [...]”, algo possível de aplicação na década de 1950, uma vez que o censo de 1950 informava que 73% das pessoas de 10 anos e mais eram analfabetas, dado semelhante no Estado, fruto de uma população rural de 84% da população, e Picos com cerca de 92% da população rural.

Diante deste cenário, preleciona Fausto (2021, p. 296): “Apesar do avanço da industrialização ao longo de várias décadas, em 1950 o Brasil ainda podia ser considerado um país predominantemente agrícola. Em trinta anos o quadro se modificou muito, a ponto de essa definição deixar de ser verdadeira”. Em Picos, esse panorama rural caracterizava-se, segundo dados do Instituto de Planejamento e Administração (IPAM, 1978), com configuração fundiária essencialmente formada por minifúndios, o que repercutia em um sertanejo trabalhador que produz basicamente para subsistência. Este ambiente não exigia

---

<sup>11</sup> Rábula é a “[...] pessoa que exerce a advocacia sem possuir formação em Direito”. Assim constatamos o advogado que obtinha a autorização do órgão competente do Poder Judiciário, ou da entidade de classe, para exercer, em primeira instância, a postulação em juízo. Condição extinta nas décadas de 1960 a 1970 (Rábula, 2024).

formação profissional avançada, as crianças de forma natural integravam-se às atividades rurais e domésticas, sendo esta a exigência de aprendizado ao longo da vida; no mais, necessitava-se apenas de conhecimento elementar, como ler, escrever e dominar as quatro operações básicas, daí se reproduzia a relação educação-ruralização. Nosso pesquisado, como alguns poucos, sobressaiu a essa realidade sertaneja, uma vez que seus genitores viam a importância do saber e depositaram no filho tais perspectivas, já que o mesmo se destacara desde criança no desejo de aprender. Apesar das oportunidades de estudo de Dr. Moura Fé, podemos ver em sua trajetória aspectos gerais da educação da época, para percebermos as transformações sociais, políticas e econômicas de Picos e do Brasil.

Durante sua trajetória de vida, nosso pesquisado vivenciou vários momentos históricos do Brasil e do mundo, experienciou diversos tipos de governo, foi sujeito histórico do seu tempo, sofrendo e promovendo interferências nos processos, onde, inclusive, se candidatou a vereador em seu município, em 1962, nas últimas eleições antes da instauração da Ditadura Militar. Durante o Regime Militar, vivenciamos o bipartidarismo, prolatado pelo Ato Institucional n. 2, representado pelo MDB, partido de oposição, e a ARENA, partido de situação, do qual Dr. Moura Fé era contrário ideologicamente, conforme depoimento de Cêrvulo (2023). Assim, nosso pesquisado assitiu e atuou nas transformações históricas pelas quais passou, suas vivências lhe possibilitaram um manancial de experiências, das quais repercutiram convites para entrevistas e para pesquisas científicas, como a de Vieira (2005).

Ao longo da segunda metade do século XX, as transformações em Picos repercutem o seu progressivo crescimento populacional, associado à urbanização da sede do município, em muito decorrente do êxodo rural, processo relativo a todo o país, quando o deslocamento se associava, principalmente, à busca por melhores condições de vida, como serviços, comércio, educação, trabalho, serviços hospitalares e transportes, segundo dados do IPAM de 1978, reflete a atração que Picos exerce sobre outras regiões circunvizinhas.

Tabela 3 – População Urbana de Picos (1950-1975)

| ANO  | POPULAÇÃO URBANA (N.) | CRESCIMENTO (%) |
|------|-----------------------|-----------------|
| 1950 | 4.568                 | -               |
| 1960 | 8.080                 | 76,9            |
| 1970 | 18.092                | 123,9           |
| 1975 | 27.078                | 49,7            |

Fonte: IPAM (1978)

Os dados do IPAM (1978) também apontam que a taxa de urbanização passou de 8,3%, em 1950, para 34,3%, o que evidencia um crescimento contínuo de êxodo rural associado à condição de Picos como Centro Regional, que, à época, englobava mais de 25

municípios, servindo a esses núcleos como centro de satisfação de serviços e abastecimento de mercadorias.

Durante esse período da história do país, o governo prometia, através de seus discursos, uma expansão educacional equivalente à demanda urbana. De forma prática, a educação passou por reforma com a Lei n. 5.692/1971 que substituiu o Ensino Primário e Secundário pelo Ensino de 1º Grau com duração de 8 anos, e o Ensino de 2º Grau com duração de 3 anos, e excluíram o Exame de Admissão. Tal atitude não objetivava eliminar o elitismo no ensino, mas associar-se aos interesses do capitalismo em ascensão, que objetivava formação de mão de obra, devendo incluir as camadas populares na educação formal, mantendo a dualidade no ensino, como explica Saviani (1991), com o Ensino Profissionalizante de 2º Grau voltado para a classe pobre, e o Ensino Propedêutico visando o ingresso no Ensino Superior, direcionado a classes economicamente abastardas.

Os profissionais da educação também foram atingidos com as mudanças promovidas pelos militares. A prometida expansão do ensino foi efetivada, segundo Lugli e Vicentini (2009), com precarização do ensino, desvalorização salarial e falta de estrutura que se somava à perseguição dos professores e estudantes.

Em Picos, o setor educacional ganhou atenção especial dos poderes estadual e municipal quanto à expansão do ensino prometida pelos militares, que se fez sentir de forma quantitativa nas matrículas no 1º Grau e, gradativamente, no ensino de 2º Grau. Cabe ressaltar que este último se mantinha sub-atendido, principalmente na zona rural, que não gozará neste período de nenhuma instituição, conforme o IPAM (1978):

O estado vem mantendo 60 unidades escolares das quais 52 na zona rural e 8 na zona urbana. Com essas 60 unidades o estado absorve maior número de matrículas em relação ao setor municipal e particular, contribuindo em média com 57% dos alunos. Na esfera municipal a atuação se faz mais presente na zona rural, onde 147 unidades são mantidas pela municipalidade, embora também marque presença na zona urbana com 5 unidades. Com suas 152 escolas, e a prefeitura incorpora 39% das matrículas do município. O setor privado também presta sua colaboração na área de educação, mantendo na zona urbana 3 unidades responsáveis por 4% das matrículas (IPAM, 1978).

Esses dados são enfáticos para caracterizar uma sociedade que mudava de comportamento, alterando seu perfil até então essencialmente rural, que passara a ver no ensino formal um mecanismo de ascensão social e aprimoramento do espírito. Tais dados evidenciam também o elitismo educacional da época, sendo limitada a quantidade de vagas no ensino de 2º Grau, que apresenta diferenças entre o ensino urbano e o rural. Essas



disparidades somam-se à qualidade do ensino ofertada pelo Estado e Município, este último sendo criticado pela falta de estrutura das escolas e inabilitação dos professores, o que causa críticas sociais. Com base nos dados do IPAM (1978), podemos concluir que o Estado possuía, em Picos, 60 estabelecimentos de ensino, enquanto o Município totalizava 152 instituições, contudo a oferta de matrículas do primeiro era superior, correspondendo a 57% desta demanda, que era complementada com 4% de estabelecimentos privados.

Ao longo do processo histórico, cada sociedade adota formas de organização diferenciados, que repercutem nas formas de ser e viver das pessoas. Nos ares da redemocratização do Brasil, não se deu de forma diferente, a nova estrutura política e constitucional adotada provocou alterações ansiadas pela população que repercutiram em cheio na educação. Em suas principais medidas, podemos ver a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDBEN/1996), que instaura um paradigma na educação nacional, ao adotar princípios como pluralismo, gestão democrática, liberdade e solidariedade humana.

#### 4.4 RASTROS DE ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA: GENEALOGIA E BIOGRAFIA COMO INSPIRAÇÃO

A Genealogia é entendida por Oliveira (2011) como a “ciência da história das famílias”, pois é um ramo do conhecimento que busca conectar as relações e estruturas familiares e as redes familiares em graus de parentesco. A Genealogia tem sua origem associada a várias outras ciências e áreas do saber, mantendo relações intrínsecas com a História, a Biologia, a Antropologia, a Sociologia e o Direito. É através do ensino que a história da família se faz, ao passo que a história de gerações em gerações são contadas e preservadas, como continuação das vidas.

No que se diz respeito à sua relação biológica, “[...] sabemos que os ‘gens’ são os fatores da herança que resolvem o ‘destino biológico’” (Schaeffer, 1960, p. 489) e, por meio deste conhecimento de ascendência e descendência familiar, pode-se entender sobre a trajetória de uma família, destacando os indivíduos que são ligados por uma linhagem de parentesco, que guardam semelhanças biológicas entre si. Essa trajetória é também história do sujeito que a produz, no caso específico, Dr. Moura Fé.

Segundo Schaeffer (1960), o estudo da genealogia é antiquíssimo, remontando a escritos bíblicos, onde as origens familiares são narradas para explicação de heranças. Na Grécia, a mitologia fazia uso das relações de parentesco entre deuses e homens para explicar

suas características de força ou fraqueza. Essa supremacia da genealogia está associada à própria importância trazida pela família como célula de constituição da sociedade, algo preconizado nos dias atuais, mas que também recebia validade em outros tempos, até mesmo pelas organizações das primeiras sociedades, por meio de clãs, onde o agrupamento familiar era requisito de sobrevivência e manutenção do *status*.

Após revisionismo histórico, a Genealogia foi retirada do limbo estrito da crítica e passou-se a defender seu valor científico, em virtude da sua relação com outros ramos do saber e não com estrito uso indevido político. Destacamos a importância e necessidade no estudo de histórias de vida, como critérios de explicação das origens étnicas e meio de afirmação da própria identidade. Nesse sentido, a família explica uma vida, a ancestralidade de Dr. Moura Fé dirá muito sobre ele. Também podemos dizer que tal relevância do estudo da Genealogia era reconhecido pelo nosso pesquisado, que demonstrou seu interesse pela pesquisa neste campo e na possível produção de uma escrita genealógica, em virtude da consciência histórica em que situava seus antepassados.

Em Barros (1989), podemos notar indicativos do apego à história familiar, pois é no seu seio que situamos nossos primeiros pertencimentos de grupo, o que nos permite galgar outras práticas de sociabilidade mais amplas. As figuras de nossos antepassados, insculpidas principalmente nas figuras dos avós, são modelos exemplares a serem perseguidos, são representações daquilo que podemos ser, de onde viemos, sendo nossos elos que congregam a união familiar. A participação no grupo familiar passa a ser exaltada, principalmente quando estes trazem destaque nos campos econômico, político, moral e histórico, sendo exaltados como uma forma de herança que deve ser perpetuada pelas próximas gerações, como transmissão de valores.

Os detalhes dessas figuras antigas dos avós, ouvidos pessoalmente ou através das histórias contadas no meio familiar, são um traço constante nos depoimentos de pessoas que procuram marcar sua identidade através da inserção em formas consideradas importantes, seja do ponto de vista político e econômico, seja também por sua força moral, representada pelas figuras de patriarcas e de matriarcas que congregaram os familiares por muito tempo, estando as crônicas sempre revivendo a importância da união familiar (Barros, 1989, p. 35).

Ao analisar o arquivo pessoal do educador Dr. Moura Fé, ficou perceptível a intenção genealógica, sendo inúmeras as anotações sobre sua origem familiar, os gráficos rabiscados que revelam suas ancestralidades. Por meio das entrevistas orais, também era enunciada a

intenção genealógica, mitigada pela intenção autobiográfica, o que, portanto, não podemos descartar a relação entre ambas.

Figura 87 – Obras sobre genealogia no arquivo de Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Outros vestígios que deixam evidente o interesse do nosso pesquisado em uma escrita genealógica estão presentes nos variados livros encontrados sobre genealogia familiar, corroborando as contribuições que deu para a produção da pesquisa de Iracilde Maria de Moura Fé Lima no livro *De Moura aos Moura Fé* (2005), uma vez que era sabido da sua curiosidade e pesquisa sobre sua linha familiar. Entre esses livros, destacamos a obra *Família Coelho Rodrigues: passado e presente*, escrita por Abimael Clementino Ferreira de Carvalho (1991). Também identificamos um texto datilografado e encadernado em formato de livro intitulado *Quinco Neto*, sobre a descendência de Joaquim Pinheiro Neto, e o livro *Família Mendes: no 95º Aniversário de Joaquim Mendes Oliveira*, de 1995. Essas e outras obras revelam práticas de leitura de interesse do nosso pesquisado.

Vários também são os livros na biblioteca de Dr. Moura Fé que tratam de genealogia, dentre eles, estão presentes anotações, compilações de textos e mesmo livros sobre as origens da família Moura Fé (Figura 88).

Figura 88 – Obras genealógicas sobre os Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

As obras presentes na biblioteca de Dr. Moura Fé são demonstrações de suas influências e interesses, quanto à intenção de vir a escrever uma genealogia, são evidentes demonstrações de seu desejo de escrita, servindo como prática de leitura e inspiração, além de meios para construção do que viria a ser sua escrita.

Planejando fazer... Ele queria fazer, sempre comentava... Que queria fazer um livro. Dividido em dois volumes. Aí ele dizia que um era mais... Não sei se era os parentes. E aí o outro parece que era sobre o lugar mesmo. Eu sei que ele deixou as coisas tudo soltas. Que nem... Perdeu. Que a gente... Fulano de tal... Mas tudo solto. Aí não tinha uma coisa assim pra pegar e a gente continuar pra fazer esse livro (J. A. A. Moura Fé, 2023).

Segundo Juliêta A. A. Moura Fé, foram muitas as viagens realizadas por Dr. Moura Fé a Simplício Mendes e a outras localidades vizinhas em busca de informações sobre a parentela dos Moura Fé. O pesquisador Cláudio Roberto Borges de Sousa (2023) também assinalou, de maneira informal, as vezes que encontrou Dr. Moura Fé nos arquivos da Diocese de Picos, ambos fazendo pesquisas.

Então, isso aí é só para ter uma ideia, o tanto que com relação à sua pergunta, o tanto que Dr. Moura Fé era focado nessas coisas da história, da tradição, da memória, que ele interessava. Isso aí, para ele, ele queria saber os detalhes, mesmo quando ele não podendo mais ir lá, mas ele... A gente ia lá e perguntava, a gente ia lá e ele acabava perguntando para a gente. A gente ia lá perguntar uma coisa e ele acabava perguntando outra, porque ele... E assim, a vida dele foi sempre assim. Bastava ver as conversas que ele tinha

com a minha avó, com a Joaquina, que era a tia dele, para se ter a ideia do tanto que ele interessava na história (Afonso de Moura Fé, 2023).

O primo e amigo de Dr. Moura Fé, Afonso de Moura Fé (2023), ao ser questionado sobre o interesse do nosso pesquisado na escrita de um livro, é contundente, ao falar que a personalidade e ânimo do nosso pesquisado era revelador desta intenção. Sempre com espírito curioso, desejo de saber. Um fato curioso chama atenção de Afonso Moura Fé (2023), quando o primo já prostrado em uma rede se interessa por saber sobre os restos mortais de seu avô militar que tinha sido encontrado na Capela dos Diógenes, ao sepultarem outro parente.

Outro aspecto que nos chama atenção nas falas de Afonso Moura Fé (2023) são as conversas que Dr. Moura Fé mantinha com os mais velhos, principalmente com sua tia Joaquina dos Martírios Moura Fé, sendo representada como uma anciã que guardava e se interessava pela memória de seus familiares. Segundo o primo, Dr. Moura Fé teria muitas semelhanças com a tia, quanto ao interesse pela história. Assim, podemos concluir que muito do que somos, pensamos e aquilo pelo que nos interessamos são fruto das influências do meio, das relações familiares, da genética, do contexto e da época. Também os filhos de Dr. Moura Fé são unânimes em dizer que o irmão Elias A. M. Moura Fé herdou muito do interesse do pai com relação à preservação do legado das origens familiares, desenvolvendo pesquisas e ampliando as que foram deixadas por seu genitor.

Dentre as temáticas de interesse de um possível livro de Dr. Moura Fé, entra em questão da sua trajetória de vida, uma autobiografia. Assim, ao vasculhar seu arquivo, encontramos traços autobiográficos, por meio de anotações variadas, por meio da riqueza dos seus guardados, que vão de documentos epistolares, recortes jornalísticos, preservação de homenagens, fotografias, cronologia de vida escrita à mão e tantos outros.

Figura 89 – Obras sobre Biografias e Autobiografias



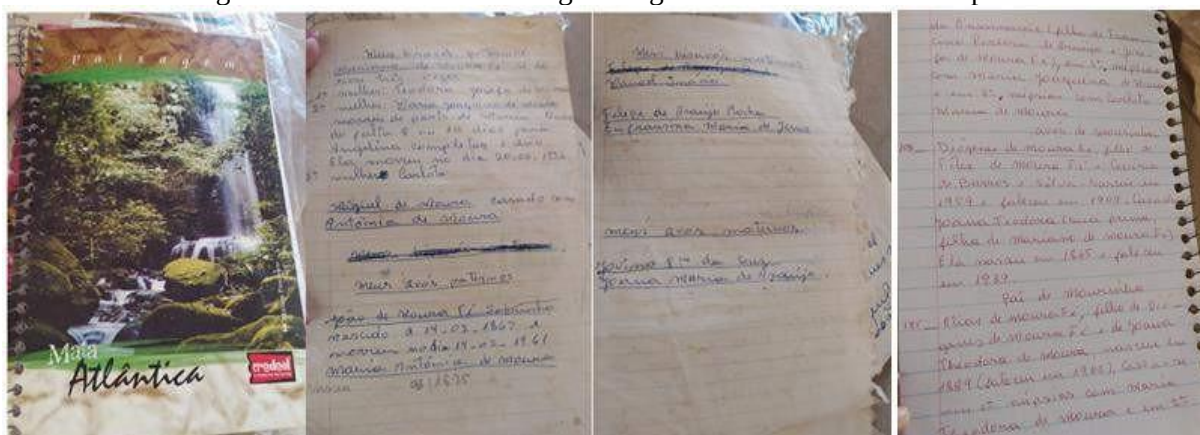
Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

São fontes que indicam, deixam vestígios de seu interesse em se guardar por meio de papéis e possivelmente escrever algo sobre si ou, quem sabe, reunir os três temas de seu maior interesse: sua vida, suas origens familiares e sua cidade, Bocaina. Desta forma, várias biografias e autobiografias compõem o acervo bibliográfico como inspiração de produção.

A família Moura Fé, origem familiar do nosso pesquisado, era motivo de orgulho, para a qual despendia tempo para pesquisa, vasculhando nos arquivos diocesanos dados referentes a batizados e casamentos, conversando com os familiares mais velhos, fazendo viagens para obter informações com a parentela. O projeto do nosso pesquisado era escrever algo sobre suas origens, projeto que concorria com seus outros afazeres de professor e advogado e estava sempre presente. A construção desse projeto de escrita já havia se iniciado, as pistas que tivemos foram muitas; em um caderno de anotações, já havia reconstruído várias gerações do seu tronco familiar.



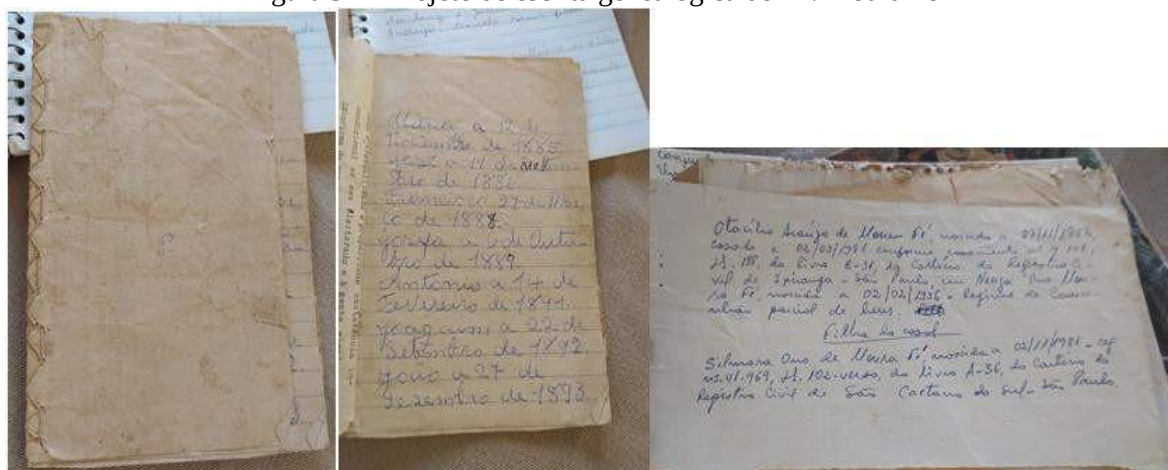
Figura 90 – Caderno de escrita genealógica de Dr. Moura Fé e a esposa



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O nosso pesquisado mantinha uma relação de parentesco com sua esposa, sendo primos. Essa relação motivou os dois a construir a árvore genealógica da família, assim, ora veremos anotações com a letra de Juliêta A. A. Moura Fé, ora teremos escritos com a letra de Dr. Moura Fé. Em meio às anotações, podemos identificar mais de centena de familiares identificados genealogicamente. Na Figura 91, podemos ver um caderno de anotações, possivelmente encadernado manualmente, onde se uniram folhas em formato livresco e costurou com linha grossa para fazer a lombada.

Figura 91 – Projeto de escrita genealógica de Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Em um caderno pequeno (dimensões de 14 cm x 20 cm), nos chama atenção o fato de estar tão bem guardado, como uma relíquia, entre tantos outros cadernos de anotações. Destaca-se, uma vez que está com vários encartes de plástico para evitar que olhares e mãos

curiosas ou desatentas possam danificar o que foi produzido com esmero. A esposa de Dr. Moura Fé salienta que os escritos são seus, porém a autoria é do marido; que, ao longo dos anos a grafia do nosso pesquisado foi ficando embaraçada, então se servia dos outros para redigir o que precisava. A senhora Juliêta A. A. Moura Fé (2023) também lembra que ambos eram parentes, e que o esposo se vangloriava de conhecer mais da parentela dela do que ela mesma.

Não temos ciência de quando surgiu o interesse do nosso pesquisado pela genealogia, mas são diversos os documentos e anotações avulsas que sobre suas origens familiares. Em cada momento de sua vida, parece que o desejo de escrita genealógica está presente, as visitas e anotações de sua ida ao Cemitério Municipal de Bocaina, suas passagens pelo cemitério e igreja de Tamboril (povoado de Bocaina) eram sempre momentos de pesquisa, por isso seus contemporâneos e alunos lembram-se da sua “mania” de andar com papel e caneta no bolso, sempre pronto a anotar uma informação relevante.

Faço uma pausa nas análises para narrar episódios durante a caminhada desta pesquisa. Foram dois momentos de significativa experiência com a documentação encontrada e aqui observada: primeiramente, quando, após longas horas e dias de exploração do arquivo, já fatigada pelas horas de pesquisa, ao me deparar com estes caderninhos de anotações da genealogia da família, é súbita a emoção, reconheci de imediato a preciosidade de tais registros. Percebi, em cada página folheada, um sonho que não foi possível ser realizado. Naquele momento, senti-me mais próxima do meu pesquisado, como que recompensada pela labuta do desprendimento das horas de estudo, quisera o destino que eu me encarregasse de realizar o sonho de uma pessoa ausente-presente? Que responsabilidade estaria em minhas mãos!?

Um segundo momento de euforia me veio quando reencontrei, novamente, essas anotações. Sou pesquisadora, compreender as horas gastas, as pálpebras cansadas para o estudo — se em tudo isso há prazer, há também cansaço. Assim, apoio-me em Barros (1989, p. 38), ao revelar a dificuldade do “guardião da memória” na organização dos álbuns de família, uma vez que, como um pesquisador, vai “[...] identificando uma a uma, e formar, daquele todo amorfo, daquela confusão de tempos e memórias, uma narrativa com uma linguagem clara”.

Diante desse encarte, contendo cadernos de anotações produzidas por Dr. Moura Fé (em horas com a contribuição da esposa), recheados de anotações familiares e registros sobre Bocaina, além de algumas cartas familiares, me vem uma série de questionamentos: queria mesmo nosso pesquisado produzir uma obra escrita? Quis Dr. Moura Fé escrever um livro com as pesquisas que desenvolveu? Por que não fizera em vida? Se possuidor do desejo de



escrita, sobre o que queria escrever nosso educador? Bocaina e Família Moura Fé seriam os temas da escrita de desejo de Dr. Moura Fé? São muitos os questionamentos, ao nos depararmos com os guardados deste educador; suas anotações e leituras geram surpresa e entusiasmo pelo desejo de conhecimento que ele possuía. Essas perguntas que nos fazemos podem ser em parte respondidas por nossos entrevistados, outras permanecerão sem respostas, em virtude da ausência de Dr. Moura Fé. Assim, reconheço o desejo de Dr. Moura Fé de se escrever em um livro, mas entendo a impossibilidade em virtude de tantas outras funções e papéis sociais que assumiu.

Em algum momento, identifiquei-me com Dr. Moura Fé, afinal somos professores-advogados e pesquisadores; em meio a tanta ocupação, sabemos o quanto é difícil desenvolver uma pesquisa, cruzar dados, escrever em folhas em branco, dar sentido a um milhão de palavras. Esta talvez tenha sido a dificuldade dele: eram muitas as informações colhidas. O conhecimento é assim, às vezes imergimos no mar de fontes e informações, cabe à experiência selecionar, classificar e entender que não podemos tudo. Os “feitiços da história” mencionados por Gomes (1998, p. 121) parecem ter acometido nosso pesquisado, a energia dispensada aos guardados e a força do tempo dificultaram a seleção de dados e sistematização para sua escrita.

De volta à análise das Figuras 90 e 91, compostas de informações genealógicas construídas a quatro mãos, certamente são documentos desejados por tantos pesquisadores, mas que tive a honra e a confiança da família em mim depositada para explorá-las. As imagens ilustram um dos vários cadernos de anotações de Dr. Moura Fé e da esposa; dentro dele, várias informações que trazem datas de nascimento, batismo e falecimento de vários parentes. As dificuldades de análise se dão, pois nem sempre as informações seguem uma sequência ou tema; de forma repentina, os documentos passam a tratar da história de Bocaina, o que, de certa forma, se relaciona com as pesquisas e interesses de Dr. Moura Fé.

Nas Figuras 90 e 91, temos a indicação dos avós, bisavós paternos e maternos de Juliêta A. Moura Fé, respectivamente: Mariano Moura Fé, tendo se casado três vezes. A primeira esposa, Teodora Josefa de Moura; a segunda esposa, Maria Joaquina de Moura (morreu em 20/06/1886, faleceu no parto da filha Maria), teve como filha Angelina; e a terceira esposa Carlota (nome completo não identificado na imagem). Enquanto avós paternos, temos: João de Moura Fé Sobrinho (nascido em 14/02/1867 e falecido em 14/02/1961) e Maria Antônia de Moura (nasceu em 08/1875). Quanto aos bisavós maternos, temos Manoel Inácio, Maria Eufrausina de Jesus, já os avós maternos temos Jovino Francisco da Luz e Joana Maria de Araújo.

Quanto aos bisavós e avós paternos de Dr. Moura Fé, temos, respectivamente: bisavós Félix de Moura Fé e Cesária de Barros e Silva, tendo avós Diógenes de Moura Fé (nascido em 1859 e falecido em 1909) casado com Joana Teodora (sua prima, filha de Mariano de Moura Fé, nasceu em 1865 e faleceu em 1939), conviveram na Fazenda Tamboril, em Sussuapara. Quanto aos pais de Dr. Moura Fé, são: Elias de Moura Fé (nasceu em 1889 e faleceu em 1960) casou em primeiras núpcias com Mariana Teodoro de Moura (tiveram 2 filhos) e casou em segundas núpcias com Maria José dos Martírios, mãe do nosso pesquisado, sendo ele filho único do casal.

Figura 92 – Elias de Moura Fé e Maria José dos Martírios, pais de Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Os pais de Dr. Moura Fé mantinham, em sua propriedade, criação de gado e plantação necessários à subsistência, além de cera de carnaúba como alternativa de ganhos quando o comércio se mostrava acessível. Os trajes do casal (Figura 92), Senhor Elias Moura Fé com roupa formal — terno e gravata — a Senhora Maria José dos Martírios com roupa de alfaiataria de gola alta, refletem sua condição financeira, bem como os valores sociais empregados na época para os sexos, as vestimentas refletindo a condição social, valores e comportamentos. As perdas de Dr. Moura Fé, o pai morre em 1960 e a mãe, em 20 de fevereiro de 1973, causaram imensa dor, que seriam mitigadas com a formação de sua própria família. Assim, falar de sua origem familiar não obedecia a um interesse vaidoso de transformar em heróis sua parentela, ao contrário, revelava um instinto de preservação da história, um sentimento de pertencimento ao seu local de origem, qual seja, Bocaina.

Incluía. Incluía a Bocaina pelo meio, porque ele possuía as origens, mas a família também, né? Depois saiu um livro aí de uma professora lá de

Simplício Mendes. E ele também deu a contribuição. O nome dele está no prefácio do livro. Ele deu a contribuição dele, né? Embora não tenha sido o projeto dele, da maneira que ele pensava, né? Que ele objetivava, mas deu a contribuição dele também nesse livro, Os Moura Fé. E o livro, o eventual livro, assim, idealizado por ele, eu não conheço. Tem, assim, alguns... Alguns surgiram por aqui, alguns resumos, assim, da história, da família, da descendência e tudo, mas já vinha de outras... Mais ligado a esse povo de Simplicio Mendes, né? (Afonso Moura Fé, 2023).

Apontamos o povoamento de Picos e região, evidenciando Bocaina como um dos redutos nucleares, apontando a família Borges Leal como protagonista deste povoamento. Essa família Borges Leal se desenvolveu a partir das relações com outras famílias da região, promovendo parentescos com os Moura Fé, desta formação expandindo-se o tronco familiar, que levaria estes primeiros Moura Fé a iniciarem o povoamento de outras regiões, como Simplício Mendes e Valença. Como dito, a família Moura Fé é motivo de estudo de outros descendentes-pesquisadores, que buscam honrar sua permanência no nosso estado, remontando as origens desta família ainda com os movimentos de reconquista em Portugal, onde teriam surgido os primeiros núcleos do sobrenome Moura.

E para localizar a origem do nome da família MOURA, partimos das referências desde a história da ocupação da Península Ibérica (lugar da Europa onde se formaram os países Espanha e Portugal), uma vez que os povos chamados **mouros** correspondem aos muçulmanos de origem árabe, espanhola e berbere que criaram a civilização árabe-andaluza naquela Península. A civilização muçulmana esteve presente em grande parte desse território europeu, ocupando e dominando-a política e culturalmente, entre os séculos VIII e XV. Assim no contexto histórico português, iniciado no ano 1.000, ‘descobrimos’ que a família de nome ‘Moura’ teria se originado como uma forma de ‘premiação’ a dois irmãos fidalgos que lideraram uma das batalhas vitoriosas sobre os ‘mouros’, recuperando no ano de 1.160 para os reis cristãos a Vila de Arucitana, hoje cidade de Moura, na região Sudeste de Portugal (Lima, 2005, p. 22, grifos da autora).

As pesquisas indicam as origens do sobrenome Moura associado às lutas de Reconquista dos portugueses em face dos árabes que promoveram grande expansão territorial sobre áreas de Portugal e Espanha durante os séculos VII e VIII. Assim, o território reconquistado recebeu o nome de Moura, bem como os vitoriosos, como uma ratificação da conquista (Lima, 2005). Ainda ressalta Lima (2005), de forma hipotética, que a palavra “Fé” acrescida ao sobrenome Moura seria em referência à religiosidade dos povos da região de Moura, bem como confirmação do catolicismo dos chamados cristãos novos.

A família tronco que inicia a expansão, no Piauí, teria nascido, segundo Lima (2005), da união entre Leonardo Moura Fé e Maria Borges Leal (filha de Félix Borges Leal, sobrinho

de Antonio Borges Marinho), o que favoreceu a grande expansão desta rede familiar no Piauí. Quanto a Leonardo, é identificado como um dos primeiros portugueses de origem Moura Fé a ter chegado ao Brasil e teria vindo com seu irmão Lourenço de Moura Fé, por volta de 1754. Este teria regressado a Bahia, enquanto Leonardo, então oficial de registros de terras, teria se fixado em terras piauienses após contrair matrimônio.

No deslindar da origem familiar de Dr. Moura Fé, é fato que chama a atenção da sua parentela a união familiar dos Moura Fé com os Martírios, uma vez que do matrimônio de seus avós Diógenes de Moura Fé e Joana Teodora, doze filhos nasceram, sendo que sete homens do dito casal Moura Fé quatro se casaram com quatro filhas dos Martírios.

A Figura 93, vemos quatro dos casais Moura Fé com Martírios, excetuando-se Ângelo e Antonia (penúltimo casal da esquerda para a direita). Afonso de Moura Fé identificou os casais presentes na imagem, da esquerda para a direita: Enoque e Joaquina, Eusébio e Josefa, Elias de Moura Fé e Maria José dos Martírios, Ângelo e Antônia e Arlindo e Ana. Todos os homens sentados são irmãos; com exceção de Antônia, quatro mulheres também são irmãs (Família Martírios). Nesta fotografia, como bem diz Barros (1989, p. 39), a “[...] imagem traz ali presente uma pista para o caminho da memória”.

Figura 93 – União dos Moura Fé com as mulheres da família Martírios



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Os pais de Dr. Moura Fé estão identificados por uma seta, sendo parte desta união entre as famílias Moura Fé e Martírios. De acordo com relatos familiares, a fotografia teria sido feita no dia 14 de janeiro de 1959, na residência do Sr. Elias de Moura Fé, em Bocaina, no dia do seu aniversário de 70 anos, sendo rica em detalhes. Podemos encontrar os sujeitos compondo

um cenário de rusticidade característico do seu ambiente, a casa de barro, com altura baixa, os presentes do gênero masculino sentados em cadeiras ou bancos de madeira, demonstrando o respeito à figura do homem, algo tradicional em imagens de época, quando o patriarcado se imprime e preserva um costume. Também podemos ver as mulheres em pé, com as mãos sobre os ombros dos maridos, com vestidos de gola alta, algumas de manga comprida, sempre evocando a castidade esperada da mulher no Piauí de início do século XX.

Vale ressaltar que fotografia neste período era requisito de luxo, uma vez que o custo era alto e não havia se difundido a profissão de fotógrafo. Diante disso, em regra geral, a presença de fotógrafo em áreas interioranas se dava apenas em ocasiões especiais, vindo geralmente dos centros urbanos, como Picos. Ainda podemos identificar alguns dos homens descalços e outros com sandálias e alpercatas de couro, recurso disponível em sua própria localidade para preparo dos seus acessórios, itens de vestimenta e calçados.

A união dos quatro casais é narrada pelos familiares com a singularidade que rege o fato. Portanto, devemos entender tal coincidência como fato costumeiro na realidade da época, onde as famílias, em certa medida, isoladas em suas localidades, acabavam por manter matrimônio com outros parentes, não sendo difícil encontrar narrativas de casamento entre primos, o que, em muitos casos, gerava consequências genéticas, algo narrado por O. G. Rêgo de Carvalho (1971) na obra *Somos Todos Inocentes*.

A Figura 94 apresenta a tradição de retratar os núcleos familiares como forma de preservação da identidade de parentesco e afirmação de pertencimento. Citamos Barros (1989, p. 39), ao reconhecermos o tipo de “imagem-modelo”, uma vez que tem o poder de sintetizar a ordem familiar estabelecida, que ganha sentido nos papéis desempenhados por cada membro, passando a imagem a ganhar o sentido de “foto-emblema”, pois representa a essência da constituição da família. Nesta imagem, identificamos os adultos, da esquerda para direita: Dr. Moura Fé, seus pais Maria José dos Martírios Moura Fé e Elias de Moura Fé; em seguida, identificamos Aristeu e a esposa (não tiveram filhos) e, por fim, Aristides e a esposa com seus seis filhos. No momento da fotografia, Dr. Moura Fé não era casado ao tempo.

Figura 94 – Família nuclear de Elias de Moura Fé e Maria José dos Martírios



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

A Figura 94 data de 14 de janeiro de 1959 e traz traços marcantes da sociedade da época, por meio das vestimentas femininas recatadas, deixando pouca parte do corpo à mostra, os homens bem vestidos. Singularmente, nosso pesquisado aparece de sapatos, não por acaso, pois representava o símbolo de modernidade, daquele que morava fora para estudar e trabalhar e a vestimenta era representação do mundo em que vivia, o sapato já configurando esta outra base econômica e de costumes.

Outras imagens reveladoras dos costumes e práticas da época, bem como do valor do registro familiar estão presentes na Figura 95. A extensa família dos Martírios Moura Fé. Podemos identificar a casa onde se formou grande parte dos descendentes: uma casa com telhas, de tijolo e barro, estrutura modesta, com alpendre, área onde estão presentes os fotografados.

Figura 95 – A extensa família dos Martírios Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Ao centro da imagem, sentados, encontram-se os homens da família; em pé, ao lado de cada esposo, estão as mulheres. Uma seta indica os pais de Dr. Moura Fé e seus demais tios e tias. Do lado esquerdo, temos um grupo de moças, especialmente separadas dos rapazes que se encontram do lado direito; já as crianças estão sentadas no chão ou no baldrame do calçamento da casa, tudo apresentando um cenário onde se quer registrar e deixar para as gerações seguintes um ambiente de respeito.

Também podemos identificar um dos rapazes segurando uma bicicleta, sem dúvida indicativo de valor econômico, uma vez que não era algo popularizado em virtude do aspecto financeiro na sociedade e contexto da época. Elementos como bicicleta e fachada da casa são considerados “[...] elementos essenciais para a caracterização seja da família em seu conjunto ou das condições econômicas, ou dos diversos papéis que nela representam a mulher, o homem ou a criança [...]”, por isso identificamos as mulheres e homens separados espacialmente, ou em pé ou sentado, evidenciando os papéis que ocupam na família e no ordenamento social (Barros, 1989, p. 40).

Ter ciência da importância de conhecer a linhagem familiar como requisito para entender sua identidade e honrar seus antepassados significa dizer, segundo Izzo (1987, p. 8), que “[...] a história da família explica a vida”. Diante deste comentário, entendemos ser indispensável conhecer a família Moura Fé, para desenvolver a pesquisa sobre trajetória de

vida de um dos seus descendentes, assim entendendo melhor sua trajetória de vida. A necessidade do registro familiar deixa “[...] presente na intenção de deixar a imagem impressa no papel fotográfico, como um documento de um fragmento de espaço e de tempo, a necessidade ou o desejo de amanhã relembrar um rosto, um gesto peculiar e um instante [...]” (Barros, 1989, p. 39); assim, essa imagem mostra a marca de existência de pessoas e lugares que devem ser guardados na memória familiar.

Com quantas palavras se faz uma vida? A de Manoel dos Martírios Moura Fé foi resumida por seus colegas de profissão em uma frase escrita em uma cartolina no último dia de trabalho: “Uma vida dedicada à educação”. Assim o vislumbraram os pares de Dr. Moura Fé, reconhecendo seu amor e dedicação à educação, que o levaram a se afastar da escola somente com a aposentadoria compulsória por idade. As várias ocupações de Dr. Moura Fé certamente distanciaram-no da produção literária, contudo a aposentadoria teria reaproximado-o desse desejo. Mas também, talvez a imensidão do oceano das letras e palavras assustou o nosso pesquisado nos caminhos da escrita. Ou será que seu conhecimento e volume de anotações eram tão grandes que pareciam não caber na folha em branco a ser escrita? Muitas são as indagações, e fomos investigando, vasculhando as intenções biográficas do nosso pesquisado, ou o desejo de escrever um livro sobre a família Moura Fé, ou mesmo Bocaina, assuntos que para ele estavam tão imbricados.

Os filhos de Dr. Moura Fé vão nos dando pistas sobre os interesses do pai de escrever um livro, bem como justificam as dificuldades para materializar este desejo, como afirma João de A. M. Moura Fé (2023): “Tinha a intenção de escrever um livro. Tem muita coisa anotada, mas não é sistematizado. Tinha muita coisa anotada, mas não é sistematizado... E ele não conseguiu”. Lamenta o filho, com ares de tristeza. Para a filha Arlete A. M. Moura Fé (2023), essa dificuldade de composição de um livro, estava associada à falta de tempo e também a uma reforma por que passou a residência familiar, quando a ordem de organização das coisas de Dr. Moura Fé se perdeu, embora, na memória, o sequenciamento dos fatos permanecesse.

Ao falar sobre as dificuldades do pai na escrita das origens familiares, Adelino A. M. Moura Fé (2023) justifica: “Porque faltavam alguns elos. E ele não conseguia. Como hoje a gente escreve aqui e deixa esse espaço que continua. Ele teria que anotar essa sequência”. O filho argumenta as dificuldades de adaptação do genitor com a tecnologia, em especial com a digitação no computador. Isto, para Dr. Moura Fé, acostumado aos padrões datilografados, não concebia a incorporação de elementos textuais pós-digitação. Essas queixas de Adelino A. M. Moura Fé (2023) refletem um pouco da realidade que constatamos nas anotações de Dr. Moura Fé, um material de pesquisa rico, porém fragmentado, o que gerava demanda de



trabalho na construção de uma escrita coesa. Tais aspectos se relacionam às ideias de Bourdieu (2006), para quem é uma “ilusão retórica” tentar reter uma vida em sua totalidade por meio da escrita (2006, p. 185).

Através das pesquisas, fomos notando a intenção autobiográfica do pesquisado, que se faz claramente por meio do arquivamento de si ou “arquivamento do eu”, como define Cunha (2019), porém as pistas precisavam ser confirmadas, para “não ter a boca queimada” o historiador que se lambuza com a primeira vista do arquivo pessoal, como dispõe Gomes (1998, p. 125), e acaba caindo nos feitiços e encantos desta fonte histórica. Aos poucos, o vasculhar no arquivo pessoal de Dr. Moura Fé foi nos dando pistas e respondendo hipóteses iniciais de nossa pesquisa, suas características pessoais foram se revelando entre documentos e, por meio de entrevistas com seus pares, suas leituras e anotações foram sugestivas do universo simbólico que desenvolvia, o gosto pelas letras e pela história ficou estampado em seus guardados.

É porque a história... A história é quem faz o tempo. Tem que ter passado, presente e futuro, né? Então, essa questão de ele preservar a história, a descendência, como é a história, isso aí era importante para ele. E pensando também em deixar para a família. As pessoas seguirem aquilo. Porque a história é muito importante. A história, né? A descendência, né? E também tudo. Eu me lembro da Bocaina, ele pesquisava sobre a história da origem de Bocaina. Que era a origem nossa, tudo, e dele, tudo (Afonso de Moura Fé, 2023).

De forma relacional, a história conseguia juntar os temas-paixão de Dr. Moura Fé: sua vida-família-educação-Bocaina-religião. Todos os seus registros guardam algum grau de relação entre esses assuntos e sua biblioteca vasta e variada também reflete esses assuntos. Assim é nossa vida, vamos nos compondo do que nos interessa, nos guardamos em papel do que fazemos, gostamos e achamos relevante manter. O desejo do nosso pesquisado, na escrita, foi legado aos filhos, onde o sonho do pai permaneceu presente em suas memórias, incomodando como algo que ainda devia ser feito, espreitando o momento certo a ser materializado. A preservação do arquivo pessoal de Dr. Moura Fé por seus familiares era continuação de um sonho que, através da pesquisa evidenciou as contribuições com a educação de sua época.

#### 4.4.1 RELÍQUIAS DE FAMÍLIA

Ao que Halbwachs (1990, p. 53) denominou “museus de família” buscamos um paralelo com relíquias de família, um parâmetro com objetos guardados na família que passa de geração em geração, trazendo um valor identitário que forma um elo familiar, funcionando como uma âncora onde se apóia a memória coletiva da família e passa a ser fonte indispensável de sua preservação, por representar os sentidos de pertencimento a um grupo, o que possibilita práticas de sociabilidade.

Partimos da premissa defendida por Bloch (2001, p. 80) de que a “[...] diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”. Assim, toda ação e produção humana é conteúdo da história, não escapam os objetos culturais produzidos por ele. Uma vez que são, segundo Benito (2018, p. 107), “objetos-memórias” carregados de sentido, permitem-nos uma representação do passado e trazem uma simbologia afetiva.

Os objetos são para Benito (2018), partes da ação humana, frutos das suas necessidades, formas de facilitar suas atividades. Historicamente, alguns objetos passaram a ganhar destaque, seja pelo valor econômico ou afetivo atribuído a ele, pela utilidade desempenhada ou em virtude de seu possuidor. Dessa forma, destacaram-se os objetos-reliquias consagrados pela Igreja católica na Idade Média. As relíquias mudaram de *status* na Idade Média, quando a Igreja transformou certos artigos cristãos em raridades que deveriam ser cultuadas, dentre elas, destacam-se aquelas associadas a Cristo e, posteriormente, a santos. O objeto-reliquia, mesmo que seja um fragmento, carrega consigo “aquilo que resta”, ou seja, “[...] presentifica determinado passado, herói, santo ou deus, tornando-o vivo, visível e palpável” (Bezerra, 2014, p. 1).

Esses objetos são fontes históricas que passaram a ser expostos em museus para preservação e aprendizagem. De maneira ampla, foram apropriados à simbologia doméstica, representando pertences guardados ao longo dos anos, passando de geração em geração, classificados como bem raro de prestígio da família que os detinha. Diante deste cenário, destacamos os objetos de família presentes no arquivo de Dr. Moura Fé, homem para quem a família era essência, que devia ser preservada na memória e nos anais da história como mecanismo de preservação de si mesmo e da sociedade, uma vez que, de forma consciente, resguardava o interesse de manter viva a história de sua família e cidade e, através dela, desenvolvia o processo de ensino e aprendizagem, ao contar para as novas gerações a história familiar.

Além de álbuns de fotografia que tão bem preservam a história da família, entre os guardados de Dr. Moura Fé, encontramos peças de roupas, santinhos, quadros de santos,

relógios, canetas, cofres, chaves, terços, cartas e demais objetos que, por sua temporalidade e valor afetivo, caracterizam-se por relíquias de família, em consonância com o que Halbwachs (1990) chamou de “museus de família”. Esses “museus de família” trazem o sentido de manter vivas as tradições familiares e perpetuar práticas, costumes e comportamentos para as próximas gerações.

As temporalidades se mesclam, passado e presente são revisitados, de acordo com nossas necessidades; a memória é um suporte de recordação que nos centra no mundo, a memória é a nossa vida (Thompson, 1992). Nesse sentido, os objetos passam a ser suportes de lembranças afetivas, pois revelam as experiências vividas, deixando de ser um objeto consumo e tornando-se “[...] mais um ‘suporte’ para as lembranças daquela família” (Lima, 2001, p. 39). Para nos entendermos como adulto, precisamos de formação familiar sólida, conhecer nossa trajetória de vida, revisitando a nossa infância para entendermos como nos constituímos; a família é fonte indispensável nesta trajetória, pois, nela, guardamos resquícios biológicos, fenotípicos e de comportamento.

Ao estudar as relíquias de família, são importantes as análises dos avós, denominados por Barros (1989, p. 34), “mensageiros da memória” ou “guardiões de memória familiar”, insculpidos na figura dos mais velhos ou mesmo daqueles que tomaram para si a função de preservar a história familiar. Tais características se aplicam ao Dr. Moura Fé, uma vez que tomou para si a função de preservar a história de si e dos outros.

No entendimento do que fomos e em que nos tornamos existe um ir e vir entre passado e presente que nos insinua um por vir. Para essas compreensões, precisamos ouvir vozes que fizeram parte desse processo e os avós exercem essencialmente esta função. No caso específico de nossa pesquisa, identificamos Dr. Moura Fé como representação do guardião de memória, quando, por meio da sua consciência de preservação e de suas formações acadêmicas, acabou por assumir a função de narrador da sua história familiar, exercendo essa função inclusive anotando dados, guardando objetos biográficos e protocolares, na visão de Morin (1969 *apud* Bosi, 1994). Assim evidenciamos objetos da família e do próprio Dr. Moura Fé, inclusive aqueles de uso pessoal (Figura 96).

Figura 96 – Objetos pessoais de Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Na Figura 96, vemos um antigo relógio de pulso muito usado até a década de 1990, considerado artigo de luxo na época, pelo valor econômico atribuído a ele. O objeto liga-se às próprias necessidades modernas, que trazem o fracionamento e domínio do tempo como formas de controle e ordenação da vida, frutos do urbanismo. O outro objeto é um *fob* e se refere à corrente ou fita que está ligada ao relógio de bolso e que é normalmente mais curta que a corrente do relógio de bolso.

Dentre os objetos biográficos de Dr. Moura Fé, destacamos aqueles de cunho profissional que se associam diretamente às funções que ocupou, na advocacia e na docência (Figura 97).

Figura 97- *Bureau* e canetas: objetos profissionais de Dr. Moura Fé

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios moura Fé

Temos canetas com a inscrição de seu nome e um *bureau* de escritório, em madeira pura, composto de 7 gavetas, todas com chaves, o que referenda o sigilo e cuidado que deveria ter com os documentos ali guardados, possivelmente dos clientes. São igualmente instrumentos docentes, são artefatos escolares ligados à sua cultura material.

Compondo os materiais ligados à religiosidade, na Figura 98, vemos as vestes do Seminário, peças de mais de 70 décadas, uma vez que nosso pesquisado deixou o Seminário ainda em 1949.

Figura 98 – Vestes do seminarista



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

As vestes dos seminaristas são prática de representação de sua devoção, além de evocar postura moral. Aos seminaristas, em ato ritualístico, é mudada a vestimenta como demonstração de hierarquia; assim, a túnica branca é símbolo de renovação e escalada na missão de tornar-se padre. Essa túnica branca geralmente é colocada sobre uma batina. Já os acessórios pretos são conhecidos como estola preta e barrete eclesiástico. A roupa de cor preta é uma espécie de faixa a ser colocada sobre o peito; o de cor branca é uma vestimenta litúrgica usada por clérigos e seminaristas em momentos de celebrações religiosas (Carvalho, 2013).

Quanto às relíquias associadas ao sagrado, identificamos vários objetos pertencentes à Maria José dos Martírios, mãe de Dr. Moura Fé. Católica tradicional, descrita pelos familiares pela devoção e roupas sempre compridas, fruto da sua prática religiosa, uma gama de objetos configurava suas práticas, emolduravam a casa, por meio de um altar presente na residência da família (Figura 99).

Figura 99 – Lenços de Maria José dos Martírios



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Esses paramentos católicos, como véu, terços e imagens de santos, são objetos de devoção que caracterizam o católico em sua comunicação com Deus. O véu representa a castidade e pureza que deve ser mantida pela mulher nos momentos de oração e nas idas à igreja. Tais artefatos foram abandonados com o advento da vida moderna, quando costumes católicos foram esquecidos, mas sua simbologia ainda é preservada e mantida por muitos. Outro objeto presente no arquivo de Dr. Moura Fé, ainda da sua mãe, são os vários terços utilizados por ela para rezar.

Figura 100 – Terços de Maria José dos Martírios



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Para Pe. Valentini Neto (2023, p. 1), a origem dos terços, no Cristianismo, “[...] se verificava entre os monges nos séculos IV e V (anos 300 e 400) [...]”, e se associam à oração do Rosário, prática repetitiva de orações contemplativas à Maria, *a priori* contada nas mãos ou pelo auxílio de pedrinhas ou sementes. Com o tempo, juntou-se à necessidade de cruzar barbantes e linhas em pedrinhas, surgindo o terço conhecido nos dias atuais. “Isto se dava de modo especial nos mosteiros, sobretudo a partir do século X (depois do ano 900) onde muitos



cristãos faziam os votos de vida religiosa [...]. Seus superiores estabeleciam para eles a recitação do Pai-Nosso determinado número de vezes”.

A cada abertura de sacolas, a cada abertura de caixinhas e desenrolar de laços, deparamo-nos com um fragmento de passado, peças que não podemos definir com precisão por quanto tempo estão na família. Contudo relata Juliêta A. A. M. F (2023) que a maioria dessas peças da mãe de Dr. Moura Fé tem quase um século de existência. O zelo pelos guardados anuncia a sua importância para Dr. Moura Fé, objetos que não foram descartados com o tempo, ou quando da morte dos seus proprietários, como ocorre comumente entre as famílias, mas que permanecem vivos, reforçando a memória da família.

Há ainda outros objetos representativos da cultura material religiosa da família de Dr. Moura Fé, nas variadas formas de imagens de santos e de Jesus Crucificado. São símbolos de devoção e suportes da relação entre o homem e o sagrado e que funcionam como adornos da casa, preservando a mesma do mal, na simbologia do católico (Figura 101).

Figura 101 – Crucifixos, santos e medalhas de Maria José dos Martírios Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Todas essas imagens, hoje aos cuidados da esposa de Dr. Moura Fé, revelam seu respeito e apego à memória do marido, o desejo de preservar evidencia sua função como guardiã da memória familiar. A Senhora Juliêta Angelina de Araújo Moura Fé passa a exercer a função de mediadora, “[...] ganha uma função fundamental nesse processo de manutenção da identidade grupal. Apresentados como elo vivo entre gerações, os mediadores transmitem a história de um passado vivido e experimentado” (Barros, 1989, p. 33).

Ainda como parte dos objetos sagrados de Maria José dos Martírios, encontramos as orações copiadas em papéis e guardados em caixinhas de sabonete, reflexos de suas práticas religiosas. A Figura 102 não está datada, porém o desgaste pelo tempo demonstra sua

antiguidade e uso. Os objetos religiosos demonstram sua utilidade, mas também uma condição social do seu proprietário.

Figura 102 – Novena de Nossa Senhora da Pompeia de Maria José dos Martírios Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

É significativo um dos guardados de Maria José dos Martírios, uma vez que se trata de uma boneca da sua infância (Figura 103). O objeto de brincar revela as memórias da infância, o lúdico, à época.

Figura 103 – Boneca de Maria José dos Martírios Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé



A boneca da Figura 103 é toda feita de pano, traz um vestido comprido de gola, com detalhes da vestimenta semelhantes às próprias roupas de Maria José dos Martírios. Essa boneca é estimada pela família por mais de 100 anos. Esses “[...] bens simbólicos, que representam, a seus olhos, uma situação social e ao mesmo tempo uma ordem moral [...]” (Barros, 1989, p. 35) são objetos que fazem elo entre nossos antepassados familiares, é uma forma de nos mantermos unidos, diminuindo o estranhamento entre passado e presente, o que possibilita a “[...] compreensão comum dos símbolos e dos significados e a comunhão de noções que compartilhamos com os membros do grupo social [e] definem o caráter social das memórias individuais” (Barros, 1989, p. 30).

Para nossa surpresa, muito tempo depois do andamento das pesquisas, fomos apresentados a um baú de memórias material, onde todos estes guardados eram escavados, revelando a riqueza e o cuidado com que se mantinham. Este era um baú de memórias familiar (Figura 105), pertenceu à sua mãe e se manteve na posse do filho, “objeto-memória” que preservava vidas em papéis (Benito, 2018, p. 107).

Figura 104 – Baú de Memória de Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Ao abordar os mecanismos da memória coletiva, Halbwachs (1990) defende que a história familiar tem o poder de consagrar a memória da sociedade, daí corroborando a importância de preservar o valor desta instituição, uma vez que é meio essencial na compreensão do nosso passado.

#### 4.5 PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA: A BIBLIOTECA PESSOAL DE DR. MOURA FÉ

Poderíamos iniciar a discussão sobre a biblioteca privada de Dr. Moura Fé questionando: qual a importância da leitura para um professor? Por que os professores geralmente constituem bibliotecas pessoais? Essas questões nos levam à compreensão de que as práticas de leitura são base para uma formação docente sólida e para o desenvolvimento de um processo de ensino dinâmico-reflexivo, uma vez que a leitura é parte intrínseca do processo de conhecer.

A leitura é uma forma de tornar a consciência individual e, por meio deste processo subjetivo, nos apropriamos da nossa realidade. Não é um ato mecânico, pelo qual apenas decodificamos mensagens, antes de mais nada é uma leitura do mundo, e, nesta perspectiva, Freire (1989) afirma que “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra]”. Entendemos a importância da constituição dos sujeitos como leitores, para que sejam conscientes das condições e possibilidades de transformação e ação sobre o mundo.

Dada a importância do livro como instrumento de trabalho do professor, entendemos a relevância da constituição de uma biblioteca particular sendo parte do seu processo de formação profissional, como investimento intelectual-material. Estudar este aspecto da cultura material pautada nos guardados de livros que constituem uma biblioteca pessoal é uma forma de conhecer nosso pesquisado, é conhecer pistas para responder a pergunta-afirmativa de Calvino (1990, p. 138): “Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações?”. Bem como meio para descortinar a educação picoense da época através da trajetória de um educador que se guardou por meio de documentos e objetos. “Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis [...]” (Calvino, 1990, p. 138), a vida se compõe pelos objetos que possuímos ao longo de nossa trajetória, pelos livros que lemos e adquirimos, somos parte destes vestígios.

A leitura diversificada e detalhada é indispensável para a formação docente, tem o poder de capacitar o professor, instrumentalizando-o para o seu mister. Sobre essa questão, reforça Perissé (2011, p. 01): “É igualmente vital para os professores terem sua biblioteca particular, com seus clássicos pessoais, com seus livros de consulta, para estudo cotidiano e também para momentos de entretenimento cultural [...]” a biblioteca particular do professor pode ser parte de um processo natural da sua profissionalização, que antecede sua atuação, desenvolvendo-se com a aquisição de livros para sua formação, período que traz uma ampla demanda de leitura. Nas lições de Chartier (1998, p. 84), o livro é metáfora de superioridade em virtude do conhecimento que ele transmite: “Pela representação do livro, o poder funda-se

sobre uma referência ao saber. Assim, ele se mostra ‘esclarecido’”. Assim, o leitor, o possuidor de livros, figura no imaginário social como detentor do poder saber, que o identifica como um intelectual.

A consequência da formação de uma biblioteca pessoal é a prática didática, pois garante ao professor um repertório amplo de conhecimentos que dinamiza a aula, em virtude da personalidade crítica e intelectual que ajuda a formar. Damos pistas da importância da leitura, mas também apresentamos a relevância da formação das bibliotecas particulares, principalmente de professores, onde a prática do seu ofício acaba por guardar e adquirir livros que constituem requisitos para sua vida profissional. Assim corrobora Vidal e Karpinski (2019, p. 3): “Dentre as funções atribuídas às bibliotecas ao longo da história, pode-se afirmar que uma delas é guardar um acervo cuja informação registre parte da memória escrita de um grupo social”. De forma ampla, os autores salientam a importância das bibliotecas, destacando sua função social.

Ao analisarmos a formação da biblioteca pessoal de Dr. Moura Fé, entendemos a sua formação como extensão da própria prática de leitura e escrita do Dr. Moura Fé associada à sua formação escolar, como seminarista, expandida com a atuação profissional, como professor e advogado, o que exigiu do mesmo consulta constante aos livros.

A identificação de Dr. Moura Fé como intelectual não é aspecto identificado apenas por seus alunos, familiares e colegas de trabalho; partia de um reconhecimento social mais amplo que o colocava no posto de um apaixonado pelos livros. Desta aproximação com os livros, as portas da sua profissionalização se abriram, pois seus investimentos em conhecimento possibilitavam o desenvolvimento de uma boa oratória e escrita, fazendo com que fosse convidado a redigir discursos políticos e contribuir com edição de artigos para jornais. Diante disso, evidenciamos os resultados profissionais positivos alcançados por Dr. Moura Fé a partir do investimento em educação, em que o contato com as letras foi o caminho trilhado e sua biblioteca particular, a materialização desta relação exitosa.

A ideia de intelectuais em muito está associada a homens, geralmente bacharéis em Direito (Adorno, 1988), quando, após a Independência do Brasil, destacaram-se por ser homens letrados em meio a uma massa de analfabetos, passando a ter os requisitos desejados para assumir os mais altos postos da Administração pública. Queiroz e Ferreira (2017, p. 191) salientam uma classe de letrados piauienses que também se destacavam, ainda no início da República piauiense, pela sua aproximação com as letras e avidez por transformações sociais, seriam estes “[...] homens consagrados nas hostes letradas locais, como jovens aspirantes ao mundo das letras, com anseios de realização literária e social”. Resguardadas as diferenças

temporais e conceituais, percebemos em Dr. Moura Fé resquícios daqueles intelectuais ou letrados da nossa República, tendo como reforço desta hipótese o indicativo de Queiroz e Ferreira (2017), ao afirmarem que esses homens eram geralmente “egressos do curso secundário”, sendo indivíduos que reservaram parte do seu tempo aos estudos e ao aprofundamento do conhecimento, muitas vezes assumindo postos políticos, passavam a ter uma função multifacetada e eram organicamente aproveitados por vários setores profissionais, que iam desde jornalistas, professores, advogados, escritores, romancistas a funcionários públicos.

Ex-aluna de Dr. Moura Fé, senhora Maria das G. Moura (2023) já havia mencionado a condição do Professor como intelectual letrado, em que o amor pelos livros era perceptível em suas aulas, o que servia de incentivo e admiração para os alunos. A possibilidade de conhecer a biblioteca pessoal do professor a levou a considerá-lo um intelectual, pois comprovou o seu apego aos livros, fonte de intelectualidade.

Nós, professores, precisamos de professores que nos ensinem a ensinar. Os livros têm essa capacidade. Um poema nos ensina a ver para além das coisas opacas. Um romance nos ensina a redimensionar os dramas pessoais. Um ensaio filosófico nos torna mais reflexivos, mais ponderados. Um livro de história nos dá acesso à memória humana. Enfim, não tem fim a capacidade de um livro de nos ensinar (Perissé, 2011, p. 1).

O livro é uma forma materializada de preservar o registro textual ou imagético, traz a importância de poder guardar uma informação que a memória pode esquecer. É uma forma prática de passar de geração em geração conhecimentos, contribuindo para a propagação do saber. Ainda para Perissé (2011), podemos constatar as várias possibilidades de despertar do saber promovidas pela leitura. Ele salienta a necessidade da formação de bibliotecas pessoais, dando ênfase para a professoral, sendo essa uma vinculação ao seu próprio ofício. Assim, as bibliotecas do tipo professoral são construídas ao longo da vida, livro a livro adquirido, onde a formação e o exercício da profissão fazem quase naturalmente avolumar a aquisição de livros.

Os livros e as bibliotecas, de forma geral, são fonte de conhecimento, servindo como objetos de consultas constantes, principalmente na preparação do planejamento dos professores para dinamização de suas aulas. Quanto aos alunos, é forma de pesquisa e exploração do saber através de outras fontes. Neste sentido, a biblioteca de Dr. Moura Fé serviu de objeto de consulta a alguns diletos alunos que tiveram este privilégio e também era fonte de pesquisa para os estudos dos filhos e parentes, além de entretenimento do seu proprietário e para suprir a carência de livros escolares e de bibliotecas quase inexistentes, à época.

Consagrados na história, os livros passaram a ficar conhecidos como sábios conselheiros, amigos sempre presentes, produtores de sonhos, janelas do conhecimento, eles carregam consigo vários sentidos e significados, ao professor possibilitando segurança em sua prática profissional e fundamentação teórica. É tomando nota desses entendimentos que analisaremos a biblioteca pessoal de Dr. Moura Fé, como parte do arquivamento de si, construto de sua trajetória de vida, que vai revelando seu próprio eu. Assim, suas práticas de leitura e escrita revelarão muito da educação da época em que viveu e atuou, face de um investimento pessoal e profissional que lhe rendeu frutos.

Nosso primeiro contato com a biblioteca foi de perplexidade, não apenas pelo volume de livros, mas também pelo estado de preservação e variedade das obras. Nesta diversidade de livros, pude conhecer um pouco do pesquisado, identificando sua vocação docente, sua dedicação à advocacia, seu gosto pela história, sua consciência de preservação. A cada encontro com suas estantes personalizadas e compradas com o objetivo determinado de pôr seus livros clássicos, era uma clara insinuação do que sentia, fazia e se propunha nosso pesquisado com estes guardados. Assim, os livros eram também manifestação de desejos e vaidades que, sem dúvida, lhe custaram caro, mas o recompensavam, uma vez que alimentavam sua alma.

São várias prateleiras de livros dispostos que enfocam a personalidade multifacetada de nosso pesquisado e revelam as várias áreas que estudou e em que atuou profissionalmente. Os livros contam a vida de Dr. Moura Fé, assim como revelam a educação da época; são remanescentes da produção intelectual de tantos teóricos, que evidenciam o que era parte da produção teórica humana que deveria ser preservada, uma vez que as bibliotecas são consideradas “dispositivos de saber (e de poder)” (Marteleto; Dourado, 2019, p. 354).

A Figura 105 apresenta os livros de Dr. Moura Fé como quis ele que permanecessem. Os clássicos de custo caro, adquiridos em valiosas coleções, devendo se manter em local privilegiado, longe das traças desejosas de papéis velhos. As duas estantes de madeira, com portas de vidro, próprias para o leitor identificar o livro que deseja sem precisar causar desgaste com o manuseio, tendo uma visão do todo.

Figura 105 – Estante de livros de Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Além das estantes compostas por cinco prateleiras existiam tantas outras caixas de livros, não de menor importância, mas que, supostamente, não eram de serventia primeira do nosso pesquisado ou eram mais antigos, tendo importância secundária nos dias atuais (Figura 106).

Figura 106 – Livros da Biblioteca Pessoal de Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

No decorrer das visitas ao arquivo pessoal de Dr. Moura Fé, recebemos da família essas caixas contendo os livros, nesta organização familiar improvisada após a morte de Dr. Moura Fé. Devemos ter em mente que o processo de seletividade na organização já não preservava tanto da essência do proprietário titular; certamente algumas páginas e impressões já teriam sido descartadas, porém muito ainda estava preservado e etiquetado de forma

genérica com a temática dos livros, como “história”, “história geral”, “dicionários”, “dicionários de francês”, entre outros.

As práticas de leitura de Dr. Moura Fé falam muito de si, são livros acompanhados de leituras aprofundadas, preenchidas com marcações a lápis, bem como de variadas anotações, com rabiscos e informações que se conectam com outras leituras e conhecimentos. A Figura 107 é ilustrativa das anotações e registros feitos por nosso pesquisado nas suas leituras, são dezenas de recortes de papéis com alguma informação, geralmente trazendo datas e nomes dos personagens lidos, o que denota o desejo de lembrar, bem como a importância dada a personalidades e datas, próprio da historiografia da época.

Figura 107 – Livro de História Eclesiástica do Maranhão

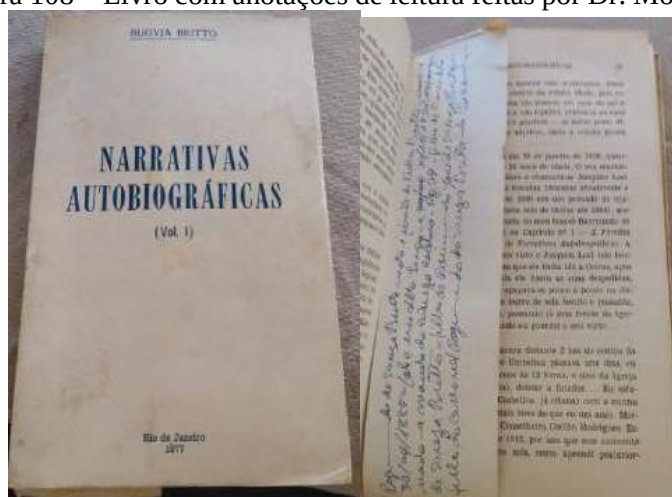


Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O livro *História Eclesiástica do Maranhão*, de 1969, do Departamento de Cultura do Maranhão, é o primeiro volume da Coleção de César Marques. Provavelmente, é parte da leitura do currículo dos Seminários frequentados por Dr. Moura Fé naquele Estado, nas cidades de Caxias e São Luís. A quantidade de marcação pode ser explicada pela própria exigência escolar de estudo aprofundado da história eclesiástica do estado, como fundamento das disciplinas de História Eclesiástica e História Episcopal, já visto no currículo prescrito do Seminário Diocesano de Teresina.

São constantes nossas verificações de anotações e marcações nos livros de Dr. Moura Fé, o que indicam sua avidez pela leitura. Assim, a biblioteca não tinha caráter apenas contemplativo, como era a de muitos intelectuais, mas um sentido funcional, por isso os temas e títulos sempre estavam próximos aos seus interesses e funções que desempenhava. Assim, destacamos os livros de temática religiosa, o que representa sua formação seminarista e seu contínuo interesse e participação nos assuntos católicos.

Figura 108 – Livro com anotações de leitura feitas por Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Essas marcações são traços da interação do nosso pesquisado com os livros, de onde retirava informações para o preparo de sua prática pedagógica, para o desenvolvimento de sua pesquisa sobre genealogia ou mesmo reflexões sobre o que leu. Essa prática é própria de leituras intencionais, que têm uma finalidade, denominadas por Xavier e Robert (2021, p. 9) “[...] expressão coletiva das estratégias dos professores de história [...]”; são os usos destes registros para um eventual retorno ao fragmento, que se revestem em “[...] práticas de leitura/seleção/classificação/ apensamento e marcações escritas”.

Atualmente, a biblioteca pessoal de Dr. Moura Fé é composta de 346 livros, sendo coleções de clássicos da literatura, coleções de leis e livros jurídicos, revistas, livros didáticos de História, dicionários e livros de variadas línguas, livros católicos, livros sobre genealogia, autobiografias (e biografias) e sobre cidades do Piauí, entre outros. Identificamos livros mais preservados, pelo próprio material feito para durar e também devido ao local de preservação de prestígio. Ainda identificamos livros bem antigos da década de 1920. Há vários livros datados e com a assinatura de Dr. Moura Fé, principalmente aqueles cujas páginas já haviam se perdido e, para evitar o desgaste, estavam encapados com folha de papel madeira e a referência digitada ou manuscrita, muitas do tempo em que estudou no Seminário. Além destas, destacamos outras que podem ter sido dos filhos ou da esposa, algo comum, uma vez que a biblioteca também acrescenta os livros familiares na organização do tempo, ao concentrar todos os livros da casa em um único ambiente para facilitar o acesso. Alguns livros destacam-se pelo selo de venda proibida, por ser “do professor”; outras trazem autobiografias, o que representa a participação de Dr. Moura Fé nestes eventos intelectuais revela os grupos sociais nos quais Dr. Moura Fé circulava.



Para melhor análise dos livros, dividimos o acervo em eixos temáticos que primam pela divisão organizada pela família — temas presentes nos livros — e acrescentamos subtemas a cada eixo. Assim, apresentamos seis eixos suas respectivas subdivisões temáticas:

- a) Eixo I – História Familiar (Religião, Biografia, Religião e História das cidades, e Didático);
- b) Eixo II – Religião (Religião, Biografia, Religião e História das cidades, e Didático);
- c) Eixo III – Política;
- d) Eixo IV – Eixo História (História Geral, História do Brasil, História das Cidades e Biografia, História do Piauí, Biografia e Autobiografia);
- e) Eixo V – Jurídicos e Leis;
- f) Eixo VI – Literatura, Línguas e Poesia (Literatura e História Portuguesa, Literatura Piauiense, Língua Latina, Língua Grega, Língua Italiana, Língua Francesa, Língua Inglesa, Poesia);
- g) Eixo VII – Outros (Geografia Geral, Filosofia e Almanaque).

O Eixo I – História Familiar (Religião e Biografia, Religião e História das cidades, e didático) traz um leque de subdivisões, relacionadas às suas práticas de leituras prazerosas, onde a genealogia, principalmente dos Moura Fé, é destaque, e outras famílias de referência política no Piauí também ganham destaque. Essas leituras sobre genealogia são indícios da inspiração autobiográfica de Dr. Moura Fé, e os vestígios insinuam seu interesse na produção de uma obra sobre este assunto. As pesquisas desenvolvidas por Dr. Moura Fé e suas anotações levam-nos a crer na intenção autobiográfica de cunho familiar, e as origens de Picos ligadas à Bocaina, revelava as aproximações temáticas que tanto primava (Quadro 10).

Quadro 10 – Eixo 1: História Familiar

| HISTÓRIA FAMILIAR |                                                                                 |                   |                                         |                                       |
|-------------------|---------------------------------------------------------------------------------|-------------------|-----------------------------------------|---------------------------------------|
| N.                | TÍTULO DO LIVRO                                                                 | ÁREA              | AUTORES(AS)                             | REFERÊNCIAS                           |
| 1                 | Família Coelho Rodrigues: passado e presente                                    | História Familiar | Abimael Clementino Ferreira de Carvalho | 1987                                  |
| 2                 | Genealogia da Família Moura Fé: José de Moura Fé no 1º Centenário de Nascimento |                   | J. Miguel de Matos                      | Revista Mafrense, Ed. Especial, 1979. |
| 3                 | Família Mendes: Joaquim Mendes de Oliveira no seu 95º Aniversário               |                   | —                                       | Teresina, 1995.                       |
| 4                 | Descuido (Resumo Histórico)                                                     |                   | Daise C. B. R. Vasconcelos              | Nossa Senhora dos Remédios-PI, 1987.  |

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Os livros de cunho religioso são ponto de destaque nas práticas de leituras prazerosas do nosso pesquisado, é momento de lazer e de pesquisa, onde vemos aspectos de uma leitura

aprofundada: os livros trazem marcações diversas, anotações que se cruzam com outras informações do conhecimento de Dr. Moura Fé. A leitura como prática cultural é aquela em que o leitor “[...] combina os seus fragmentos e cria algo não sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações” (Certeau, 1998, p. 265). Entendemos que Dr. Moura Fé produzia sentidos culturais por meio de suas leituras, que se incorporavam às suas práticas pedagógicas gerando significados plurais, sendo a leitura uma prática criadora.

Essas leituras sobre religiosidade apontam os cruzamentos com as pesquisas realizadas por Dr. Moura Fé na igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, em Picos, e na igreja de Bocaina, e também refletem parte da formação seminarista, sendo percursos da sua história que refletem o que lhe interessava (Quadro 11).

Quadro 11 – Eixo II: Religião (Religião, Biografia, Religião e História das cidades e didático)

| RELIGIÃO |                                                                                        |                                 |                                           |                                                         |
|----------|----------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|-------------------------------------------|---------------------------------------------------------|
| N.       | TÍTULO DO LIVRO                                                                        | ÁREA                            | AUTORES (AS)                              | REFERÊNCIAS                                             |
| 1        | História Eclesiástica do Maranhão 1                                                    | Religião                        | Coleção César Marques                     | SENEC-Departamento de Cultura do Maranhão, 1968         |
| 2        | Fé e Civilização                                                                       |                                 | Pe. Cláudio Melo                          | 1991                                                    |
| 3        | Memorial 30 anos de Nossa Senhora dos Remédios 15/12/1991                              |                                 | Daise Castelo B. R. de Vasconcelos        | 1991                                                    |
| 4        | História do Mártir São Sebastião                                                       | Religião e Biografia            | —                                         | Coleção Série Sagrada, 1959.                            |
| 5        | Igreja de Nossa Senhora dos Remédios                                                   | —                               | Daise Castelo B. R. de Vasconcelos        | Estado do Piauí, 1990.                                  |
| 6        | Templos católicos de Teresina: reportagem comemorativa do 140º Aniversário de Teresina | Religião/ História das cidades  | José Lopes dos Santos                     | Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1992. (autografado) |
| 7        | Um Cristo para seus amigos: aos líderes de movimentos jovens                           | Religião                        | Pe. Zezinho SCJ                           | Edições Paulinas, 1972                                  |
| 8        | Amor de mãe                                                                            | Religião/ Literatura brasileira | Arlindo P. de Souza/ Severino B. da Silva | SP: Coleção e Editora Luzeiro, [195?]                   |
| 9        | Um operário da boa vinha: Monsenhor João Hipólito de Sousa Ferreira                    | Religião/ Biografia             | Dom Paulo Hipólito de Sousa Libório       | Parnaíba-PI: Ed. Estritamente Familiar, 1969.           |
| 10       | Padre Ibiapina Peregrino da Caridade                                                   |                                 | Francisco Sadoc de Araújo                 | SP: Paulinas, 1996.                                     |
| 11       | O time de Cristo                                                                       | Didático Religião               | N. Maccari Fsp                            | 4 ed. Livraria H. Antunes, 1955.                        |
| 12       | Assim dizia o Mestre                                                                   | Religião                        | Humberto Rohden                           | Livraria Freitas Bastos, 1960.                          |
| 13       | A Humanidade Ora                                                                       |                                 | Wladimir Linderberg                       | São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.                 |
| 14       | Novo Testamento e Salmos                                                               |                                 | —                                         | —                                                       |

|    |                                      |  |                             |                                                  |
|----|--------------------------------------|--|-----------------------------|--------------------------------------------------|
| 15 | As plantas curam                     |  | Alfonso Balbachas           | Editora Missionária<br>“A Verde Presente”, 1963. |
| 16 | O Caminho à Saúde                    |  | E.G White                   | São Paulo: Editora<br>Missionária “A Verde”,     |
| 17 | Saúde Pelas Plantas                  |  | Eliza S. Biazzi             | São Paulo: Casa Publicadora<br>Brasileira, 1997  |
| 18 | O Espírito da Filosofia Oriental     |  | Humberto Rohden             | 1960                                             |
| 19 | Noções de Psicologia<br>Experimental |  | Theobaldo Miranda<br>Santos | 4 ed. São Paulo                                  |

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O eixo política evoca uma leitura multifacetada de Dr. Moura Fé, que busca uma compreensão ampla dos fatos que lhe cercam, revelando o interesse pela política local, traduzida na obra *O Nordeste e outros temas*, de Helvídio Nunes (1985), seu conterrâneo, que, consolidando-se na política, aventura-se na escrita. Ainda nesse eixo, destacamos a obra do piauiense José Lopes dos Santos (1991), em seu livro autografado para Dr. Moura Fé, e identificamos os meios de circulação social realizados por nosso pesquisado, onde são comuns os livros com dedicatórias, principalmente de autores regionais, o que reforça a intelectualidade de Dr. Moura Fé e o interesse por seu contexto social (Quadro 12).

Quadro 12 – Eixo III: Política

| POLÍTICA |                           |          |                        |                              |
|----------|---------------------------|----------|------------------------|------------------------------|
| N.       | TÍTULO DO LIVRO           | ÁREA     | AUTORES (AS)           | REFERÊNCIAS                  |
| 1        | Política e outros temas   | Política | José Lopes dos Santos  | Teresina, 1991 (autografado) |
| 2        | O Nordeste e outros temas |          | Senador Helvídio Nunes | Brasília, 1985.              |
| 3        | Personalidades do Piauí   |          | –                      | Editora Genésio Araújo       |
| 4        | Reflexo no Nordeste       |          | Senador Helvídio Nunes | Brasília, 1977.              |

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O Eixo IV é composto, de forma ampla, por várias subdivisões, quais sejam: História Geral, História do Brasil, História das Cidades e Biografia, História do Piauí, Didática na área de História, Biografia e autobiografia. Não por acaso, nesse eixo, encontra-se o maior número de exemplares da biblioteca pessoal de Dr. Moura Fé, como reflexo de sua própria área de interesse e prática docente, bem como consequência de sua formação, pois, nos currículos dos Seminários, as disciplinas de Humanidades, dentre elas, História ganha grande espaço. Cabe ressaltar que, ainda no Seminário, Dr. Moura Fé começou a ministrar aulas de História e, desta forma, a aquisição de livros na área é o encontro de escolha, gosto e interesse que o levou a ser docente da disciplina de História (Quadro 13).

Quadro 13 – Eixo IV: História

| HISTÓRIA GERAL/BRASIL E CIDADES |                                                                            |                                 |                                           |                                                                                        |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|-------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|
| N.                              | TÍTULO DO LIVRO                                                            | ÁREA                            | AUTORES(AS)                               | REFERÊNCIAS                                                                            |
| 1                               | História do Tocantins                                                      | História das Cidades            | Osvaldo Rodrigues Póvoa                   | Livraria Três Poderes. Goiânia, 1994                                                   |
| 2                               | São João do Piauí- Cronologia                                              |                                 | Rita de Cássia Santana de Carvalho Rosado | Prefeitura Municipal de São João do Piauí, 1986, 90p.                                  |
| 3                               | Sobral sua história documental e a personalidade de D. José                | História das cidades/ Biografia | Padre João Mendes                         | Sobral-CE, 1975.                                                                       |
| 4                               | O município de Francisco Santos: estudo e memória                          | História das cidades            | Mariano da Silva Neto                     | Teresina, COMEPI, 1985. (autografado)                                                  |
| 5                               | História Geral do ensino de primeiro grau                                  | História Geral                  | Ládmo Valuce                              | São Paulo: Editora do Brasil, 1975.                                                    |
| 6                               | História Geral livro de atividades                                         |                                 | Osvaldo R. Souza                          | 2. ed. São paulo: Editora Ática, 1977. (Livro do professor)                            |
| 7                               | História do Brasil                                                         | História do Brasil              | B. Bandecchi                              | 2. ed. São paulo: Editora Didática. Irradiante S/A, 1979.                              |
| 8                               | História do Brasil                                                         |                                 | Vicente Tapajós                           | 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.                                   |
| 9                               | História do Brasil 1: Período Colonial                                     |                                 | Hélio Viana                               | 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967                                          |
| 10                              | História do Brasil 2                                                       |                                 |                                           |                                                                                        |
| 11                              | Historia do Brasil 2º Grau                                                 |                                 | Joel Rufino dos Santos                    | São Paulo: Marco, 1979.                                                                |
| 12                              | Programa de História do Brasil: a pergunta que ensina                      |                                 | José Hermógenes de Andrade                | Livraria Freitas Bastos. Ginásios, Cursos pré-normais, preparatórios, Concursos, 1954. |
| 13                              | Historia Geral 1º Grau Livro do Professor                                  | História Geral                  | Maria Januária Vilela Santos              | São Paulo: Editora Ática, 1977.                                                        |
| 14                              | Integração e escola- Datas Comemorativas                                   | História                        | Prof. Fernando Rebelo                     | Minas Gerais, 1978, Núcleo 1º e 2º Graus de Juiz de Fora.                              |
| 15                              | História do Brasil- Estudos sociais 1º Grau, 5ª série (Livro do Professor) | Historia do Brasil              | Maria Januária Vilela Santos              | SP: Editora Ática, 6 ed., 1975.                                                        |
| 16                              | História Econômica e Administrativa do Brasil                              |                                 | Haddock Lobo                              | 10 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1964.                                                 |
| 17                              | Estudos de História Contemporânea: Cadernos da UnB                         | História Geral                  | A. J. Toynbee                             | 4. ed.São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, 1976.                               |

| HISTÓRIA GERAL/BRASIL E CIDADES |                                                                                    |                            |                                                      |                                                                                 |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------|------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| N.                              | TÍTULO DO LIVRO                                                                    | ÁREA                       | AUTORES(AS)                                          | REFERÊNCIAS                                                                     |
| 18                              | História do Brasil e História Geral 1º Ciclo                                       | História Geral e do Brasil | Roberto Accioli<br>Alfredo de E. Taunay              | Rio de Janeiro: 1969.                                                           |
| 19                              | Compêndio de História Geral Curso Fundamental                                      | História Geral             | Antônio José Borges Hermida                          | 9. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1º Grau, 1973.                    |
| 20                              | História do Brasil: Colônia, Império e República                                   | História do Brasil         | Francisco de Assis Silva e Pedro Ivo de Assis Bastos | SP: Editora Moderna, Série Sinopse, 1976.                                       |
| 21                              | A Revolução de 1930 no Piauí: 1928-1934                                            | História do Piauí          | Francisco Alcides do Nascimento                      | Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994, 132 p.                      |
| 22                              | Súmula de História do Piauí Movimentos de Revolução Cultural                       |                            | Odilon Nunes                                         | Edições Cultura, 1963.                                                          |
| 23                              | Roteiro Cronológico de História do Piauí 1535-1995                                 |                            | Wilson Carvalho Gonçalves                            | Teresina: Gráfica e Editora Júnior, 1996 (autografado)                          |
| 23                              | O Piauí nas Lutas de Independência do Piauí                                        |                            | Monsenhor Joaquim Chaves                             | Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1993.                                      |
| 24                              | Piauí ao Livro técnico Ministérios da Educação e Cultura                           |                            | Isabel Avelino Duarte<br>Nildes Soares da Silva      | RJ, 1993. Setor Currículo e Divisão de Supervisão Pedagógica da SEMEC-Teresina. |
| 25                              | O Piauí, seu povoamento e seu desenvolvimento Monografia do Piauí- série Histórica |                            | Odilon Nunes                                         | 1972                                                                            |
| 26                              | Devassamento e Conquista do Piauí Monografia do Piauí- série Histórica             |                            |                                                      |                                                                                 |
| 27                              | O Piauí problemas e soluções                                                       |                            | Senador Helvídio Nunes de Barros                     | Brasília, 1981.                                                                 |
| 28                              | Grande Dicionário Histórico- Biográfico Piauiense (1549-1997)                      | História e Biografia Piauí | Vilson Carvalho Gonçalves                            | Teresina, 1998 <b>(autografado)</b> .                                           |
| 29                              | Homens e Fatos do Meu Tempo                                                        | História                   | Raul Carvalho Bastos                                 | SP, 1962                                                                        |
| 30                              | O Piauí nas lutas da independência do Brasil                                       | História do Piauí          | Pe. Joaquim Chaves                                   | Academia Piauiense de Letras, 1975                                              |
| 31                              | Templos católicos de Teresina                                                      | História das cidades       | José Lopes dos Santos                                | Teresina: Fund. Cultural Monsenhor Chaves, 1992 (autografado).                  |
| 32                              | História do Comércio de Teresina                                                   |                            | Moysés Castello Branco Filho                         | 1982                                                                            |
| 33                              | Instantes de uma vida                                                              | Biografia                  | Helvídio Nunes                                       | Brasília, 1985.                                                                 |
| 34                              | Narrativas autobiográficas 1                                                       | Autobiografia              | Bugyja Brito                                         | Rio de Janeiro, 1977.                                                           |

| HISTÓRIA GERAL/BRASIL E CIDADES |                                                                                  |                                      |                                  |                                                                    |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|----------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| N.                              | TÍTULO DO LIVRO                                                                  | ÁREA                                 | AUTORES(AS)                      | REFERÊNCIAS                                                        |
| 35                              | Mensagem Humana do Tabelaio Izidro                                               | Biografia                            | Vitalino de Alencar Bezerra      | Teresina: Comepi, 1976 (autografado).                              |
| 36                              | Lázaro Rocha: filho, esposo, pai e amigo-Homem da comunidade                     |                                      | Daise C. B. Rocha de Vasconcelos | Nossa Senhora dos Remédios- PI.                                    |
| 37                              | Isaiás Coelho 1890-1990: Centenário de um mestre                                 |                                      | [S.n.]                           | Prefeitura Mun. Simplício Mendes, Inst. Histórico de Oeiras, 1991. |
| 38                              | Elias Mendes Moura: um exemplo de vida                                           |                                      | Antônio Mendes da Luz            | Zé Doca-MA, 2003, Gráfica Mendes.                                  |
| 39                              | Histórias Edificantes Picos                                                      | História geral Histórias das cidades | Olga Silveira dos Reis           | Casa Publicadora Brasileira: SP, 1 ed., 1969, Mar-1978             |
| 40                              | Picos Os Verdes Anos Cinquenta                                                   | Histórias de Cidades                 | Renato Duarte                    | 1991                                                               |
| 41                              | Memória Viva Prof. José de Sousa Bispo um Mestre Exemplar                        | Biografia                            | Francisco das Chagas de Sousa    | Gráfica e Editora Gadelha Lida, 2004                               |
| 42                              | Conhecimento Gerais                                                              | História                             | Douglas Michalany                | Grafica Michalany S/A, São Paulo, 1981                             |
| 43                              | Histórias Administrativa e Economia                                              | História do Brasil                   | Prof. Hélio de Alcântara Avellar | 1970.                                                              |
| 44                              | Simplício Mendes Histórias Notáveis                                              | Biografia                            | José Mendes de Sousa             | Teresina-PI, 2001                                                  |
| 45                              | Historia do Brasil                                                               | História do Brasil                   | Rocha Pombo                      | 2. ed, 1954                                                        |
| 46                              | Justiça do Brasil                                                                |                                      | [S.n.]                           | —                                                                  |
| 47                              | As Maravilhas do Conhecimento 1                                                  | História                             | Henry Thomas                     | Rio de Janeiro: Editora Globo, 1942                                |
| 48                              | As Maravilhas do conhecimento 2                                                  |                                      | Henry Thomas                     | Rio de Janeiro: Editora Globo, [195?]                              |
| 49                              | Pequenas enciclopédica da história do mundo 4                                    |                                      | John Bowle                       | São Paulo: Editora Cultrix, 1964                                   |
| 50                              | Pequenas enciclopédica da história do mundo 3                                    |                                      |                                  | São Paulo: Editora Cultrix, [196?]                                 |
| 51                              | Pequenas enciclopédica da história do mundo 2                                    |                                      |                                  | São Paulo: Editora Cultrix, [196?]                                 |
| 52                              | Pequenas enciclopédica da história do mundo 1                                    |                                      |                                  | São Paulo: Editora Cultrix, [196?]                                 |
| 53                              | História do Brasil 1                                                             |                                      | Cláudio M. Thomás                | Editora FTD, 1967                                                  |
| 54                              | História do Brasil 2                                                             |                                      |                                  |                                                                    |
| 55                              | História do Brasil 3                                                             |                                      |                                  |                                                                    |
| 56                              | História do Brasil- 4                                                            |                                      |                                  |                                                                    |
| 57                              | História do Brasil- 5                                                            |                                      |                                  |                                                                    |
| 58                              | História do Brasil- 6                                                            |                                      |                                  |                                                                    |
| 59                              | O Imperialismo Moderno: Primeira Guerra Mundial após a Guerra: táboa Cronologica |                                      | H. G. Wells                      | 7. ed. História Universal, 1968.                                   |

| HISTÓRIA GERAL/BRASIL E CIDADES |                                                                                        |                      |                                                   |                                                                          |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|---------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| N.                              | TÍTULO DO LIVRO                                                                        | ÁREA                 | AUTORES(AS)                                       | REFERÊNCIAS                                                              |
| 60                              | Napoleão Bonaparte: o Século XIX                                                       |                      | H. G. Wells                                       | 7. ed. História Universal, 1968.                                         |
| 61                              | Principado, Parlamento e Potência. As Novas República Democrática                      |                      | H. G. Wells                                       | 7. ed. História Universal, 1968.                                         |
| 62                              | A Criatura e as Cruzadas: Impérios Mongóis, Novos Impérios e a América. O Renascimento |                      | H. G. Wells                                       | 7. ed. História Universal, 1968.                                         |
| 63                              | O Cristianismo: A Ásia e a decadência dos Impérios O Mundo Árabe: Maomé e o Islamismo  |                      | H. G. Wells                                       | 7. ed. História Universal, 1968.                                         |
| 64                              | O Império Romano                                                                       |                      | H. G. Wells                                       | 7. ed. História Universal, 1968.                                         |
| 65                              | Os Gregos e os Persas: Ciência e Religião no Mundo Antigo O Budismo                    |                      | H. G. Wells                                       | 7. ed. História Universal, 1968.                                         |
| 66                              | As Primeiras Civilizações                                                              |                      | H. G. Wells                                       | 7. ed. História Universal, 1968.                                         |
| 67                              | O Mundo Antes do Homem: A Pré-História                                                 |                      | H. G. Wells                                       | 7. ed. História Universal, 1968.                                         |
| 68                              | Os Generais de Hitler 1                                                                |                      | –                                                 | Editora Três, 1974                                                       |
| 69                              | Relatos e Reminiscências do meu Piauí                                                  |                      | Elízio Serafim de Sousa                           | Editora Universitária, João Pessoa 2005                                  |
| 70                              | Curso de Estudos Sociais integrados                                                    |                      | Douglas Michalany                                 | SP, 1981                                                                 |
| 71                              | Curso de Estudos Sociais integrados                                                    |                      | Douglas Michalany                                 | 1981                                                                     |
| 72                              | Curso de Estudos Sociais integrados                                                    |                      | Douglas Michalany                                 | 1981                                                                     |
| 73                              | Curso de Estudos Sociais integrados                                                    |                      | Douglas Michalany                                 | 1981                                                                     |
| 74                              | A vida dos grandes brasileiros 9: D. Pedro I                                           | Didático de História | Pedro Pereira da Silva Costa                      | SP: Editora Três, 1974                                                   |
| 75                              | Moral e Civismo 1: Ensino de Primeiro Grau                                             |                      | Felipe N. Moschini; Otto Costa e Victor Mussumeci | 9. ed. São Paulo: Editora do Brasil S.A., 1970                           |
| 76                              | Moral e Civismo 3                                                                      |                      | Felipe N. Moschini; Otto Costa e Victor Mussumeci | 7. ed. São Paulo: Editora do Brasil S.A.                                 |
| 77                              | Moral e Civismo 2: Ensino de Primeiro Grau                                             |                      | Felipe N. Moschini; Otto Costa e Victor Mussumeci | 16. ed. São Paulo: Editora do Brasil S.A., 1970                          |
| 78                              | Moral e Civismo 4: Ensino de Primeiro Grau                                             |                      | Felipe N. Moschini; Otto Costa e Victor Mussumeci | 11. ed. São Paulo: Editora do Brasil S.A., 1960-1970<br>Exemplar nº 1044 |

| HISTÓRIA GERAL/BRASIL E CIDADES |                                                  |                              |                                                   |                                                                          |
|---------------------------------|--------------------------------------------------|------------------------------|---------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| N.                              | TÍTULO DO LIVRO                                  | ÁREA                         | AUTORES(AS)                                       | REFERÊNCIAS                                                              |
| 79                              | Moral e Civismo 4: Ensino de Primeiro Grau       |                              | Felipe N. Moschini; Otto Costa e Victor Mussumeci | 11. ed. São Paulo: Editora do Brasil S.A., 1960-1970<br>Exemplar nº 2287 |
| 80                              | Estudos Sociais 4                                | Didático de Estudos Sociais  | Therezinha Maestralli e Dione de Godoy Araújo     | 11. ed. São Paulo: FTD/Ministério da Educação, 1º Grau, 1981             |
| 81                              | Organização Social e Política Brasileira 2º Grau | Didático na área de História | Francisco M.P. Teixeira e José Dantas             | OSPB DE 2º Grau, 3º ed., SP: Ática, 1980                                 |
| 82                              | Organização Social e Política Brasileira         |                              | João Gabriel Montefusco                           | OSPB, 2º Ed., SP: Editora Moderna, 1977.                                 |

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

As primeiras experiências de Dr. Moura Fé com o ensino aconteceram com a fundação da sua escola, ainda em 1954, na cidade de Picos, com a função de preparar estudantes para o Exame de Admissão. Certamente o livro de José Hermógenes de Andrade, *A pergunta que Ensina*, de 1954, servia como instrumento didático, uma vez que era um dos clássicos, tendo sido “[...] um sucesso editorial entre as décadas de 1950 e 1960” (Bitencourt, 2015, p. 11). O conteúdo desses livros desenha um ensino de História pautado no patriotismo da Era Vargas e que manteve grande parte da estrutura educacional nas duas décadas de 1960 e 1970:

Seus livros didáticos, em consonância com o ensino de história do período, refletiam uma perspectiva política, factual, cívica da história do Brasil, narrada através dos grandes acontecimentos, datas e heróis. Essa compreensão que a história deveria funcionar como formadora da juventude ganhou ênfase no Brasil principalmente a partir do estado novo quando a pátria passou ser uma categoria central na educação básica. A reforma educacional de 1942 esteve diretamente sintonizada com a preocupação do governo de Vargas de valorizar os ideais de pátria e nação. O C.M.R.J. tornou-se nessa época um colégio de vanguarda na defesa da história pátria sendo o primeiro colégio a instituir no currículo do ensino secundário aulas separadas de História do Brasil e História Geral, apenas dois meses após o início da segunda guerra mundial (Bitencourt, 2015, p. 12).

A importância deste livro e demais publicações de José Hermógenes (1954) nos faz refletir sobre alguns pontos: O que Dr. Moura Fé ensinava? Neste diapasão, podemos compreendê-lo como homem do seu tempo, que sofria as tendências do seu contexto, assim as ideologias políticas interferiam no campo educacional, interferindo no ensino de história com princípios patrióticos, no civismo, objetivismo, onde acrescentam-se conteúdos anticomunistas próprios do período que antecede a Segunda Guerra Mundial? Tais alterações



de conteúdo e disciplinas no currículo escolar fluíam como as mudanças de regime se efetivaram em todos os níveis de ensino, da Era Vargas ao Regime Militar e promoveram mudanças neste sentido, que marcaram a impressão ideológica desses governos, fazendo-se com a supressão de disciplinas ou a incorporação de outras novas que atendessem à propaganda do regime, algo visto com a inclusão da disciplina EMC, no Ensino Fundamental; OSPB, no Ensino Médio; e Estudos de Problemas Brasileiros (EPB), incorporada no Ensino Superior (Gusmão; Honorato, 2019). A carência de professores com formação superior específica para atuar nessas disciplinas impelia professores das áreas de Humanas para ministrá-las. Em virtude da ausência de formação, os professores apoiavam-se inteiramente nos livros didáticos que circulavam nas escolas. Sobre os livros didáticos para a disciplina de EMC, Gusmão e Honorato (2019, p. 10) afirmam:

Como instrumento pedagógico, os livros apresentam atividades e exercícios de EMC objetivando a memorização por parte dos alunos de preceitos, deveres, hábitos e normas. Enquanto um veículo disseminador de um sistema de valores, de ideologia e de cultura, vislumbramos anseios, manifestações, discursos, representações e estratégias pedagógicas guiadas por finalidades sociais, políticas, econômicas e militares que seriam propagadas via a disciplina escolar de EMC.

A disciplina de EMC foi ministrada durante muitos anos por Dr. Moura Fé, o que é confirmado pelos vários exemplares de livros da disciplina em sua biblioteca, principalmente dos autores Felipe N. Moschini, Otto Costa e Victor Mussumeci, publicações de grande repercussão nacional, principalmente devido às distribuições nas escolas, em virtude de convênios mantidos pelo MEC e a Agência Norte-Americana na difusão desses materiais. Tais livros eram, segundo Gusmão e Honorato (2019), um instrumento de difusão de valores, havendo na disciplina de EMC um veículo do tipo ideal de homem ansiado pelos dirigentes, que se pautava em comportamentos e valores de um modelo de indivíduo pacífico, obediente, civilizado e ordeiro, colaborando para uma sociedade que se queria dominada e controlada pelos militares.

A maioria dos livros de História (Quadro 13) era voltada ao Ensino Secundário, o ano de publicação revela uma visão de história própria do seu tempo, o que depois sofrerá revisionismos. Ressalta-se que alguns livros não contêm os autores nem as datas de publicação, devido ao estado de preservação que impede a obtenção completa da referência bibliográfica.

Os livros mostram a prática do professor, ao ressaltar a diversidade de temáticas: História Geral, História do Brasil, História do Piauí, Autobiografia e História das Cidades, refletindo o campo de atuação do nosso pesquisado e evidenciando o currículo educacional, ao identificarmos a disciplina Estudos Sociais e a metodologia adotada para o ensino de História, onde em muito prevalecia tendências positivistas.

O Eixo V – Jurídicos e Leis agrupa os livros relacionados à formação em Bacharelado em Direito do nosso pesquisado, apresentam uma variedade de leis e coleção de clássicos jurídicos que compõem a biblioteca, com livros das várias áreas do Direito: Direito Previdenciário, Direito de Família, Direito Civil e Direito Tributário, demonstrando serem essas as áreas de maior atuação de Dr. Moura Fé. Em tempos onde a Internet, com seus sistemas de busca rápida de informações atualizadas não era a tônica, os livros eram a essência do saber e, assim, o compêndio de leis deveria ser impresso, pois era material de consulta diária ou de acordo com sua demanda de trabalho (Quadro 14).

Quadro 14 – Eixo V: Jurídicos e Leis

| DIREITO/ LEIS |                                                                                                                  |      |                                         |                                   |
|---------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|-----------------------------------------|-----------------------------------|
| N.            | TÍTULO DO LIVRO                                                                                                  | ÁREA | AUTORES(AS)                             | REFERÊNCIAS                       |
| 1             | Lei Orgânica de Bocaina                                                                                          | Lei  | Legislativo de Bocaina                  | Bocaina-PI, 1990 (autografado).   |
| 2             | Emenda n. 1 à Constituição do Estado do Piauí, de 12 de maio de 1967. Lei Orgânica da Justiça do Estado          |      | Assembleia Legislativa do Piauí         | Teresina: Imprensa Oficial, 1967. |
| 3             | Lei n. 3.373, de 11 de dezembro de 1975. Dispõe sobre a organização dos Municípios do Piauí                      |      | Estado do Piauí – Gov. Dirceu Arcoverde | Teresina: Comepi, 1976.           |
| 4             | Lei n. 2.887, de 5 de julho de 1968. Dispõe sobre o Sistema Estadual de Ensino no Piauí e dá outras providências |      | Imprensa Oficial do Estado do Piauí     | Teresina: Imprensa Oficial, 1968. |
| 5             | Lei n. 2.843, de 29 de dezembro de 1967. Institui o Código Tributário do Estado do Piauí                         |      | Imprensa Oficial de Teresina            | Teresina: Imprensa Oficial, 1968. |
| 6             | Lei n. 2.872, de 28 de maio de 1968. Dispõe sobre a Lei Orgânica do Tribunal de Contas do Estado do Piauí        |      | Imprensa Oficial de Teresina            | Teresina: Imprensa Oficial, 1968. |
| 7             | Lei do Ministério Público                                                                                        |      | Estado do Piauí                         | 1972                              |
| 8             | Organização dos Municípios (Lei n. 547, de 30 de janeiro de 1952).                                               |      | Imprensa Oficial de Teresina            | 1952                              |
| 9             | Constituição do Estado do Piauí                                                                                  |      | Imprensa Oficial de Teresina            | 1967                              |
| 10            | Constituição do Estado do Piauí Direito Usual                                                                    |      | Imprensa Oficial do Piauí               | 1989                              |
| 11            | Legislação Aplicada                                                                                              |      | Fídias Pinheiro Guimarães               | Companhia Editora                 |

| DIREITO/ LEIS |                                                           |      |                                                   |                                                      |
|---------------|-----------------------------------------------------------|------|---------------------------------------------------|------------------------------------------------------|
| N.            | TÍTULO DO LIVRO                                           | ÁREA | AUTORES(AS)                                       | REFERÊNCIAS                                          |
|               |                                                           |      |                                                   | Nacional, 1964                                       |
| 12            | Código Penal Brasileiro                                   |      | Editora Universo do RJ                            | Rio de Janeiro: Editora Universo, 1969               |
| 13            | Manual de Organização Partidária Municipal                |      |                                                   | BRASILIA-DF, 1975                                    |
| 14            | A Nova Constituição Federal de 1969                       | Lei  | –                                                 | Rio de Janeiro: Editora Universo, 1967               |
| 15            | Lei de Divórcio (Lei n. 6.515, de 26 de dezembro de 1977) |      | Gilberto Caldas                                   | Editora e Livraria Universitária de Direito, 1978    |
| 16            | Código Tributário 1                                       |      | Governo do Estado do Piauí, Secretaria de Fazenda | [19-]                                                |
| 17            | Código de Trânsito Brasileiro                             |      | Lei n. 9.503 (23/09/1997)                         | Brasília, 1998                                       |
| 18            | Estatuto da Ordem dos Advogados dos Brasil                |      | Lei n. 4.215 (27/04/1963)                         | Rio de Janeiro: Forense, 1963                        |
| 19            | Constituição de 1988 República Federal do Brasil          |      | Ministério da Educação, Hugo Napoleão             | Brasil. Constituição (1988), (autografado).          |
| 21            | Novo Estatuto dos Estrangeiros                            |      | –                                                 | Suplemento de Vox, Legislativa, 1980. (autografado). |
| 22            | Código Tributário 2                                       |      | Governo do Estado do Piauí, Secretaria de Fazenda | [19-]                                                |
| 23            | Teoria e Prática do Divórcio                              |      | –                                                 | São Paulo: Editora Jalovi, 1978.                     |
| 25            | Legislação e normas do Ensino de 2º Grau                  |      | Ministro da Educação e Cultura, Brasília          | Brasília, 1979                                       |
| 26            | O Desquite na Jurisprudência dos Tribunais                |      | Vicente de Faria Coelho                           | 3. ed. Editora Freitas Baros, 1981                   |
| 27            | Curso de Direito Administrativo                           |      | Temístocles Brandão Carvalho                      | 4. ed. Editora Freitas Barros, 1977                  |
| 28            | Direito do Trabalhador 1                                  |      | João Pegis F. Teixeira                            | São Paulo, 1968                                      |
| 29            | Direito do Trabalhador 2                                  |      | João Pegis F. Teixeira                            | São Paulo, 1968                                      |
| 30            | Júri de Economia Popular                                  |      | Sousa Neto                                        | Rio de Janeiro, 1952, Lei n. 1.521, de 26 de dez.    |
| 31            | Código de Direito Canônico                                |      | Concílio Vaticano II                              | São Paulo, 1987                                      |
| 32            | Manual Elementar de Direito Processual Civil              |      | Alfredo de Araújo Lopes da Costa                  | 1982                                                 |
| 33            | Código Civil dos Estados do Brasil 2                      |      | Clóvis Beviláqua                                  | Rio de Janeiro, 1921.                                |
| 34            | Inventário de Partilha                                    |      | Orlando de Souza                                  | 4. ed. São Paulo, 1968                               |
| 35            | Código Civil dos Estados Unidos do Brasil 2               |      | Clóvis Beviláqua                                  | 1954                                                 |
| 36            | Doutrina e Prática das Execuções de Sentenças             |      | Orlando de Souza                                  | Editora Bernardo Álvares, 1961                       |
| 37            | Código de Direito Canônico                                |      | João Paulo II                                     | 11. ed. Rev. Ampl.                                   |
| 38            | Revista Forense                                           |      | 238                                               | 1972                                                 |
| 39            | Revista Forense                                           |      | 256                                               | 1976                                                 |
| 40            | Revista Forense                                           |      | 254                                               | 1976                                                 |
| 41            | Revista Forense                                           |      | 248                                               | 1974                                                 |
| 42            | Revista Forense                                           |      | 253                                               | 1976                                                 |

| DIREITO/ LEIS |                                        |      |                         |                        |
|---------------|----------------------------------------|------|-------------------------|------------------------|
| N.            | TÍTULO DO LIVRO                        | ÁREA | AUTORES(AS)             | REFERÊNCIAS            |
| 43            | Revista Forense                        |      | 255                     | 1976                   |
| 44            | Revista Forense                        |      | 247                     | 1974                   |
| 45            | Da posse                               |      | Tito Lívio Pontes       | 2. ed. 1977            |
| 46            | Revista Forense                        |      | 226                     | 1989                   |
| 47            | Revista Forense                        |      | 259                     | 1977                   |
| 48            | Revista Forense                        | Lei  | 251                     | 1975                   |
| 49            | Revista Forense                        |      | 250                     | 1975                   |
| 50            | Revista Forense                        |      | 237                     | 1972                   |
| 51            | Revista Forense                        |      | 236                     | 1971                   |
| 52            | Revista Forense                        |      | 241                     | 1973                   |
| 53            | Revista Forense                        |      | 235                     | 1971                   |
| 54            | Revista Forense                        |      | 252                     | 1975                   |
| 56            | Revista Forense                        |      | 261                     | 1978                   |
| 57            | Revista Forense                        |      | 230                     | 1970                   |
| 58            | Revista Forense                        |      | 231                     | 1970                   |
| 59            | Revista Forense                        |      | 245                     | 1974                   |
| 60            | Revista Forense                        |      | 224                     | 1968                   |
| 61            | Revista Forense                        |      | 232                     | 1970                   |
| 62            | Revista Forense                        |      | 228                     | 1969                   |
| 63            | Revista Forense                        |      | 203                     | 1963                   |
| 64            | Revista Forense                        |      | 229                     | 1970                   |
| 65            | Revista Forense                        |      | 227                     | 1969                   |
| 67            | Revista Forense                        |      | 225                     | [196?]                 |
| 68            | Revista Forense                        |      | 232                     | 1968                   |
| 69            | Revista Forense                        |      | 221                     | 1998                   |
| 70            | Revista Forense                        |      | 221                     | 1988                   |
| 71            | Revista Forense                        |      | 257                     | 1977                   |
| 72            | Revista Forense                        |      | 245                     | 1974                   |
| 73            | Revista Forense                        |      | 249                     | 1975                   |
| 74            | Revista Forense                        |      | 258                     | 1977                   |
| 75            | Revista Forense                        |      | 260                     | 1977                   |
| 76            | Revista Forense                        |      | 234                     | 1971                   |
| 77            | Revista Forense                        |      | 240                     | 1972                   |
| 78            | Revista Forense                        |      | 242                     | 1973                   |
| 79            | Revista Forense                        |      | 239                     | 1972                   |
| 80            | Revista Forense                        |      | 243                     | 1973                   |
| 81            | Revista Forense                        |      | 244                     | 1973                   |
| 82            | Revista Forense                        |      | 246                     | 1974                   |
| 83            | Legislação Agrária Atualizada Teresina |      | Lourenço Mario Prunes   | 2. ed. São Paulo, 2003 |
| 84            | Legislação Agrária Atualizada Teresina |      | Lourenço Mario Prunes   | 2. ed. São Paulo, 2003 |
| 85            | Dicionário Econômico Comercial         |      | —                       | —                      |
| 86            | Usucapião de Imóveis                   |      | Lourenço Mario Prunes   | São Paulo, 1967        |
| 87            | Programa de Direito Administrativo     |      | Valmir Pontes           | 2. ed., 1968           |
| 88            | Da Desapropriação no Tribunal Federal  |      | Jardel Noronha - Odalea | 1967                   |
| 89            | Da Desapropriação no Tribunal Federal  |      | Jardel Noronha – Odalea | 1967                   |

| DIREITO/ LEIS |                                                                        |         |                                         |                               |
|---------------|------------------------------------------------------------------------|---------|-----------------------------------------|-------------------------------|
| N.            | TÍTULO DO LIVRO                                                        | ÁREA    | AUTORES(AS)                             | REFERÊNCIAS                   |
| 90            | Técnica Judiciária e Prática Forense 2                                 |         | Adaucto de Souza Castro                 | São Paulo, 1968               |
| 91            | Técnica Judiciária e Prática Forense 2                                 |         | Adaucto de Souza Castro                 | São Paulo, 1968               |
| 92            | Da Propositura e do Processamento de ações                             | Lei     | Yára Muller                             | 1957                          |
| 93            | Instituições de Direito Comercial                                      |         | Waldemar Martins Terreira               | 5 ed. 1956                    |
| 94            | Manual de Ciência das Finanças                                         |         | Alberto Deodato                         | 1954                          |
| 95            | Curso de Direito Comercial                                             |         | Gastão A. Macedo                        | Livraria Freitas Bastos, 1956 |
| 96            | Curso de Processo Civil                                                |         | Oliveira e Silva                        | Livraria Freitas Bastos, 1952 |
| 97            | Inventários e Partilhas nos Tribunais 3                                |         | Nilson Bussada                          | 1989                          |
| 98            | Inventários e Partilhas nos Tribunais 4                                |         | Nilson Bussada                          | 1989                          |
| 99            | Direito Internacional Privado                                          |         | Oscar Tenório                           | São Paulo, 1955               |
| 100           | Novo Código Civil                                                      |         | Brasília                                | 2002                          |
| 101           | Como se faz uma defesa criminal no juiz singular e no Tribunal no Júri |         | Vitorino Prata Castelo Branco           | 6. ed. 1968                   |
| 102           | O advogado em ação                                                     |         | Vitorino Prata Castelo Branco           | 3. ed. 1968                   |
| 103           | Prática penal na segunda instância                                     |         | Vitorino Prata Castelo Branco           | 1968                          |
| 104           | O advogado diante dos crimes sexuais                                   |         | Vitorino Prata Castelo Branco           | 2. ed. 1969                   |
| 105           | Da defesa nos crimes contra o patrimônio                               |         | Vitorino Prata Castelo Branco           | 2. ed. 1967                   |
| 106           | Regimento de custas                                                    |         | Roque Ardevino                          | 1968                          |
| 107           | As três Escolas Penais                                                 | Direito | Moniz Sodré                             | 1955                          |
| 108           | Direito das Coisas                                                     |         | Clovis Beviláqua                        | 1956                          |
| 109           | Acórdãos do Supremo Tribunal Federal aplicados à súmula 2              |         | Dirceu A. Victor Rodrigues              | 1966                          |
| 110           | Acórdãos do Supremo Tribunal Federal Aplicados à súmula 1              |         | Dirceu A. Victor Rodrigues              | 1966                          |
| 111           | Instituições de Direito Romano                                         |         | Ebert Chamoun                           | 3. ed., 1957                  |
| 112           | Direito das Coisas 2 v.                                                |         | Clovis Beviláqua                        | 1956                          |
| 113           | Curso de Direito Processual Civil 3                                    |         | Gabriel Jose Rodrigues de Rezende Filho | 4. ed., 1954                  |
| 114           | Curso de Direito Processual Civil 2                                    |         | Gabriel José Rodrigues de Rezende Filho | 4. ed., 1945                  |
| 115           | Curso de Direito Processual Civil 1                                    |         | Gabriel Jose Rodrigues de Rezende Filho | 4. ed., 1962                  |
| 116           | Inventários e Partilhas nos Tribunais 2                                |         | Wilson Bussada                          | 1989                          |

| DIREITO/ LEIS |                                                   |         |                                    |                      |
|---------------|---------------------------------------------------|---------|------------------------------------|----------------------|
| N.            | TÍTULO DO LIVRO                                   | ÁREA    | AUTORES(AS)                        | REFERÊNCIAS          |
| 117           | Inventários e Partilhas nos Tribunais 1           |         | Wilson Bussada                     | 1989                 |
| 118           | Código Penal Brasileiro                           | Lei     | Ribeiro Pontes                     | 4. ed. 1956.         |
| 119           | Estudos de Direitos Constitucional                | Direito | Afonso Arinos de Melo Franco       | Edição Forense, 1957 |
| 120           | Da Calúnia e Injúria                              | Direito | Oliveira e Silva                   | 3. ed. 1961          |
| 121           | Manual de Psicologia e Psicopatologia Judiciárias |         | Edmur de Aguiar Whitaker           | 2. ed. 1969          |
| 122           | Curso de Direito Comercial                        |         | Fran Martins                       | Ceará, 1957          |
| 123           | A Nova Constituição Federal de 1969               | Lei     | Dr. Júlio César de Freitas         | 4. ed., 1970         |
| 124           | Direito Usual e Legislação Aplicada               |         | Adaucto de Souza Castro            | 8. ed., 1971         |
| 125           | Direito usual e Legislação Aplicada               |         | Tancredo Fídias Pinheiro Guimarães | São Paulo, 1979      |

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Os compêndios de leis se destacam, quantitativamente; são, principalmente, do Piauí, evidenciando o *locus* de atuação do nosso pesquisado, são seus aportes para o trabalho como advogado. Dessa forma, muitas das práticas de leitura de Dr. Moura Fé são funcionais, revelando o que fazia. A teoria jurídica também tem espaço por meio de Coleções, que mostram nomes clássicos do Direito, como Pontes de Miranda, Clóvis Beviláqua, Sodré, Bussada, entre outros. São obras necessárias ao exercício de suas funções, para elaboração de petições iniciais que exigem um nível de leitura aprofundado, bem como aquisição atualizada de novas obras, que trazem jurisprudências, tão necessárias no embasamento das teses jurídicas. Destaca-se, no acervo de leis, sua preocupação em estar atualizado com a legislação vigente, prática que facilitava o ofício de advogado. Ainda ressaltamos no Eixo V, o montante de leis e livros autografados destinados ao Dr. Moura Fé por políticos que financiavam as edições, claro reconhecimento de sua influência e centralidade na área jurídica.

Quadro 15 – VI Eixo: Literatura, Línguas e Poesia

| LITERATURA / LÍNGUAS / POESIA |                                                                                           |                                  |                               |                                           |
|-------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|-------------------------------|-------------------------------------------|
| N.                            | TÍTULO DO LIVRO                                                                           | ÁREA                             | AUTOR(A)                      | REFERÊNCIAS                               |
| 1                             | História Literária de Portugal: séculos XII-XX                                            | Literatura e História Portuguesa | Fidelino de Figueiredo        | Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura. |
| 2                             | Gramática Histórica 4ª série Ginásial e Cursos de Habilitação para Faculdade de Filosofia | Língua Portuguesa                | Rosário Farani Mansur Guerios | São Paulo: Livraria Acadêmica, 1942.      |
| 3                             | Visão Histórica da Literatura Piauiense                                                   | Literatura Piauiense             | Herculano Moraes              | 1982                                      |
| 4                             | Visão Histórica da Literatura Piauiense                                                   |                                  |                               | 2. ed                                     |

|     |                                                                         |                 |                                       |                                                      |
|-----|-------------------------------------------------------------------------|-----------------|---------------------------------------|------------------------------------------------------|
| 5   | Gramática Latina                                                        | Língua Latina   | P. João Ravizza                       | 9. ed. Niterói: Escolas Salesianas                   |
| 6   | Noções da Língua Grega: fonologia, morfologia e sintaxe                 | Língua Grega    | Arnaldo de Souza Pereira              | 3. ed. São Paulo: Gráfico Cruzeiro do Sul.           |
| 7   | Conjugação de Verbos Latinos                                            | Língua Latina   | Maximiano Augusto Gonçalves           | 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria H. Antunes.  |
| 8   | Tristium Primeira Gramática Latina 4ª série ginásial e Curso Ginásial   |                 | Aug. Magne                            | São Paulo: Companhia Editoria Nacional.              |
| 9   | Traduções dos textos latinos<br>Uso dos ginásios, colégios e Seminários |                 | José Lodeiro                          | 13. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1956.           |
| 10  | Latim Programa de Vestibular                                            |                 | João Camilo de Almeida                | Belo Horizonte: Italiana Editora                     |
| 11  | Noções da Língua Grega                                                  | Língua Grega    | P. Arnaldo de Souza Pereira           | São Paulo: Est. Gráfico Cruzeiro do Sul, 1944.       |
| 12  | Textos de Latim para o curso clássico                                   | Língua Latina   | Maximiliano Bottari                   | Porto Alegre: Livraria do Globo                      |
| 13ª | Língua Italiana Novo Methodo                                            | Língua Italiana | Dr. F. Ahn                            | Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves             |
| 14  | Gramática de Latina Curso Médio                                         | Língua Latina   | E. Ragon                              | Belo Horizonte: Livraria P. de Azevedo, Coleção FTD. |
| 15  | Primeiros Exercícios de Latim                                           |                 | Emile Ragon                           | Belo Horizonte: Livraria F. Alves, FTD.              |
| 16  | Latim para o Ginásio 1ª e 2ª Série                                      |                 | [S.n.]                                | —                                                    |
| 17  | Metamorphoses                                                           | Língua Francesa | Ovídio                                | Belo Horizonte: Livraria F. Alves, 1930.             |
| 18  | Français Littérature 1º ano ginásial                                    |                 | [S.n.]                                | —                                                    |
| 19  | Dictionaire Portugais Français-<br>Français Portugais                   |                 | M. Guyau                              | Paris, 1927.                                         |
| 20  | Spoken English Book Two                                                 | Língua Inglesa  | João Fonseca                          |                                                      |
| 21  | The English Gymnasial Grammar                                           |                 | Rubert Coventry Bethell               |                                                      |
| 22  | Elements of English                                                     |                 | [S.n.]                                |                                                      |
| 23  | Dicionário Inglês-Português<br>Português-Inglês                         |                 | Alvaro Franco                         | Porto Alegre: Livraria do Globo                      |
| 24  | Français Littérature para 2º ano de cursos clássicos e científico       | Língua Francesa | Louise Jaquier                        | SP: Com. Editora Nac.                                |
| 25  | Cours de Français Quarta série                                          |                 | Augusto R. Rainha e José A. Gonçalves | Editora do Brasil. Coleção didática do Brasil, 1954. |
| 26  | Gramática Francesa                                                      |                 | José Francisco Halbout                | SP, RJ e B. Horizonte: Livraria F. Alves, 1937.      |

|    |                                  |                       |                             |                                                     |
|----|----------------------------------|-----------------------|-----------------------------|-----------------------------------------------------|
| 27 | Français Comercial               |                       | Maria Junqueira Schmidt     | SP: Com. Editora Nac.                               |
| 28 | Cours de Français                | Língua Francesa       | S. Burtin- Vinholes         | Porto Alegre: Edição Livraria do Globo, 1941, 5 ed. |
| 29 | Gramática Francesa Tomo II       |                       | José Francisco Halbout      | 39 ed. B. Horizonte, Livraria F. Alves, 1937.       |
| 30 | Os Lusíadas                      | Literatura Portuguesa | Luiz de camões              | Lisboa, 1572.                                       |
| 31 | Ulisses entre o Amor e a Morte   | Literatura Piauiense  | O.G. Rego de Carvalho       | Meridiano, 8 ed.                                    |
| 32 | Reminiscências                   | Poesia                | Chico Barbosa               | Picos-PI, 1994 (autografado).                       |
| 33 | Perdi Meu tempo- Poesia          |                       | Francisco de Moura Barbosa  | 1982                                                |
| 34 | Poesias do Coração e Pensamentos |                       | Absolon de Deus Nunes       | 1984 (autografado).                                 |
| 35 | As catilinárias                  | Língua Latina         | Maximiano Augusto Gonçalves | 4. ed. Livraria H. Antunes, 1955.                   |
| 36 | Inocência                        | Literatura            | Visconde de Traunay         | 16. ed. São Paulo: Editora Ática, 1988              |
| 37 | Secretario Universal             | Gramatica             | Dr. Júlio César de Freitas  | Rio de Janeiro: Editora Universo                    |
| 38 | Português Pratico                | Linguagem             | José de marqueses da cruz   | —                                                   |
| 39 | Correspondência                  | Literatura            | Machado de Assis            | 31. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 40 | Crítica Teatral                  |                       |                             | 30. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 41 | Crítica Literária                |                       |                             | 29. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 42 | A semana 3                       |                       |                             | 28. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 43 | A semana                         |                       |                             | 27. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 44 | A semana 1                       |                       |                             | 26. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 46 | Crônicas 4                       |                       |                             | 25. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 47 | Crônicas 3                       |                       |                             | 24. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 48 | Crônicas 2                       |                       |                             | 23. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 49 | Crônicas 1                       |                       |                             | 22. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 50 | Contos Fluminenses               |                       |                             | 21. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 51 | Contos Fluminenses               |                       |                             | 20. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 52 | Teatro                           |                       |                             | 19. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 53 | Poesia Completas                 |                       |                             | 18. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 54 | Relíquias de Casa velha 2        |                       |                             | Rio de Janeiro.                                     |
| 55 | Relíquias de Casa Velha 1        |                       |                             | Rio de Janeiro.                                     |
| 56 | Páginas Recolhidas               |                       |                             | Rio de Janeiro.                                     |
| 57 | Várias Histórias                 |                       |                             | 18. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 58 | História sem data                |                       |                             | Rio de Janeiro.                                     |
| 59 | Papéis Avulsos                   |                       |                             | Rio de Janeiro.                                     |
| 60 | Histórias Românticas             |                       |                             | Rio de Janeiro.                                     |
| 61 | História da Meia-Noite           |                       |                             | Rio de Janeiro.                                     |
| 62 | Memorial de Aires                |                       |                             | 18. ed. Rio de Janeiro.                             |
| 63 | Esaú e Jacó                      |                       |                             | Rio de Janeiro.                                     |



|    |                                      |            |                          |                         |
|----|--------------------------------------|------------|--------------------------|-------------------------|
| 64 | Dom Casmurro                         |            |                          | Rio de Janeiro.         |
| 65 | Quincas Borda                        |            |                          | 19. ed. Rio de Janeiro. |
| 66 | Memórias Póstumas de Brás Cubas      | Literatura | Machado de Assis         | 18. ed. Rio de Janeiro. |
| 67 | Iaiá Garcia                          |            |                          | Rio de Janeiro.         |
| 68 | Helena                               |            |                          | Rio de Janeiro.         |
| 69 | A Mão e a Luva                       |            |                          | Rio de Janeiro.         |
| 70 | Ressurreição                         |            |                          | Rio de Janeiro.         |
| 71 | Biblioteca de Linguagem e Literatura | Linguagem  | Alpheu Tersariol         | 12. ed. 1980            |
| 72 | Biblioteca de Linguagem e Literatura |            |                          | 2. ed. 1980             |
| 73 | Português Prático                    |            | José Marques da Cruz     | 25. ed. 1955            |
| 74 | Testes e Exercícios                  | Português  | Alphu Tersariol          | São Paulo, 1983         |
| 75 | Redação                              |            |                          | São Paulo, 1983         |
| 76 | Cem Anos de Solidão                  | Literatura | Gabriel Garcia Marquez   | 27. ed. (autografado)   |
| 77 | English For College                  | Línguas    | Isabel Junqueira Schmidt | 2. ed. São Paulo, 1953  |

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O Eixo VI traz grande parte dos títulos da biblioteca pessoal de Dr. Moura Fé, e apresenta uma subdivisão ampla: Literatura e História Portuguesa, Literatura Piauiense, Língua Latina, Língua Grega, Língua Italiana, Língua Francesa, Língua Inglesa, Poesia); Esse eixo trata de obras principalmente relacionadas à formação seminarista de Dr. Moura Fé, quando o currículo das instituições primava pelo entendimento de línguas antigas, a exemplo o latim, por ser língua oficial da Igreja católica, referência para tradução de documentos importantes para as línguas modernas. Assim, o uso do latim e do grego se relacionam aos usos clássicos dessas línguas, e dentro da Igreja o latim prevalece como tradição e aproximação com o mundo romano, uma vez que o latim oriundo da região do Lácio, situada em Roma, é origem do nosso idioma, o português.

O Eixo VII — denominado Outros — traz livros que não se enquadram nos demais eixos (Quadro 16). Assim, temos o livro de *Geografia Geral*, cujo uso assim como o *Manual de Filosofia* supõe-se ter sido apoio de estudo do próprio pesquisado no Seminário, bem como material de apoio para prática docente. Também indicamos a versão do *Almanaque Popular Santo Antônio*, produção histórica antiga que possui várias funções, como circulação de informações, manter tradições e práticas culturais e difundir eventos e personagens, como afirmam Marteleto e Dourado (2019, p. 1):

Almanaques são pequenas ou grandes brochuras, escritos populares de tempo secular, publicados desde o século XV, na Europa, produzidos e difundidos com múltiplos propósitos, dentre eles o de circular informações úteis, manter e renovar tradições culturais, relatar os eventos e personagens do seu tempo.

São considerados como a versão mais completa dos anuários e calendários e conservam uma relação especial com a passagem do tempo. Cada país tem uma história de almanaques. No Brasil, os de maior circulação foram os almanaques de farmácia, dentre eles o do Biotônico Fontoura. Eram publicados pelos laboratórios farmacêuticos e distribuídos pelas farmácias. E o Lunário Perpétuo, este de grande difusão e uso no Nordeste do país, principalmente pelas mãos de poetas, artistas populares, cantantes, emboladores que nele buscavam inspiração. No entanto, e apesar de seu significado social, cultural e informacional em cada época, esses livretos quase se perderam, sobretudo no Brasil, restando poucas coleções dispersas.

Os almanaques, juntamente com os atlas, entraram em decadência após o advento dos computadores domésticos, por volta da década de 1990, quando o acesso à informação por meio das redes sociais suprimiram as funções de difusão de informações desses livros. Entretanto, sua importância é crucial para entendermos as práticas de leitura e a circulação deste item da cultura material.

Quadro 16 – Eixo VII: Outros

| OUTROS |                                            |                 |                                                             |                                      |
|--------|--------------------------------------------|-----------------|-------------------------------------------------------------|--------------------------------------|
| N.     | TÍTULO                                     | ÁREA            | AUTOR(A)                                                    | REFERÊNCIAS                          |
| 1      | Geografia Geral- Ciclo Colegial Científico | Geografia Geral | Moisés Gicovate                                             | Edições Melhoramentos, 1947.         |
| 2      | Manual de Filosofia                        | Filosofia       | —                                                           | —                                    |
| 3      | Almanaque Popular Santo Antônio            | Almanaque       | Frei Almir Ribeiro Guimarães, O.F.M, Augusto Angelo Zanatha | Petrópolis: Vozes, 1983.             |
| 4      | Estudos da Criança e do Adolescente        | Outros          | Senador Lucídio Portela                                     | 1990 (Autografado)                   |
| 5      | O Piauí em Municípios: Guia Geografico     | Geografia       | Írisvaldo de Carvalho Vieira                                | Teresina, 2003.                      |
| 4      | A Filosofia Contemporânea                  | Filosofia       | Huberto Rohden                                              | 2. ed. Livraria Freitas Bastos, 1961 |
| 5      | O Pensamento Filosófico: Antiguidade       |                 | Huberto Rohden                                              | 2. ed. Livraria Freitas Bastos, 1961 |
| 6      | Astrologia, sexo e amor                    | Outros          | Nina Fock                                                   | Gráfica Grafipar                     |
| 7      | Vivência Universitária                     |                 | Romarinho do Rêgo Monteiro                                  | Teresina: Junior, 1991               |
| 8      | Matemática Comercial e Financeira          | Matemática      | Thales Mello Carvalho                                       | 2. ed.                               |
| 9      | Saúde pelas Plantas                        | Medicina        | Eliza S. Biazzi                                             | Casa Publicadora Brasileira          |
| 10     | Sexo, Amor, Família                        | Outros          | Prof. Paulo de Tarso Monte Serrat                           | Gráfica: Gráfica Curitiba-Paraná     |
| 11     | Dicionário do Lar 3                        |                 | Biblioteca do Lar Moderno                                   | 12. ed., Editora Logos.              |
| 12     | Dicionário do Lar 1                        |                 | Biblioteca do Lar Moderno                                   | 12. ed., Editora Logos.              |
| 13     | Dicionário do Lar 4                        |                 | Biblioteca do Lar Moderno                                   | 12. ed., Editora Logos.              |
| 14     | Dicionário do Lar 2                        |                 | Biblioteca do lar moderno                                   | 12. ed., Editora Logos.              |

| OUTROS |                                                  |            |                                       |                                            |
|--------|--------------------------------------------------|------------|---------------------------------------|--------------------------------------------|
| N.     | TÍTULO                                           | ÁREA       | AUTOR(A)                              | REFERÊNCIAS                                |
| 15     | Dicionário do Lar 5                              |            | Biblioteca do lar moderno             | 12. ed., Editora Logos.                    |
| 16     | Testes de Matemática para Vestibular 4 v.        | Matemática | Sylvio Andraus P. Santos              | Solibra-Soc. Com. de Livros do Brasil S.A. |
| 17     | Moderna Biblioteca de Matemática 3               | Matemática | Sylvio Andraus P. Santos              | Solibra-Soc. Com. de Livros do Brasil S.A. |
| 18     | Moderna Biblioteca de Matemática 2               |            | Sylvio Andraus P. Santos              | Solibra-Soc. Com. de Livros do Brasil S.A. |
| 19     | Moderna Biblioteca de Matemática 1               |            | Sylvio Andraus P. Santos              | Solibra-Soc. Com. de Livros do Brasil S.A. |
| 20     | As Hortaliças na Medicina Doméstica              | Outros     | A. Balbach                            | —                                          |
| 21     | Sexo, Amor, Família 2 v.                         |            | Prof. João C. Mozzomo                 | —                                          |
| 22     | Meus Filhos                                      |            | Alfons Balbach                        | 2. ed., 1968                               |
| 23     | As Hortaliças na Medicina Doméstica              |            | Alfons Balbach                        | 3. ed., 1973                               |
| 24     | As Hortaliças na Medicina Doméstica              |            | Alfons Balbach                        | 5. ed., 1973                               |
| 25     | Sociologia 1                                     | Sociologia | Pinto Ferreira                        | Rio de Janeiro, 1955                       |
| 26     | Sociologia 2                                     |            | Pinto Ferreira                        | Rio de Janeiro, 1955                       |
| 27     | Pedagogia da Educação Sexual                     | Outros     | Dr. Claude Lejeune                    | 1976                                       |
| 28     | Amor Sexo e Casamento Através do Tempos 3        |            | Bernard I. Murstein                   | —                                          |
| 29     | As Relações Sexuais no Casamento                 |            | G. Lombard Kelly                      | São Paulo                                  |
| 30     | Campanha Contra o Analfabetismo                  |            | —                                     | São Paulo                                  |
| 31     | O Patriarca                                      |            | Chaim Bermant                         | —                                          |
| 32     | Os Homossexuais                                  |            | Marc Daniel e André Baudry            | —                                          |
| 33     | Escravos do século XX                            |            | Drs. Edgar M. Berger e Oldemar Beskow | Santo André-SP                             |
| 34     | Psicologia Evolutiva da Criança e do Adolescente |            | Emilo Mira Y Lopez                    | 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Científica, |

Fonte: Arquivo Pessoal Manoel dos Martírios Moura Fé

Constatamos que é diversa a biblioteca de Dr. Moura Fé, o que demonstra quão multifacetado é o pesquisado, tanto em relação à sua formação, quanto a outras atividades que desempenhava, o que se reflete nos variados títulos de sua biblioteca pessoal a qual apresenta coleções de livros da clássica literatura brasileira, em 39 exemplares de Machado de Assis, bem como coleção de livros de variadas áreas do Direito e da História do Brasil, sendo tais coleções guardadas em espaços privilegiados da sua residência. Dentre esses materiais, destacam-se também revistas de temas regionais e locais, além de encartes de eventos ou espaços históricos e turísticos.

Dentre as revistas, destacamos aquelas de circulação local, que trazem reportagens de Picos, bem como revelam seu interesse em ter conhecimento das notícias da época: Revista Foco Edição Comemorativa dos 111 anos de Picos (2001); Revista Universidade Federal do Piauí (v. 1, jan./mar. 1980); e Revista Região (Crato, ano 14, n. 23, fev. 1985). Essas revistas são documentos muito requeridos por pesquisadores, tendo sua posse apenas algumas pessoas mais antigas da cidade, que as mantêm como consciência da preservação da história picoense, além do Museu Ozildo Albano (Figura 109).

Figura 109 – Revista Focos



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

O exemplar da *Revista foco*, intitulado *111 anos de Picos, nossa história*, de 2001, é rica fonte histórica para ávidos pesquisadores e interessados na história de Picos. No sumário, há uma variedade de informações que traduzem a cidade, não apenas no período em que foi produzida, mas como historicamente a cidade se desenvolveu até aquele momento. Por meio das notícias, fatos exemplares da história de Picos são narrados, mas também aspectos pitorescos, personalidades são destacadas, imagens são evidenciadas, as empresas e propagandas que repercutiam na cidade, à época, e que patrocinavam a Revista. Quanto à educação, temos um tópico a ela reservado que discute a constituição da Unidade Escolar Coelho Rodrigues, de nível primário, e do Ginásio Estadual Picoense, instituições públicas que foram pioneiras. Dentre as propagandas da Revista, destacamos as escolas de grande repercussão na cidade, como Colégio Rita Miranda, Colégio São Lucas e Colégio Pe. Ermínio Pegorari, algumas já não existem mais.

Figura 110 – Fôlderes da biblioteca pessoal de Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

Algo que também merece atenção na biblioteca pessoal de Dr. Moura Fé são os fôlderes, encarte muito usado para divulgação das cidades ou pontos turísticos e históricos, como também de divulgação de eventos: *Sete Cidades: o fantástico encanto do Piauí*, da Empresa de Turismo do Piauí (Piemtur); *Hotel Fazenda Sete Cidades*, da Empresa Trindade Indústria e Turismo (Trinitur); *Simplício Mendes: Nordeste, Piauí, Brasil*, do Estado do Piauí; *Canavieiras- Bahia*, do IBGE; e *Picos-Pi*, do IBGE. Neste último, podemos ver dados da cidade de Picos de 1950 sobre aspectos históricos, físicos, população, base econômica, estabelecimentos econômicos, transportes, aspectos culturais, aspectos econômicos, assistência médica, orçamento municipal e representação política, dados que servem para interpretar a cidade.

Outro aspecto de destaque, ao analisarmos a biblioteca pessoal de Dr. Moura Fé, refere-se à preservação e cuidado com que manteve os livros, em seus guardados, pois há publicações de mais de 70 décadas atrás, as quais o seu proprietário mantinha guardadas em sacos plásticos, encadernados com papel de gramatura alta e quando a capa havia se estraviado pelo uso e tempo, ele produzia um encarte com dados do livro.

Figura 111 – Os Lusíadas de Luís de Camões



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé

A preservação dos livros de Dr. Moura Fé nos chama a atenção, cobertos com folha de papel madeira, muito comum, pois era mais barato, uma vez que não passava pelo processo de branqueamento (Figura 112), como visto no livro *Os Lusíadas* de Camões. Com o desgaste do tempo, o livro perdeu a primeira e a quarta capas, onde guardava as informações referenciais, contudo é possível identificar na terceira página uma inscrição peculiar e que dá pistas do contexto e período em que o livro teria sido impresso. Segue a transcrição no livro: “Com privilégio real. Impressos em Lisboa, com licença da Santa Inquisição, e do Ordmario, em casa de Antônio Gõçalvez Impressor. 1572” (Camões, 1572). Possivelmente este livro seja uma reprodução dos raros exemplares originais, contudo próximas pesquisas podem comprovar esta hipótese.

A pesquisa na biblioteca de Dr. Moura Fé é carregada de sentidos e significados, a possibilidade de pesquisa é infinita, não sendo possível neste trabalho esgotá-la. Nesta análise, ressaltamos as aproximações entre o proprietário da biblioteca e sua trajetória de vida educacional, assim identificando os livros em que estudou no Seminário que apresenta o currículo escolar daquela instituição. Além de compreender a biblioteca professoral como necessária à formação e à atuação que, de leitura em leitura na preparação de aulas, forma um acervo bibliográfico que, no caso do nosso pesquisado, serviu como extensão de sua prática pedagógica, uma vez que esteve disponível a alguns alunos para pesquisa, além de serem reflexo do que pensava, lia e fazia.

Com isso, entendemos que compor uma biblioteca pessoal, parte do seu fazer profissional, bem como da trajetória formativa mostra dispêndio financeiro para aquisição de livros e isso evoca prioridade; a paixão e o interesse pelos livros foram parte da vida do nosso

pesquisado, evidenciando sua própria identidade, inclusive como intelectual, o que, sem dúvida, é fruto de suas práticas de leitura na condição de discente e docente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emoção da conclusão de uma tese de doutorado é diferente de quando iniciamos a escrita. Apesar da intensidade de ambas, a leveza da finalização de um texto se contrapõe à ebulição das sensações e expectativas geradas com o recomeço de uma produção científica. A conclusão mexe com nossas memórias, exige um rememorar da trajetória científica na produção deste *corpus* textual, traz à tona os percalços, dificuldades, encantamentos e pessoas que entrecruzaram nossa pesquisa. É um misto de euforia e contentamento, lembrar as pessoas que contribuíram com a pesquisa e nos emocionaram com suas histórias. Os documentos vasculhados, os arquivos frequentados, os espaços que percorremos se impõem ao texto, dando forma a uma história maior que, reunida sistematicamente em uma pesquisa, nos proporciona um entendimento amplo das vivências humanas e das histórias que cabem em uma vida, onde a educação é a grande protagonista.

Povoava minha cabeça o contentamento de Dr. Moura Fé vendo seu sonho de escrita de um livro sendo realizado. Será agora um júbilo familiar, um afago àqueles que conviveram com ele e sentem sua falta. Por isso, entendo que este trabalho é uma coautoria, produção elaborada por mim; por Dr. Moura Fé, que ganhou vida através de seus guardados; por minha orientadora; e pelos indivíduos que contribuíram com essa narrativa. Assim, nosso pesquisado emprestou sua história de vida para descortinar a história da educação na época e espaço em que viveu e atuou.

Passamos a limpo os limites e possibilidades desta pesquisa, a monumentalidade do ofício de trabalhar com histórias de vidas, essencialmente quando nos amparamos metodologicamente em um arquivo pessoal titânico. Fica a constatação de que uma produção não consegue abarcar a plenitude de uma vida, contudo buscamos, ao máximo, trazer fatos e acontecimentos da trajetória de nosso pesquisado que revelavam o passado da educação de Picos e do Piauí na temporalidade de sua vida. Assim, também mostramos a complexidade de responder às perguntas elencadas na pesquisa, uma vez que elas continuam brotando, e assim deve ser, porém fizemos o possível para clarear as questões postas e que acompanharam toda a pesquisa.

Nessa perspectiva, a tese defendida neste trabalho foi de que, por meio da trajetória de vida de Manoel dos Martírios Moura Fé, é possível compreendermos o processo social e educacional de uma época, os sentidos de ser professor, e seu arquivo pessoal foi meio de descortinar comportamentos e práticas socioeducacionais. Com isso, a pesquisa nos possibilitou um conhecimento amplo sobre a cidade de Picos, evidenciando fatos, instituições



escolares e personagens históricos que marcaram a história educacional do Piauí. Investigar a trajetória de vida docente de Dr. Moura Fé, em meio às suas contribuições profissionais no contexto social e educacional da época em que viveu, exigiu percorremos seus espaços de vivências em cidades, como Picos, Caxias, Teresina e Bocaina, além de estudarmos temporalidades e fatos históricos variados, que repercutiram na caracterização de uma personagem multifaceta, que recebeu formação incomum e atuou em campos profissionais diversos, oportunizando-lhe a condição de intelectual, consubstanciada nas várias homenagens que recebeu.

Manoel dos Martíros Moura Fé foi educador, diretor escolar, servidor público e advogado. Nasceu em Sussuapara, em 1922, e findou sua existência física em 2005. Experienciou grandes fatos históricos do Brasil, ao longo da vida, e estendeu sua vida por meio de seu arquivo pessoal, delegando-nos, quase que propositalmente, a produção desta pesquisa, pelo tanto que guardou e contribuiu para educação de sua gente. Manteve presente, durante sua existência, o sonho de um livro e, para tal, se guardou em papéis e na memória dos que com ele conviveram. Desta forma, seus guardados são partes íntimas de sua existência, aspectos da sua vida privada e pública que contemplam o guardar-se e guardar os outros, revelando fatos da história de seu tempo.

Através da escrita cronológica autobiográfica, Dr. Moura Fé nos legou pergaminhos, onde sua trajetória formativa e profissional ganharam relevo. O ensino de primeiras letras foi realizado pelos pais e, posteriormente, pelos mestres-escolas, revelando a educação do Piauí no início do século XX. Dessa forma, descortinamos os nomes dos mestres de varandas pioneiros da educação que, de forma itinerante, deslocavam-se para várias cidades e localidades, ofertando conhecimentos, contribuindo com a formação em primeiras letras de gerações de indivíduos, representando a ausência do Poder público em relação à oferta de Ensino Primário.

Ainda no contexto da primeira metade do século XX, identificamos a saída de Dr. Moura Fé para prosseguir os estudos no Seminário, em Teresina, algo possível a famílias de posses que podiam manter os estudos dos filhos na Capital. Mas esta não era a realidade de nosso pesquisado, uma vez que tal privilégio de prosseguir os estudos se deu em virtude das relações do genitor com religioso da época. Este foi um divisor de águas na vida de Dr. Moura Fé. A educação religiosa e humanizada repercutiu em seus hábitos, costumes e comportamentos, enxergando uma maneira de transformação dos indivíduos e aperfeiçoamento do espírito. A realidade dos jovens de deslocar-se para prosseguir os estudos foi uma realidade em Picos até a década de 1950, quando foi criada a primeira escola de

Ensino Secundário, contando, por décadas, com Exame de Admissão que limitava e elitizava o acesso a este nível de ensino. Na busca por formação escolar, Dr. Moura Fé frequentou espaços de referência em educação, à época, como o Seminário Sagrado Coração de Jesus, o Liceu Piauiense e o Colégio São Francisco de Sales (Diocesano), onde concluiu o Curso Científico.

Outros importantes fatos na vida do nosso pesquisado foram a aprovação no Vestibular da FADI e a conclusão do Curso de Direito, seis anos depois, com as celebrações da formatura com uma ritualística formal própria ao evento, que nos legou fontes para interpretação da cultura material educacional. Tal feito foi comemorado pelos pais, marcando a memória dos seus contemporâneos por meio de uma festa em sua cidade de origem, Bocaina, onde a família apresentou o novo advogado à cidade e à região, o exemplo que serviria aos seus conterrâneos.

Em 1961, Dr. Moura Fé passou a integrar os quadros da OAB como um dos primeiros advogados de Picos, além de desfrutar de espaços privilegiados da sociedade. Anteriormente à advocacia, o magistério era sua grande paixão. Ainda no Seminário, já ensaiava o ofício, depois vindo a ministrar aulas em cursos preparatórios ao Exame de Admissão na cidade de Timon e fundar uma escola em Picos — Escola Professor Moura Fé — com a mesma finalidade. Em 1954, ingressou no GEP, escola conceituada onde, segundo Sousa (2019), até a década de 1970, era a única instituição pública a ofertar o ensino de 2º Grau em Picos. Apesar de Dr. Moura Fé não ter adquirido formação acadêmica específica para docência, por não possuir Curso de Licenciatura, contudo foi adquirindo o instrumental da docência por meio da experiência, o que lhe consagrou na fala de ex-alunos como exímio professor. A educação foi, assim, para Dr. Moura Fé, sua segunda pele, integração do seu ser, do comportamento e postura.

Ao longo do “caminhos do magistério”, nosso pesquisado lecionou em várias escolas de Picos, como Instituto Monsenhor Hipólito, Colégio Comercial de Picos, GEP, Anexo do Colégio Marcos Parente de 2º Grau e Unidade Escolar Polivalente Desembargador Vidal de Freitas, assumindo também a função de diretor. A condição de servidor público efetivo da SEDUC-PI reconhecida a Dr. Moura Fé só se concretizou anos depois, sendo parte do direito adquirido a partir da promulgação da CF/1998 por aqueles que preenchessem os requisitos postos no ordenamento. Os órgãos oficiais reconheceram, naquele período, 18 anos de tempo contínuo de serviço do nosso pesquisado na SEDUC-PI (desde 1975), contudo nossas pesquisas apontaram que, de forma ininterrupta, Dr. Moura Fé já possuía mais de 39 anos de vínculo efetivo com a SEDUC-PI.

Ao revisitar os espaços educacionais de atuação de Dr. Moura Fé na SEDUC-PI, bem como os depoimentos prestados por seus ex-alunos, foi-nos possibilitado conhecer o passado da educação de Picos, por meio do levantamento da cultura material escolar, como quadros de formatura, fotografias, livros, objetos de memória, convites de formatura e documentos escolares, que foram revelando práticas educativas. As ações do educador e seus guardados foram ricas em proporcionar um panorama sobre a educação da época, no qual pudemos evidenciar metodologias, legislações, posturas morais exigidas a discentes e docentes, bem como as expectativas sociais sobre a educação.

O desenvolvimento da pesquisa foi profícuo e empolgante devido ao instrumental metodológico usado no arquivo pessoal de Dr. Moura Fé confiado a mim por sua família, que teve a consciência de preservá-lo mesmo após a partida de seu possuidor. No seu arquivo pessoal, encontramos vestígios da vida privada e pública do nosso pesquisado, pois parte especial era reservada aos seus documentos de escolarização, formação e atuação como educador, revelando a importância que destinava a esta área. A escolarização dos filhos também está entre os documentos que guardou, desde a Educação Infantil até a formatura no Ensino Superior, em momentos registrados por meio de fotografias.

Entre os guardados de Dr. Moura Fé, sua biblioteca privada chamou a atenção pela diversidade, quantidade de exemplares e preservação dos mesmos. São coleções de clássicos da literatura brasileira e forense; centenas de livros de história, legislações, autobiografias e genealogia. Essas obras remetem a práticas de leitura e escrita de nosso pesquisado, uma vez que, em vários livros, encontramos anotações e marcações, que confirmam um repertório de conhecimento que reforça sua condição de intelectual. A referida biblioteca se relaciona à prática profissional de nosso pesquisado, serviu tantas vezes à visitação de seus alunos, quando, na carência de uma biblioteca pública em Picos, se abria para eles. A biblioteca também revela o investimento do proprietário em educação e nas suas funções profissionais, que guardava o desejo de estar atualizado nas suas áreas de atuação.

Na satisfação de percorrer o arquivo pessoal de Dr. Moura Fé, fomos percebendo um homem que se guardou em papéis, que cumpriu em sua vida o ofício de historiador, amante do passado, que lhe inspirava recordar e conhecer a história. Seus guardados são fruto de sua vida, profissão, vivências e sociabilidades. Através dele, podemos evidenciar o que guardam os professores, mas também nos levou a conhecer Picos em várias temporalidades. O seu acervo se compõe de móveis de trabalho, certificados de formação, fotografias, objetos pessoais, documentos escolares, livros, bilhetes e cartas, entre outros objetos. Cruzar tais documentos com outras fontes nos permitiu descortinar fragmentos da história da educação.

Através do arquivo pessoal de Dr. Moura Fé, pudemos perceber sua intenção autobiográfica, presente nas várias anotações sobre genealogia da família Moura Fé, além de inscrições sobre sua história de vida pessoal. Tais assuntos se relacionam com a história de Bocaina, cidade à qual devotava um amor telúrico, conhecido por todos que o conheciam. O desejo de escrever um livro traduzia os assuntos caros a Dr. Moura Fé que eram reflexos de sua própria vida: família, religião, educação.

Outra fonte histórica indispensável na composição do nosso pesquisado se apoia nos colaboradores da pesquisa que, por meio de suas lembranças, reconstituíram Dr. Moura Fé e uma Picos de idos de 1950. São reminiscências que traçaram o perfil do nosso pesquisado, relatos que, apesar de dissonantes, apresentaram um Dr. Moura Fé coerente com suas convicções, um educador que defendia a igualdade educacional, tendo a educação como oportunidade de transformação de vida. Neste paralelo, no crescimento de Picos e nosso pesquisado, ressaltamos uma cidade em ascensão que se dinamizou na prestação de serviços, que atraiu olhares por meio do seu comércio pujante, que teve no crescimento urbano, na ampliação da malha rodoviária e no comércio fatores de propulsão da oferta educacional, área na qual se inseria nosso pesquisado, e que transformou a Picos interiorana de perfil rural em uma cidade modelo, possuidora de um dos maiores entroncamentos rodoviários do Nordeste e terceira cidade em nível populacional do Piauí.

Os fatores de crescimento de Picos são determinantes para a expansão da educação. Os censos demográficos apresentados neste trabalho revelam uma oferta de ensino lenta, ao longo das décadas, que não acompanhava a demanda, principalmente no Ensino Secundário. Tais fatos são parte da história educacional do Piauí e de muitas regiões do Brasil, em que a consolidação da rede de ensino se estruturou de forma improvisada, adotando metodologias educativas importadas do exterior, que geravam inadequação em nossa realidade. Diante disso, nosso pesquisado vivenciou perspectivas distintas de como a educação foi tratada historicamente no país: foi fruto do ensino dos mestres-escolas; teve de se deslocar para centros urbanos para prosseguir os estudos; no ingresso no serviço público, foi beneficiado e prejudicado pelas contratações arbitrárias feitas por indicações políticas; experienciou o Exame de Admissão; constatou, como diretor, a expansão do ensino. Assim, Dr. Moura Fé foi um caleidoscópio para compreendermos os processos educacionais, as mudanças legais por que passou a educação em Picos, no Piauí e no Brasil.

Este cenário legou para às últimas décadas do século XX um quadro de precarização do ensino e da docência, que reagiu por meio da organização da categoria, promovendo manifestações e greves. As lutas dos professores repercutiram numa legislação que abriu

espaços para a valorização docente, bem como para a garantia de oferta educacional de qualidade a todos, apesar de muitos de seus dispositivos não terem se concretizado.

Neste momento de reflexão, percebi que me deparei, hoje, com situações profissionais docentes também experienciadas por Dr. Moura Fé: a paixão pela profissão, que muitos teimam em chamar de missão; a precarização da profissão, que se reflete com maior força na desvalorização profissional. Deparei-me e reflito sobre as transformações educacionais. Envolver-me nas dificuldades dos professores em suas trajetórias; sou, em termos docentes, reflexo destas transformações; não contemplo, em meu ofício, o respeito e prestígio socialmente gozado por Dr. Moura Fé. Contudo, vivencio ações e organizações mais contundentes dos protagonistas educacionais, em que suas manifestações por uma educação melhor abrem possibilidades no oceano de anos de descaso no qual a educação foi colocada em nossa história. Nesse sentido, mobilizamo-nos por uma área — a educação — tão reconhecida como importante para o desenvolvimento social, mas que obteve atenção incompatível com sua relevância dos poderes públicos.

O perfil sério, cauteloso, respeitador, intelectual e discreto do nosso pesquisado não passou despercebido nos depoimentos. Tais características se fizeram presentes nas práticas educativas, uma vez que o professor é uma extensão do ser. Em nossas pesquisas, foram quase unânimes os discursos de reverência ao Dr. Moura Fé, uma evidência de sua conduta. Contudo também apresentou contradições próprias a qualquer ser humano; de forma implícita, celeumas foram notadas, principalmente na vida jurídica, onde a litigância e concorrência são comuns, contudo o espírito amigável, respeitador e conciliador de nosso pesquisado minou tais desconfortos.

Aspectos marcantes da atuação profissional de Dr. Moura Fé foram percebidos, por meio das homenagens que recebeu e estão presentes em seu arquivo pessoal, no Museu Ozildo Albano e em espaços públicos que receberam seu nome. As homenagens são um reconhecimento de suas contribuições para a educação e a sociedade picoense e estão presentes em placas de formatura; na nomeação da sala dos advogados, no Fórum de Picos; em logradouros públicos, em Teresina e Picos; em certificados de honrarias. Esse reconhecimento é fruto do desempenho profissional de nosso pesquisado na educação e na advocacia, onde sua honradez possibilitou tais créditos e pôde recebê-los, em vida e *in memoriam*.

Para além do profissional, Dr. Moura Fé foi pai e esposo. Um pai amável, que via na disciplina uma forma de moralização dos filhos; um eterno incentivador dos estudos dos filhos e da esposa, tendo tido a honra de contemplar, em vida, a formação dos 8 filhos, sendo

o motivo de seus melhores sorrisos e satisfação. Sua humanidade apresentou contradições próprias da sua condição. Apesar de conservador, possuía ideias à frente de seu tempo: sua esposa foi uma pioneira em retornar aos estudos, mesmo após contrair matrimônio e ser mãe, algo incomum para a época, mas que foi reforçado pelo incentivo do marido, o que influenciou outras dezenas de mulheres.

Diante disso, constatamos que Dr. Moura Fé, com seu repertório educacional, foi exemplo e estímulo para seus contemporâneos com a concepção de que a educação transforma vidas. Assim, transformou-se em uma referência intelectual, algo constatado no seu acervo bibliográfico; nos vários convites para conceder entrevistas científicas, o que lhe garantiu notoriedade; e no título de homem-memória ou memória-ambulante, concedido pelos participantes desta pesquisa. Nesse sentido a sua experiência de vida serve de vislumbre para concepções de educação, uma vez que sua trajetória de vida docente favorece reflexões contundentes sobre a história da educação de Picos e do Piauí, constatando as condições de ser e tornar-se professor.

Por meio desta pesquisa percebemos a importância do processo de arquivamento de si e dos outros, como possibilidade de constituição e preservação da história, podendo o exemplo de Dr. Moura Fé servir de estímulo a demais indivíduos, especialmente, docentes a preservarem suas vidas através de tal atividade, que para além de uma ação individual, deslinda um processo coletivo, de preservação da memória. Desta forma essa pesquisa pode contribuir com ações de conscientização da preservação de arquivos pessoais. Tais atitudes ampliam as concepções de historiografia da educação, identificando outras fontes para operacionalização da história, além de possibilitar a realização de outros trabalhos de pesquisa sobre arquivos pessoais.

Na perspectiva de que um texto não se esgota em si mesmo, vislumbramos a possibilidade de outras reflexões sobre a temática da história de vida de educadores, onde o acervo documental presente no arquivo pessoal de Dr. Moura Fé, possa se manter vivo pelo estímulo de novas perguntas, assim revelando histórias não ditas e não contadas nesta narrativa. Assim ansiamos com essa pesquisa a constituição de um referencial teórico sobre trajetória docente e arquivo pessoal, que sirva a outros pesquisadores da área, que esbarrando nos desafios da propositura de uma pesquisa com essas temáticas possa encontrar um amparo teórico de embasamento.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, S. **Aprendizes do poder**: o bacharelismo liberal na política brasileira. São Paulo: Edusp, 1988.
- ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p.155-202.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ARAÚJO, J. L. L. O rastro da carnaúba no Piauí. **Revista Mosaico**, v.1, n.2, p.198-205, jul./dez., 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/mos.v1i2.579>. Acesso em: 29 abr. 2025.
- ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998.
- ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1988. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 20 set. 2023.
- BARROS, J. D'A. **O Campo da História**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARROS, M. M. de. Memória e família. **Estudos históricos** 3: Memória, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2277>. Acesso em: 28 abr. 2025.
- BELLOTO, H. L. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BEZERRA, R. Z. Relíquia. In: IPHAN. **Dicionário do Patrimônio Cultural**. IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/detalhes/84/reliquia#:~:text=Considera%2Dse%20rel%C3%ADquia%20qualquer%20objeto,determinado%20acontecimento%20religioso%20ou%20hist%C3%B3rico>. Acesso em: 1 maio 2024.
- BITENCOURT, P. R. S. **“A pergunta que ensina”**: um livro didático de história do Brasil para os exames de admissão (1954-1971). 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.
- BLOCH, M. **Apologia da História**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSIGNARI, V. O arquivo pessoal do professor Walter Fernando Piazza: honrarias de um educador catarinense. **Revista Discente Ofícios de Clio**, Pelotas, v. 7, n. 12, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/CLIO/article/view/26515>. Acesso em: 15 abr. 2021.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J.; PORTELLI, A. (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: EdUnESP, 1992.

CALVINO, Í. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDOSO, M. de S. **O Centro de Tecnologia da UFPI: trajetória histórica**. Teresina: EdUFPI, 2017.

CARVALHO, O. G. R. de. Somos todos inocentes. In: CARVALHO, O. G. Rêgo de. **O. G. Rêgo de Carvalho: ficção reunida**. 3 ed. Teresina: Corisco, 2002.

CARVALHO, S. M. dos S. **O bispo de todos os tempos: uma biografia de Dom Avelar**. Teresina: Editio e Gráfica Aliança Ltda, 2013.

CATROGA, F. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

D'ARAUJO, M. C. Como a História Oral chegou ao Brasil: Entrevista com Aspásia Camargo. **História Oral**, n. 2, p. 167-179, 1999.

CERTEAU, M. de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, M. de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador – conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: EdUNESP, 1998.

CHARTIER, R. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CIPRIANO, A. C. de S. L. . SOUSA, J. . Trajetórias de docentes: mapeamento da produção do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Piauí (1995-2020). **Linguagens, Educação e Sociedade**, 26(51), 2022, p. 332–359. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/3151>. Acessado em: 13 dez. 2022.

CIPRIANO, A. C. de S. L.; SOUSA, J. B. de. Arquivos de professores: o que guardou Manoel dos Martírios Moura Fé. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 9, n. 24,



p. 1204, 2024. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2024.v9.n24.e1204. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/18847>. Acesso em: 18 jun. 2025.

COELHO JÚNIOR, N. M. O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 30, p.122-151, jan./abr. 2015. Disponível em: [https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816302015122/pdf\\_54](https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816302015122/pdf_54). Acesso em: 2 dez. 2022.

COELHO JÚNIOR, N. M.; CUNHA, M. T. S. Os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus (1922 -1929): contribuições para o estudo da História da Educação em Santa Catarina. **Acervos para História da Educação**, v. 29, n. 44, jun., p. 71-78, 2016.

CORRÊA, N. C. B.; FERREIRA, J. de L.; LIECHOCKI, B. K. História de vida e formação de professores: uma pesquisa do tipo estado da arte. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 11, n. 00, p. e020024, 2020. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v11i.8513. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/8513>. Acesso em: 29 abr. 2025.

CUNHA, M. T. S. **(Des) arquivar**: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019.

CUNHA, M. T. S. O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital. **História da Educação (Online)**, Porto Alegre, v. 21 n. 51, p. 187-206, Jan./abr., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/3wN8zHkwwWXGGVZyPwcLhkp/?lang=pt>. Acesso em: 26 abr. 2025.

CUNHA, M. T. S. Prefácio. In: TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. **Professor Areão**: experiências de um “bandeirante paulista do ensino” (1912-1950). Florianópolis: Insular, 2014.

DALLABRIDA, N. **O mestre-escola**: retalhos da vida de Giovanni Trentini em Rio Grande dos Cedros. Florianópolis: Dois por Quatro, 2021.

DIAS, W. C. **A jornada do Direito**: uma viagem por sua história e símbolos. Paco Editorial, 2021.

ELIAS, N. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

ESCOLANO BENITO, A. Etnohistória e cultura material da escola: a educação nas exposições universais. In: SILVA, V. L. G.; SOUZA, G.; CASTRO, C. **A cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018. p. 93-118.

ESCOLANO BENITO, A. **A escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Campinas: Alínea, 2017.

FARIAS, F. **Do Coronelismo ao Clientelismo**: práticas eleitorais no Piauí, Brasil. Teresina: EDUFPI, 2020.

FAUSTO, B. **História concisa do Brasil**. 2. ed, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

FÁVERO, M. de L. de A.; BRITO, J. de M. Memória e escritos de um educador *In*: MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. (org.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Cultura, Memória e Currículo, 3).

FERREIRA, E. G. S.; Lopes, M. L. P. Memórias e raízes: os alicerces da Faculdade de Direito do Piauí (1930-1935). **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 7, n. 13, 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2517>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FERRO, M. do A. B. **Educação e sociedade no Piauí republicano**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FIOD, E. G. M. Ensino de 2º Grau, hoje: a reafirmação do óbvio. **Perspectivas**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 89-103, ago./dez., 1983. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/8319/7650>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

FONTINELES, C. C. da S.; FROTA, T. R. Os percursos históricos da FAFI: um marco na formação de professores no Piauí. *In*: SOUSA NETO, M. de; ARAÚJO, F. A. M. (org.). **Memória das instituições escolares brasileiras 3**. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2020. Coletânea Digital-Educação.com. (E-book).

FONTINELES, C. C. da S.; MOTA, C. A. de M. S.. Palavra de ordem: a pauta política nos jornais de Teresina (1971-1975). **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão-SE, v. 13, n. 2, p. 65-78, jun./dez. 2022. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo>. Acesso em: 15 out. 2024.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FREITAS FILHO, B. da R.. **História da Faculdade de Direito do Piauí e da Faculdade Católica de Filosofia**. 2. ed. Teresina, 2019.

GALVÃO, A. M. de O.; LOPES, E. M. T. **Território plural**: a pesquisa em História da Educação. São Paulo: Ática, 2010.

GONDRA, J. G. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

GOMES, Â. de C. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2069>. Acesso em: 25 abr. 2025.

GOODSON, I. F. Dar a voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Vida de professores**. Porto: Porto, 2002. p. 63-78.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande Sertão**: veredas. 20. ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GUIMARÃES ROSA, J. "Nenhum, nenhuma". In: GUIMARÃES ROSA, J. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

GUSMÃO, D. C. F; HONORATO, T. Ideais de homem civilizado veiculados nos livros didáticos de Educação Moral e Cívica na Ditadura Civil-Militar. **Revista História da Educação**, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/qR6cPBpCnkbPNbjyCdCJg9K/#>. Acesso em: 10 jan. 2024.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, T. T. da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000, p. 103-133.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.) **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 31-61.

IZZO, M. H. de B. **Revista Família Cristã**, São Paulo: Paulinas, ano 53, n. 618, p. 8-9, jun. 1987.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, jan./fev. 2001. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/c195e91b-ee3a-49cc-9893-6c5d49f8218c/content>. Acesso em: 20 abr. 2025.

VIDAL, Mariana Jucelia; KARPINSKE, Cezar. Histórias que as bibliotecas contam: a biblioteca particular Professor Osni de Medeiros Regis. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 17, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v017i0.8653453>. Acesso em: 20 abr. 2025.

KLEIN, R. B. O controle das instituições escolares primárias através dos inspetores de ensino no período republicano. In: JORNADA DO HISTEDBR. 12. Caxias-MA. 2014. **Anais [...]**, Caxias-MA, p. 2060-2073, 2014.

FERRARO, A. R.; KREIDLOW, D. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 29, n. 2, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25401>. Acesso em: 29 abr. 2025.

LE GOFF, J. **Documento/monumento**. História e Memória. 5 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

LE GOFF, J. **História e memória**. 7. ed. Rev. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013.

LE GOFF, J. **São Luís: biografia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LEÃO, D. M. M. Paradigmas contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista. **Cadernos de Pesquisa**, n.107, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/PwJJHWcxknGGMghXdGRXZbB/#>. Acessado em: 18 out. 2024.

LEITE, A. C. de S. **Conflitos geográficos**: as relações e influências de Teresina na formação cultural e identitária da cidade de Timon. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual do Piauí: Oeiras, Curso de Licenciatura Plena em História, Oeiras-PI, 2008.

LEITE, A. C. de S. **Os bacharéis e a política**: uma simbiose do poder. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual do Piauí, Curso de Licenciatura Plena em História, Teresina-PI, 2016.

LEITE, F. de A. **Almanaque do Carirí**. Monografia da Capital. Reportagem dos Municípios do Interior e outras matérias próprias desta Empresa Publicitária. Primeiro Centenário de Teresina. 2 ed, 1952.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LIMA, C. de. Memória familiar nos objetos biográficos e nas obras literárias. **História & Ensino**, [S. l.], v. 7, p. 33–45, 2001. DOI: 10.5433/2238-3018.2001v7n0p33. Disponível em: <https://www.ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12307>. Acesso em: 29 abr. 2025.

LIMA, I. M. de M. F. **De Moura aos Moura Fé**: resgate de uma trajetória. Teresina: Expansão, 2005.

LIMA, R. S. U. de C. **A educação jesuítica no Colégio São Francisco de Sales – Diocesano, em Teresina-PI**: análise de uma experiência. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2018.

LOPES, A. de P. C. Bereméritos da instrução: a feminização do magistério primário piauiense. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1998. v. 1. p. 155-160.

LOPES, A. de P. C. Formando elites condutoras: a expansão e a interiorização dos ginásios no Piauí (1942-1971). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., Vitória, 2011. **Anais** [...]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

LOURO, G. L. A História(Oral) da Educação: algumas reflexões. **Em Aberto**, Brasília-DF, v. 9, n. 47, p. 20-29, jul./set. 1990.

LOWENTHAL, D. **Como conhecemos o passado**. São Paulo: EDUC, 1981. (Projeto História).

LUCHESI, T. Â. História das instituições escolares, um olhar metodológico. In: LUCHESE, Terciane Ângela; FERNADES, Cassiane Curtarelli; BELUSSO, Gisele. **Instituições, Histórias e culturas escolares**. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

LUZ, J. A. da. **Zé da Luz e suas histórias**. 2. ed. São Paulo: Pólem, 2017.

MAGALDI, A. M.; GONDRA, J. G. (org). **A reorganização do campo educacional no Brasil**: manifestações, manifestos e manifestantes. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

MARTELETO, R. M.; DOURADO, S. M. Os almanaques e a circulação social dos objetos culturais: bibliografias, coleções, rastros de leitura. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, p. 354–372, 2019. DOI: 10.19132/1808-5245250.354-372. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/92432>. Acesso em: 29 abr. 2025.

MARTINS, B. G.; BERTOL, R. **O que nos diz a máquina de escrever?**: notas sobre a escrita de um Brasil moderno. *Contracampo*, v. 37, n. 3, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/19452>. Acesso em: 20 abr. 2025.

MCKEMMISH, S. Provas de mim... *In*: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Lúcia (org.). **Pensar os arquivos**: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 239-260.

MENDES, P. **Biblioteca Pública Estadual Cromwell de Carvalho**. Patrimônio Cultural do Piauí, Coordenação de Registro e Conservação – CRC/SECULT, 2022. Acesso em: 4 abr. 2024. Disponível em: <https://crcfundaciapiaui.wordpress.com/2022/07/27/biblioteca-publica-estadual-cromwell-de-carvalho/>.

MIGNOT, A. C. V. **Baú de memórias, bastidores de histórias**: o legado pioneiro de Armanda Alvaro Alberto. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MIGNOT, A. C. V. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). **Refúgios do eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 123-143.

MIGNOT, A. C. V. Traços de escrita, rastros de leituras. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 299-311.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MOGARRO, M. J. Arquivos e Educação: a Construção da Memória Educativa. **Revista Ciências da Educação**, n. 1, s e t. / d e z. 2006.

MORAIS, M. A. C. de. **Isabel Gondim**: uma nobre figura de mulher. Natal: Fundação Guimarães Duque, 2003. (Coleção Mossoroense, 1).

MOTA, A. José Elias Tajra, 90 anos de um perfeito cavalheiro. *In*: Piauí hoje.com. Disponível em: <https://piauihoje.com/blogs/olhe-direito/jose-elias-tajra-90-anos-de-um-perfeito-cavalheiro-426482.html>. Acesso em: 5 set. 2024.

MOURA, J. E. de S.; NASCIMENTO, F. de A. de S. “UMA CIDADE ESTRANHA”: a instalação do 3º BEC e as produções de sentidos sobre a cidade de Picos durante a década de 1970. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL, 2014.

Disponível em

[https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397498925\\_ARQUIVO\\_Um](https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397498925_ARQUIVO_Um%20acidadeestranha.pdf)  
acidadeestranha.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 29 abr. 2025.

NÓVOA, A. (org.). **Vida de professores**. Porto: Porto Ed., 2002.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

NUNES, C. O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 35-60, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782000000200004>. Acesso em: 20 abr. 2025.

OLIVEIRA, R. C. de. Desigualdade e estratificação social. Título do Trabalho: A genealogia como metodologia de análise das estruturas de desigualdade e estratificação social ciência da história das famílias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 15. Curitiba, 2011. **Anais** [...], Curitiba, jul. 2011.

PAES, A. B. **Monsenhor Boson**: o missionário da educação. Teresina: Biental Editora, 2023.

PEREIRA, A. S. **Velhas escolas, grandes mestres**. Teresina: COMEPI, 1996.

PEREIRA, L. M. L. Reflexões sobre história de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, [S. l.], v. 3, 2009. DOI: 10.51880/ho.v3i0.26. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/26>. Acesso em: 20 abr. 2025.

PERISSÉ, G. **A biblioteca pessoal**: os professores precisam de quem os ensine a ensinar, os livros. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2011/12/20/a-biblioteca-pessoal/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINHEIRO, C. F. **Entre o giz e a viola**: práticas educativas do Mestre-Escola Miguel Guarani, no Vale do Guaribas/PI (1938- 1971). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2017.

PINHEIRO, C. F. **História e Memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967-1987)**. 2007. 205f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2007.

PINHEIRO, W. F. **Garimpeiro de memórias**: práticas educativas de Ozildo Albano - Piauí - (1952-1989). 2018. 492 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação, Uberlândia, 2018.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, T. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

QUEIROZ, T; FERREIRA, R. Literatos, política e atuação profissional em Teresina no início do século XX. **Intellèctus**, ano 16, n. 2, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/papol/Downloads/DialnetLiteratosPoliticaEAtuacaoProfissionalEmTeresinaNoI-6229904.pdf> . Acesso em: 12 jan. 2024.

RÁBULA. In: **Dicio**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/rabula/>. Acesso em: 10 out. 2024.

REIS, M. Trezentos Anos de ardentíssima Fé. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**, Teresina: COMEPI, n. 2, 1994.

REVISTA Foco. Edição comemorativa Picos 111 anos. Jornal Folha de Picos, Picos-PI, 2001.

REVISTA Picos 100 Anos. Editora SBS Publicidade, Edição Especial, Fortaleza, 1990.

REVISTA Piauiense dos Municípios, 2º semestre de 1955. Edição especial Centenário de Picos, Teresina-PI ano 3, nº 6.

ROCHA, C. de M. A. “**Gente de devoção, de reza, de promessa**”: as práticas religiosas em devoção à Nossa Senhora da Conceição em Bocaina-PI, nos anos de 2000-2015. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Graduação em História, Picos-PI, 2016.

ROLNIK, R. **O que é cidade?** [São Paulo]: Brasiliense, 1988.

SANTOS, A. C. de A.. Curitiba: depoimentos da transformação urbana. In: SOLLER, M. A.; MATOS, M. I. S. de (org.). **A cidade em debate**. São Paulo: Olho d’Água, 1999. p. 211-245.

SANTOS, B. da S. **Paul-Eugène Charbonneau**: um intelectual-monumento na história da educação católica no Brasil (1959-1987). 2022. 182 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2022.

SAVIANNI, D. A história da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. **Eccos Revista Científica**. v. 10, jul. 2008.

SAVIANNI, D. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SCHAEFFER, E. Noções de Genealogia Científica. **Revista de História**, São Paulo, v. 1, n. 44, p. 487-514, 1960.

SEMINÁRIO EPISCOPAL DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Livro do Programa para o curso Ginásial de 25/02/1944 a 27/01/1955**. Arquivo da Arquidiocese do Piauí/Centro Paulo VI, Teresina (PI), 1955.

SEMINÁRIO EPISCOPAL DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Caderno de Comportamento dos Seminaristas 03/02/1942-novembro de 1950.** Arquivo da Arquidiocese do Piauí/Centro Paulo VI, Teresina (PI), 1950.

SEMINÁRIO EPISCOPAL DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Livro do Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus de 1942.** Arquivo da Arquidiocese do Piauí/Centro Paulo VI, Teresina (PI), 1942.

SEMINÁRIO EPISCOPAL DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Livro do Programa para o curso Ginásial de 6 anos e o curso de Admissão de 1941.** Arquivo da Arquidiocese do Piauí/Centro Paulo VI, Teresina (PI), 1941.

SEMINÁRIO EPISCOPAL DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Livro do Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus de 1943-1944.** Arquivo da Arquidiocese do Piauí/Centro Paulo VI, Teresina (PI), 1944.

SEMINÁRIO EPISCOPAL DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Livro de Ata dos Resultados Finais do científico Manhã de 1951-1961.** Arquivo da Arquidiocese do Piauí/Centro Paulo VI, Teresina (PI), 1961.

SILVA, F. F. S. **Escolas Anexos:** estratégia de oferta e expansão da educação pública. São Luís: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

SILVA, M. C. C. B. da; SILVA, A. C. B. da. As festas escolares no Brasil de 1890 até a contemporaneidade: sentidos e perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, 2., 2015, Campina Grande. **Anais [...].** Campina Grande: CEMEP, 2015.

SOUSA, C. R. B. de. **Memórias da minha terra:** São João da Canabrava-Piauí. Teresina, PI: Editora Elã, 2023.

SOUSA, H. C. M. de. Ginásio Estadual Picoense: aspectos da criação e funcionamento (1947-1966) In: SOUSA NETO, M. de; ARAÚJO, F. A. M. (org.). **Memória das instituições escolares brasileiras 3.** Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2020. Coletânea Digital-Educação.com. (E-book).

SOUSA, H. C. M. de. **Um ginásio para mocidade picoense:** cultura escolar de uma instituição de Ensino Secundário (1950-1971). 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2019.

SOUSA, J. B. de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar:** do grupo escolar ao ginásio estadual. 2005. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2005.

SOUSA, J. B. de. **Ser e fazer-se professora no Piauí no século XX:** a história de vida de Nevinha Santos. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

SOUSA, L. J. de; SOUSA, J. B. de. Quadros de formatura como portal da memória do Colégio Comercial de Picos-PI (1965-1977). **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-18, e-rte331202423, 2024.



SOUSA, M. V. H. **Entre montes e estradas**: expansão urbana e modernização na cidade de Picos (PI) (1960-1985). 2014. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História, Teresina, 2014.

SOUSA, O. de B. **Bocaina/PI e Nossa Senhora da Conceição**: influência colonial portuguesa e defesa do dogma da Mãe de Deus. Teresina: Gráfica Rima, 2005. Disponível em: <http://bocainapiaui.blogspot.com/2008/12/historia-de-bocaina.html>. Acesso em: 16 dez. 2023.

SOUSA NETO, R. N. de. **Entre salas, livros e jardins**: trajetória e produção intelectual da Professora Conceição Carvalho no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí (1974-1995). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2019.

SOUZA, E. S. de. **Relatos e reminiscências**: meu Piauí querido. João Pessoa: Editora Universitária (UFPB), 2005.

SOUZA, M. C. C. C. de. **Escola e memória**. Bragança Paulista: INFAN- CDAPR; EDUSF, 2000.

SOUZA, M. C. C. C. de. “Professores e professoras: retratos feitos de memória (Brasil, final do século XIX e início do século XX)”. In: GONDRA, José (org.). **Dos arquivos à escrita da história**: a educação brasileira entre o Império e a República. 2 ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

SOUZA, R. de F. de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos, São Paulo: Cortez, 2007.

SRTUJAK, A. P.; LEDESMA, M. R. K.; ZANLORENZI, C. M. P.. Desfiles escolares: a análise do civismo pela via das fotografias. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 11. 2013. **Anais [...]**. Curitiba: PUC-PR, 2013.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2011.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOYSHIMA, A. M. da S.; COSTA, C. J. Algumas considerações sobre o *ratio studiorum* e a organização da educação nos colégios jesuítas. **Revista Jesuítas**: Conferencia de Provinciales Em América Latina Y El Caribe- CPAL. São Paulo, maio 2012. Disponível em: <https://pedagogiaignaciana.com/biblioteca-digital/biblioteca-general?view=file&id=1125:algumas-consideracoes-sobre-o-ratio-studiorum-e-a-organizacao-da-educacao-nos-colegios-jesuiticos&catid=8>. Acesso em: 15 abr. 2024.

VALENTINI NETO, A. A história da origem do Rosário. 2023. Disponível em: <https://comshalom.org/a-historia-da-origem-do-rosario/>. Acesso em: 30 abr. 2024

VASCONCELOS, M. I. B. de. **Liceu Piauiense (1845-1970):** desvendando aspectos de sua história e memória.. 2007. 160 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2007.

VICENTINI, P. P.; LUGLI, R. G. **História da profissão docente no Brasil:** representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.

VIEIRA, M. A. B. **Educação e sociedade picoense:** 1850-1930. Teresina: EDUFPI, 2005.

VIEIRA, M. A. B.; DUQUE, A. N. F.; SOUSA, M. das D. de; OLIVEIRA, L. X. de; CARVALHO, T. J. C. M. de. Os mestres-escolas do semiárido piauiense: percursos investigativos. In: CONGRESSO NACIONAL DA DIVERSIDADE DO SEMIÁRIDO. 2018.

VILANOVA, F. G. **Memórias de professoras piauienses:** itinerários escolares e experiências docentes (1940-1970). 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2014.

VINÃO FRAGO, A.; ESCOLANO, A. B. **Currículo, espaço e subjetividade:** a arquitetura como programa. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WERLE, F. O. C. Ancorando quadros de formatura na história institucional. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. 28. São Leopoldo. Anais [...]. São Leopoldo: UNISINOS, 2005. GT: História da Educação, n. 2. Disponível: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/ancorando-quadros-de-formatura-na-historia-institucional>. Acesso em: 25 de dez. 2022.

XAVIER, L. N. História da história não ensinada na escola: história da educação. In: MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. de S. (org.). **Ensino de História:** sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

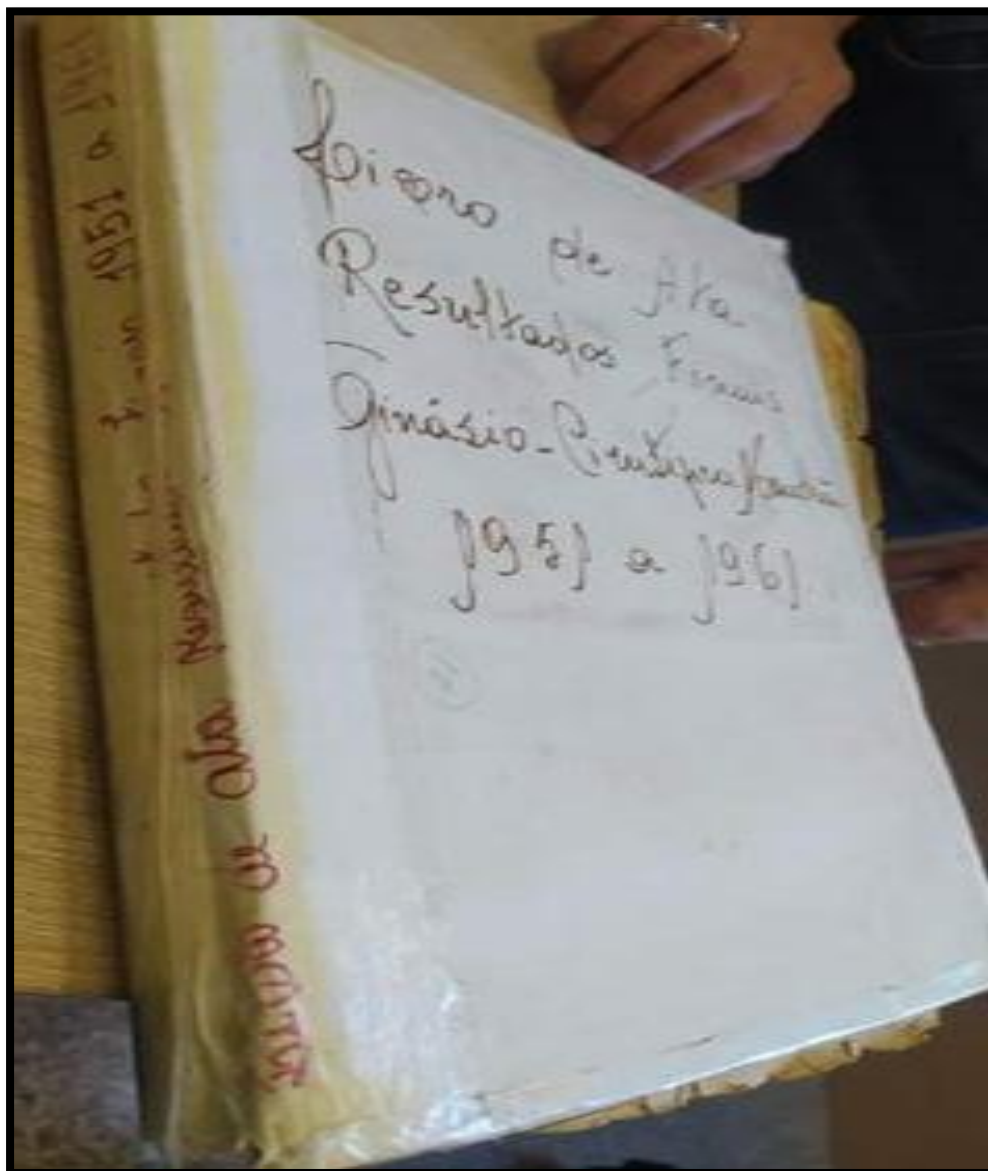
XAVIER, L. N.; ROBERT, M. N. M. Arquivos pessoais de professores: o que guardam e o que nos dizem? **Cadernos de História da Educação**, v. 20, p. 1-16, e 045, 2021.

## ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética.

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|--|--|--|-----------------------|--|------------------------|--|---------------|----------------------------|--|--|--------------------------------|---------------------------|-------------------------------------|--|
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | <b>UFPI - UNIVERSIDADE<br/>FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS<br/>MINISTRO PETRÔNIO</b> |  |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>DADOS DO PROJETO DE PESQUISA</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>Título da Pesquisa:</b> A ESCOLA EM NOSSAS VIDAS: TRAJETÓRIA DOCENTE DE MANOEL DOS MARTÍRIOS MOURA FÊ (1922-2005)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>Pesquisador:</b> ALINE CARLA DE SOUSA LEITE CIPRIANO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>Área Temática:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>Versão:</b> 1                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>CAAE:</b> 65571722.6.0000.5214                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>Instituição Proponente:</b> FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>Patrocinador Principal:</b> Financiamento Próprio                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>DADOS DO PARECER</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>Número do Parecer:</b> 5.854.116                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>Apresentação do Projeto:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| As informações elencadas nos campos "Apresentação do projeto", "Objetivo da pesquisa" e "Avaliação dos riscos e benefícios" foram retiradas do arquivo Informações básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2050136.pdf de 25/11/2022) e do Projeto Detalhado (ProjetoSubmissao1.pdf de 25/11/2022).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>Desenho:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| O presente projeto de pesquisa trás como abordagem a pesquisa qualitativa do tipo documental e bibliográfico, assim levando em conta as novas formas de abordagem atribuídas às fontes, redefinidas pela História Cultural. Essa abordagem oportuniza uma análise mais interpretativa das subjetividades do objeto de pesquisa, por meio de seu caráter exploratório. Na seleção das fontes que se adequam aos objetivos da pesquisa, optamos preferencialmente pelo arquivo pessoal de Manoel dos Martinhos Moura Fê, estando em posse da família na cidade de Picos apresenta documentos escolares, a biblioteca, documentos familiares, móveis e demais objetos de uso individual e coletivo, que continuam sendo preservados. Usaremos entrevistas semi-estruturadas dos amigos, ex-alunos e familiares de MMMF. |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>Resumo:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| O presente projeto de pesquisa possui como objeto investigar a trajetória de vida docente de                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td colspan="4"><b>Endereço:</b> Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI</td> </tr> <tr> <td colspan="2"><b>Bairro:</b> Ininga</td> <td colspan="2"><b>CEP:</b> 64.040-550</td> </tr> <tr> <td><b>UF:</b> PI</td> <td><b>Município:</b> TERESINA</td> <td colspan="2"></td> </tr> <tr> <td><b>Telefone:</b> (86)3237-2332</td> <td><b>Fax:</b> (86)3237-2332</td> <td colspan="2"><b>E-mail:</b> cep.ufpi@ufpi.edu.br</td> </tr> </table>                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                |                                                                                     | <b>Endereço:</b> Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI |  |  |  | <b>Bairro:</b> Ininga |  | <b>CEP:</b> 64.040-550 |  | <b>UF:</b> PI | <b>Município:</b> TERESINA |  |  | <b>Telefone:</b> (86)3237-2332 | <b>Fax:</b> (86)3237-2332 | <b>E-mail:</b> cep.ufpi@ufpi.edu.br |  |
| <b>Endereço:</b> Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>Bairro:</b> Ininga                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                | <b>CEP:</b> 64.040-550                                                              |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>UF:</b> PI                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | <b>Município:</b> TERESINA                                                     |                                                                                     |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |
| <b>Telefone:</b> (86)3237-2332                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | <b>Fax:</b> (86)3237-2332                                                      | <b>E-mail:</b> cep.ufpi@ufpi.edu.br                                                 |                                                                                    |  |  |  |                       |  |                        |  |               |                            |  |  |                                |                           |                                     |  |



## ANEXO D – Livro de Ata de Resultados Finais Ginásio Científico Manhã- 1951-1961.



Fonte: Arquivo do Liceu Piauiense

## ANEXO E – Histórico Colégio São Francisco de Sales

**CARACTERÍSTICAS**

Nome do aluno: Francisco de Sales Xavier

Data de nascimento: 10/10/1910

Nome do pai: Francisco de Sales Xavier

Nome da mãe: Antônia de Sales Xavier

Residência: Rua da Liberdade, 100

Cidade: Recife

Estado: PE

País: Brasil

**FREQUÊNCIA ANUAL DA ALUNA**

|          | Presença | Ausência | Faltas | Tratado | Exame | Prova | Matrícula | Exame | Nota | Observações | Assinatura do Diretor | Assinatura do Aluno |
|----------|----------|----------|--------|---------|-------|-------|-----------|-------|------|-------------|-----------------------|---------------------|
| Março    | 1        | 1        | 1      | 1       | 1     | 1     | 1         | 1     | 1    | 1           | 1                     | 1                   |
| Abril    | 1        | 1        | 1      | 1       | 1     | 1     | 1         | 1     | 1    | 1           | 1                     | 1                   |
| Maior    | 1        | 1        | 1      | 1       | 1     | 1     | 1         | 1     | 1    | 1           | 1                     | 1                   |
| Junho    | 1        | 1        | 1      | 1       | 1     | 1     | 1         | 1     | 1    | 1           | 1                     | 1                   |
| Agosto   | 1        | 1        | 1      | 1       | 1     | 1     | 1         | 1     | 1    | 1           | 1                     | 1                   |
| Setembro | 1        | 1        | 1      | 1       | 1     | 1     | 1         | 1     | 1    | 1           | 1                     | 1                   |
| Outubro  | 1        | 1        | 1      | 1       | 1     | 1     | 1         | 1     | 1    | 1           | 1                     | 1                   |
| Novembro | 1        | 1        | 1      | 1       | 1     | 1     | 1         | 1     | 1    | 1           | 1                     | 1                   |
| TOTAL    | 1        | 1        | 1      | 1       | 1     | 1     | 1         | 1     | 1    | 1           | 1                     | 1                   |

Total de faltas: 10

Total de notas: 10

Total de faltas em Educação Física: 10

Total de notas em Educação Física: 10

Observações:

Data: 10/10/1910

Assinatura do Diretor:

Assinatura do Aluno:

Assinatura do Pai:

Assinatura da Mãe:

Assinatura do Estado:

Assinatura do País:

Fonte: Arquivo do Colégio São Francisco de Sales

ANEXO F – Colação de Grau em Bacharelado em Direito de Dr. Moura Fé



Fonte: Arquivo Liceu Piauiense



## ANEXO G – Certificados de Manoel dos Martírios Moura Fé 1984



Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel dos Martírios Moura Fé